

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

THIAGO OLIVEIRA SANTOS

THE STYLE OF OUR AGE:
ESTUDO SOBRE TRÊS ROMANCES
AMERICANOS CONTEMPORÂNEOS

Fevereiro, 2017
Goiânia – Goiás

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação

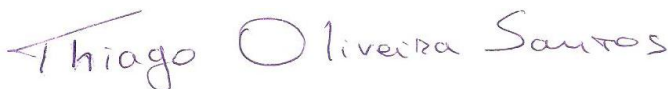
Nome completo do autor: **Thiago Oliveira Santos**

Título do trabalho: *The Style of Our Age: Estudo sobre Três Romances Americanos Contemporâneos*

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.



Data: 24 / 03 / 2017.

Assinatura do (a) autor (a) ²

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

²A assinatura deve ser escaneada.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

DOUTORADO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

THIAGO OLIVEIRA SANTOS

THE STYLE OF OUR AGE:
ESTUDO SOBRE TRÊS ROMANCES
AMERICANOS CONTEMPORÂNEOS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Linha de pesquisa: L.P.3

Orientador: Prof. Dr. Heleno Godói de Sousa

Fevereiro, 2017
Goiânia – Goiás

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Santos, Thiago Oliveira

The style of our age [manuscrito] : Estudo sobre três romances americanos contemporâneos / Thiago Oliveira Santos. - 2017.
211 f.

Orientador: Prof. Dr. Heleno Godói de Sousa.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2017.

Bibliografia.

1. Thomas Pynchon. 2. Philip Roth. 3. Cormac McCarthy. 4. Romance americano. 5. Adão, Paraíso, Destino Manifesto. I. Godói de Sousa, Heleno, orient. II. Título.

CDU 821



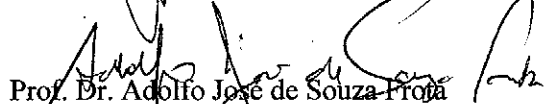
ATA Nº 07/2017

ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DA TESE DE DOUTORADO
DO ALUNO THIAGO OLIVEIRA SANTOS

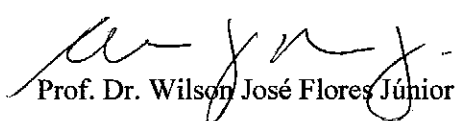
Aos vinte e quatro dias do mês de março do ano de dois mil e dezessete, a partir das quatorze horas, no Miniauditório Professor Egídio Turchi da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, nesta capital, realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada “*The Style of Our Age: Estudo sobre Três Romances Americanos Contemporâneos*”. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor Heleno Godói de Sousa (Presidente/Faculdade de Letras/UFG) com a participação dos demais Membros da Banca Examinadora: Professor Doutor Goiamérica Felício Carneiro dos Santos (Faculdade de Informação e Comunicação/UFG); Professor Doutor Adolfo José de Souza Frota (Universidade Estadual de Goiás/Cidade de Goiás); Professor Doutor Marcelo Ferraz de Paula (Faculdade de Letras/UFG) e Professor Doutor Wilson José Flores Júnior (Faculdade de Letras/UFG). A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Tese, tendo sido o candidato APROVADO pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor Heleno Godói de Sousa, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora e visada pela Vice-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Goiânia, aos vinte e quatro dias do mês de março do ano de dois mil e dezessete.


Prof. Dr. Heleno Godói de Sousa- Presidente


Prof. Dr. Goiamérica Felício Carneiro dos Santos


Prof. Dr. Adolfo José de Souza Frota


Prof. Dr. Marcelo Ferraz de Paula


Prof. Dr. Wilson José Flores Júnior

Visto: 
Profa. Dra. Elena Ortiz Preuss

Profa. Dra. Elena Ortiz Preuss
Vice-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação
em Letras e Linguística/UFG
Mat. 1643000

Dedicatória

À minha esposa, Fernanda Martins Alves Santos, por ser tudo aquilo que é para mim.

A meus pais, meu irmão e todos os meus amigos, por sempre serem a alegria de meus momentos de cansaço.

À minha sobrinha e afilhada Laura, nascida recentemente. Provavelmente, ela ganhará um *tablet* aos dois anos de idade e não conhecerá mais, quem sabe, jornais de verdade, impressos em papel, quando se tornar adulta. Espero que ao menos ainda haja papel para impressão, quando isso acontecer, e que ela não escute *hip hop* em som alto, ao lado do padrinho.

Agradecimentos

À Capes, pelo financiamento fundamental, através da bolsa concedida, sem a qual o desenvolvimento desta pesquisa seria impossível.

Aos professores Dr. Marcelo Ferraz e Dr. Goiamérico Felício, pela participação em minha Banca de Qualificação e pelas várias sugestões feitas naquela ocasião, que ajudaram a melhorar este trabalho, espero.

À Universidade Federal de Goiás, pelo suporte institucional, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, e a todos os professores cujos cursos, para meu proveito, pude frequentar.

Sobretudo, ao meu orientador, professor Dr. Heleno Godói de Sousa, sem o qual nada teria sido possível nesta tese. A ele meu muito obrigado pelo apoio, atenção e, sobretudo, pela enorme paciência em todos os momentos da escrita desta tese.

Resumo

Esta tese é uma leitura comparativa de três autores contemporâneos de destaque na ficção norte-americana: Thomas Pynchon, Cormac McCarthy e Philip Roth, a partir de três romances escritos por eles: *Mason & Dixon*; *Blood Meridian* e *American Pastoral*, respectivamente, nesta ordem aqui analisados. O objetivo principal da pesquisa e escrita da tese é uma tentativa de comprovar uma relação historiográfica mas também de temas e de estilo entre as três obras citadas, ao se empenharem em reinterpretar a História americana de modo fortemente irônico, que Harold Bloom (também ironicamente, parece) denominou como um exemplo do que seria *the style of our age* – o estilo de nossa época –, entre outras razões, por serem tanto os três escritores como seus três romances empenhados em abordar diferentes períodos da História dos Estados Unidos e a desconstruir as principais bases dos mitos americanos, mesmo se através de estilos narrativos individuais díspares, principalmente aquele através do qual, desde a colonização e com base na crença de que ser branco, protestante e de origem anglo-saxônica tornaria o novo homem a nascer no novo continente, um novo Adão, e sua pátria, a América, um novo e exemplar Paraíso. *Mason & Dixon*, *Blood Meridian* e *American Pastoral* mostram, cada um a seu modo, como esse mito resultou em fracasso. Para tanto, baseamos nossa pesquisa em três mitos principais: 1. Mito do Éden americano (originado do imaginário europeu sobre o Paraíso colonial); 2. Mito do Adão americano (o conceito do homem novo, habitante do Paraíso); 3. Mito do *Manifest Destiny* (a ideia messiânica para um Paraíso universal).

Para conseguir isso, no primeiro capítulo, abordaremos, em *Mason & Dixon*, o contexto do século XVIII e formação da nação americana; no segundo capítulo, em *Blood Meridian*, o contexto do século XIX, durante o qual a expansão do território americano durante a Campanha para o Oeste aconteceu; no terceiro e último capítulo, em *American Pastoral*, o contexto do século XX, especificamente do fim da Segunda Guerra Mundial até a década de 90, isto é, da era de ouro do desenvolvimento dos EUA até as crises políticas e econômicas durante e depois da Guerra do Vietnã. Por fim, pretendemos analisar a lógica da ironia comum aos três autores que, em seus três livros, historicamente resumem o fracasso da formação da nação ideal fundamentada em seus três mitos principais e por sua contínua recorrência a diferentes tipos de violência.

Palavras-chave: *Mason & Dixon*; *Blood Meridian*; *American Pastoral*; Thomas Pynchon; Cormac McCarthy; Philip Roth; História dos EUA; mito adâmico; mito do Paraíso terreno; mito do Destino Manifesto; violência; fracasso; Estados Unidos; Literatura Americana; ficção contemporânea; Romance Americano.

Abstract

This doctoral dissertation is a comparative study of three main contemporary authors: Thomas Pynchon, Cormac McCarthy and Philip Roth, through the reading of three main novels written by them, respectively, *Mason & Dixon*; *Blood Meridian* and *American Pastoral* in this order here analyzed. The main objective of the research and its writing is an attempt to prove a historiographical connection as well as of themes and of style among these three novels, in their effort to reinterpret the American History in a strongly ironic way. This has been characterized by Harold Bloom (also in a ironical way, it seems) as “the style of our age”, among other reasons because the three writers as well as their three novels are focused on grasping different periods of the United States History and on deconstructing the main basis of American myths, even if through different and individualized narrative styles. The most important of these myths is the one that, since the Colonial Period, and based in the belief that being White, Protestant and of Anglo-Saxon origin would make the new man to be born in the New Continent a New Adam, and his nation, America, a new and exemplar Paradise on Earth. *Mason & Dixon*, *Blood Meridian* and *American Pastoral* show, each one in his own way, how this myth resulted in failure. In order to achieve this we have chosen three main myths as the basis for this research: The Myth of the American Eden (from the European imaginary Colonial Paradise); The Myth of the American Adam (from the concept of the new man, inhabitant of that Paradise; The Myth of the Manifest Destiny (the Messianic idea of a possible Universal Paradise).

In order to achieve this, in the first chapter, dealing with *Mason & Dixon*, we will analyze the context of the Eighteenth Century and the beginning of the American Nation. In the second chapter, dealing with *Blood Meridian*, we will analyze the context of the Nineteenth Century, when the territorial expansion during the Great March to the West took place. In third and last chapter, dealing with *American Pastoral*, the context of the Twentieth Century, specifically the period from the end of World War II to the 1990s, that is, from the American Golden Age of prosperity to the economic and social crisis during and after the Vietnam War. Finally, we will try to analyze the logic of the irony shared by the three authors who, in their three novels, historically summarize the failure of the formation of the ideal nation based on its three main myths and its continual recurrence to different types of violence,

Key Words: *Mason & Dixon*; *Blood Meridian*; *American Pastoral*; Thomas Pynchon; Cormac McCarthy; Philip Roth; American History; Adamic myth; Paradise myth; Manifest Destiny myth; violence; failure; United States of America; America Literature; contemporary fiction; American novel.

Sumário

Introdução	9
Capítulo 1: O Universo de <i>Mason & Dixon</i>	23
1.1 O palco histórico	31
1.2 O futuro da independência individual e o Adão americano desinteressado	46
1.3 A Terra Nova como paraíso	62
1.4. O excepcionalismo parodiado pela voz de Cherrycoke	66
Capítulo 2: Mundo Primitivo de Cormac McCarthy	74
2.1 O Oitocentos (violência primitiva)	77
2.2 A macieira de bebês mortos	79
2.3 A horda furiosa	90
2.4 Os filhos de Jackson	98
2.5 Nasce a criança sem nome	105
2.6 Os profetas de basalto	109
2.7 There Will Be Blood	113
2.8 O juiz final	122
2.9 A dança pagã	126
2.10 Estranho lar, único lar	129
Capítulo 3: O Éden <i>Post Bellum</i> de Philip Roth	137
3.1 “Be Something”	140
3.2 O fim da História X a História repentina	146
3.3 A lição sobre o couro	152
3.4 Adão em meio aos gentis	155
3.5 Por que me abandonastes se sabias que eu era Deus, se sabias que eu era forte? ...	158
3.6 Escolha outro povo	162
3.7 A profetisa gagueja e explode	168
3.8 Memória	178
Considerações Finais	187
Referências	205

Introdução

Começo por afirmar que desenvolvo leitura e pesquisas sobre literaturas em língua inglesa há alguns anos. Em 1998, iniciei análises sobre Joseph Conrad, que deram origem a uma dissertação de mestrado que abordou os elementos de estruturação espacial em *Heart of Darkness*. Em 2001, após frequentar cursos de graduação com o professor que viria a ser o orientador desta tese, fiz uma verticalização com base tanto em gosto pessoal quanto em meus interesses despertados por uma análise instigante em sala de aula, da qual me lembro bem até hoje, sobre *The Scarlet Letter*, de Nathaniel Hawthorne: a intrínseca relação entre uma perfeita estrutura romanesca, aliada à linguagem inglesa impecável, que transcendia as convenções tradicionais de enredo romantizado, para passar a significar uma transgressão aos costumes puritanos; a ironização sobre a instituição da igreja, enquanto instituição de poder e controle do comportamento social; o questionamento sobre a condição da mulher na sociedade puritana transposta para o Novo Mundo e tudo o que representava as mazelas sobre os colonos americanos; e, por fim, mostrava toda a tragédia proveniente da ignorância, do preconceito e da covardia de organizações sociais antes de tudo hipócritas. A partir de então, meu interesse pela literatura norte-americana tornou-se um vício, que, com o tempo, espero que tenha se mostrado produtivo.

Minhas leituras foram diversas, ao longo dos anos – e já se vão quinze deles – estudando autores norte-americanos desde os textos de pais fundadores, nos *Federalist Papers*, até produções mais recentes como os romances de Jonathan Franzen¹. Ao longo desses estudos, três autores despertaram minha atenção, em princípio, pela complexidade de seus trabalhos. É importante ressaltar que a narrativa americana recente é profícua em

¹ Jonathan Franzen, nascido em 1959, ganhou o National Book Award e o James Tait Black Memorial Prize, ambos de ficção, por seu livro *The Corrections*. Seu primeiro romance foi publicado em 1988, *The Twenty-Seventh City*. Outros romances: *Strong Motion* (1992), *Freedom* (2010), *Purity* (2015), além de contos em revistas. Ele também é ensaísta: *How to Be Alone* (2002), *The Discomfort Zone* (2006) e *Farther Away* (2012).

autores de peso, não apenas nos mais renomados da produção moderna: Theodore Dreiser, Edith Wharton, Sinclair Lewis, William Faulkner, Willa Cather, John dos Passos, Ernest Hemingway, John Steinbeck, F. Scott Fitzgerald, Katherine Anne Porter, William S. Burroughs, Ralph Ellison, toda a Geração Beat, James Baldwin, Saul Bellow, William Saroyan, John Updike, Toni Morrison, William Styron, Gore Vidal, Norman Mailer, Truman Capote, Flannery O'Connor e tantos outros. Há uma gama enorme de autores menos divulgados no Brasil, cuja posição no cânone pode até ser discutida, todavia todos eles possuem qualidade literária mínima inegável e compõem a literatura contemporânea dos Estados Unidos: Bernard Malamud, Don DeLillo, David Foster Wallace, Donald Barthelme, Kurt Vonnegut, Philip K. Dick, Alfred Kazin, Bret Easton Ellis, William Gaddis, John Williams, Jonathan Franzen, dentre muitos outros.

Destacar-se em meio a essa produção gigantesca não é algo a ser desconsiderado. Inegavelmente, Philip Roth, Cormac McCarthy e Thomas Pynchon, os três romancistas cujos romances serviram de *corpus* para esta tese conseguem ser os maiores representantes de sua Era. A base deste trabalho parte da premissa de uma leitura comparativa sobre esses três autores americanos contemporâneos: Pynchon, McCarthy e Roth; abordando o que pareceu a este pesquisador como seus maiores romances (ou, no caso de Roth, ao menos um dos seus melhores): *Mason & Dixon*, *Blood Meridian* e *American Pastoral* (que serão referenciados, respectivamente e a partir deste momento, como: *MD*, *BM* e *AP*, para se evitar a repetição enfadonha dos títulos). Foram quatro as razões que levaram a esta tese sobre esses romancistas especificamente, duas que nos despertaram o interesse pela leitura dos romancistas e outras duas que nos levaram à hipótese desta pesquisa:

- 1- A qualidade destacável;
- 2- O estilo canônico;
- 3- A inter-relação pela ironia;

4- As conclusões convergentes.

Primeiramente, tentando resumir a já indiscutível e notória qualidade dos escritores, cabe um breve resumo de suas produções. A tríade de romancistas tem elaborado narrativas definitivas e obrigatórias. Philip Roth, provavelmente o maior dos romancistas judeus vivos – talvez rivalizado apenas pelo israelense Amos Oz –, compôs um conjunto de escritos de mais de 30 livros que formam um grande painel da identidade americana atual. Constantemente recebe a alcunha de novo Henry James (aliás, uma de suas grandes influências) ou de o Balzac dos EUA. Desde os contos e novela reunidos em *Goodbye Columbus*, passando por *Portnoy Complaint*, *Sabbath's Theater*, a sequência *Zuckerman Bound* e muitos outros, até o recente *Nemesis*, Roth deixa sua marca em um aglomerado de autores narradores, personagens fundamentais para o estudo do romance contemporâneo. Não há um único tópico do século XX, sobretudo americano, que não tenha sido por ele abordado. O autor de Newark, New Jersey, é o único escritor da História a ter sua obra integralmente lançada, ainda em vida, em edição definitiva de referência pela editora Library of America.

Cormac McCarthy, por sua vez, simplesmente reinventou o gênero do romance sulista americano. Saiu do menor dos estados americanos, Rhode Island, para integrar uma “linhagem” influenciada pelo olhar detalhista e pela temática da dissolução trágica de Faulkner, bem como pela linguagem econômica de Hemingway. O gênio de McCarthy é tamanho que se pode afirmar que ele elevou o gênero *western* da mesma forma que Shakespeare elevou os libretos populares italianos com suas peças, ou Cervantes elevou as novelas de cavalaria com *Dom Quixote*. Sua *Border's Trilogy* e *No Country for Old Men* são simplesmente o ponto de partida de qualquer leitura séria sobre o interior e a fronteira dos EUA no século XX.

Thomas Pynchon, o peculiar e recluso autor, é um enorme paradigma no que se refere à criação do romance total. De biografia pouco conhecida, fotos nunca reveladas e métodos enigmáticos, Pynchon tem reiteradamente marcado sua produção por verdadeiros totens do romance contemporâneo. Com seleto séquito de veneradores, o autor é constantemente chamado de James Joyce pós-moderno (aliás, Caetano Galindo, o elogiado novo tradutor brasileiro de *Ulysses*, traduziu a última narrativa de Pynchon *Inherent Vice*). Desde a primeira obra publicada *V.*, já causou alvoroço no meio literário; surpreendeu mais ainda por *The Crying of Lot 49*, depois atingiu o *status* mítico com *Gravity's Rainbow*, e sempre reafirma sua genialidade como, mais recentemente, com o terceiro de seus épicos de centenas de personagens, o calhamaço *Against the Day*. Harold Bloom chegou a dizer, numa introdução a ensaios sobre a obra de Pynchon, que, tomando o referencial americano, vivemos a era de John Ashbery na poesia e de Thomas Pynchon na prosa: “Estamos agora, segundo meu julgamento, na Era de John Ashbery e de Thomas Pynchon (2003, p.1).”

O segundo elemento que aqui se chamou de “estilo canônico” refere-se a representatividade técnica de cada autor que compõe, cada um deles, em estilos distintos, seus romances em tom épico; todos eles trabalham a avaliação histórica da composição dos Estados Unidos, com propostas de abrangência total da formação da nação em seus respectivos períodos – o que acabou resultando em um dos pontos norteadores desta tese. Primeiramente, Thomas Pynchon opta pela análise do período dos setecentos. Em *MD*, a voz de Cherrycoke – o Reverendo, principal narrador do romance – inicia a apresentação do enredo por volta de 1786, após a conclusão e consumação da Independência Americana (1776). O romance, por isso e assim, abarca todos os elementos iminentes da Revolução Americana, bem como suas motivações, o que significa que a fase histórica concernente a Pynchon situa-se no estágio inicial dos mitos Americanos fundação.

MD contém mais que uma premissa historiográfica dos setecentos, pois Thomas Pynchon, em seu estilo característico, enciclopédico e totalizante, compõe a linguagem inglesa de que faz uso de maneira setecentista. Não é o objetivo desta pesquisa dar conta dessas referências sobre a pesquisa histórica de reconstrução do inglês da época, que o autor realiza, mas serve como referência do estilo peculiar do autor, que leva a pesquisa realizada por ele sobre os detalhes a um nível virtualmente inalcançável e inesgotável, munindo sua épica de milhares de referências, que se entrecruzam de maneira exponencial. Ademais, o autor ironiza todos os fatos que abarca, originando uma realidade na qual a perfeita identificação dos referenciais históricos e literários torna-se quase ou praticamente impossível para o leitor. Até porque uma das tônicas de Pynchon é minar as distinções entre fatos históricos e fatos ficcionais, já que para ele ambos seriam fatos linguísticos. Com uma vantagem para a literatura: ela é livre das amarras do discurso oficial e possibilita contar a História da perspectiva de quem a vivenciou – ou finge que sim. Pynchon segue a narrativa quase multiforme iniciada em Melville, continuada em John dos Passos ou Donald Barthelme, à exceção, evidentemente, das tradições modernas de James Joyce e Virgínia Wolf, para se firmar como porta voz primordial da pós-modernidade romanesca americana. Para tanto, o escritor mobiliza literalmente centenas de personagens, em centenas de ações e desventuras que têm de ser encaradas como um imenso jogo ficcional cujas peças são sempre dinâmicas, sem perderem jamais a lógica de uma representatividade narrativa ficcional aliada ao estudo histórico documental ironizado.

Em segundo lugar, abordando o período histórico norte-americano dos Oitocentos, tem-se Cormac McCarthy. O autor parte de uma técnica bastante distoante do estilo de Pynchon, pois opta por uma linguagem mais direta, seca e realista. Desta forma, apesar de *BM* lidar com uma construção complexa de descrições da paisagem como método de

representação da crueldade existencial do Velho Oeste, de modo geral as análises de McCarthy são pouco dadas a esquemas multilingues de discursos que representem o caos mundano no foco narrativo. O vocabulário é vastíssimo e obsessivamente específico e preciso em McCarthy, assim sendo, representa o que diferentes críticos, como Harold Bloom, destacam como herdeiro sincrético de Ernest Hemingway e William Faulkner, sem ser uma repetição de nenhum dos dois. De um lado, a economia realista; de outro, a necessidade de dar voz a personagens típicos e regionais numa narrativa ampla e épica, por conseguinte, contrasta McCarthy com Pynchon no quesito linguístico e também em sua leitura sobre a realidade americana, que abordaremos mais à frente.

Por fim, Philip Roth possui um outro estilo, igualmente diferente dos anteriores, todavia igualmente representante de um estilo canônico da literatura americana. Numa linhagem de autores norte-americanos semelhante à de Nathaniel Hawthorne, Mark Twain, Henry James e mesmo John dos Passos, o autor expõe, em sequências de narrativas com forte teor historicizante, quadros que representam as personagens tipo (também típicas, pode-se dizer) do período do pós-guerra. Através de uma linguagem com proposta comunicativa, Roth é o mais acessível e, inclusive, o mais popular e divulgado dos nossos três autores, tendo construído em sua carreira um panorama sobre a realidade urbana típica dos Estados Unidos – mesmo e apesar de focar-se em New Jersey e, principalmente, New York, em seus enredos –, numa espécie de modernização do romance de costumes. Sua obra, notoriamente com forte viés autobiográfico, abarca desde o período Pós 45, com a reconstrução econômico-social depois do advento do combate aos nazistas (romances da quadrilogia *Zuckerman Unbound*), passa pelo período do McCarthismo (por exemplo em *I Married a Communist* ou *The Plot Against America*) até eventos bem modernos como o da Era Bill Clinton (*Human Stain* ou *The Humbling*). Como uma de suas marcas indiscutíveis, há o ponto de partida nas observações e ironizações sobre a sociedade americana a partir do contexto judaico (*Pornoy's Complaint* e *Sabbath's Theater*).

Com relação ao terceiro elemento, que foi crucial para encontrar o problema que originou esta tese, observou-se nas obras aqui abordadas uma sistemática ironização dos principais elementos de composição da origem da sociedade americana. Um dos eixos que possibilitou o formato deste trabalho como um estudo comparativo foi a recorrência nos três romances de críticas ironizantes que incidem sobre os principais elementos constituintes da origem sócio-histórico-filosófica dos Estados Unidos. O processo de colonização das terras não ao norte do continente americano, como quase todas as demais colonizações, possuiu como destaque a tomada da terra, o estabelecimento geopolítico do homem e a estruturação social através da fé. Obviamente, há peculiaridades sobre a sociedade puritana, quase em segredo da Inglaterra, que se estabeleceu no que viria a ser os Estados Unidos da América, mas a lógica geral é esta. Sobre essa organização, aparentemente racional, surgiram vários mitos de fundação e fundamentação dos Estados Unidos.

A pesquisa a ser apresentada embasa-se numa leitura da ironia que existe em comum na forma como Pynchon, McCarthy e Roth tratam os mitos essenciais da cultura americana, representando-os em diferentes momentos históricos da evolução histórica dos Estados Unidos. Esses mitos são o cruzamento, em maior ou menor nível, de três elementos básicos: a terra, a religião e a política. Os três romances aqui escolhidos e abordados são contemporâneos e, apesar dos referidos estilos bastante distintos, chegam a conclusões semelhantes sobre esses mitos americanos. Os autores desconstruem elementos essenciais, que se referem à fundação dos Estados Unidos. Cada um em sua linguagem característica, os romancistas reinterpretam o que seria o *American dream* e definem novas bases para qualquer discussão sobre o que seja a América atual, portanto esses mitos são a parte principal do terceiro elemento motivador desta pesquisa, posto

que as ironias peculiares e ricas de todos os três romancistas recaem, sobretudo, sobre os mitos fundadores dos Estados Unidos.

Esses principais mitos, que analisaremos, são:

1. Mito do Éden Americano (originado do imaginário europeu sobre o Paraíso colonial);
2. Mito do Adão americano (o conceito do homem novo, habitante do Paraíso);
3. Mito do *Manifest Destiny* (a ideia messiânica para um Paraíso universal).

Os pontos de intersecção dos círculos são representes das ironias críticas que aparecem nos romances: quando a religião encontrasse a terra nova, o Adão é reinventado, em vestimentas modernas e iluministas, para habitar e construir o Edén terrestre em nome de Deus, fundar-se-ia, portanto, uma terra de possibilidades infindas de leite e mel, desde que com base em valores cristãos, conseqüentemente, essa visão religiosa mistura-se com a política e, sobretudo, quando se exacerbam valores morais ou ideológicos, nascem conflitos insolúveis, opondo cidadãos e perspectivas ideológicas sobre a moral. Por fim, a ironia sobre a terra nova e de sucessos construída, que dá origem ao mito do excepcionalismo o qual, desde a conquista do Oeste, justifica e fundamenta o avanço sobre locais ainda não “devidamente civilizados”, para que as benesses da fundação social americana pudessem se difundir.

Serão três os nossos capítulos, um para cada autor supracitado, nos quais será abordada a tríade dos mitos basilares da sociedade norte-americana. Cada um desses capítulos terá uma subdivisão em partes concernentes aos diferentes mitos, ironias e elementos históricos abordados nos romances. Pynchon, que aborda o período do século XVIII, em que foi traçada a Linha Mason-Dixon original; McCarthy, que aborda o período da segunda metade do século XIX; Roth, que se ocupa do século XX, após a

Segunda Guerra Mundial. Ou seja, a linha organizacional deste trabalho passa por uma orientação histórica. Existem três razões para que tenha sido feita essa escolha.

Em primeiro lugar, um dos intuitos da análise a ser apresentada é a de que houve uma evolução social dos mitos fundadores dos Estados cujas bases se mantêm. Todavia, há repaginações interpretativas que dependem do momento histórico e da geografia local em que se aplicam esses mitos, a saber: Pynchon aborda um trajeto pelas divisas das principais colônias durante o período de formação da nação; McCarthy abarca o Oeste tomado por conflitos com indígenas; Roth ocupa-se do espaço urbano contemporâneo. Em cada um desses locais e momento histórico, perceber-se-á uma relação mais específica, mas ainda permanente, com os mitos da Terra, do Homem e do Destino da nação.

Em segundo lugar, essa orientação historiográfica é fundamental para estabelecer a leitura comparativa proposta nesta tese. Um dos eixos lógicos que permite a comparação entre autores de estilos destoantes e com propostas romanescas distintas é a anteriormente referida leitura ironizada e desconstrutiva dos mitos fundadores. A interpretação comparativa entre as obras, com ponto de partida na historiografia, evidenciará essa manutenção das ironias e, paralelamente, proporcionará ao leitor o entendimento de que apesar das diferenças de pospostas de trabalho dos autores, os três possuem pontos de convergência sobre a análise e a releitura historiográfica – até certo ponto metaficcional – nos romances que compõem o *corpus* desta pesquisa.

Por fim, essa escolha historiográfica consegue fortalecer um entendimento didático, sem empobrecer o viés acadêmico do texto, pois, tal como será exposto nos três capítulos subsequentes, há uma evolução histórica dos mitos unida à permanência de uma degradação (sócio-política), que leva os fundamentos humanos desses mitos ao fracasso existencial pragmático. Seguindo a sequência dos acontecimentos na História americana, numa linha de transição entre séculos – dezoito com Pynchon, dezenove com McCarthy e

vinte com Roth –, a evidência das ironias literárias, a manutenção dos discursos sociais que mantêm as crenças nos mitos e a falência desses mitos, através da violência brutal, ficarão evidenciados e reafirmados ao longo do tempo.

O primeiro capítulo enfocará o período setecentista no nascimento da nação. Neste momento, a nação que ainda se formava, tipicamente passava por provações políticas, bélicas e ideológicas, assim como naturalmente nela surgiam dúvidas sobre sua própria constituição como pátria, sociedade e estado. Contudo, peculiarmente, como a historiografia que ressaltaremos nos prova, os Estados Unidos, no momento de sua Independência, dispunha de menos incertezas sobre seu lugar no mundo e sobre seus anseios políticos, posto que os elementos basilares da justificativa da Independência e da identidade particular do colono americano vinham sendo definidos ao longo do tempo, décadas antes do 4 julho de 1776². Para tanto, estabelecemos um paralelo entre esses fatos prévios e o projeto romanesco de Pynchon, que engendra com ironia mordaz uma reconstituição dos momentos que precedem essa Independência dos Estados Unidos da América pelo olhar do Reverendo Cherrycoke, que conta histórias para crianças em ritmo de catequização, na primeira década de 80 do pós-guerra, que seria o primeiro momento de paz em que vivia a nação nova, já plenamente estabelecida depois da separação política dos ingleses, que originaria a independência das Treze Colônias. No enredo, os protagonistas, Thomas Mason e Jeremiah Dixon, viajam ao longo de toda a extensão limítrofe das Colônias, num espaço que reflete, ao mesmo tempo, o que para a época seria modernidade, sem deixar de expor vastos campos rurais de produção agrícola, o que pode ser considerado como uma simbolização do passado colonial.

² Uma das fontes, por exemplo, que nos permite tais considerações, como veremos, é a obra *The Idea of America* (2011), de Gordon S. Wood – um dos maiores especialistas americanos do período de formação da nação de toda a historiografia dos EUA – que se baseia justamente em ideais sociológicos, filosóficos e ideológicos que precedem a oficial Independência da pátria americana.

O segundo capítulo abarca um momento dos oitocentos dos Estados Unidos, com total enfoque no Oeste Selvagem, em seu auge de conquistas e conflitos entre colonos e seus aliados (muitas vezes mercenários de outras nações, negros e outros indígenas) e nativos americanos (os impropriamente chamados ‘indígenas’ locais), dentro de possessões teoricamente espanholas, na divisa territorial onde depois se estabeleceria o México contemporâneo. Nesse momento, a brutalidade da conquista nessa terra dura, sem leis, desprovida de piedade, que animaliza os homens e tem como único mote um avanço, incerto para seus soldados, sobre terras novas e a mais, com o compromisso de trazer riquezas, melhorias nacionais e a “civilização” (significando conquista, domínio e até possível extermínio) dos “selvagens”. Os mitos de fundação encontrarão em Cormac McCarthy o período histórico no qual a credibilidade do projeto americano encontra sua fase de maior questionamento, pois nesta uma sequência de conflitos expansionistas que atingiria índios nativos e colonos marcaria brutalmente a História americana³. O narrador onisciente, com exceção da personagem de Judge Holden, predomina sobre a linguagem narrativa como quem lida e domina uma matéria escassa como água ou a paz naquelas paragens do Oeste, numa das descrições de ambiente mais hostil que se pode conceber na literatura.

O terceiro capítulo será centrado na segunda metade do novecentos. Os mitos americanos agora repaginados, que ganharam força no pós-guerra, com a vitória dos aliados sobre os nazistas. É um período de verdadeiros milagres civilizatórios, cuja poder de despertar esperanças vem sucedido pelo degradingolar de uma série de equívocos históricos de alienação, que culminam na nova perda de consumação do *American Dream*. No romance de Roth, esse desenvolvimento do século XX aparece num enredo que acompanha a evolução da família de Seymour Levov, através do personagem-

³ A obra mais útil, dentre outras, como será debatido, foi *What Hath God Wrought*, de Daniel Walker Howe (2007), onde se estuda com bastante isenção a Era Jacksoniana.

narrador, Nathan Zuckerman (também narrador de vários outros romances de Roth), que reencontra um amigo de infância e passa a estudar toda a derrocada da família Levov. A degradação de grandes cidades, bem como a particularidade do estabelecimento dos judeus em solo americano são especificidades da narrativa do autor, igualmente judeu. Por isso, no livro, unem-se as linguagens de ironia sobre os mitos americanos e a típica e notória autoironização que judeus sempre fizeram (e ainda fazem) sobre suas próprias cultura e tragédias, quase sempre com humor negro⁴ – essa característica, típica de Roth, está presente em sua obra desde o livro de contos *Goodbye, Columbus and Five Short Stories*, de 1962, e seu terceiro livro, o romance *Portnoy's Complaint*, de 1969.

Haverá ainda, nesta tese, numa conclusão, para a comparação sistemática dos estilos dos autores e sua abordagem, através de uma análise sobre aspectos da construção épica, que aproximam os autores, haja vista que a tese – apesar de sempre partir das pistas de três romances específicos – centrou-se na parte da desconstrução e reconstrução histórico-cultural americana nos enredos das narrativas.

Lembrando que o elemento fundamental para a unidade do estudo foi a constatação de que, a despeito de diferentes estilos de construção, já apontados, abordando momentos díspares do desenvolvimento dos Estados Unidos, três de seus principais intérpretes contemporâneos conseguem chegar a conclusões muito semelhantes em suas narrativas de estruturas épicas. É válido destacar que esses mitos literariamente desconstruídos são retomados em perspectiva histórica, religiosa e política também. Para tanto, foi necessária a mobilização de autores não críticos para tornar a interpretação mais consistente, acredita-se. Por exemplo, foi de enorme ajuda o estudo da longa e intrincada *Oxford History of the United States*. Sem as preciosas explicações de pontos obscuros da trajetória ame-

⁴ Várias obras permitem tal constatação, neste particular. Talvez a mais emblemática seja o ensaio pessoal em formato de narrativa autobiográfica, de Alfred Kazin: *A Walker in the City* (s/d), em que, além de um excepcional estudo da natureza judaica, há uma exposição íntima e social, com detalhes, da típica vida dos judeus americanos estabelecidos em Nova York após a Segunda Grande Guerra.

ricana de Daniel Howe, H. W. Brands e George C. Herring, por exemplo, muitas ideias con-tidas nos romances não seriam possíveis para o desenvolvimento desta tese.

Também recorreremos a alguns trabalhos de destaque sobre a política americana, como o obras de Henry Kissinger e Francis Fukuyama, pois a diversificada interpretação da evolução da política americana exige bastante cuidado e estudo. Somou-se a isso, ainda, leituras sobre a religiosidade na América e no judaísmo, como os trabalhos de Amos Oz, Hannah Arendt, Simon Sebag Montefiore e Alfred Kazin. E, é claro, estudamos alguns dos trabalhos críticos fundamentais de autores que já abordaram questões sobre o excepcionalismo americano ou o Adão americano na literatura ou mesmo nos nossos autores, dentre os quais os livros de R. W. B. Lewis, Alfred Kazin, Malcolm Bradbury e John Cant merecem destaque.

O título desta tese em parte vem de uma frase escrita por Harold Bloom (2003, p.1) numa introdução geral a obra do romancista Don Delillo. O crítico referiu-se aos três autores analisados nesta tese e a Don Delillo (não incluído neste estudo) como os escritores que definem “the style of our age”, o estilo de nossa era, isto é, o modo como os escritores norte-americanos contemporâneos abordam a problemática inerente ao nosso tempo, e a maneira como processam a utilização dessa problemática na construção de seus romances – no fundo, Bloom encontra nos temas e no modo como eles são abordados por esses escritores, um ponto de convergência que ele denomina de “estilo de nossa era”⁵. Ao utilizar “our” (o possessivo ‘nosso’, em inglês) Bloom evidentemente limita-se a descrever seu interesse por esses autores no contexto norte-americano. Contudo, isso despertou nossa curiosidade para procurarmos entender se de fato aqueles romancistas

⁵ É preciso que se diga, portanto, que o crítico norte-americano, em nenhum momento de sua introdução ao texto de Don Delillo, usa a palavra “style” (o substantivo ‘estilo’, em inglês) no âmbito da Estilística, isto é, nem na acepção de “a arte de escrever de forma apurada, elegante”, nem na acepção de “ramo da linguística que estuda a língua na sua função expressiva, analisando o uso dos processos fônicos, sintáticos e de criação de significados que individualizam estilos”, como qualquer dicionário poderia registrar. Esta tese, por isso mesmo, não fará nenhuma abordagem estilística dos autores e de seus romances nela estudados.

possuíam tamanha importância, qualidade e, principalmente, se eles podem ser tomados como porta-vozes de uma era, a saber: a contemporaneidade.

Espero poder comprovar, nesta tese, que esses prosadores determinam, sim, o estilo de uma era, ao conseguirem reinventar uma forma de se criticar as bases culturais que sustentam o entendimento dos Estados Unidos enquanto nação e, por extensão, nossa percepção ocidental do que nos define como sociedades, a norte americana e, por extensão, quaisquer outras. É muito relevante que, por caminhos tão díspares, todos os três possam revelar-se demiurgos tão atentos das nossas mazelas e nos alertar com contundência sobre os riscos que social e politicamente corremos. As conclusões apontam de modo alarmante para um padrão de corrupção dos valores humanos e, por que não, humanistas, os quais fundamentaram a origem dos Estados Unidos, com base em conceitos de: igualdade de condições, oportunidades universalizadas democraticamente, isonomia perante as leis, isenção do Estado, a distinção absoluta entre Estado e religião, a separação entre os poderes, uma imprensa livre e a união entre os indivíduos. Em detrimento desses princípios, a soberba, a ignorância, a ingenuidade e a cobiça exacerbada renderam-se ao fator desagregador fundamental da **violência**, o quarto e derradeiro fator que gerou a hipótese desta tese e definiu as conclusões convergentes sobre os três autores. Quando esta tese estava em suas últimas correções, para nossa gratificação, em seu discurso oficial de despedida do governo, Barak Obama afirmou o que aqui, de forma diferente e por razões também diferentes, procuramos demonstrar, através de Thomas Pynchon, Cormac McCarthy e Philip Roth, que “a democracia corre enorme risco quando percebida ou tomada como garantida”.

Esse será o mote de nossa derradeira parte, a de conclusões, em que se irá expor como as ironias dos autores apontam para a violência como o elemento social e político desorganizador, que comprometeu e corroe os sonhos e mitos norte-americanos. E pode voltar a fazê-lo novamente.

Capítulo 1: O Universo de *Mason & Dixon*

O trabalho com o primeiro romance desta tese possui como pilar principal seu valor de investigação histórica. Dentre os inúmeros méritos da obra de Thomas Pynchon, o de maior destaque para esta pesquisa reside na reformulação irônica com base na reescrita histórica do período de formação dos Estados Unidos. Essa referencialidade temporal permite que se enxergue em que contexto e como nasceram os princípios culturais, políticos e sociais da população dos Estados Unidos. Como está exposto na introdução, as três linhas de raciocínio a serem seguidas ao longo de todo o trabalho (Paraíso Terreno, Adão Americano e Destino Manifesto) possuem valor mítico, mas como todos os mitos nascem e assumem valor universal por razões históricas e culturais, cabe, logo de início, destacar de onde provêm esses mitos, como se disseminaram entre o que viria a ser o povo americano⁶, e de que forma ganharam tamanho destaque. O romance de Pynchon

⁶ Toda nação possui uma História que explica suas origens, desenvolvimento e definição cultural, inclusive para os elementos mais mezinhos que, muitas vezes, são os mais importantes. O nome do país Estados Unidos da América provém de uma série de fatos, inclusive filosóficos, da época para ter sido escolhido. O mais óbvio deles é que, quando os pais fundadores se reuniram, encabeçavam a liderança de 13 colônias, que passariam a ser Estados e que se uniriam em prol de uma causa comum numa federação na qual seriam mantidas as suas autonomias. Seriam quase que micronações unidas numa organização geral democrática em que os diferentes Estados, em convenção acordada, uniram-se, por necessidade, em prol de um bem comum. Tanto é que durante os 13 primeiros anos de existência não existiu um presidente eleito em território dos EUA, até que houvesse muito claramente a definição de como seria o regramento dessa federação, para que de modo algum uma lei federal descaracterizasse ou se impusesse a uma das colônias e retirasse sua autonomia, algo que só foi alcançado, com definição plena, após os *Federalist Papers*, de Alexander Hamilton, James Madison e John Jay (primeiramente serializado no *The Independent Journal* e no *The New York Packet* entre outubro de 1787 e Agosto de 1788. Uma compilação deles e oito ensaios a mais, com o título de *The Federalist: A Collection of Essays, Written in Favour of the New Constitution, as Agreed upon by the Federal Convention, September 17, 1787*, foi publicada em dois volumes em 1788), e deles advém a primeira grande explicação para eles próprios, habitantes de uma nova nação no continente americano, chamarem-se de “Americans”, pois a outra opção seria permitir a cada estado criar uma alcunha própria estadual, sem um lexema que designasse um termo de unidade nacional federativa. Outro fator que levou o país a assumir o adjetivo pátrio “americano” é ainda mais óbvio e historicamente indiscutível: não havia outro Estado-nação em continente americano àquela época, sequer havia a ideia de Estado-nação antes do surgimento dos Estados Unidos da América, pois os Estados que existiam eram todas colônias européias. Mesmo onde havia as Treze Colônias, até então, oficialmente era Inglaterra além mar, e não um Estado independente. Um dos objetivos da Independência Americana era justamente romper com esta diferenciação, eles não seriam mais europeus, e sim *americanos*. Ou seja, o intuito dos colonos era se diferenciar das metrópoles, e não dos outros povos do continente – que sequer possuíam ainda nações próprias, nos moldes políticos da época, com nomes próprios – como os únicos *americanos* do continente. O referencial dos *founding fathers* eram as imposições de Inglaterra, Espanha e França – contra as quais guerrearíamos nas décadas seguintes, em diferentes contextos, no finais dos setecentos e início dos oitocentos

cumprir esse papel de norteador do remonte histórico do nascimento da terra e, em grande medida, expõe – sempre com ironia que será demonstrada ao longo de todo este capítulo – o sentimento da população do período de uma nova terra que nascia, ainda que não fosse totalmente consciente de si mesma. As circunstâncias são desenhadas por meio da narrativa de Cherrycoke, um reverendo o qual logo será retomado, que ficticiamente desenvolve todo o longo estudo histórico-cultural das décadas que precedem e sucedem a Independência dos Estados Unidos.

O mote histórico para o enredo de Thomas Pynchon, em seu romance *Mason & Dixon*, é a definição ou estabelecimento da famosa Linha Mason–Dixon original, nos Estados Unidos. Esta linha, em princípio, dispunha de um propósito muito simples e até comum para a época; a delimitação precisa entre terras vastas, sobretudo nos territórios coloniais cujas marcações geográficas eram pouco conhecidas (e também, muitas vezes, desobedecidas), definidas por tratados antigos, documentos contraditórios e cartografias rudimentares. Ocorre que as colônias amarelo-canário britânicas, na costa leste do que hoje é os Estados Unidos, envolvidas na época na demanda por uma solução quanto à demarcação de terras pertencentes a uma ou outra delas (Delaware, Maryland, Pensil-

– e não para desmerecer a autonomia de qualquer outra denominação nacional. Tanto é que os americanos não fazem distinção do termo para designar habitantes de seu país ou do continente. Se houvesse uma terminologia exclusivista e excludente seria lógico que termos distintos designassem americanos pátrios de americanos continentais. No entanto, nos seis dicionários pesquisados (*Harvard on line*, *Webster*, *Thesaurus*, *Oxford*, *Cambridge* e *Michaellis*), no verbete “American” há acepções tanto para a referência a nativos dos EUA ou do continente americano. O terceiro fator explicativo encontra-se na gramática básica, quando um termo faz parte do nome pátrio, ele pode ser utilizado no adjetivo nacional. Pesquisei bastante e não encontrei nenhuma regra que imponha “posse continental” a um termo, ou que os sul-africanos deveriam passar a se autodenominar “sulenses” para não ofenderem os demais países que façam parte do Continente Africano, por exemplo. A quarta e última explicação é linguística – pois ninguém pode conceber que um falante nativo possa inventar um termo antinatural a seu idioma para referir-se a si mesmo –, logo que é inconcebível imaginar um falante de inglês proferindo “unitedstian” para se referir aos americanos, o que implica até na hipótese da designação *American* existir por falta de outra opção. Por fim, é convenção respeitar e se basear em como o próprio povo se autodenomina para fazer as traduções dos adjetivos pátrios. Portanto, esta tese respeita quem usa o termo “estadunidense” (sonoramente ruim para um apreciador de literatura, convenha-se), mas considera esta terminologia antinatural, porque anacrônica, gramaticalmente infundada, sem respaldo linguístico de origens dicionária ou etimológica inglesas e sem referencial discernível nos usuários nativos daquela nação. O termo tem como único embasamento uma ideologia recente, de posicionamento político antimericanista, que pode ser respeitada; todavia, este pesquisador dela se exclui, portanto aqui se lerão os termos “americano” e, eventualmente, “norte-americano”, para se evitar repetições, mas não “estadunidense”.

vânia e West Virgínia), assim como as demais colônias, estavam em franca produção e resultavam em diversos tipos de lucros, provocando ambições e disputas, desavenças e necessidade de arbitragem quanto a quais terras pertenciam a quais colônias. Essa realidade econômica levou a uma disputa entre as colônias da Pensilvânia e de Maryland, pela discórdia e requerimento do domínio que se estabelecia entre os paralelos 39N e 40N (HUBBARD, 2009, pp.28-29).

Essa disputa chegou a gerar um embate armado conhecido por Cresap's War – de proporções relativamente grandes, levando-se em conta o tamanho da população e o desenvolvimento relativo das colônias britânicas ali, até então, após a casa do Colonel Thomas Cresap – um senhor de terras e homem respeitado, ter sido incendiada em função de querelas envolvendo as divisões de terras ainda em disputa (MASON & SWINDLER, 1964, p.5). As contendas não avançaram mais, pois houve a intervenção do Rei George II, em 1735, porém os conflitos só findariam com uma determinação preliminar sobre as terras, em 1750 (WALKER, 2014, p.71).

Porém, ainda faltava precisão sobre os limites entre as posses coloniais e as discussões em sequência, com conflitos de menores proporções, sucederam-se e duraram quase três décadas, sendo resolvida plenamente apenas em 1768, com os encontros dos representantes de Maryland e da Pensilvânia (DAVENPORT, 2004, p.47), que acataram as demarcações firmadas por Mason e Dixon. Isso foi possível após a subida de George III ao trono inglês, que foi quem determinou que uma linha seria enfim demarcada, firmando em definitivo as terras limítrofes entre as colônias de Maryland e Pensilvânia, embasada em documentos originais de 1732 e nas pesquisas dos dois especialistas britânicos, Charles Mason (astrônomo) e Jeremiah Dixon (agrimensurador e também astrônomo), que foram enviados oficialmente pelo rei para agrimensurar cada colônia. Durante quatro anos (1763-1767), os dois pesquisadores atravessaram grande parte do que era o território

norte-americano na época. O romance de Pynchon ficcionaliza justamente como devem ter sido os detalhes dessa viagem. O autor, entretanto, não se limita a uma prospecção especulativa sobre o que haveria ocorrido no que foi a primeira grande jornada pelo continente da América do Norte. Thomas Pynchon vai além disso, evidentemente, pois em seu romance, projeta, sobretudo pela voz do narrador principal, o Reverendo Wicks Cherrycoke, as consequências geográficas, culturais e históricas dessa jornada épica.

Apenas para que se tenha uma ideia, a Linha Mason-Dixon originalmente, como acabamos de explicar, demarcava os limites de determinadas colônias naquele período. Contudo, ao longo de sua história, os americanos tomaram-na como uma diferenciação entre Norte e Sul de seu território, que vai de uma costa a outra daquele país continental. Isso gerou um imaginário que se liga ao que seria a posterior divisão entre suas regiões ou partes principais, o Norte e o Sul dos Estados Unidos, que se digladiariam desde a aurora da nação, opondo princípios escravocratas e abolicionistas, perspectivas agrárias e industrializantes, embates conservadores e progressistas, que até hoje se manifestariam no Congresso norte-americano. De fato, naquele período, os Charles e Jeremiah históricos não tinham nenhuma ideia, muito menos a intenção, de estabelecer esse tipo de separatismo nacional. Contudo, eventos históricos e culturais desde aquela época foram, aos poucos, estabelecendo essas distinções.

Primeiramente, as colônias mais ao norte, menos propícias ao plantio e mais ligadas à atividade portuária e ao comércio bancário e ao comércio regional e exterior, especializaria-se em relações comerciais e mão de obra mais capacitada por algumas indústrias; tudo isso destoava de uma mão de obra ainda predominantemente escrava da produção de algodão do sul, continuou longamente ligada à economia rural. Essa divisão manteve-se e asseverou-se com disputas no Congresso e, por fim, levou a um acirramento de oposições políticas e de interesse econômico que culminaram na Guerra da Secessão,

entre 1861 e 1865. Apesar destas diferenciações, como dissemos, ser mais nossa do que dos dois especialistas britânicos e seus contemporâneos, a relação hoje é inevitável e, de certa forma, é sugerida até mesmo no romance. Em mais de um momento os amigos separaram-se no enredo, vão para partes Norte e Sul das colônias, e têm experiências distintas que expõem diferenças e diversidades nas partes das colônias, que então seriam o primeiro esboço dos Estados Unidos em 1776. Por exemplo, nos episódios 39 e 40 (não por acaso os números dos paralelos que ambos deveriam demarcar), Mason segue para o Norte, chega em Manhattan, e discute com uma gangue sobre a escravidão; Dixon vai para o Sul e se encontra com Thomas Jefferson, com quem discute sobre quais seriam os limites das terras da Virgínia. Sobre o assunto, o futuro presidente argumenta, dentre outras coisas, sobre os valores da terra produtiva. Também nos episódios 57 e 58, os protagonistas separam-se, porém, desta vez, Dixon vai a Nova York e Mason, para a Virgínia. Os dois encontram motivação e possibilidade de debates – o primeiro em ambiente mais urbano e o segundo em espaço predominantemente rural – sobre movimentos revolucionários e de contestação da exploração de suas forças de trabalho, tanto por parte de empregadores, quanto por parte da coroa inglesa (óbvia sugestão de um princípio de ideias de insurreição das colônias descontentes, mas com diferentes interesses e modos de organização social). Essas e outras passagens da obra, também dão margem para um entendimento dessa contemporaneidade da chamada Mason Dixon Line.

Tudo isso nos impôs uma preocupação em estudar e retomar, com muita cautela, os aspectos históricos que influenciaram, precederam, sucederam, e que foram consequências ou causas diretas da demarcação da Linha Mason-Dixon. Isso porque a abordagem de Pynchon é um esforço literalmente épico romanesco de, através de sua releitura histórica, revelar o que é hoje o espírito norte-americano, inclusive por oposição ao que eram os mitos americanos e o que os norte-americanos fizeram deles. Por isso mesmo a parte inicial deste capítulo será a referência breve a eventos históricos sobre algumas

mobilizações ideológicas prévias da História da Inglaterra, a demarcação da Linha Mason-Dixon e posteriormente sobre a Independência Americana e primeiros anos de desenvolvimento dos Estados Unidos para que, na sequência, consigamos abordar a contento a ironização dos mitos americanos originais sobre o paraíso, o Adão americano e o excepcionalismo do destino manifesto, conforme explicitado na introdução.

O romance passa-se, portanto, nesse ambiente setecentista e dá início a um percurso lógico-histórico que tentaremos definir com maior exatidão ao longo do trabalho. A sequência dos romances aqui abordados também denota as variações de interpretações sobre a tragédia atual e a quase falência dos mitos fundadores dos Estados Unidos. Este primeiro romance, *MD*, de Thomas Pynchon, aborda os valores americanos em seu processo de engendramento e início de estabelecimento no território do novo continente. A saber, o trabalho com os mitos ainda era tomado por um tom de positividade geral, apesar de que – como será exposto ao longo deste capítulo inicial – já havia indícios de falhas elementares por parte dos habitantes desde o primórdio da concepção nacional, o que não eliminava o tom de esperança geral pelo surgimento de uma nação nova, inovadora e livre. *MD* não chega a atingir um status de narrativa utópica – na mesma linhagem das obras como *Utopia*⁷, *Nova Atlântida*⁸, *A história de Rasselas*⁹, entre outras –, mas carrega o tom de euforia, esperança e concretização de aspirações humanas, sobretudo científicas

⁷ Obra originalmente redigida em latim, de Sir Thomas More (1478-1535), filósofo inglês renascentista de vertente humanista. Com o livro, de certa forma, o autor britânico inaugura a ideia e prática de narrativas utópicas, apesar de especialistas como Eric Voegelin (*Israel e a revelação*, primeiro volume de *Ordem e história*, traduzida no Brasil, em 2014, pelas Edições Loyola) atribuírem a alcunha em debates desde a *República*, de Platão, ou mesmo antes, durante os debates sobre as terras perdidas de Israel e a ideia da Nova Canaã.

⁸ Obra de Sir Francis Bacon (1561-1626), o pensador de vasta influência no pensamento inglês e ocidental, considerado pai do ceticismo. O livro foi publicado em 1627, pela primeira vez, mas nele Bacon já imaginava uma sociedade futurista, em que todos os anseios humanos teriam atingido um auge de realização e construído uma civilização mais elevada.

⁹ Obra de Samuel Johnson (1709-1784), poeta e ensaísta conhecido por opiniões conservadoras anglicanas e amplo trabalho com a língua inglesa, incluindo publicações como a obra completa e anotada de Shakespeare e seu *A Dictionary of the English Language* (1755), também chamado de *Johnson's Dictionary*. Em sua narrativa de 1759, ele debate a questão das aspirações humanas à felicidade e sua possibilidade de realização terrena numa perspectiva cristã.

e filosóficas, da época. Já o segundo romance *BM*, de Cormac McCarthy, dispõe de uma percepção diametralmente oposta, mais que uma distopia, é uma leitura em que impera o niilismo existencial da terra desde as linhas iniciais. Finalmente, o romance *AP*, de Philip Roth, servirá como uma espécie de síntese e balanço geral histórico sobre os resultados contemporâneos de todo o desenrolar dos mitos fundadores americanos e o tipo de sociedade que, por fim, acabou lá se originando, após décadas de erros, escolhas equivocadas e muita violência.

Expostos esses livros neste trabalho na ordem em que foram nomeados acima, é de-
 veras importante especificar que Thomas Pynchon, apesar da positividade que aparente-
 mente deveria ser utópica em seu romance, encaixa-se na verdade numa linha de narra-
 tivas distópicas, recorrentes na tradição da literatura de língua inglesa. Até em razão de o
 autor ter sido influenciado por obras como *1984*, de George Orwell (1903-1950), *Brave
 New World*, de Aldous Huxley (1894-1963) e *Do Androids Dream of Electric Ship?*, de
 Philip K. Dick (1928-1982) – Pynchon chegou a escrever, por exemplo, para a Penguin
 um prefácio para uma edição recente do romance de Orwell¹⁰ –, que o levaram a ser um
 romancista reconhecido por sua temática da paranoia, cujo conceito não se desvincula
 completamente da distopia, posto que uma das motivações da paranoia humana, sobretu-
 do a paranoia pós-moderna ou da contemporaneidade, como perturbação social, é justa-
 mente a vivência em sociedade de controle (como em *1984*), de hiper-realismo futurista,
 que mecaniza os indivíduos (como em *Brave New World*) e que os potencializa em ações
 de perseguição e virtualidade. Ou seja, a paranoia liga-se a uma sociedade distópica que
 fomenta teorias da conspiração como seu principal *modus operandi* social, tal qual uma
 religião pós-moderna, que corrompe as possibilidade de elevação humana¹¹. Essa temáti-

¹⁰ ORWELL, George, *1984*. New York: Penguin Modern Classics, 2004.

¹¹ Bernardo Carvalho, por exemplo, produziu artigo em formato de entrevista fictícia, publicada pela *Folha de São Paulo*, em 25/04/2004, na qual escreveu que, segundo Pynchon, a paranoia: “É um desafio brutal à razão. A paranoia é o berço de toda religião. [...] Tudo está ligado.” Afinal, não é esse o bordão de ambas? Para a paranoia e para a religião, tudo tem que fazer sentido. Só que a paranoia devia ser, por princí-

ca em Thomas Pynchon é estudada, dentre outras fontes, no artigo “Pynchon, Paranoia and Literature”, por Leo Bersani (BLOOM, 2003). Lembremo-nos de que Pynchon é muito enfático, sobre esse tema da paranoia, em seu clássico e memorável *The Crying of Lot 49*, em que engendra toda uma maquinação internacional a partir do leilão de um terreno baldio, ou seja, um cúmulo da ironia sobre a teoria da conspiração, sempre uma típica temática norte-americana. Em *Against the Day*, ele elabora seu mais extenso romance, novamente em torno da temática da loucura e da paranoia. O autor, apesar de não colocar essa temática como a principal, não deixa de abordá-la em nenhum de seus livros. Nós, após a leitura de todos os livros do autor, podemos constatar que em *Mason & Dixon* o autor parece amenizar esse tom de paranoia, mas não a abandona por completo, há diversas conspirações que perpassam todo o enredo, como na significativa conspiração envolvendo jesuítas e chineses convertidos com base numa liderança de Quebec, encabeçada pelo Capitão Zhang. Essas manifestações de paranoias são evidentes e constantes indícios de uma leitura irônica, não idealizante e mesmo distópica do princípio da nação americana que irá marcar todo o romance, apesar de, paralelamente revelar o tom de empolgação social que tomava conta da época, sobretudo no que tange a assuntos de motivação religiosa. As ironias de Pynchon, que detalharemos a seguir ao longo do capítulo ocorrem, e determinam a derrocada dos mitos fundadores dos EUA.

Portanto, podemos considerar que há uma linha lógica de tese, antítese e síntese (sobre os mitos fundadores e seus efeitos sociais) sustentada por fatores históricos e culturais ficcionalizado nas três obras aqui analisadas que norteiam a organização de nossa interpretação. É bom que se tenha em perspectiva que, apesar de tanto Thomas Pynchon quanto Cormac McCarthy e Philip Roth serem autores ainda vivos e – à exceção de Roth,

pio, a religião dos descrentes. E o terrorismo converte a paranóia em crença. Não é por acaso que integrismo e terrorismo andam de mãos dadas. São tentativas de se dar um sentido ao mundo à força. Nesse ponto, religião e informática também devem ter algo em comum. Ambas pedem um mundo de crentes.” In: “Exclusivo e fictício: A desconstrução da paranoia”. Ver: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2504200404.htm>>. Acesso em 20 nov. 2016.

que em 18 de maio de 2014 anunciou sua aposentadoria definitiva em entrevista à BBC¹² –, produzindo seus escritos, as obras aqui analisadas buscam compor uma espécie de mosaico histórico com temática específica. Um dos fatores mais interessantes e de maior importância para o exercício de análise comparada que esta tese procurará estabelecer é a constatação de que, apesar dos estilos literários diversificados e dos enredos contextualizados em períodos distintos – conforme expresso na introdução: setecentista em *Mason & Dixon*, oitocentista em *Blood Meridian* e novecentista em *American Pastoral* –, em todos os três romances demonstraremos a existência de uma ironia literária sobre os três mitos formadores dos EUA, aqui já enumerados, bem como a sua paulatina degradação ao longo da História. Cada autor o fará, como pretendemos demonstrar, em sua perspectiva pessoal mais ou menos pessimista e através de linguagens características, mas a aproximação temática, que existe entre eles, sobre a abordagem crítica das noções de Éden, Adão e Destino Manifesto americanos parece-nos indiscutível. Essas relações definitivas, somadas a uma leitura sobre a abordagem temática a respeito da violência na terra, serão melhor sistematizadas em resumo didático na conclusão.

1.1 O palco histórico

Para conseguir expor o enredo e o projeto de *Mason & Dixon*¹³, de Thomas Pynchon, como referiu-se acima, a reconstituição histórica dos principais fatos que precedem e sucedem a Linha Mason-Dixon tem de ser feita, pois o referido espírito da época era denotado por um conjunto de fatores históricos prévios, sobretudo por uma li-

¹² Ver: <<http://www.reuters.com/article/us-britain-philiproth-idUSKBN0DZ1KU20140519>>. Acesso em 19 fev. 2017.

¹³ PYNCHON, Thomas. *Mason & Dixon*. New York: Picador/Henry Holt and Company, 1997 e *Mason & Dixon*. Trad. Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Todas as citações são da edição brasileira e serão referenciadas parenteticamente: a abreviação *MD* seguida pelo número de página.

nhagem de pensamento Iluminista, que promoveria a confluência do Iluminismo britânico – cujas origens remetem a discussões iniciadas por Thomas Hobbes (1588-1679), com alguns elementos do Iluminismo francês, para gerar ideias novas no Iluminismo americano dos pais da pátria¹⁴. Contudo, esse pensamento não se restringia a considerações de intelectuais, pois atendia a anseios populares e provinha de uma sucessão de acontecimentos históricos que há muito colocavam em xeque a coroa britânica, o padrão de vida tradicional da aristocracia, a governança monárquica, o anglicanismo religioso e os modos de produção ainda vinculados ao início da industrialização, porém, como tentaremos resumir, esses debates seculares arrastavam-se mas não produziram mudanças realmente drásticas na Inglaterra; por outro lado, encontraram terreno fértil para concretizarem o plano democrático republicano de igualdade e liberdade, unido ao contexto de renovação religiosa aberta à diversidade, e mais um povo acostumado à noção de uma economia liberal, que promovia a liberdade de trabalho com promessa de prosperidade. Obviamente, como iremos explorar, nem tudo era perfeito e muitos dos projetos não se concretizariam de modo ideal. No entanto, esta ideia de paraíso econômico (Éden na América) para um novo povo livre (Adão americano), destinado à prosperidade, que se alargaria sem limites (Destino Manifesto), era subliminarmente difundida, numa consciência social rústica que, posteriormente, seria sistematizada por alguns pensadores americanos. Esta primeira parte de nossa análise tem como mote justamente expor, de um lado, o histórico inglês de filosofia que embasaria a mentalidade social a se manifestar por completo na colonização americana, sobretudo após a Guerra de Independência, e que perpassa todo o romance *MD*.

¹⁴ A obra *Os caminhos para a modernidade*, de Gertrude Himmelfarb, em especial, possui excelentes detalhes sobre a relação entre as três grandes correntes do Iluminismo, bem como os seus valores singulares e suas relevâncias para a definição da modernidade histórica.

Para tanto, comecemos com a referência de um poema. Em 1941, o poeta Robert Frost publicou seu “The Gift Outright”, reproduzido integralmente abaixo, que resumirá com excelência o espírito da época nas Treze Colônias:

O Presente Definitivo

A terra era nossa antes que fôssemos da terra.
 Ela era nossa terra há mais de cem anos
 Antes que fôssemos seu povo. Era nossa
 Em Massachusetts, era nossa na Virgínia,
 Mas éramos da Inglaterra, ainda colonos,
 Possuindo aquilo por que não éramos possuídos,
 Possuídos pelo que agora não mais possuíamos.
 Alguma coisa que retínhamos nos fazia fracos
 Até que descobrimos que era a nós mesmos
 Que estávamos retendo da terra em que vivíamos.
 E em seguida encontramos a salvação na rendição.
 Tais como éramos, demo-nos imediatamente
 (O título do presente foram muitos títulos de guerra)
 À terra vagamente realizando-se em direção ao oeste,
 Mas ainda não narrada, sem arte, não melhorada,
 Tal como ela era, tal como ela se tornaria¹⁵. (1961, p.467)

A reflexão inicial do poeta baseia-se numa relação aparentemente confusa e dialética entre a terra e o homem que a habita. Os habitantes a possuíam e a tomaram antes mesmo de se reconhecerem como pertencentes à terra. Havia as colônias de Massachusetts e Virgínia, mas eram ainda extensões britânicas, carentes de identidade própria. Poderiam referir a si mesmos como donos do solo, no entanto, ainda não havia identificação estabelecida com uma cultura particular local, e sequer se cogitava a noção de independência colonial. Firmava-se em solo americano não um povo característico, mas um jogo de troca de posses e de comandos. Eles possuíam a terra ao mesmo tempo em que eram possuídos

¹⁵ Tradução de Heleno Godoy, especial para esta tese. O original em inglês é: The Gift Outright// The land was ours before we were the land's./ She was our land more than a hundred years/ Before we were her people. She was ours/ In Massachusetts, in Virginia, But we were England's, still colonials,/ Possessing what we still were unpossessed by,/ Possessed by what we now no more possessed./ Something we were withholding made us weak/ Until we found out that it was ourselves/ We were withholding from our land of living,/ And forthwith found salvation in surrender/ Such as we were we gave ourselves outright/ (The deed of gut was many deeds of war)/ To the land vaguely realizing westward,/ But still unstoried, artless, unenhanced./ Such as she was, such as she would become.

pela metrópole. E o espírito de contestação às normas estabelecidas, ainda não completamente externado, retinha-se, em certa medida, por apego a valores tradicionais, conservadorismo e fidelidade à coroa por parte dos colonos que comprometia a identificação definitiva da população que viríamos a conhecer posteriormente como norte-americanos. Alguns elementos pragmáticos, portanto os impediam: receio de perder aquilo que já haviam conseguido nas novas terras, medo das posses e recursos acumulados serem ainda insuficientes para promoção de uma autonomia continental, apesar de em grande medida já estarem estabelecidas até aquele momento; e alguns valores culturais como o anglicanismo e obediência ou temor à coroa.

Era uma espécie de paz com a terra à qual se devia a subserviência política. Para serem senhores em além mar, submetiam-se à coroa britânica como seres ainda subjugados em última instância ao governo central, apesar da compensação das riquezas angariadas nas novas terras. Mas, e a terra? O que ela significava para eles? Seria um lar? Havia sentido na manutenção da lealdade ou a aceitação da submissão à regência inglesa? Ainda eram ingleses, ou passaram a ser, então, americanos? Essas são as questões existenciais levantadas pelo poema de Frost que incomodavam a mentalidade da época, as quais sugeriam um sentimento de diferenciação ainda arragiado a um marco pátrio original distante que não parecia fazer mais sentido. Aquela era sua terra agora, nela estabeleceram-se, não retornariam às terras inglesas em busca de emprego, novas dinâmicas cotidianas passavam a ser reconhecidas. Aquela terra, portanto, passara a ser um lar pelo qual valia à pena lutar. Eles ainda não haviam tomado a América, todavia a América lhes havia tomado por inteiro.

Esse sentimento de um mundo que se possui, porém que permanece fugidio, dispõe de embasamento histórico identificável. A cultura norte-americana fora formada ao longo do tempo, desde a vinda dos primeiros colonos, até a fixação plena dos habitantes em pe-

quenos, médios e grandes aglomerados rurais e urbanos, que foram sendo formados ao longo do processo de colonização. É evidente que a definição plena da nacionalidade e da cultura dos colonos na América só se consolidaria anos após a Guerra contra a Inglaterra e mesmo, provavelmente, após a Guerra da Secessão. No entanto, pode-se considerar que o engendramento da definição do que posteriormente se consideraria os Estados Unidos vinha sendo formado ao longo de um percurso contínuo e crescente de distanciamento e insatisfação em relação à coroa britânica.

Em verdade, a ideia original da colonização inglesa do continente americano surgira em razão de diferentes fatores. Um dos principais foi a vontade ou a necessidade de dissidentes puritanos fixarem suas raízes em terras com maior liberdade religiosas após a ascensão da igreja anglicana como a oficial do reino. Essa sucessão de reis, que veio desde o período Elizabetano, colocou em debate uma série de questões – como já adiantamos – religiosas e políticas. É necessário ter em perspectiva que as contestações dos reis e das rainhas, sobretudo por parte do parlamento vinham de longa data (no mínimo desde de Cromwell), as disputas internas, os embates com setores da realeza, com outras nações e mesmo com a plebe refletiram um longo percurso de construção das bases sociais que culminariam nos Estados Unidos e sua Revolução. O direito de pluralidade religiosa com o advento protestante, durante a Era Elizabetana, a Guerra Civil iniciada em 1642, que já punha em xeque a concentração de poderes nas mãos do monarca, a rejeição ao despotismo agregados de Cromwell, o relativo fortalecimento do poder do parlamento durante o governo de Charles II, o diálogo com outras religiões, após a ascensão de James II, o princípio de consolidação do Reino Unido, que culmina com Anne I, a rediscussão sobre os caminhos dados às chamadas *Black England* (no norte, que cada vez mais caminhava para o desenvolvimento de bens diferenciados e mesmo para rudimentos da indústria) e a *Green England* (com poder e influência política, porém baseada na agricul-

tura e no extrativismo). Isso exemplifica que por volta de mais de um século antes de começarem as contestações americanas que resultariam em sua independência em 1776, a própria Inglaterra discutia suas bases econômicas, formato político e práticas religiosas.

Todos esses fatores futuramente estabeleceram diálogo com os eventos ocorridos nos EUA e com seus colonos. Primeiramente, a modificação do perfil histórico da configuração da religião em terras inglesas acabou encontrando terreno fértil nas colônias que com o tempo desenvolveram e acirraram diferenças com a metrópole ainda apegada a valores predominantemente aristocráticos, uma economia mais fechada e embasada em taxações, poucos direitos democráticos e menor abertura religiosa: “Cultura e sociedade não são realmente entidades separadas. Porque o comportamento humano é uma peça com os significados que damos a ela, nossas ideias não existem à parte de nossas circunstâncias sociais ou algum mundo mais real de comportamento econômico”¹⁶.

Por outro lado, constata-se, como fator de enorme relevância, o desenvolvimento da intelectualidade na época. E, novamente, as explicações históricas estão longe de serem simples. A evolução das bases de *The Bill of Rights*¹⁷ e *Federalist Papers*¹⁸ vêm de um longo desenvolvimento dos princípios: “Se qualquer *slogan* pode caracterizar o trabalho que está sendo feito sobre a Revolução Americana por esta geração de historiadores, provavelmente será ‘a Revolução Americana considerada como um movimento intelectual’”¹⁹ (WOOD, Gordon, 2011, p.36). Como um dos principais resultados de todo esse

¹⁶ “Culture and society are not really separate entities. Because human behavior is of a piece with the meanings or ideas we give to it, our ideas do not exist apart from social circumstances or some more real world of economic behavior” WOOD, Gordon. *The Idea of America: Reflections on the Birth of the United States*. New York: Penguin, 2012, p.46. É minha esta tradução, assim como todas as outras traduções nesta tese, quando não diferentemente indicado.

¹⁷ São as dez primeiras emendas à Constituição Americana, publicadas pela primeira vez em 1789, sob elaboração principal de John Madison, que ficariam conhecidas como os direitos básicos dos cidadãos americanos. O texto possibilitou um consenso mínimo para o início da fase derradeira de consolidação da República Federativa dos Estados Unidos. Até hoje esse documento é a parte essencial da Constituição dos EUA.

¹⁸ Ver a Nota 6 inicial deste capítulo. Nesta obra, seus 85 artigos explicam, legitimam e embasam as leis e princípios que dão origem à sociedade americana.

¹⁹ If any catchphrase is to characterize the work being done on the American Revolution by this generation of historians, it will probably be “the American Revolution considered as an intellectual movement”

processo de reinvenção global, temos a Independência das Treze Colônias, após uma sucessão de acontecimentos dentro das colônias que criaram o terreno para o desenvolvimento dentro de valores democráticos, republicanos e iluministas.²⁰

A marca preponderante da América no século XVIII foi um ponto de inflexão divisor de águas de toda a História, o que hoje pode ser considerado, do ponto de vista historiográfico, até mesmo um senso comum, posto que a Independência Americana viria a ser um marco fundamental influenciador de processos de implementações democráticas e revoluções por todo o mundo, inclusive influenciado o próprio berço da democracia ocidental, a França, e a derrocada derradeira da sua coroa²¹. A Revolução Americana de quatro de julho de 1776 – apesar de que as reuniões que definiram a Independência Americana terem sido definidas em dois de julho daquele ano – não somente reverberariam em toda Europa, também serviriam de imenso empuxo, que levaria a França, mais de treze anos depois, à sua própria Revolução. Os conceitos de liberdade e ideais americanos de sociedade não teriam importância somente por seus reflexos posteriores nas mais diversas modificações preponderantes em moldar toda a face das bases legais, sociais e econômicas do mundo Ocidental, como influenciariam diretamente na elaboração da Declaração sobre os Direitos Humanos²². Em mesma medida é interessante o estudo sobre

(WOOD, Gordon, 2011, p.36). Wood está citando (o que está entre as aspas simples, no texto, e duplas nesta nota) o título de um artigo em *apud*; como ele diz, “This is the title of a recent essay by Edmund S. Morgan in Arthur M. Schlesinger Jr. and Morton White, Eds., *Paths of American Thought* (Boston: Houghton Mifflin, 1963), p.11-33”.

²⁰ Como a Festa do Chá de Boston, o Massacre de Boston, a Revolta do Selo, os encontros em Filadélfia; e os já referidos estudos de Jefferson, Madison, Hamilton, Jay; somados a esforços de George Washington e Benjamin Franklin, por exemplo,

²¹ Dentre várias obras que poderiam ser citadas, duas despontam com substanciais análises: a leitura de David Armitage sobre a Independência Americana como um fator de propagação democrática mundial, estudada em sua obra *Declaração de independência – uma história global*. E também, o livro de Johnson Ferling, *Independence – The Struggle to Set America Free*, extremamente completo sobre os eventos do período da Independência, em que o autor mostra em detalhes o processo revolucionário como primeiro grande movimento popular em busca de liberdade democrática (incluindo morticínios durante conflitos e os dilemas sociais da época, como a resistência dos fiéis à coroa)

²² Neste aspecto, o livro de Lynn Hunt, *A invenção dos direitos humanos*, foi extremamente valioso, pois nele é descrito um percurso de interrelação entre as Revoluções Americana, Francesa e Britânica, e a gradativa construção dos direitos humanos fundamentais por todo o ocidente.

como o quatro de julho americano fora resultante de uma extensa e intrincada ligação de diversos valores filosóficos e políticos originados desde fatos que precediam a Revolução Gloriosa, como a Guerra Civil na Inglaterra. As ideias democráticas dos líderes na Filadélfia, suas insatisfações e inovações sócio-organizacionais possuíam extensa herança em debates e acontecimentos que mobilizaram o Iluminismo britânico:

As ideias políticas dos americanos em 1760 não têm origens da congregação democrática ou da religião reavivada. A maioria das ideias americanas são parte de uma tradição dos homens da *common wealth* do século dezoito, a ideologia radical de Whig, que floresceu das séries de levantes de contestação na Inglaterra do século dezessete – a Guerra Civil, a crise de exclusão de 1679-81, e a Revolução Gloriosa de 1688. (MIDDLEKAUFF, n/d, p.154)²³

Todos esses elementos – da História, da política, da geografia e da religião – são determinantes para compreendermos o espírito dessa terra tomada, mas ainda sem donos, como sugere o poema de Frost, essa terra vasta além mar e ainda sem identidade propriamente americana, que oficialmente não fora definida, já se encontrava repleta de complexidades sócio-político-econômicas. Esse gigantesco painel irá ser o ponto de partida de Thomas Pynchon em seu *Mason & Dixon*. O romance de Pynchon obviamente será aqui explorado nos três pontos norteadores desta pesquisa: A terra (o paraíso), o homem (o Adão americano) e a esperança permanente (o destino manifesto). No entanto, nossos estudos nos mostraram que seria impossível a leitura do épico de Pynchon sem que se avaliasse o histórico progresso dos Estados Unidos. A obra é calcada numa leitura dos fatos que vão desde a escolha e envio de Mason e Dixon para a América, num enredo em que as viagens dos protagonistas prolongam-se até a prévia da sucessão de eventos que dariam vida à Revolução dos Estados Unidos, parece-nos, como tentaremos demonstrar

²³ The political ideas of Americans in 1760 did not take their origins from congregational democracy or from revivalistic religion. Most American ideas were a part of the great tradition of the eighteenth-century commonwealth men, the radical Whig ideology that arose from a series of upheavals in seventeenth-century England – the Civil War, the exclusion crisis of 1679-81, and the Glorious Revolution of 1688.

em seguida, pois o intuito do autor era justamente o de expor essa formação da cultura americana, cujos fundamentos precedem a data simbólica de 1776. A cultura que fora propositalmente fundamentada por intelectuais, como destacamos brevemente, e construída para que um povo pudesse, teoricamente, “a partir do zero”, fundar uma nova pátria democrática que nasceria, quase que desde o seu princípio, com o *status* de uma grande nação ocidental civilizada:

Os porta-vozes do século dezoito inglês viram o início da cultura como uma *commodity* natural, como algo que era valioso, que conferia *status*, e que poderia ser adquirida. O mundo cultural com o qual somos familiarizados hoje em dia nasceu na Era do Iluminismo. E os americanos provincianos, ansiosos por demonstrar sua aprendizagem e sua educação, estavam fazendo tudo o que podiam para ser parte daquele mundo cultural. (WOOD, 2006, p.14)²⁴

Ademais, a narrativa que a todo momento configura as bases do mapa dos Estados Unidos que hoje conhecemos, justamente por sua natureza histórica de princípio da nação. Por fim, o narrador principal, Cherrycoke, conta sua história de um período que já posterior à guerra de libertação das treze colônias, já que sua narrativa sugere que o ano em que os acontecimentos ou ações do enredo do romance têm lugar seria entre 1786 e 1787, o que reforça a ideia de que o foco do romance reside no esforço de definição da origem primordial da identidade americana, quando e como houve a primeira imagem do paraíso não como terra exótica além mar, mas como nação; depois, o primeiro entendimento do Adão não como um ser primal genericamente considerado, mas como um pioneiro americano, o primeiro a se identificar como um habitante no continente americano, dono de uma terra e senhor de sua pátria; ainda, a primeira percepção de um homem com um destino grandioso, não numa definição genérica de Destino, mas a concepção de um farol

²⁴ Eighteenth-century English speakers saw the beginning of culture as a public commodity, as something that was valuable, that gave status, and that could be acquired. The cultural world that we are familiar with today was born in the Age of Enlightenment. And provincial Americans, anxious to display their learning and politeness, were doing all they could to be part of that cultural world.

para outros povos pela liberdade; e, por fim, é claro, todas as conseqüentes desilusões que conseguimos perceber, após a passagem dos séculos, sobre este início que no imaginário norte-americano parece tão perfeito.

É válido ressaltar também que as considerações sobre o entendimento da evolução da cultura norte-americana como um esforço proposital, advindo tanto das necessidades sociais do momento, as quais já descrevemos brevemente, quanto de uma leitura intelectual, que procurava inserir os novos americanos no mapa do desenvolvimento ocidental, não é nem de longe mero exercício de imaginação ou especulação. Um dos principais intérpretes da história dos Estados Unidos, Ralph Waldo Emerson, em um de seus ensaios – no qual também conjectura, como sempre, sobre a condição humana e dos Estados Unidos – alerta-nos:

o velho estadista sabe que a sociedade é fluida; que não há muitas periferias e centros, mas uma partícula pode subitamente tornar-se o centro do movimento e compelir o sistema a girar em torno dela; com toda vontade do homem comum forte, como Pisítrato ou Cromwell fazem por um tempo, e todo homem de verdade, como Platão ou Paulo, fazem para todo o sempre. Mas a política subjaz nos fundamentos necessários, e não pode ser tratada com leviandade. (EMERSON, 2008, p219)²⁵

O ensaio de Emerson tem como foco a teorização sobre como se manter a coesão em sociedades organizadas e como podemos entender as bases da construção de uma nação ou de um povo de grande relevância. Emerson entende que os Estados Unidos incluíam-se entre os grandes povos, aqueles que conseguiram a sua liberdade emanada da luta justa e sincera. Além disso, conquistaram a sua própria liberdade, demonstrando logo de início força nacional e relativa capacidade de organização. Porém, o entendimento do autor, notadamente um homem conservador e de monumental formação culta, cujo grau

²⁵ [T]he old statesman knows that society is fluid; there are no such roots and centres, but any particle may suddenly become the centre of the movement and compel the system to gyrate round it; as every man of strong will, like Pisistratus, or Cromwell, does for a time, and every man of truth, like Plato or Paul, does forever. But politics rest on necessary foundations, and cannot be treated with levity.

de exigência intelectual era extremo, demonstrava um olhar bem mais ácido sobre o sucesso da empreitada americana, posto que a ingenuidade, para ele, dominava a mente dos homens: “Uma nação de homens unidos na liberdade ou na conquista pode facilmente confundir a aritmética dos estatistas e realizar ações extravagantes, desproporcionais aos seus meios, como os gregos, os sarracenos, os suíços, os americanos e os franceses fizeram” (EMERSON, 2008, p225)²⁶.

A condenação taxativa das condutas típicas de seus compatriotas americanos não dava margens, entretanto, para que ele os excluísse do grupo seletivo de países que alcançaram grandes conquistas, e tiveram as suas histórias nacionais inseridas no percurso dos maiores acontecimentos históricos. Acontecimentos que se enfileiram num conjunto que vem desde os gregos, passando por Cromwell até a Revolução Francesa. Em suma, se, por um lado, o poeta e filósofo enxerga problemas da maior gravidade enraizados na natureza dos norte-americanos, paralelamente o autor não hesita em colocar lado a lado aos principais agentes históricos dos últimos séculos na Europa. É evidente que nenhum dos agentes responsáveis pela Independência das Treze Colônias poderia imaginar a extensão territorial e a influência que os EUA atingiriam, mas o seu intuito de definir-se como nação – por isso mesmo são chamados desde então de *Founding Fathers* – logo de início, com bases sólidas, e forte diferenciação do padrão europeu até aquele momento vigente, era não somente algo consciente, era igualmente uma necessidade indelével para que se alcançasse o tão esperado resultado de declarar, vencer, desvincular-se do Império Britânico e, posteriormente, sobreviver por conta própria, após a guerra contra aquele império.

²⁶ A nation of men unanimously bent on freedom or conquest can easily confound the arithmetic of statisticians, and achieve extravagant actions, out of all proportion to their means; as the Greeks, the Saracens, the Swiss, the Americans, and the French have done.

Observemos, em *MD*, que essa consciência imanente perpassava também o imaginário do período, como que numa espécie de aura intangível:

Há oitenta anos estava em Disputa
 A Questão da Divisa, irresoluta,
 Penns, Baltimores, morriam e eram nados,
 E os trâmites seguiam emperrados.
 Tem a causa de Maryland mais méritos,
 No entanto, Penn tem Amigos eméritos,
 Que na Corte reclamam cada Acre
 (Aposta-se, nos Clubes, mais no Quacre).
 Julguem Juízes, advoguem Advogados,
 Que um dia os Marcos hão de ser lançados,
 Pois é mais fácil Suínos voarem
 Que homens uma Linha não traçarem.
 Assim, aporta em Delaware um dia
 O sr. Mason e sua Maquinaria,
 E mais o sr. Dixon, de Falmouth vindo,
 Como se houvera uma chave os unindo,
 Para traçar na Terra essas Figuras
 Que lhes ensinam os Astros nas alturas.

– Timothy Tox, *A Linha* (PYNCHON, 1997, p.283)

Na sequência acima transcrita, a linguagem assume um tom poético, uma sequência com melodia épica e cuja musicalidade é evidente. Esse trecho embasa-se na figura fictícia de Timothy Tox, personagem cujo poema épico *Pennsylvanniad* seria obra fundamental, no imaginário do romance, que resumiria e representaria, em tom portentoso, o espírito do período. Esse trecho explana bem tanto nosso esforço de retomada histórica quanto a complexidade do romance. Além do trabalho singular com a variedade linguística oitocentista em terras americanas – que se dá ao luxo de flertar com variações de forma literária, somados a vocabulários e dialetos do período –, Pynchon reconstrói a História através de infundáveis relações ficcionais até ao ponto em que não é mais possível a uma mente comum desvelar onde se iniciam e onde terminam as ironias que ressignificam o registro dos fatos históricos. Para a crítica Elizabeth Hinds, o poema *Pennsylvanniad*, de Tox, seria uma paródia ou representação do panfleto oitocentista republicano *Columbiad*, de Joel Barlow; para o sítio *Pynchon Wiki: Mason & Dixon*, é uma sátira ao poema *The Sot-weed Factor or A Voyage to Marylandiad*, de Ebenezer Cooke,

colono que viveu na América e na Inglaterra e é a crônica das desventuras de um *emigré* inglês na colônia de Maryland²⁷. Essa releitura de Pynchon pode ser considerada uma espécie de metaficção ou uma das diversas passagens do romance em que ele questiona os limites existentes entre a mimeses literária e a História e quais os seus verdadeiros portavozes; pode ser considerada também o domínio sobre o discurso e a arte da linguagem ou, ainda, os limites da terra que seriam cicatrizes mal rascunhadas em papéis de homens nobres, ao invés da vivência *in loco* dos cidadãos comuns. Enfim, o embate entre o homem, a terra e o céu – a religiosidade aparece mencionada quando se refere a “o *quaker*”.

Porém, somadas todas essas hipóteses de leitura – às quais outras mais poderiam ser agregadas –, três pontos mostram-se indiscutíveis: em primeira instância, o autor Tox é um porta voz poético de uma terra que não mais é a Europa, mas uma outra, que procura se definir plenamente. Obviamente há dúvidas sobre os detalhes de sua total particularidade, sem duvidar que exista, contudo, um povo, uma terra e uma visão de mundo no novo continente. Em segunda instância, apesar de ter consciência de sua própria individualidade com algumas lacunas essenciais, a dúvida sobre a existência de um experimento novo, que se assemelhava a um povo particular, fica evidente, posto que esse novo homem nessa nova terra já é capaz de gerar literatura local de qualidade, como seus ancestrais europeus. Por fim, em terceiro lugar, destaque-se o tom de algo interminado, um esforço de construção, uma perspectiva sobre um futuro que se almeja; um *modus operandi* promissor, que permanece em estado de instauração e que demanda trabalho por parte do homem.

Esse espectro histórico no qual a definição cultural e a consequente busca pelo entendimento da independência dos Estados Unidos como espécie de *work in progress*

²⁷ Ver: <<http://masondixon.pynchonwiki.com/wiki/index.php?title=P>>. Acesso em 17 fev. 2017.

remete de modo preciso à maneira como Thomas Pynchon ambienta seu romance nos prelúdios da Revolução Americana, mais especificamente, no momento em que os britânicos Thomas Mason e Jeremiah Dixon viajam pelos até então territórios além mar do Império de rei George III, no continente americano. Essa relação com o passado aqui retomada possui dupla função. A primeira delas, a de afirmar que o entendimento dos fatos que compõem uma realidade em um determinado momento – como se observará ao abordarmos os mitos americanos reinventados – não se desvinculam de seu contexto. O simplismo do olhar, que tende a enxergar tudo somente pela esfera de rupturas, que interpreta as modificações do passado como frutos de diversas revoluções, as quais sempre ocorrem continuamente, não condiz com a realidade:

Por isso, é tolo tentar dividir as explicações históricas de eventos como a Revolução ou a elaboração da Constituição em escolas “ideológicas” ou “econômicas”. Idéias são essenciais para a nossa experiência. Eles são os meios através dos quais percebemos, entendemos, racionalizamos, julgamos e manipulamos nossas ações. Os significados que damos às nossas ações formam a estrutura do nosso mundo social. (WOOD, 2011, p.34)²⁸

A segunda função seria a de que Pynchon faz uso do passado para compreender o presente em seu romance pós-moderno, porque, ao voltar-se para o passado, reinterpretado para poder reavaliar como ocorreu a fusão de elementos tão distintos para a composição do que seriam os Estados Unidos, formados por uma gama gigantesca de colonos, de origens infindavelmente distintas, com interesses diversos e mesmo contraditórios, fruto de uma sequência de acordos e desavenças que culminaram num solo fértil para negócios e debates de ideias, que necessitavam de um recomeço ousado – o que reforça a teoria do surgimento do país como resultado de um *work in progress*. Walt Whitman, um dos

²⁸ Hence it is foolish to try to divide up historical explanations for events such as the Revolution or the making of the Constitution into “ideological” or “economic” schools. Ideas are essential to our experience. They are the means by which we perceive, understand, rationalize, judge, and manipulate our actions. The meanings that we give to our actions form the structure of our social world.

principais leitores e intérpretes dos EUA, capta e reafirma bem essa ligação norte-americana com um passado europeu próximo e com a inovação necessária para que se originasse uma experiência civilizatória nova, democrática, republicana e embasada teoricamente em ideais de liberdade, segurança, leis populares e igualdade de oportunidades – em que isso tornou-se avaliaremos no momento oportuno, agora o que se tem é esta imagem, em grande medida factual, de uma experiência de reinvenção dos moldes do Velho Mundo num contexto de desenvolvimento da Terra Nova, que lembra seu passado. Para readequá-lo a novos tempos e novos homens:

A América não repele o passado, nem o que o passado produziu sob suas formas ou em meio a outras políticas, ou a ideia de castas ou as velhas religiões – aceita a lição com calma – não é impaciente porque a lama ainda adere a opiniões e maneiras na literatura, enquanto a vida que serviu às suas exigências passou para a nova vida das novas formas – percebe que o cadáver nasce lentamente a partir dos quartos de comer e de dormir da casa – percebe que espera um pouco na porta – que era mais apropriada para seus dias – que sua ação desceu para o herdeiro mais confiável e melhor formado que se aproxima – e que ele deverá ser mais adequado para seus dias. (WHITMAN, s/d, p.971)²⁹

O que significava para Pynchon, no entanto, essa tendência de formação de algo novo? Como o autor representa essa terra nova de que trata Whitman e enxerga o que dela foi feita? Quais as esperanças que havia para os colonos e o que de fato alcançaram? Como foram o Paraíso e o Adão americanos? O que, afinal, está retratado em *MD* a partir desse arcabouço histórico que até aqui retomamos? Tentaremos responder a seguir.

²⁹ America does not repel the past, or what the past has produced under its forms, or amid other politics, or the idea of castes, or the old religions – accepts the lesson with calmness – is not impatient because the slough still sticks to opinions and manners in literature, while the life which served its requirements has passed into the new life of the new forms – perceives that the corpse is slowly borne from the eating and sleeping rooms of the house – perceives that it waits a little while in the door – that it was fittest for its days – that its action has descended to the stalwart and well-shaped heir who approaches – and that he shall be fittest for his days.

1.2 O futuro da independência individual e o Adão americano desinteressado

Um dos elementos mais peculiares e debatidos deste início de nação os Estados Unidos foi a possibilidade de homens de múltiplas habilidades e conhecimentos diversificados surgirem, não apenas como reflexo de uma sociedade em que os desenvolvimentos humano e técnicos cresciam em profusão bastante destacável, com avanços tecnológicos importantes e dentro de uma mentalidade que fomentava as colônias como terra de oportunidades. A liberdade individual difundida como nunca dantes, aliada a um crescimento econômico invejável para uma colônia da época, criavam um clima de enaltecimento das características que se projetariam no próprio homem novo, um ser tomado por possibilidades intelectuais diversificadas e diferenciadas.³⁰

Esse pensamento do homem diferenciado, do Adão na terra de oportunidades seria desenvolvida e atingiria o ápice no período do Renascimento Americano, com Whitman e Melville. Ahab e os diversos poemas de *Folhas de relva* expõem a excêntrica, extrema e heróica figura do homem que tudo pode e que construiria uma terra grandiosa com as próprias mãos. Como amostra desse pensamento, tomemos um poema de Whitman que canta, de modo singular, tanto o questionamento do olhar reducionista do historiador quanto a materialização do entendimento dos EUA sobre a sua posição global como potência continental que reiventa as bases sociais para o futuro:

Para um historiador

Você que celebra o que se foi,
 Que tem explorado a face externa, a superfície das raças, a vida
 que exhibe a si mesma,
 Que tem tratado o homem como uma criatura de política, agregados,

³⁰ Por exemplo, a figura histórica de Benjamin Franklin como protótipo do homem moderno americano, intelectual, cientista, inventor, homem de negócios, senhor de terras, escritor, e assim por diante. Ele seria um exemplo emblemático de uma ideia divulgada na época, uma aspiração a que todos habitantes poderiam almejar. Isso é estudado na biografia recente de Walter Isaacson, *Benjamin Franklin – uma vida americana*, não é à toa que Benjamin Franklin aparece no enredo de *MD* como um homem diferenciado e peculiar, apesar do tom de estranheza que ronda a figura mítica de Franklin.

legisladores e sacerdotes,
 Eu, habitante dos Alleghanies, falando dele tal como ele é em si
 e legitimamente,
 Espremendo o sumo da vida que poucas vezes se mostra (o
 grande orgulho do homem em si mesmo),
 Cantor da Personalidade, esboçando o que ainda será,
 Projeto a história do futuro.³¹

O olhar oficial pode questionar o valor do passado com saudosismo (“Você que celebra o que se foi”), mas os tempos outros, os homens exploram coisas novas, enaltecem a ideia de vida e não se limitam a serem seres políticos, religiosos ou sob regras impostas estanques (“Que tem explorado a face externa, a superfície das raças, a vida / que exhibe a si mesma,/ Que tem tratado o homem como uma criatura de política, agregados,/ legisladores e sacerdotes,”). O momento não era o de relembrar o passado com devoção, mas o de saldar os tempos futuros na terra à qual o futuro parecia reservado (“projeto a história do futuro”). Seguindo essa linha interpretativa de Whitman, que é o ponto histórico de ápice do que se engendra nas lendas da Independência, compreendemos, de modo mais preciso (e torna-se interessante destacar) um aspecto no enredo de Pynchon, em princípio, para que consigamos analisar as interpretações que o autor fará a respeito dos mitos de fundação americanos: é preciso entender que a narrativa, apesar de situada no passado, projetava um futuro. Como na primeira parte deste capítulo tentou-se sucinatamente explicar, o tempo em que se passa o enredo do romance representa uma crença no futuro da nação e numa espécie de desenvolvimentismo, porque o intelecto humano do período, sobretudo o das ciências, crescia enormemente, e locais progressistas como os Estados Unidos da América eram o palco perfeito para que se proliferassem os ganhos

³¹ To a Historian// You who celebrate by-gones,/ Who have explored the outward, the surfaces of the races, the life that has exhibited itself,/ Who have treated of man as the creature of politics, aggregates, rulers and priests,/ I, habitant of the Alleghenies, treating of him as he is in himself in his own rights,/ Pressing the pulse of life that has seldom exhibited itself, (the great pride of man in himself,)/ Chanter of Personality, outlining what is yet to be,/ I project the history of the future (WHITMAN, s/d, p.11). WHITMAN, Walt. *Folhas de relva*. Edição do leito de morte. Org. e trad. Bruno Gambarotto. São Paulo: Hedra, 2011, p. 27. Todas citações de poemas de Whitman são desta edição, doravante indicadas por parentético número de página.

naturais das grandes empreitadas humanas de exploração da terra e crescimento urbano. Paralelamente, a narrativa desenvolvida não é nem um pouco confiável, pois Cherrycoke – apesar de seus saberes enciclopédicos – é um personagem controverso, contradiz-se constantemente (põe em dúvida a si mesmo, expressamente) e há evidentes ironias que mostram seu ceticismo sobre os acontecimentos – sejam eles ficcionais ou históricos.

A ironia a respeito dos mitos fundadores dos EUA advém justamente da reinvenção crítica e cética quanto aos ganhos desse futurismo desenfreado, que dominava o pensamento vigente no período em que a Linha Mason-Dixon era traçada. A propósito disto, o crítico Thomas Schaub, que estudou a ideologia no período de *MD*, em seu texto “Plot, Ideology and Compassion in *Mason & Dixon*” faz a seguinte observação:

Em *Mason & Dixon* Pynchon anatomiza esta nação à véspera de sua fundação. Como outros romancistas e historiadores, ele identifica uma estranha mistura de racionalismo filosófico, desejo espiritual e capacidade econômica no salmagundi³² americano. Mas se concentra unicamente no levantamento topográfico da Linha Mason-Dixon como símbolo e índice das forças que se tornariam a América. Como os cabalistas na taberna chamada Rabi de Praga, ele vê que a obra de Mason e Dixon pode ser lida, na sua cartografia em direção ao oeste, “tal como uma Linha de Texto sobre uma Página da sagrada Torá – uma Escritura Telúrica”. Assim como os cabalistas procuram significados místicos sob significados superficiais, Pynchon distingue, na linha que se dirige para o continente, uma série de indícios portentosos sobre o futuro da nação cujo nascimento, à medida que os topógrafos anotam suas observações, avoluma-se no horizonte histórico. (BLOOM, 2003, pp262/263)³³

De modo semelhante a como estipulou-se aqui anteriormente, o trabalho de Thomas Pynchon é intencionalmente um exercício de desconfiança e reescritura dos horizontes históricos, cujas bases racionais e científicas firmes são mera aparência. Melhores ainda são as afirmações contidas na própria obra, que confirmam esse olhar metaficcional que desconfia da oficialidade da História documental e que, igualmente, põe em dúvida o

³² Salmagundi é uma salada originada na Inglaterra do século XVII, feita de carnes cozidas, frutos do mar, vegetais, frutas, folhas, castanhas e flores, temperada com óleo, vinagre e especiarias.

³³ In *Mason & Dixon* Pynchon anatomizes this nation on the eve of its founding. Like other novelists and historians, he identifies a strange mix of philosophical rationalism, spiritual yearning, and economic capacity in the American salmagundi. But uniquely he settles on the surveying of the Mason-Dixon Line as symbol of and index to the forces that would become America.

trabalho dos narradores em se afirmarem como porta vozes de verdades ou certezas sobre os fatos narrados. Ao contrário, um dos maiores esforços de Pynchon é o de reiterar constantemente que os personagens responsáveis por contar o enredo querem perturbar e gerar dúvidas sobre as ações e a História, jamais resolver as pontas soltas ou criar um discurso monotonal definitivamente “verídico”. Pelo contrário, seu interesse está muito mais situado nos esforços de construção de polifonias propagadas e interseccionadas *ad eternum*, como se este fosse o único método honesto – ainda que deveras complexo – de se representar quaisquer fatos, dentro ou fora da ficção romanesca.

Para nosso autor, o entendimento histórico transcende e muito o mero exercício de organização em cronologia realizado por cientistas da História. No entendimento de *Mason & Dixon*, a única forma reconhecível de História seria a sua vivência pragmática, pois ela só existe no cotidiano, nas práticas comuns que se acumulam no imaginário e se reconhece nos hábitos. A História é memória popular e, por isso mesmo, pertence àqueles que a vivem, aos povos que podem relembrar fatos que são aglutinadamente constituídos por lembranças e memórias. A única linha que mantém a ordem da existência é a que nos une como seres humanos em convivência social e cultural na prática diária³⁴. O discurso oficial é o que gera a desordem e o caos, pois conspurca a única verosimilhança possível, que é transitória, múltipla e variável. A única realidade seria a que remonta a

³⁴ Como veremos no Capítulo 2, essa práxis da memória é executada através da memória da violência, da carnificina, na execução de massacres e escarpelamentos em massa, isto é, a dinâmica dos fatos históricos existe, contudo, resume-se à selvageria desmedida, o que torna o romance de Cormac McCarthy uma condenação total da dinâmica que relaciona americanos à sua memória, posto que a única coisa a ser lembrada é o caos da falência das relações humanas. Por outro viés, no terceiro capítulo, um dos principais *modus operandi* do romance de Philip Roth, que será analisado, é a tentativa de resgate da memória perdida, em que personagens desintegrados em uma vivência cotidiana sem sentido assassinam a sua convivência humana histórica e comprometem essa união mnemônica, que permite aos indivíduos reconhecerem-se como seres humanos, como parte integrante de uma comunidade de semelhantes. Ou seja, o desenvolvimento da violência potencial em *Mason & Dixon* atinge o ápice em *Blood Meridian* e deixa apenas a terra arrasada das relações humanas, que foram aparentemente reconstituídas, após séculos de lutas, depois do Holocausto, mas que são esquecidas depois da *American Golden Age* do século XX, e que Zuckerman tenta desesperadamente resgatar em *American Pastoral*. Nesse sentido, é interessante perceber este que é um dos eixos norteadores de nossa leitura, no qual *MD* expõe a importância humanizadora da memória, *BM* descreve com brutalidade a morte da humanidade (e, conseqüentemente, da memória), e *AP* retrata a luta contra o esquecimento (o resgate da memória). Isto será em parte exposto nos capítulos subsequentes, e, posteriormente, debatido nas Considerações Finais.

linhas de recordação de uma “destinação em comum” e que nos remetem a um “desvanecimento em profundezas mnemônicas”. Nesse sentido, a perspectiva social vivenciada por Whitman do Adão americano de possibilidades imensuráveis, como se todo indivíduo possuísse em si um gérmen da genialidade de Benjamin Franklin, contrapõe-se à ideia pré-estabelecida de uma história pré-definida, ou controlada pelo olhar puramente racional. A História era vivida e construída pelos Adãos que habitam a terra, sentida como o poeta que escreve e reescreve as *Folhas de relva*. A aparente perda de razão é a única razão possível na História. Logo, o historiador seria o homem destinado a procurar a Verdade nas coisas, mas por prudência ele jamais deveria tentar verbalizá-las. Esse trabalho pertence – deve pertencer – aos romancistas ou aos contadores de histórias, como Cherrycoke:

Fatos não passam de Brinquedos de advogados, – Piorras e Arcos sempre a rodopiar... O Historiador, porém, não se pode permitir um tal Rodopio ocioso. A História não é Cronologia, a qual entende ao Advogados, – nem é Memória, pois a Memória ao Povo pertence. À História é vedado tanto aspirar à Veracidade daquela quanto ao Poder desta, – seus Praticantes, para sobreviver, em pouco tempo têm de aprender as artes do mexeriqueiro, do Espia e do Galhofeiro de Taverna, – para que haja para sempre mais que uma única linha vital nos unindo a um Passado em que arriscamos a cada dia perder nossos ancestrais para sempre, – não uma Cadeia de Elos únicos, pois que um único Elo quebrado poderia nos pôr todos a perder, – e sim um grande e confuso Emarranhado de Linhas, compridas e curtas, fracas e fortes, desaparecendo nas Profundezas Mnemônicas, tendo em comum apenas o mesmo Destino.

– Rev^{do} Wicks Cherrycoke, O Cristo e a História.

“Ora”, insiste tio Ives, “examinam-se os dados. Os testemunhos. Toda a Verdade. Pelo contrário! Pode ser o dever de todo Historiador dizer a Verdade, e no entanto estar ele obrigado a fazer tudo de que é capaz no sentido de não dizê-la.” (MD 381)

Nesse aspecto, há que se pontuar – apesar de não ser este o enfoque desta pesquisa, o que não nos permitirá aprofundar nesta abordagem –, a existência da metaficção historiográfica em *MD*. Se todos os fatos ficcionais contidos no romance têm uma relação mais ou menos direta com os fatos históricos, o que obriga esta pesquisa a retomá-los para que possa ser feita a análise consistente da releitura dos mitos americanos, é preciso compreender, em concomitância, que tudo serve a um propósito metaficcional. Nenhum dos

elementos encontrados em *MD* – a metalinguagem e a reconstrução linguística do inglês; eventos como a definição da Linha Mason-Dixon ; personagens como Charles, Jeremiah e Benjamin Franklin; os hábitos do período e os debates filosóficos da época; os avanços das ciências e a profusão de da intelectualidade britânica; o enriquecimento, a diversidade e a vastidão das Treze Colônias – está desvinculado de um projeto metaficcional. O crítico Copestake, inclusive, pontua que um romance com as características monumentais de *MD* e que tem como fundamento também a referencialidade histórica, inevitavelmente recorrerá à elaboração definida por Linda Hutcheon como meta-ficção historiográfica, pois em:

Mason & Dixon, Thomas Pynchon construiu um poderoso e ideológico artefato pós-moderno, que se enquadra na categoria literária que, há alguns anos, Linda Hutcheon chamou de “metaficção historiográfica”. Ou seja, *Mason & Dixon* é um romance em que recursos metafictoriais, indiciando a qualidade auto-referencial da linguagem, sistematicamente apagam qualquer possibilidade de basicamente se acreditar na objetividade dos acontecimentos históricos que o livro alegadamente relata: desta forma, episódios que – de uma postura humanista e newtoniana – os leitores qualificariam como como fantásticos ou irrealistas (o Sábio Cão Inglês, o pato autômato, o homem castor, etc.), adquirem o mesmo *status* epistemológico que os outros eventos históricos relatados na história (incluindo a desobstrução da própria Visto ou a própria existência dos protagonistas). A propensão humana a narrativizar a realidade é, portanto, a barreira intransponível da nossa necessidade de conhecer o real histórico, mas também se torna, nas mãos de Pynchon, uma força libertadora paradoxal, que ajuda o leitor a duvidar e investigar o discurso oficial ou histórico da autoridade. (COPESTAKE, 2003, p.71)³⁵

O trabalho do autor, nesse sentido, é aparentemente inesgotável. Há mais de uma página na Internet dedicadas exclusivamente à tentativa de catalogação de todas as referências históricas e culturais que aparecerem no romance *MD*. As referências são inúmeras, e todas, de fato, parecem estar embasadas em uma materialização desse projeto monu-

³⁵ *Mason & Dixon* Thomas Pynchon has built a powerful and ideological postmodern artifact that fits into the literary category that, some years ago, Linda Hutcheon called “historiographical metafiction”. That is to say, *Mason & Dixon* is a novel where metafictional devices, by pointing out the self-referential quality of language, systematically erase any possibility of ultimately believing in the objectivity of the historical events that the book allegedly reports: in this way, episodes that – from a humanist and Newtonian stance – readers would have qualified as fantastic or unreal (the Learned English Dog, the automaton duck, the beaver-man, etc.), acquire the same epistemological status as those other historical events that are reported in the story (COPESTAKE, 2003, p.71).

mental de Thomas Pynchon, que levou décadas para ficar pronto. Entre a edição de *Gravity's Rainbow* (1973) e *Mason & Dixon* (1997) houve a publicação intermediária de *Vineland* (1990), mas sabe-se que o autor já trabalhava em *MD* desde o encerramento de 1973, o que seria um espaço de 24 anos de pesquisa e escrita do romance.³⁶

Dentro desse projeto de gigantescas e enciclopédicas proporções, temos o trabalho com diferentes mitos americanos de sua fundação, dentre eles podemos constatar em mais de uma passagem a referência adâmica. Do homem e como ele se sente ao chegar e habitar a Terra Nova que lhe estava disponível. Numa dessas passagens temos a seguinte sequência:

“Trazem-me uma boa”, murmura Mason, “e quem sabe eu me abstenho de me matar.” No entanto, movido por um vago sentimento de Dever para com seus Sentidos, logo ele segue em direção à Feira, com passo arrastado, a bocejar ao sol, e lá contempla as Montanhas de Frutas, que parecem ter todas amadurecido no mesmo instante, – causando certo Pânico, pois há que colhê-las todas em pouco tempo nos Pomares e trazê-las asinha à Cidade, para amontoá-las desse modo, onde aguardam ser pegas e avaliadas, tal como faz o Reverendo Wicks Cherrycoke quando eles chegam. “Bons ventos, Senhores! Que bela manhã! Têm-se a sensação que terá tido Adão, – ou, melhor ainda, Eva.” “Hei de matá-lo agora”, declara Mason. “Eh, vem cheirar esta aqui, Mason, – não é uma beleza?” (*MD* 94)

Nessa cena, Mason – sempre bastante exaltado e passional – está irritado com as dificuldades da viagem, pois tinha muitas dúvidas e questionamentos quanto à viagem e à demarcação da linha, no entanto o personagem está cantando as glórias locais, a beleza natural, a magnificência da terra vasta, as montanhas, os frutos, um ambiente de fornecimento de prazeres e paz. Por fim, a analogia torna-se inevitável: os homens ali sentiam-se, naquele momento de gozo contemplativo, como Adão sentiu-se no Paraíso. Talvez, ele chega a dizer, acreditando que a possibilidade fosse melhor ainda, como Eva se sentiu,

³⁶ Como revelam cartas do autor publicadas por seu agente, conforme divulgado em matéria do *New York Times*: <<http://www.nytimes.com/1998/03/04/books/pynchon-s-letters-nudge-his-mask.html>> Acesso em 22 jan. 2017.

numa evidente piada de humor profano, pois Eva, diferentemente de Adão, rendeu-se mais aos prazeres do paraíso, inclusive aqueles proibidos. Mason mantém a sua fúria inicial, ao passo que Dixon o dissuade, dizendo-lhe que desse razão às palavras proferidas, a Beleza da terra era verdadeiramente estonteante, bem como os prazeres ali disponíveis.

A figura de Adão em *MD* remete ao Adão original dos EUA, aos primeiros colonos cujo desenvolvimento atinge o ápice na sociedade que estava às prévias da delimitação que seria feita por Charles e Jeremiah. A sociedade pré-Revolução de 1776 é o espelho dos filhos diretos dos Adões desbravadores originais que, vindos da Inglaterra, iriam semear a terra nova e constituir – longe da opressão e dos conflitos britânicos, que se desdobram em uma série de conflitos internos e externos de enormes proporções: as guerras de anos contra a França, a Espanha e a Holanda, desde a Era Tudor – num novo ambiente de paz, harmonia, igualdade e, sobretudo, liberdade. Como referido logo na primeira parte deste capítulo, a intelectualidade pré-iluminista e iluminista britânica e parte do Iluminismo francês serviram de material acumulado de saberes que embasaram as formulações intelectuais dos pais fundadores, os *founding fathers* da nova nação: Benjamin Franklin, Thomas Jefferson, John Adams, Alexander Hamilton, John Jay, George Washington, Patrick Henry, Thomas Paine e outros, todos preocupados em definir os valores do homem que iniciaria uma nova nação, e, dentre esses valores, o destaque maior para o conceito, até mesmo a figura da liberdade individual. Num de seus poemas, Whitman escreve sobre essa perspectiva:

De um alguém eu canto

De um alguém eu canto, de uma pessoa elementar, isolada,
E, no entanto, pronuncio a palavra Democracia, a palavra En-Masse.

Da fisiologia dos pés à cabeça eu canto,
Nem a fisiologia sozinha nem o cérebro sozinho tem valia para a Musa,
digo a completa Forma tem muito mais valia,

Da Mulher em igualdade com o Homem eu canto.

Da Vida imensa em paixão, pulso e poder,
Com alegria, pela mais livre ação concebida sob as divinas leis,
Do Homem Moderno eu canto. (p.25)³⁷

O poeta canta os benefícios do “One-Self”, o ser terreno supremo, aquele que possui identidade individual, única e inconfundível – é o triunfo, na visão whitmaniana, da fisiologia completa do ser que habita as terras novas por meio da filosofia do “Eu”, mas nunca um Eu preconceituoso ou excludente. Se o seu palco é a democracia, nele, por isso, estão homens e mulheres em pé de igualdade. Assim, levando-se em conta a condição do próprio Whitman e sua vida e reflexões sabidamente relacionadas à homossexualidade, poder-se-ia inclusive considerar (possivelmente *avant la lettre*), que o poeta estaria propondo e talvez defendendo também a ideia da liberdade sexual e de identidade de gênero, a liberdade em nível carnal, já que, se retomamos a citação anterior de Pynchon, ali todos eram como Adão e “até melhor, como Eva”. O que é cantado por Whitman, portanto, é o Eu humano, o eu da humanidade moderna e do homem democrático, o homem do futuro, o homem que ainda sofre influências divinas, mas está livre, em sociedade, para ser o que quiser, e, acima de tudo, um homem livre para gozar dos prazeres de uma independência individual sem precedentes na História. Esse era o ser humano cantado por Whitman e essa era a imagem do homem novo, o Adão liberto em terras americanas: a reinvenção do conceito político e social de humanidade.

Dentro da releitura, destaca-se o entendimento da sociedade como uma sociedade subjugada pela monarquia, que seria libertada por um novo conceito de individualidade democrática. É claro que no período da demarcação da linha de Mason e Dixon, a Revo-

³⁷ One's-Self I Sing// One's-self I sing, a simple separate person,/ Yet utter the word Democratic, the word En-Masse./ Of physiology from top to toe I sing,/ Not physiognomy alone nor brain alone is worthy for the Muse, I say the Form complete is worthier far./ The Female equally with the Male I sing./ Of Life immense in passion, pulse, and power,/ Cheerful, for freest action form'd under the laws divine./ The Modern Man I sing” (WHITMAN, s/d, p.7).

lução Americana ainda não havia ocorrido. No entanto, ela ocorreria dentro de menos de uma década, e a narrativa de *Cherrycoke*, no romance, desenrola-se em fins da década de oitenta, no século dezoito, quando já haviam sido consolidadas a democracia e a independência dos EUA. Ao longo do romance, muitas das referências de que Pynchon fez uso demonstram que um entendimento comum da sociedade baseada numa busca pela felicidade além mar e pela liberdade individual já se firmara no imaginário dos colonos da época no continente americano. Esse tipo de afirmação não está calçada em interpretações apenas subjetivas, pois historiadores como Gordon Wood, especialista no período colonial e pós-Independência dos Estados Unidos, destaca que a necessidade de desligamento da Metrópole Inglesa era forçosa, que a comunhão e busca por homogeneidade social nos EUA eram prerrogativas inequívocas e que a vida intelectual fora formada por uma longa linhagem de pensadores, até ser condensada e organizada de modo pleno com os *Federalist Papers* entre 1787-1788 – período quase idêntico ao do começo da narrativa de *Cherrycoke*:

Nossa vida intelectual é feita de esforços para que pessoas aceitem os diferentes significados de nossas experiências – em suma, é tentar modificar a cultura. Os desafios são sempre enormes, porque as ações as quais não podemos tornar significativas – não as podemos fazer ser concebidas, racionalizadas, legitimadas ou persuadir outras pessoas a aceitarem-nas – nós, em certo sentido não podemos superar. [...] Foi certamente isso o que aconteceu com os argumentos dos Federalistas em 1787-1788. Eles encaravam a difícil prova de justificar o seu novo e forte movimento nacional de governo na iminência de ambos temores americanos enraizados de se afastarem do poder central e a teoria tradicional que firmava que repúblicas tinham de ser pequenas em tamanho e homogêneas em caráter. (WOOD, 2011, p.34/35)³⁸

³⁸ Our intellectual life is made up of struggles over getting people to accept different meanings of our experiences – in effect, trying to change the culture. The stakes are always high because actions that we cannot make meaningful – cannot conceive of, rationalize, legitimate, or persuade other people to accept – we in some sense cannot undertake. [...] This is certainly what happened with the arguments of the Federalists in 1787–1788. They were faced with the difficult task of justifying their new and strong national government in the face of both deeply rooted American fears of far-removed central power and the traditional theory that held that republics had to be small in size and homogeneous in character.

O Adão americano era um ser que habitava uma espécie de protótipo de paraíso e que disporia de ferramentas como poucos para o estabelecimento de uma sociedade igualitária e livre de maiores exclusões, pois seria uma terra de oportunidades e inovações. Pode parecer contraditório como uma sociedade que parte de premissas de afirmação do Eu egóico – como observou-se em Walt Whitman – poderia almejar uma sociedade igualitária e diversificada. Onde estaria a beleza de uma sociedade que canta até mesmo em sua alta poesia a autossuficiência e os valores do individualismo? A esse respeito há duas observações que precisam ser feitas, para que se compreenda a ironia e a lógica da leitura desenvolvida por Thomas Pynchon sobre o Adão norte-americano.

Em primeiro lugar, o conceito do período de relação social era embasado no chamado *Disinterestedness* ou, como Tocqueville o chamará, décadas mais tarde, *intérêt bien-entendu* (a que retomaremos no Capítulo III desta tese, quando analisarmos um romance de Philip Roth). Esse conceito não é o de cidadãos se manterem desprovidos de quaisquer interesses sociais; ao contrário, provém de um conceito clássico de auto-sacrifício, através da própria vivência cotidiana, que já deve ser permeada em suas ações diárias e comuns, de um pressuposto de contribuição individual para o perfeito funcionamento do *corpus* social, haja vista que não é nem concebível que se possa imaginar um indivíduo literalmente autossuficiente. Isto quer dizer que cada cidadão, por mais individualmente que se possa concebê-lo, pertence a um contrato social imanente. É preciso lembrar que a influência de John Locke (1632-1704) – com seus *Ensaio sobre o entendimento humano* (1689), *Cartas acerca da tolerância* (1689-1692) e *Dois tratados sobre o governo civil* (1690) – já havia definido àquele momento tanto as bases para o contrato social nos moldes da sociedade civil britânica, quanto havia confirmado essa ideia ao nomear o Capítulo XXVII do Livro II de seu principal ensaio sobre o entendimento humano como

“Da identidade e diversidade”³⁹, e o filósofo o faz justamente com uma analogia entre o átomo – como partícula indivisível – e a sua participação para a coesão das massas de átomos que compõem a matéria de todas coisas. Por sua vez, o indivíduo seria a parcela autônoma que comporia e auxiliaria a estruturar, organizar e sustentar a sociedade geral pela “organização funcional” da comunidade. Cada indivíduo cumprindo a sua função com responsabilidade, competência, e dentro da legalidade, inerentemente está cumprindo a sua parte para que exista um equilíbrio social igualitário.

Locke foi apenas um dos vários pensadores que influenciaram os *Founding Fathers* e a sociedade norte-americana. Vários outros pensadores, como David Hume (1711-1775) em seu *Estudo sobre pensamento humano*; Samuel Johnson (1709-1784) e sua interpretação sobre a necessidade de equilíbrio entre colônias e povos dominantes; Adam Smith (1723-1790) e as bases da economia do capitalismo, dentre outros, deram todo o estofamento necessário para que a filosofia do desinteresse se estabelecesse e influenciasse a formação da sociedade norte-americana, pois o desinteresse, é compreendido como a não necessidade de preocupação específica com a igualdade social, pois a própria formulação conceitual apriorística da sociedade está fundamentada numa estrutura imanente – em parte, liga-se ao conceito de “mão invisível”, de Adam Smith, quanto ao mercado – que garante a coesão. Nessa perspectiva histórica, por exemplo, Gordon Wood resume muito bem o princípio do desinteresse sócio-filosófico na América inglesa:

Desinteresse foi o termo mais comum que os fundadores utilizaram como sinônimo para o conceito clássico de virtude do auto-sacrifício; ele era o que melhor expressava os riscos do interesse que a virtude parecia crescentemente encarar na rápida comercialização do Século XVIII. Dr. Johnson definiu o desinteresse como sendo “superior para recordar a vantagem do que é privado; não influenciado pelo lucro privado,” e era isto que os fundadores queriam dizer ao utilizar o termo. [...] No século XVIII o mundo dos cavalheiros anglo-americanos acreditavam que somente indivíduos independentes, livres de laços de interesse e sem mestres que lhes pagassem, poderiam praticar tal virtude. [...] Adam Smith em seu *A riqueza das nações* (1776) pensou que pessoas ordinárias num mundo moderno comercial

³⁹ LOCKE, John. *Ensaio sobre o entendimento humano*, São Paulo: Abril Cultural, 1979.

complexo estavam deveras engajados em suas ocupações e fazendo dinheiro para serem capazes de fazer julgamentos imparciais sobre interesses e ocupações variadas de sua sociedade. (2006, p.16)⁴⁰

Em segundo e último lugar, precisamos compreender como a ironia de Thomas Pynchon aborda esse Adão desinteressado, que se afirmava naquele período. Podemos avaliar aqui uma cena extremamente importante do romance, a partir de uma interpretação de Justin M. Scott Coe, em artigo que se encontra numa das obras mais detalhadas sobre *MD*, “The Multiple Worlds of Thomas Pynchon’s *Mason & Dixon*”⁴¹, que chega a conclusões semelhantes à deste trabalho sobre a ironização do Adão no Paraíso da América. O crítico interpreta a cena sobre a ilha de St. Helena como uma amostra da interpretação feita por Pynchon, que subverte os conceitos de Paraíso e de Adão contidos num possível perspectiva idealizada:

O vilarejo de Santa Helena simboliza a loucura e a escuridão do passado da ilha: Um lugar muito pequeno fixado ao extremo de um interior que deveria ser reconhecido como parte do Outro Mundo. Nenhuma mudança ali era gradual, eventos aconteciam repentinamente. Todas as distâncias são vastas. O vento era puro e brutal, está lá por suas razões próprias, e a vida humana, qualquer vida, é quase inexistente. (107) A ilha é descrita como um paraíso perdido, governado pela serpente, o “grande verme da escravidão” (147) que “Quem comanda a ilha, cuja antiga maldição e nome secreto, é desobediência”. (135) (COE, 2005, p.155)⁴²

⁴⁰ *Disinterestedness* was the most common term the founders used as a synonym for the classical conception of virtue or self-sacrifice; it better conveyed the threats from interests that virtue seemed increasingly to face in the rapidly commercializing eighteenth century. Dr. Johnson had defined disinterested as being “superior to regard of private advantage; not influenced by private profit,” and that was what the founders meant by the term.

[...] In the eighteenth-century Anglo-American world gentlemen believed that only independent individuals, free of interested ties and paid by no masters, could practice such virtue. [...] Adam Smith in his *Wealth of Nations* (1776) thought that ordinary people in a modern complicated commercial society were too engaged in their occupations and the making of money to be able to make impartial judgments about the varied interests and occupations of their society.

⁴¹ In: HINDS, Elizabeth Jane Wall, Ed. *The Multiple Worlds of Pynchon’s ‘Mason & Dixon’: Eighteenth-Century Contexts, Postmodern Observations*. Rochester, NY: Camden House, 2005, p.147-170.

⁴² The town of St. Helena symbolizes the madness and darkness of the island’s past: A very small town clings to the edge of an interior that must be reckoned part of the Other World. No change here is gradual, – events arrive suddenly. All distances are vast. The Wind brutal and pure, is there for its own reasons, and human life, any life, counts for close to nought. (107) The island is described as a lost Paradise, beholden to the Serpent, the “great Worm of Slavery” (147) that “Rules the Island, whose ancient Curse and secret Name, is Disobedience” (135).

A ilha é representação de uma projeção de perfeição terrena. A natureza e seus elementos são situados numa espécie de estado original, no qual os princípios de existência parecem ingênuos e brutais – como a própria natureza – a força dos elementos difere do mundo europeu original e a vida desenvolve-se de maneira muito diferente daquela do contexto de onde se originam Charles Mason e Jeremiah Dixon. Esse paraíso, em que o conceito de pecado depende da influência da serpente, é relativo. Há um nome secreto de Desobediência que paira sobre a Ilha. Coe nada trata a respeito dessa nomeação, mas parece-nos que se pode estabelecer aqui uma evidente amostra de intertexto com a teoria de Henri David Thoreau (1817-1862) e seu famoso conceito de *Civil Disobedience*⁴³, que iria influenciar alguns dos princípios mais caros à sociedade americana, desde sua Independência, a legitimação de uma teórica desobediência, dependendo das circunstâncias de como o governo agisse em relação à sua população⁴⁴. É preciso lembrar que, logo em seu princípio, a Carta de Independência dos Estados Unidos contém a ideia de que é uma “verdade autoevidente” o fato de que uma sociedade esmagada por seu governo tem o direito de contra ele se rebelar. Assim, se essa parte deste nosso primeiro capítulo remete ao contexto do Adão americano em liberdade individual política, o intertexto parece mais que oportuno e coerente. A desobediência pode ocorrer numa sociedade que prima pelo desinteresse harmônico e não pelas imposições de qualquer governo. O historiador Robert Middlekauff, em seu estudo sobre o período, detalha com consistência esse aspecto político-social:

⁴³ No início de 1848, no Liceu Concord, em Concord, Massachusetts, Thoreau deu palestras sobre “Os direitos e deveres do indivíduo em relação ao governo”, para explicar sua resistência em pagar impostos que seriam usados, segundo ele, no financiamento da guerra contra o México, a que ele fortemente se opunha. Isso lhe custou alguns dias na prisão, sendo solto depois que um parente pagou, contra sua vontade, os impostos devidos. Thoreau revisou as palestras dadas anteriormente e transformou-as em um ensaio, “Resistência ao governo civil”, publicado na revista *Aesthetic Papers*, em maio de 1849 e universalmente conhecido como “Desobediência civil”.

⁴⁴ Retomaremos parcialmente essa ideia no Capítulo 3, em que serão discutidas as razões pelas quais Meredith, filha de Seymour “Swede” Levov, também pratica, com trágicas consequências, sua particular ‘desobediência civil’.

Falando de modo geral, essa teoria do partido constitucionalista descreveu dois tipos de ameaças políticas à liberdade: uma decadência moral geral das pessoas que atraíam a intervenção nos legisladores maléficos e despóticos; e a invasão da autoridade executiva sobre a legislatura; e atentar para esse poder sempre estar subjugado à liberdade protegida pelo poder misto. (*The glorious cause*, n.d., p.154)⁴⁵

Por sua vez, Justin Coe acrescenta que a mentalidade dos amigos astrônomos fosse talvez por demais ingênua para perceber os perigos, os equívocos e as carências do processo de ocupação do novo paraíso. Pois, ao mesmo tempo que o local era paradisíaco, ele era semi-diabólico aos olhos dos europeus. Para Coe, os arquétipos cristãos não deixam claros se o trabalho com a hiperliberdade encontrada na Terra Nova era um aspecto de ampliação das liberdades e, portanto, se seria algo positivo, ou se há um tom condenatório, em função de a terra ser pecaminosa, posto que não dispunha das mesmas amarras sociais que a cultura tradicional inglesa há séculos cultivava. Em *MD*, o Adão norte-americano está inserido numa abordagem que discute e expõe como os valores inovadores da época que precedem a Independência eram, às vezes, mal interpretados por parte dos colonos, normalmente uma parcela da sociedade incapaz de reconhecer os méritos das inovações trazidas pelo novo homem. As ideias que foram colocadas em prática estavam há algumas décadas ou mesmo séculos na cultura britânica, mas suas vivências eram experimentadas em grande medida pela primeira vez, isso levava os mais céticos, os mais conservadores, ou mesmo os mais ignorantes a questionar a legitimidade e a moral das mudanças que surgiam nas Treze Colônias – o que retoma uma de nossas reflexões iniciais de que havia um longo nó que de conflitos no contexto do Reino Unido que não se desatou de modo definitivo até o advento de 1776: “Nós estamos incertos sobre o

⁴⁵ Broadly speaking, this Whig theory described two sorts of threats to political freedom: a general moral decay of the people which would invite the intrusion of evil and despotic rulers, and the encroachment of executive authority upon the legislature, the attempt that power always made to subdue the liberty protected by mixed government.

conhecimento impreciso se este reino nem europeu nem constricto é uma enganação ou uma fantasia de corrupção moral, devido à inverossimilhança de sua tradução em arquétipos cristãos por estes ocupantes semelhantes aparentemente a Adãos dementes. (COE, 2005, p.155)⁴⁶

O Adão americano trazia a contestação da inovação de uma herança que permanecia reclusa a um estado de teoria permanente. A experiência da colonização inglesa da América materializou uma peripécia no contínuo da História que prolongava valores monárquicos com raízes medievais, aprimorou a experiência moderna de ressocialização que se espalharia para o mundo e ganharia seu impacto mais forte em 12 de setembro de 1789⁴⁷, mas fora iniciado no 4 de julho de 13 anos antes, quando os Adãos americanos definitivamente abraçaram os ideias de uma nova nação livre, republicana e democrática, tomando por base fundamental o seu princípio de sociedade igualitária embasado no “desinteresse bem compreendido” tocquevilliano nascido na filosofia iluminista.

Evidentemente, Thomas Pynchon não deixa de estabelecer uma leitura irônica sobre o mito adâmico, como uma das ironias fundamentais dentro da linha de leitura de paranóia a que nos referimos no início dos capítulos, podemos, por exemplo, referir-nos ao Episódio 28, já na parte II do romance (Longitudes e Latitudes), em que ocorre a cena onde Mason & Dixon conhecem a figura de George Washington. O grande general americano, que viria a ser o primeiro presidente da terra nova, aparece em uma personificação que apesar de ser aparentemente austera acaba por, após alguns aperitivos e drinks, introduzir a Mason e Dixon a erva marijuana. Um escravo traz cachimbos ao grupo que fuma a erva e desenvolve o que seria um debate motivado sobre economia – Washington pretendia

⁴⁶ We are left uncertain with the impure knowledge of whether this European-contrived nether-kingdom is an embodiment or a fantasy of moral corruption, due to the unreliability of its translation into Christian archetypes by its seemingly demented Adam-like occupant.

⁴⁷ Obviamente, a data da Queda da Bastilha, que convencionalmente marca a data da Revolução Francesa, é o dia nacional francês.

plantar ao menos dez acres da erva promissora – e religião. A todo instante a personagem de Washington tem a sua, digamos, dignidade debatida, como se o presidente em sua posição histórica encastelada, fosse figura muito menos edificante do que se pudesse imaginar. Expunha-se a face da escravização, o preconceito quanto a certas religiões e a negação da influência e alguns fatores como a miscigenação e sincretismo cultural. O interesse desinteressado do Adão americano ocorria, mas com várias ressalvas, o que ficava bem claro após alguns drinks e algumas ervas.

1.3 Terra Nova como paraíso

Evidentemente também, a análise sobre a figura adâmica pressupõe algumas avaliações sobre o paraíso, mas agora esta leitura será verticalizada a partir de algumas observações dadas sobre a cultura local durante a viagem de Mason e Dixon. Por exemplo, se retomarmos o conceito exposto anteriormente neste capítulo de que existe um desinteresse clássico, podemos considerar igualmente que haja a projeção de uma terra na qual seria possível florescer uma igualdade social de amplos direitos democráticos e largamente difundida. Deveria ser um lugar no qual as benesses poderiam ser colhidas de uma *common law*, o que demanda uma nação virtuosa, na qual os hábitos emanariam o entendimento da correção das práticas sociais cotidianas, uma sociedade composta por costumes que, dentro do senso comum – não no sentido de estereótipo, mas das noções lógicas básicas de moralidade, razão, legalidade e correção como prevê a obra de Thomas Paine, *Common Sense* – seriam virtuosamente autossuficientes para a sustentação de um equilíbrio comunitário numa sociedade em que as leis nascem não aprioristicamente para decretar o que seriam crimes e tentar evitá-lo, mas *a posteriori* para recordar e aplicar aquilo que contratualmente fora estabelecido como a virtude que propiciasse o virtuoso:

A inteligência sabe que aquela legislação estúpida é uma corda de areia que perece no redemoinho de vento; que o Estado deve seguir e não comandar o caráter e o progresso do cidadão; o usurpador mais forte é rapidamente expulso; e apenas aqueles que construíram ideias, erigidas para eternidade, e aquela forma de governo a qual prevalece é a expressão de que cultura existe na população e que a permite existir. A lei é somente um memorando. (EMERSON, 2008, p219)⁴⁸

Além de Emerson, outro grande nome da aclamada “Renascença Americana” também afirmou com veemência qual seria o caminho a ser trilhado pela nação, para que o projeto de país unido não falhasse: todos os seus membros deveriam tornar-se escravos da liberdade. O papel da comunidade norte-americana só galgaria seus postos de destaque se o consenso virtuoso do senso comum encontrasse direcionamento numa obediência racional à correção dos hábitos. O outro grande nome de Renascença americana, Whitman, aponta que uma nação e um povo são constituídos apenas por questionamentos, que o fim dos debates e a aceitação completa de imposições supostamente superiores resultariam numa escravização também do espírito de toda a sociedade; e, uma vez escravizados, a liberdade tende a retroceder a estágios passados, a obediência cega deveria ser rechaçada e a resistência deveria ser cultivada. É o que ele diz no poema abaixo:

Aos Estados

Aos Estados ou a qualquer um deles, ou a qualquer cidade dos Estados, Resistam muito, obedeçam pouco,
Sendo a obediência inquestionável, a escravidão é total.
Sendo a escravidão total, nenhuma nação, Estado ou cidade desta terra, consegue depois reconquistar sua liberdade. (2011, p.31)⁴⁹

⁴⁸ The wise know that foolish legislation is a rope of sand which perishes in the twisting; that the State must follow and not lead the character and progress of the citizen; the strongest usurper is quickly got rid of; and they only who build on Ideas, build for eternity; and that the form of government which prevails is the expression of what cultivation exists in the population which permits it. The law is only a memorandum.

⁴⁹ To the States// To the States, or any one of them, or any city of the States, Resist much, obey little,/ Once unquestioning obedience, once fully enslaved,/ Once fully enslaved, no nation, state, city, of this earth, ever afterward resumes its liberty (WHITMAN, s/d, p.23).

A visão do paraíso de Pynchon é peculiar, pois, assim como a formulação da figura adâmica percebida por Mason e Dixon em suas viagens – como a passagem da Ilha de St. Helena –, expõe um terra que de fato era mais afável ao homem. Por certo, há uma série de casos divergentes apresentados ao longo do romance, todavia a Terra Nova dispunha de uma série de elementos, não apenas da fauna ou da flora, que constituíam um palco bastante acolhedor para os seus habitantes. Interessante é que as ironias podem permanecer em inúmeros trechos do romance. Quando como, na prévia da chegada da caravela de Mason, há um ataque de piratas. Quando enuncia essa história, Cherrycoke diz que ela – como toda boa narrativa – será iniciada por um enforcamento, comemorado por crianças; o cão inglês intelectualizado e letrado, que debate com a dupla Mason e Dixon, logo no princípio do romance, tudo isso parece servir como uma espécie de ironia complexa sobre a inteligência e a composição equilibrada e harmonia que perpassaria todo o romance – na Inglaterra até cães de raça seriam intelectuais afetados. Jamais se deveria esperar o oposto de um escritor de tamanha monta, que ignoraria as dúvidas e as problemáticas que fazem parte da terra. O que será abordado, sobretudo, em nossa conclusão, que tratará, adiante-se, do fracasso pela dialética da violência.

Em diferentes episódios, há a preocupação de Charles e Jeremiah com elementos de violência ao longo de sua jornada. Por exemplo, no episódio 31, há o massacre dos Paxton Boys, de americanos nativos na região de Lancaster, próximo à Filadélfia onde se encontravam. Logo adiante, no episódio 33, ocorre outro massacre e ataque em Fort Pitt, que igualmente causa consternação aos dois protagonistas. Ou mais ainda, no capítulo 66, em que os dois exploradores conhecem Thomas Cresap e tomam conhecimento de uma série de atividades de exploração, tomadas de terra, assassinatos e atividades ilegais por parte da família Cresap. Esses acontecimentos são remarcações evidentes de que o romancista

não está plenamente convencido da perfeição da terra, apesar das passagens promissoras em que o paraíso parecia de fato ser possível na América.

Contudo, parece-nos inexorável o fato de que a perspectiva de Pynchon sobre a sociedade americana, em seu princípio, era permeada de uma aura promissora. Logo em suas primeiras frases o romance dá, dentro de uma descrição belíssima, esse tom de equilíbrio, emanado da relação entre o homem e a terra:

Bolas de neve já têm descrito seus Arcos, esborrachando-se em paredes de Galpões, e em peitos de Primos, e arrancando Chapéus para que os leve o vivificante Vento que vem do Delaware, – trazem-se para casas os Trenós, com muito desvelo enxugam-se e untam-se com graxa seus Patins, guardam-se os Sapatos na Entrada dos fundos, pés calçados em meia surgem na grande Cozinha, que desde a manhã vive grande Azáfama, pontuada pelo ressoar de Tampas de diversas Chaleiras e Panelas, a exalar odores de Especiarias, e Frutas descascadas, e Sebo, e Açúcar aquecido, – as Crianças, que tendo conseguido o que queriam, em Incursões seguidas, ao ritmo de Colheres de Pau batendo na Massa, à forças de súplicas ou furtos, recolhem-se, como fazem todas as tardes durante este Advento tão nervoso, a um Recinto confortável nos fundos da Casa, há anos entregues a seus Folguedos rumorosos. (*MD* p.9)

A descrição é de enorme complexidade, porém é muito perceptível o elogio à beleza do lugar, tal como os arcos desenhados no ar pelas bolas de neve lançadas por primos numa brincadeira ingênua, que aparecem em sincretismo a construções de moradas no Novo Mundo. Sente-se o vento de Delaware, bem como o cheiro de beberagens quentes, pedaços de tortas e guloseimas emanadas de dentro das cozinhas. Crianças divertem-se próximas às casas, pois o lugar sugere segurança, paz e harmonia. Seria a confirmação do paraíso na terra? Talvez não o fosse, não obstante há essa sugestão em diferentes pontos da narrativa de *MD*. A narrativa se inicia com uma sugestão de equilíbrio, que paulatinamente se reconhece, de um espírito de pioneirismo de atitude por parte dos colonos. O país, como um todo, era uma espécie de paraíso, e aqui cabe uma relevante observação, não somente porque fora um presente divino a cidadãos crentes e tementes a uma deidade, mas porque fora erigido por homens e mulheres integrados, que conseguiram materializar

toda sua ciência e seu conhecimento com empenho. O paraíso terreno devia-se a um esforço hercúleo de construção. Recordem-se os princípios luteranos e sobretudo calvinistas⁵⁰ – extremamente influente em terras americanas – de que o alcance das graças seria possível somente com esforço e trabalho honesto. A fé sendo uma prática e não uma projeção etérea. O paraíso fora montado por pioneiros, por desbravadores, por trabalhadores braçais. No leito de morte, Mason profere uma de suas últimas falas, que bem refletem os seus esforços em vida e o que enxergou nas terras que auxiliou a esquadrihar:

“É uma Estrutura”, Mason débil, “um único Mecanismo, grande, do tamanho dum Continente – tenho todas as provas que se possam desejar. Nem todas as Conexões já foram estabelecidas, e é por isso que uma parte continua invisível. Dia a dia os Pioneiro e Exploradores prosseguem, mais pontos são acrescidos, e logo se tornam visíveis, tal como no alto novos Astros são registrados e batizados e incluídos nos Almanagues. (Pynchon, 1997, p.841)

1.4 O excepcionalismo parodiado pela voz de Cherrycoke

Como se pode pressupor, toda esta perfeição, que parece emergir da leitura de *MD* e encontra um *locus* ideal perfeitamente integrado a um Adão em tudo virtuoso, não se sustenta de modo tão ingênuo e completamente livre de críticas. O destino manifesto reside mais no excepcionalismo americano do romance, posto que àquela época não se poderia supor ainda o conceito de uma projeção de influência da nação sobre outros, pois sequer havia ainda uma nação americana propriamente dita, e o excepcionalismo americano aparece bastante ironizado ao longo do romance. A razão dessa ironia é a narrativa multifacetada, a que nos referimos no princípio do capítulo, sobre o caráter polifônico e duvidoso do narrador.

⁵⁰ Uma obra de referência consultada foi a edição *Sobre a autoridade secular e Sobre o governo civil*, publicada pela Martins Fontes (2005).

O desafio de desvelar todos os detalhes de Cherrycoke seria imenso, por isso tomaremos apenas alguns pontos principais. Primeiramente, a formação de uma sobreposição de narradores, pois tanto Cherrycoke dá voz a outros narradores de modo direto e indireto, quanto há a ocorrência de uma narrativa de afastamento dos acontecimentos. A narrativa inicia-se – lembrando a técnica introdutória aplicada em *Heart of Darkness*, de Joseph Conrad – em terceira pessoa, no trecho que citamos das “Snow balls”, para apenas em seguida dar vez ao Reverendo Cherrycoke. Porém há um elemento complicador, já que essa terceira voz onisciente é retomada constantemente para se referir e descrever o cenário em que ocorre a narrativa do estranho tio reverendo para as crianças, como que num tom familiar de anedota ou de narrativas populares – as quais tanto podem ser “verdade” quanto podem ser pura invenção ou reprodução de ditos populares, que nada têm de factuais.

Outro elemento complicador é o fato de o Reverendo narrar em primeira pessoa, mas em quase todas as situações por ele narradas, ele nunca esteve presente aos acontecimentos, não sendo, assim, testemunha ocular dos fatos. Ele sugere – de maneira frágil – que alguém (na maior parte das vezes esse alguém jamais é identificado) haveria lhe contado, o que dependeria de um exercício de memória de fazer inveja ao memorioso Funes de Borges. Maior ainda se torna a complexidade quando o narrador assumidamente alega que não poderia saber de todos aqueles fatos, mas supõe “que se poderia imaginar que os trechos da história tivessem ocorrido daquele modo como estava contando”. As crianças interrompem-no recorrentemente, questionando a lógica ou a verossimilhança e até as inconsistências da narrativa – a única resposta que obtêm são tergiversações ora risíveis, ora simplesmente negligentes. Por fim, há o uso de sobreposições de textos ao longo de todo o romance. São citados trechos de livros, cartas, documentos, memorandos que se sobrepõem de modo a constituir o que Genette chamou de ‘transtextualidade’ em sua obra *Palimpsestos* (1989, p.10). A narrativa que Thomas Pynchon construiu é tão

imbrincada – apesar de incrivelmente lógica – e enciclopédica, que surpreende o sentido rico e vívido que permanece, apesar do aparente caos dos focos narrativos escolhidos.

Ademais, outro fator que explica esse discurso complexo é o tom épico do enredo, que almeja dar conta de toda a realidade das Treze Colônias do período e, numa imensa viagem desafiadora, tentar representar todo o mapa e mentalidades desse mesmo período. E o Paraíso merece grande porta-vozes para cantar as glórias da nação, como fez Walt Whitman, que escreveu: “Os americanos de todas as nações de todos os tempos da Terra, têm provavelmente a natureza mais poética. Os Estados Unidos propriamente ditos são essencialmente o maior dos poemas.” (WHITMAN, s/d, p.971)⁵¹, ou para retomar a ideia inicial de nossa proposta, avaliar e criticar os mitos fundadores dos Estados Unidos. Porque, por fim, além do significado, exposto anteriormente neste capítulo, de promover a superioridade do discurso ficcionalizante sobre a oficialidade histórica, há o que Elizabeth Hinds considera como uma denúncia das inconsistências da História: “através do uso da paródia, o romance confirma o cometimento de Pynchon com a da História Americana através da ficção. Inconsistências entre discursos e práticas no tempo da formação dos Estados Unidos como nação” (HINTS, 2005, p.103)⁵²

No caso do excepcionalismo americano, há uma contestação subentendida no manei-
rismo com que a narrativa é conduzida. Recorde-se que os períodos históricos precedentes do enredo da narrativa de *MD* são de um salto gigantesco nas ciências, sejam elas exatas, humanas ou da natureza. O crítico David Cowart retoma o panorama de cientificismo de largas proporções, que alcança inclusive um tom dogmático para a época:

Se o século XVIII viu a explosão da verdadeira ciência (...) Enquanto a fé na perfectibilidade humana crescia como uma crença filosófica, em relações humanas, como o equivalente a leis da física. Certamente a humanidade poderia retornar ao estado de

⁵¹ “The Americans of all nations at any time upon the earth have probably the fullest poetical nature. The United States themselves are essentially the greatest poem.”

⁵² “[T]hrough the use of parody, the novel confirms Pynchon’s commitment to a reassessment of American history through fiction. Inconsistencies between discourses and practices at the time of the formation of the United States as a nation” (HINTS, 2005, p.103).

nobreza ainda visível, como Rousseau sugeriu, entre os selvagens. Certamente as instituições humanas, se cuidadosamente estudadas o suficiente, poderiam ser respondidas pela razão. O século atingiu seu apogeu, alguns poderiam dizer, com a realização do grande experimento do auto-governo fundado em princípios racionais: a nação americana. (BLOOM, 2003, p.262)⁵³

O excepcionalismo é infinitamente reinventado pela paródia do cientificismo e orientação religiosa no discurso de Cherrycoke. O narrador – assim como o autor, ao que parece – rejeita veementemente o pensamento purista cientificista e recorre a uma gama de elementos técnicos e de recursos narrativos que obrigam a uma comparação do livro, por exemplo, com *Moby Dick*, de Herman Melville. O número de situações, personagens, intertextos, narradores e recursos linguísticos parece inumerável, sobretudo porque existe no romance uma proposital intersecção entre os elementos no *constructo* de toda a obra, tal como acontece no romance de Melville. Uma das funções cumpridas por esse discurso é a de fazer o que Cowart bem resumiu em chamar de ‘crítica iconoclástica’ (BLOOM, 2003, p.263), pois neste discurso multifacetado não apenas predominam as variantes do discurso popular, elas monopolizam completamente a narrativa de *MD*. Todos os personagens centrais da época são retomados de forma direta ou indireta, sem jamais tomarem a voz diretamente para narrar os acontecimentos. Pynchon parece menosprezar o discurso oficial, livrando-se de qualquer sombra, por mínima que seja, dos discursos oficiais burocráticos-governamentais e historiográficos. Há apenas o retrato da História pela voz dos eternamente silenciados, que nunca podem se exprimir ou contestar o *status quo* das narrativas históricas, mesmo se eles sejam, no olhar pynchoniano, os únicos portadores da verossimilhança romanesca: “a visão de Pynchon sobre o século XVIII inclina-se, previsivelmente, para o iconoclástico. Certamente os retratos expostos de

⁵³ If the seventeenth century saw an explosion of true science [...] Meanwhile faith in human perfectibility grew as philosophy sought, in human affairs, some equivalent to the laws of physics. Surely civilized humanity could return to the natural nobility still visible, as Rousseau suggested, among savages. Surely human institutions, studied carefully enough, could be made answerable to reason. The century reached its apogee, some would say, with realization of a great experiment in self-government founded on rational principles: the American nation (BLOOM, 2003, p.262).

George Washington ou Benjamin Franklin possuem ligeira semelhança com as figuras louváveis descritas em velhas histórias americanas” (BLOOM, 2003, p.262).⁵⁴

O resultado dessa metodologia de domínio e propagação narrativa é, como não poderia deixar de ser, a representação de uma mimeses radical, resumo de um caos perfeitamente organizado. O resultado sugere sentido onírico, de elementos duvidosos, de acontecimentos discutíveis, de eventos imprecisos, de loucura, de desespero, de indignação com o que está sendo apresentado ao leitor. E, justamente por essa razão, a narrativa é tão apropriada para se representar a América. Como o trecho de Whitman que citamos anteriormente, o mais belo dos poemas, os Estados Unidos, jamais poderia ter suas origens contadas a partir do mecanicismo científico. O mundo, sobretudo o mundo de novas experiências, só poderia ser contido numa realidade em que a coesão e a coerência são dadas por um outro tipo de lógica, que não o da razão puramente cartesiana ou positivista.

Num dos trechos mais emblemáticos deste choque de civilizações – apesar da leitura rasteira que poderia supor que ainda eram todos apenas britânicos naquela época e naquela data – é o questionamento feito sobre a imagem da América que o Império Britânico teimava em projetar: a América seria a realização do sonho em que todos os desejos e todas as possibilidades de sucesso, que a Europa tanto desejara ao longo de sua história, um paraíso tão grande, que nele findariam todos os governos, até que restassem apenas os homens virtuosos, que não necessitariam de regras, já que as teriam introjetadas desde o nascimento. A América seria uma anarquia que não perderia sua ordem, uma extrema liberdade que conseguiria manter os seus habitantes ainda agregados:

Quando *Álbion* dorme, terá ela sonhos? Será a América seu sonho? – no qual tudo que não passa no estado de *Vigília* metropolitano tem permissão de exprimir-se na inquieta *Modorra* destas *Províncias*, e, no caminho do *Oeste*, onde quer que ela não tenha sido ainda mapeada, nem anotada, nem mesmo, pela grande maioria da *Humanidade*, vista, – servindo de depósito de lixo para esperanças subjuntivas, parar

⁵⁴ Pynchon’s views of the American eighteenth century incline, predictably, to the iconoclastic. Certainly the portraits here of George Washington or Benjamin Franklin bear little resemblance to the lovable figures depicted in older American histories (BLOOM, 2003, p.262).

tudo aquilo que *pode um dia vir a ser verdade*, – Paraíso Terrestre, Fonte da Juventude, Reino de Preste João, Reino de Cristo, sempre além do poente, seguro até o próximo Território a Oeste a ser visto e registrado, medido e encaixado na Rede de Pontos já conhecido, de pouco a pouco vai avançando, triangularmente, Continente a dentro, transformando o que é subjetivo em declarativo, reduzindo Possibilidades a Simplicidades que servem aos fins do Governos , – arrancando do reino do Sagrado, suas Fronteiras, uma por uma, integrando-as no Mundo mortal e prosaico que é nosso lar, e nosso Desespero. (*MD*, p.377)

É evidente que mesmo na narrativa de *MD* essa idealização mostra-se uma projeção de desejos e de especulação de uma imaginação que não se sustenta por muito tempo. O excepcionalismo poderia ser almejado com todo o afã e em parte ele se consuma, sem, no entanto, ser um real paraíso terrento. Nele afirma-se um esquema extremamente bem delimitado, por opostos que não se anulam num jogo de soma zero. O discurso embriagante e embriagado de Cherrycoke, que sugere literalmente algum tipo de técnica narrativa sob efeito alucinógeno, é profano por vários motivos. Um deles poderia ser justamente esse viés da confusão aparente e das dúvidas existenciais que tiram a firme presença segura na terra de um paraíso prometido por Deus, pois a maioria das incertezas aparecem manifestas em suas histórias. Histórias, aliás, permeadas também de acontecimentos que envolviam o abuso de todo tipo de estimulante, bem ao estilo americano: tabaco, café, álcool, ervas e drogas, que nem Cherrycoke nega ter usado. O crítico Stephen Donoghue destaca, em um trecho de sua análise do romance, o “humor de marijuana” que há na obra:

Ele são o que ele chama de seu “estímulo”. Ele vê isto como um tipo de “humor marijuana” (SL8). Verdadeiramente, muitas das transições que envolvem os personagens ocorrem “sob a influência” de uma droga ou outra. Mason e Dixon, por exemplo, parecem estar constantemente a caminho de estabelecimentos de bebidas – onde a transição espacial ocorrerá e nós seremos empurrados do real para um mundo de cartuns. George Washington fica drogado e um deles, ao ponto que Martha entra em cena, trazendo comida: “Sinta o cheiro dessa fumaça”, ela diz, “com certeza vocês devem estar precisando de alguma coisa para forrar o estômago.” (*MD* 280). (DONOGHUE, 2014, p.98)⁵⁵

⁵⁵ They are what he calls his “brisking.” He sees it all as a kind of “marijuana humor” (SL 8). Indeed, many of the transitions involve characters “under the influence” of one drug or another. Mason and Dixon, for example, seem to be constantly on their way to drinking establishments – where the spatial transition will occur and we will be shoved from the real into the cartoon world. George Washington gets stoned in

Contudo, como fica o excepcionalismo dos Estados Unidos? Conspicuo por esse discurso dominado pelas inconsistências simbolizado pelas substâncias alucinógenas? A narrativa de Thomas Pynchon pode abordar questões sobre a moral, mas ela mesma não é moralizante. Não é o estilo do autor que recorrentemente abordada os discursos abertos a todas as leituras, inclusive para o entendimento do mundo das drogas – haja vista que ela aparece em todos os seus romances e pode ser considerada um dos protagonistas da sua penúltima obra *Inherent Vice* (2009).

A última coisa que Thomas Pynchon quer é resolver qualquer querela. Ele quer é trazer a perturbação e não a paz, posto que a própria história é algo construído, reescrito e jamais definido. Para se ter apenas uma última confirmação desse objetivo não dogmático do autor e de sua preocupação em representar a todos os discursos, deixando a cargo do leitor as resoluções da História, lembremo-nos do fator mais óbvio, o que não faz dele menos complexo. Cherrycoke é um reverendo, o seu discurso tem intuito pedagógico, ele conta as histórias às crianças. Todo fato escabroso ou violento exposto possui o intuito de ensinar, de catequizar e, em última instância, de inspirar as crianças a recontarem os grandes feitos do passado. O reverendo pode parecer um homem meramente desregrado e comum, mas dispõe de formação intelectual e é porta voz legítimo de seu passado. Conheceu – ao que tudo indica – os autores-demarcadores da Linha Mason-Dixon, participou igualmente de acontecimentos grandiosos, logo, foi um homem excepcional – é por isso que ele é um narrador.

Mas acontecimentos grandiosos são apenas os que se encontram nos mapas? O excepcionalismo é um raio num céu claro? Evento raro e que promove discernimento? Ou todo e qualquer indivíduo livre, que pode contar a sua história ou tê-la contada por

one of them, at which point Martha comes in, bringing food: “Smell’d that Smoak,” she says, “gur’d you’d be needing something to nibble on” (DONOGHUE, 2014, p.98).

alguém é digno de lembranças e de destaque? Desde o título, o autor impõe o desafio ao leitor de desatar o nó do discurso de Cherrycoke e de todos os intertextos, mas o verdadeiro excepcionalismo seria o de perceber que o domínio sobre a História deveria ser democrático, pois toda vivência é uma história que pode ser contada, e será impressionante, dependendo de sua construção enquanto narrativa, não pelo que se tem para contar, mas pelo modo como o narrador decide contá-la. Na concepção de Pynchon, a opção do romancista seria contar aquilo que figuras reais e humanas vivenciaram, entender as modificações nelas surgidas a partir de suas histórias individuais, ou seja, a História humana só faz sentido a partir do indivíduo comum e de suas experiências de valor universal. O excepcionalismo americano, perceptível em *MD*, é relacionado, por fim, a toda viagem e biografia dos ingleses Charles Mason e Jeremiah Dixon que, como agentes históricos, definiram a linha que define e divide os Estados Unidos, conseqüentemente, também foram definidos como indivíduos por causa de suas experiências em terras norte-americanas.

Capítulo 2: O Mundo Primitivo de Cormac McCarthy

No primeiro capítulo desta tese, procuramos mostrar como Pynchon desenvolve uma exposição irônica, embora um tanto quanto atemporal, dos mitos de formação da nação norte-americana. Por outro lado, seu romance *Mason & Dixon* expõe, a partir do ponto de vista de seus personagens, que a população inicial das Treze Colônias, declarantes de sua independência em relação à Inglaterra, é mantenedora da esperança de uma nação que ainda poderia concretizar seus anseios de uma pátria ideal. A crítica de Thomas Pynchon funciona como ironia se posta à luz da comparação histórica, pois sabe-se que os mitos fundadores dos Estados Unidos, em grande medida, não se concretizaram. No entanto, para as personagens, as falhas e os vícios iniciais pareciam superáveis. A ironia sobre os anos setecentos só possui sentido quando retomada em sua situação histórica, porque a consciência sobre quão profundas seriam as perdas da nação ainda eram inimagináveis para os viventes do período. Justamente por isso, o enredo de *MD*, dentre as três obras aqui analisadas, de longe é o que possui tom mais esperançoso e, até certo ponto, ameno, sobre a tragédia da violência que pretendemos sistematizar na conclusão deste trabalho.

Neste segundo capítulo, contudo, há quase um posicionamento antípoda em relação ao que foi apresentado e discutido primeiro, no que diz respeito à percepção negativa da influência da brutalidade como metodologia de desenvolvimento da nação. *Blood Meridian*⁵⁶ é, sem dúvida, o romance com o tom mais condenatório sobre as ações perpetradas pelos agentes governamentais oficiais, durante a marcha para o Oeste. Nele McCarthy

⁵⁶ MCCARTHY, Cormac. *Blood Meridian – Or the Evening Redness in the West*. New York: Vintage International, 2009; *Meridiano Sangrento ou O anoitecer vermelho no oeste*. Trad. Julieta Leite. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991 e *Meridiano de sangue*. Trad. Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Todas as citações são da segunda edição brasileira e serão referenciadas parenteticamente: a abreviação *BM* seguida pelo número de página.

não toma por base um discurso estereotipado e previsível sobre sofrimentos de minorias indígenas, pelo contrário, estabelece um número enorme de inter-relações entre os problemas históricos entre a questão indígena na Era Jacksoniana e uma série de fatores culturais – religiosos, territoriais, originários, de guerras e assim por diante –, os mitos que elencamos como foco desta tese e a construção de uma linguagem dura, objetiva, direta e tomada por um tom de aparente indiferença sobre os personagens, para denotar a violência, a animalização e o abandono em que todos os seres se encontram. A violência é total no enredo do romance e não poupa ninguém. O personagem Kid, protagonista deste derradeiro épico do Oeste, apesar de sua origem branca ou caucasiana, desde o nascimento não é poupado da exposição à crueldade irrefreável e sem limites do meio social em que nasceu.

Aliás, a marca principal da ironia de *BM* passa pela animalização e coisificação das personagens até a um estado de vivência primitiva ou de anulação existencial, como será abordado logo a seguir, justamente em razão de a obra ser tomada de gigantesco negativismo de um mundo esquecido ou negligenciado por Deus. O Adão Kid é o resultado do fracasso de um propósito, que se conspurcou quando o princípio de igualdade sem distinções entre os indivíduos e o seu direito natural à felicidade e à liberdade foram tomados de assalto por um discurso que separou seres humanos em diferentes espécies e em grau de superioridade e inferioridade. Não que a América Jacksoniana, que predominou neste período Oitocentista, tenha se movido em prol de uma supremacia racial. Mesmo especialistas historiadores e críticos – como será igualmente exposto neste segundo capítulo –, convergem majoritariamente para a compreensão do avanço sobre o Oeste como um projeto econômico e de poder, todavia sem o entendimento de direitos diferenciados entre etnias, que culminou na quase dizimação indígena sem sentido, descrita de modo único por McCarthy.

Essa dialética do massacre, que permeia todo o romance *BM*, assume na lógica sequencial desta tese dois aspectos de relevância. O primeiro deles, a violência, elemento que impõe a derrota do projeto social engendrado pelos pais da pátria americana, é tão intenso que se mostra completo. Mesmo os indígenas autóctones estão imiscuídos em meio à matança gigantesca e sem sentido. Muitas das cenas mais chocantes do livro – algumas delas serão comentadas aqui – são resultado da ação e reação dos indígenas ao avanço dos colonizadores brancos sobre o Oeste, afora o fato de que alguns outros indígenas aparecem ao lado de brancos perpetrando todos os tipos de assaltos, assassinatos e estupros. É claro que a visão fílmica hollywoodiana ajudou a criar a ilusão de colonos bons e pacíficos, que só queriam ir para o Oeste para estabelecer fazendas e criar gado, mas que eram sempre atacados por cruéis e malvados índios escalpeladores que tentavam, a todo custo, e apenas por sua maldade e violência, impedir isso. Filmes hollywoodianos muito pouco mostraram que os tais índios defendiam suas terras, terras das quais eram donos desde séculos e séculos antes da chegada dos brancos naquele vasto espaço. Essa não é nem a aparente “verdade história” nem a “ficcionalização fantasiosa” que McCarthy pretende, pois em nenhum momento de seu romance parece estar interessado em apontar a origem dessa violência, já que parece entendê-la (ao menos assim a mostra) como inerente aos homens, fossem brancos, vermelhos ou negros. Ou seria o seu real estímulo apenas a campanha expansionista? O que se tem de inegável é que, independentemente da resposta sobre a origem primeva (que não está nas páginas de *BM*) do estado de violência, naquele contexto de conflitos ilimitados, o terreno mostrou-se frutífero, de modo único, para um império da indiferença, da insensatez e da negação do humano.

Por conseguinte, como segundo aspecto, destacamos que a obra serve de anteposição ao projeto engendrado no enredo de *Mason & Dixon*: se o país viajado e conhecido

pela dupla Jeremiah Mason e Charles Dixon era uma terra nova, potencial e originadora, possível disseminadora de maravilhas civilizatórias – de igualdade e de crescimento, de concretização de sonhos e de liberdade, de religiosidade, de prazeres, de produção, de natureza, de consumo de café, e assim por diante (e as ironias de Pynchon, como vimos, também criticam com afinco muitos dos problemas da origem dos Estados Unidos) –, termina no espírito da época, que era de esperança. Diferentemente, *BM* é sobre um tempo (e descreve ou retrata esse tempo) que não é esperançoso ou positivo em nenhuma linha sequer. Esse romance, que se pode entender como “*western épico*”, é ácido e pessimista, apresentando e explorando esse pessimismo originado da percepção de um período em que se atingiu o ápice da perpetração da violência entre povos e em escala alucinada.

2.1 O oitocentos (a violência primitiva)

Um homem disse ao universo:
“Senhor, eu existo!”

“Entretanto”, respondeu o universo,
“O fato não criou em mim
Um sentido de obrigação”⁵⁷.

Este é um poema de Stephen Crane (1871-1900), em que ironias fundamentais podem ser correlacionadas à literatura americana, além, obviamente, de toda a experiência humana: como a existência do homem, ainda que comprovável, pode ser compreendida em seu caráter universal, parece indagar o poema. Outras perguntas podem também ecoar: qual a razão de sua existência ou para esta existência?; há uma deidade que explique a

⁵⁷ Tradução de Heleno Godoy, especial para esta tese. No original: A man said to the universe:/ “Sir, I exist!”// “However,” replied the universe,/ “The fact has not created in me/ A sense of obligation.” Ver <http://www.best-poems.net/stephen_crane/index.html ou <https://www.poets.org/poetsorg/poem/man-said-universe>. Acesso 07 jan. 2016.

desordem e o caos do ser?; essa figura divina abandonou o homem em sua mundanidade? Esse poema representa bem um sentimento de dúvida humana sobre o propósito da existência da humanidade e as intenções do Criador. Se no discurso bíblico a terra é o Éden deixado por Deus para os humanos, e seu criador bondoso está imerso na figura de um pai celestial zeloso e devoto aos filhos, o que dizer da terra selvagem e solitária do Velho Oeste?

Esse questionamento é fundamental sobre ao menos dois aspectos da existência dos Estados Unidos enquanto nação e da sua literatura. Pelo primeiro, o poema citado configura um dos gestos mais absolutos e eficazes do abandono do Romantismo e um mergulho no Naturalismo, de que Stephen Crane é o grande iniciador na literatura norte-americana⁵⁸. Daí esse senso de abandono que o homem sente e que é expresso no poema. Em segundo lugar, ele também significa um avanço em termos naturalistas, pois o poema expressa uma descrença absoluta na possibilidade de o homem viver em harmonia com a natureza. Isso ajuda a explicar, e talvez justificar, o avanço norte-americano em relação à conquista e anexação do Oeste. Se a compra da Louisiana, em 1803, foi a seu tanto pacífica, já que a França, a vendedora, precisava de dinheiro, a conquista do Oeste não foi: havia não só os chamados “índios” a serem subjugados, pois eram os povos que dominavam aquela vastidão de terras; havia também o México a ser derrotado, para que o resto dos territórios, até à costa do oceano Pacífico e mesmo além (Havaí e Alasca), pudessem posteriormente ser agregados ao território hoje total dos Estados Unidos. Logo, a sensação de abandono, a natureza adversa, as distâncias enormes a serem percorridas e vencidas, a violência das guerras contra índios e mexicanos (parte integrante da suposta heroica conquista do Oeste) já aparecem implícitas (mesmo se um pouco forçadamente,

⁵⁸ Historiadores e críticos hoje concordam com a ideia de que os dois primeiros romances de Stephen Crane, *Maggie, A Girl of the Streets* (*Maggie, Uma garota das ruas*, de 1893) e *The Red Badge of Courage* (*O emblema rubro da coragem*, de 1895), verdadeiramente iniciam o Naturalismo na literatura norte-americana.

vamos arriscar) no poema de Crane, ajudando a propiciar o clima em que se situa o romance de Cormac McCarthy: no Velho Oeste, o homem está entregue a si mesmo e conta apenas com seu cavalo, sua arma e nenhum Deus benigno à vista.

Perdido em meio a este *status* de aparente abandono, o trajeto de vida dos personagens de *Blood Meridian* parece se debater em torno da busca fundamental por um local de paz, uma situação de parcimônia, um lar a que se pudesse chamar de reduto de descanso e felicidade. Esses personagens se tornam, e não podia mesmo ser de forma diferente, figuras primais em busca do Éden, cuja configuração teórica americana previa o direito à liberdade e à busca da felicidade individual. O problema, grave por sinal, para os seres primitivos que estão no universo do Oeste americano é que o paraíso parece bastante distante, pois esse direito à individualidade deturpou-se para um individualismo exacerbado, em que os referenciais de uma união social aprazível e organizada por leis foi substituída pela lei do mais forte, numa disputa por poder – projeção irônica da felicidade suprema e plena –, que supera qualquer tipo de preocupação humanista.

2.2 A macieira de bebês mortos

O caminho foi se estreitando entre rochedos e após algum tempo chegaram a um arbusto de cujos ramos pendiam bebês mortos.
Pararam lado a lado, hesitantes sob o calor. Aquelas pequenas vítimas, sete, oito delas, haviam sido perfuradas no maxilar inferior e estavam desse modo penduradas pelas gargantas nos galhos partidos de um pé de prosopis⁵⁹ para fitar cegamente o céu nu. Calvas e pálidas e inchadas, larvais de algum ser indefinido. (*BM* 77)

⁵⁹ Árvore ou arbusto da família Fabaceae (leguminosae), resistente a secas, comum e típica da região de fronteira entre Estados Unidos e México, embora presente em outras regiões áridas das Américas, parte da África e Ásia. A espécie mais conhecida no Nordeste brasileiro é a chamada “algaroba” ou “algarobeira”, cujos frutos, em forma de grandes e longas vargens, produzem sementes comestíveis e apreciadas. Fonte: <<http://www.theplantlist.org/browse/A/Leguminosae/Prosopis/>>. Acesso em 09 jan. 2017.

Qualquer leitor do romance épico de McCarthy pode atestar que ele possui um enredo cuja realidade ficcional descrita é brutal. Nesse trecho, encontra-se a cena em que Kid e um breve companheiro errante se deparam com um enorme árvore adornada com bebês assassinados brutalmente por índios que assolavam as cidades em meio a batalhas por território, na região abaixo do Mississipi. Na trama de *BM*, o trabalho com as descrições da geografia condenadora e opressora, para não dizer inóspita, é incansável. O Oeste extremo simplesmente parece ser um lugar que rejeita a existência humana e busca repeli-la a todo instante. A associação ininterrupta no livro, desde o seu subtítulo, é feita com as imagens de sangue, seca, violência, vazio e morte.

Essa realidade contrasta com a percepção original da região da América como um reduto Edênico de perfeição, prazer e receptividade que, diga-se, não é exclusivamente americano. Colombo, em sua primeira leitura do território das Américas, descreve a região como o Jardim do Éden, como relata Andrew Estes:

Colombo identificou o rio Orinoco (na atual Venezuela) como um dos quatro que fluíam do Jardim do Éden, como no Gênesis 2:11-12. O Paraíso, tanto o clássico quanto o bíblico, tinha sido definido tradicionalmente como inacessível aos humanos. Todavia, muitos dos discursos que envolviam a descoberta da América tendiam a extrair suas ideias de um vago passado mítico e inseri-los numa muito real, presente e acessível localização geográfica. (2003, p.61)⁶⁰

Essa leitura, expressa por Colombo em relação ao rio Orinoco, perpassou todo o imaginário americano dos primeiros colonos que se dirigiam para um local novo, um lugar que se acreditava de oportunidades e no qual a vida excludente, para determinados segmentos religiosos da Inglaterra Vitoriana tradicional, não se reproduziria. Essa percep-

⁶⁰ Columbus identified the Orinoco River (modern-day Venezuela) with one of the four which flowed out of the Garden of Eden, as per Genesis 2:11-12. Paradise, either the classical or the biblical, had traditionally been defined as inaccessible to humans. However, many of the discourses that surrounded the discovery of America tended to extract these ideas from a vague mythical past and to shift them onto a very real, present and accessible geographic location (ESTES, 2003, p.61).

ção não foi exclusiva da percepção americana. Mesmo o Brasil encontrou diferentes leituras sobre o seu Eldorado – se levarmos em conta, e podemos fazer isso os diferentes elementos descritos em *Visão do paraíso*, de Sergio Buarque de Holanda. No caso norte-americano, que é o que nos interessa aqui, dois dos princípios fundamentais desenvolvidos relacionavam-se à liberdade e à democracia, que se diferenciariam, no Novo Mundo, de tudo o que até então fora feito na Europa. O mundo após a Guerra de Independência Americana (1775-1778) era de possibilidades infinitas, pois se um povo alijado de direitos por ser de colonos desprezados venceu o maior dos impérios do mundo ocidental e, depois, reviu todo seu sistema econômico e de governo pela força da vontade do povo, então tudo para ele seria possível.

Parece contraditório, entretanto, tratar destes elementos Edênicos na obra de McCarthy, pois, como já foi dito, a geografia parece inóspita e ameaçadora, e todos os espaços são marcados por um aspecto de horror incomensurável. A vida é material difundido, precário ou inexistente, ao longo de todo o romance. A referência à árvore de bebês mortos foi uma dentre várias passagens às quais se poderia referir como exemplo disso. No enredo, encontram-se: um múmia crucificada, destacada como um símbolo maligno da crueldade; um dos colegas de Kid, no início de sua jornada, é atacado por um “vampiro” – na verdade um morcego hematófago –, enquanto tentavam dormir depois de cansativos dias de cavalgada; a obsessão do personagem Glanton e de seu grupo de contratados para matar e escalar índios de modo indiscriminado; um círculo de cabeças montado num vilarejo, e vários outros exemplos. Seriam quase inúmeras as possibilidades de exemplificação da simbologia da morte no Oeste. De que forma, pode-se relacionar este monumento à morte a um espaço edênico? Esse é um dos pontos de comparação entre nossos autores até agora, Pynchon e McCarthy: a ironia sobre o Éden.

Conforme o desenvolvimento deste trabalho, será possível perceber uma constante revisão do ideário de perfeição da terra. O que se encontra, por outro lado, é a contestação da nação como local desprovido de mazelas ou defeitos, em comunhão perfeita com o homem. É importante destacar que esse impulso de leitura edênica do território americano foi bastante alavancado, no período histórico em que se desenvolve o enredo de *BM*, pela exploração do território com o advento do sucesso da produção do tabaco e, posteriormente, do algodão. Com a fortuna econômica consequente, cresceu a percepção do novo continente como um local propício à acomodação dos puritanos desgarrados da velha Inglaterra. O crítico Andrew Estes, que possui toda uma obra sobre o trabalho de McCarthy com o espaço americano, num trecho do seu livro *Cormac McCarthy and the Writing of American Spaces*, explica:

Alimentando este viés negativo estão os puritanos, que tendiam a ver o Novo Mundo como o Deserto Americano, uma selva horrível que era, de um lado, um local de teste para os puros, e, do outro, um lugar para o renascimento da Cristandade. Puritanos, como aqueles da família de Cotton Mather, que deixaram a Inglaterra por uma chance de construir uma sociedade cristã mais pura. Ainda, um prelúdio para esta ordem melhor era um teste, análogo às provações que Jesus enfrentara, de acordo com as escrituras. Assim como Satã tentou e lutou contra Cristo, ele inevitavelmente também batalhou contra a formação de toda uma comunidade sacra na América. Seus sequazes, os índios, assim como a própria paisagem local, fizeram seu máximo para torturar e corromper aos Protestantes. (2003, p.68)⁶¹

Estes levanta a hipótese de haver contínua ameaça ao paraíso que os puritanos pensavam ter encontrado na nova terra, e que esse paraíso poderia ser comprometido por uma satânica tentação imposta aos novos habitantes do Novo Mundo. Contudo, esta seria uma condição prevista pela lógica dos acontecimentos, pois todos os representantes do

⁶¹ Feeding into this negative trend are the Puritans, who tended to view the New World as the American Desert, a howling wilderness that was, on the one hand testing ground for the pure and on the order, the place for Christianity's revival. Puritans like those in Cotton Mather's family had left England for a chance to build a more pure Christian society. Yet a prelude to this better order was a testing, analogous to the ordeals Jesus had undergone according the scriptures. Just as Satan tempted and fought Christ, he also inevitably battled against the founding of a holy community in America. His minions, the Indians, as well as the landscape itself, did their utmost to torture and mislead the Protestants (ESTES, 2003, p.68).

paganismo, os índios não convertidos, a terra ainda pagã, e as adversidades diárias, que cada vez mais ampliavam as provações de fé, ou seja, mesmo a totalidade deste ambiente não edênico seria, por tortuosas interpretações puritanas, um caminho que levaria os verdadeiros cristãos ao paraíso. É bastante esclarecedor aquele apontamento de Andrew Estes, pois, de fato, os diálogos contendo um entendimento missionário ou, no mínimo, religioso, são uma constante ao longo de *BM*. Tome-se, por exemplo, a fala entre Kid e um homem velho, no início da obra:

O velho balançou a cabeça para trás e para a frente. É duro o caminho do transgressor. Deus fez este mundo, mas não o fez bom para todos, não é?
 Não parece que pensava muito em mim.
 Sei, disse o velho. Mas onde chega o homem com suas ideias. Que mundo já viu de que gostasse mais?
 Posso imaginar muito lugar melhor e muita vida melhor.
 Consegue fazer existir?
 Não.
 Não. (*BM* 28)

Observe-se que a oposição estabelecida entre o discurso divino e a dureza da vida impõe a dúvida sobre o valor edênico da terra. Deus jamais é negado de maneira direta; contudo, há uma recorrente discussão sobre se a humanidade do Oeste não seria composta por seres esquecidos pelo grande demiurgo (ideia contida nos versos do poema de Crane, anteriormente citado). Tudo leva a conjecturas, em teoria, transgressoras: haveria uma outra existência? Um local de remissão? Ou ao menos um mundo melhor, onde não fosse tão dura a luta pela sobrevivência, um lugar em que o caos não fosse o tom monocórdio intermitente, que martela a cabeça dos homens do Oeste?

Primeiramente, há uma exposição irônica da “marcha para o Oeste” e seus ganhos. Uma tônica comum no imaginário americano e mesmo internacional é o de que o avanço por terras mais ao sul dos Estados Unidos representaram apenas um avanço natural, benéfico e até necessário para a consolidação da grande nação americana. Era de fato proce-

dimento padrão naquela época a tomada de território. As nações ainda eram compostas por conquistas. É uma tradição antiquíssima – de forma alguma nascida nos Estados Unidos – a de afirmação do poder via conquista e tomada do espaço e aumento de influência, por meio de vitórias nos moldes imperialistas, que ainda vigorava. A geração de meados do século XIX era filha dos recentes impérios europeus. Era inconcebível sequer o entendimento de poder desvinculado do tamanho do país, da quantidade de suas riquezas naturais, da força de seu exército e do empenho de seus homens em explorar, desbravar, conquistar e ocupar novos espaços.

Assim, o trabalho com a conquista do Oeste é o fato histórico mais marcante deste período em que se passa a trama de *BM*. Como isso se liga ao discurso religioso, além, obviamente, do ímpeto catequético inerente de almejar extirpar o paganismo de uma terra ainda sem Deus? É preciso lembrar que a composição cultural de um país, bem como o desenvolvimento dos rudimentos políticos da terra, jamais se separam de um mínimo de influência religiosa. Um dos principais motivadores, não apenas da vinda, mas do expansionismo das treze colônias, reside na leitura protestante de que uma terra segura só seria garantida com a tomada e defesa de um território genuinamente puritano, que floresceria conforme os moldes apregoados desde o início da colônia:

Americanos do pré-guerra [civil] tipicamente ligavam a história da liberdade política ao Protestantismo. Adequadamente, era possível argumentar que a expansão dos Estados Unidos asseguraria o continente para a liberdade e o Protestantismo, e o salvaria do México Católico, cujo “clero cruel, ambicioso e licencioso”, de acordo com Robert Walker, estava sempre pronto para estabelecer a inquisição. (HOWE, 2007, p.1889)⁶²

⁶² Antebellum Americans typically linked the history of political liberty with Protestantism. Accordingly, it was possible to argue that the expansion of the United States would secure the continent for liberty and Protestantism, and save it from Catholic Mexico, whose “cruel, ambitious, and licentious priesthood,” according to Robert Walker, stood ever ready to establish the inquisition (HOWE, 2007, p.1889).

McCarthy, portanto, constrói sua narrativa como uma revisão das razões que levaram a essa formação do território americano e, com olhar crítico, relê os feitos passados para tentar desvelar todos os massacres e misérias que acompanharam os passos dos duros homens do Oeste, bem como as consequências muitas vezes sangrentas no encontro com os índios. Tudo custou muitas vidas de ambos os lados, sobretudo dos indígenas. Se houve um Éden, ele fora construído sobre o assoalho empapado de sangue de milhares de americanos e nativos autóctones. Mas este era o preço a se pagar em nome de uma utopia. A idealização de se rechaçar toda possibilidade de reavivamento de inquisições proibitivas e antidemocráticas. O paraíso não é uma morada que serve somente como fornecedora de benesses e bens primários para gerar frutos comerciais. O Éden não era, portanto, algo a ser encontrado, era imperativo que fosse construído pelas mãos de homens bons engajados e tementes a Deus e dispostos ao trabalho. O paraíso na terra era possível, mas ele seria fruto da fé e do trabalho humano, como afirma Howe:

Enquanto a convenção pós-milenarista do Protestantismo americano identificou todo o país como a nova Israel de Deus e um modelo para as outras nações, uma série de movimentos sectários proclamaram suas próprias comunidades menores como exemplos para a humanidade. Acadêmicos chamam esses exemplares de comunidades planejadas de “utopias” [...] No começo da república, muitas comunidades utópicas floresceram, religiosas e seculares, importadas e nativas, cada uma esforçando-se para demonstrar o milênio, literal ou figurativo, antes e agora. Como um utópico participante afirmou em 1844: “Nosso propósito futuro é nada menos que o Céu na Terra.” (2007, p.799)⁶³

É bem verdade que, abordando-se o segundo ponto importante em *BM*, toda a linguagem de McCarthy, ao longo da narrativa, não deixa de ser um singular elogio à grandiosidade da terra. O trabalho com o vocabulário e com as descrições das múltiplas facetas

⁶³ While the postmillennial mainstream of American Protestantism identified the whole country as God’s new Israel and a model for the other nations, a host of sectarian movements proclaimed their own little communities as examples to mankind. Scholars call these exemplary planned communities “utopias,” [...] In the early republic, many utopian communities flourished, religious and secular, imported and native, each struggling to demonstrate the millennium, literal or figurative, here and now. As one utopian participant put it in 1844: “Our ulterior aim is nothing less than Heaven on Earth” (HOWE, 2007, p.799).

e surpresas reservadas em cada vento, em cada trovão, em cada raio, nas raras paisagens chuvosa, em todo vilarejo, nas diversas planícies avermelhadas e semiáridas são uma constante no livro. Em muitos momentos, a descrição da terra beira o trabalho de um exímio cartógrafo. Por tal razão, são comuns as comparações entre Cormac McCarthy e Herman Melville, um como porta voz da terra seca, como outrora fora o outro o porta voz das águas. O Oeste americano representa indelevelmente um cosmos gigantesco de possibilidades infinitas, no qual há delírio dos homens sobre vida e morte, luta e sobrevivência, sangue e fúria, deus e abandono. A obsessão de McCarthy pela descrição de espaços é notória, sobretudo no primeiro terço da obra, em que o juiz Holden ainda se fazia menos presente e, por conseguinte, as falas dos personagens são bem mais escassas. Predomina, aí, a longa versão do narrador sobre as paisagens do Oeste.

Em contrapartida, não se deve confundir essa insistência, e mesmo encantamento, com a beleza da terra, com uma admiração romântica ou muito menos idílica. A paisagem serve de método para explicar dores e sofrimentos dos seres. O enorme apelo das ambientações de McCarthy reside na descrição de sua grandiosidade, no respeito à sua capacidade de subjugar todo ser vivo, nos mistérios de suas sombras, na excelência de sua perfeição, no deslumbramento com sua geografia de clima extremo. Os homens sentem-se pequenos e indefesos perante a vastidão da nação ainda estranha e com sua selvageria inerente e irrefreável. É a grandeza descrita e narrada da construção divina da Terra para conter o júbilo humano. Por isso, o único personagem de todo o romance que pode ter sua estatura aproximada à paisagem é o Judge Holden, justamente por ele se encaixar tão perfeitamente nesta atmosfera violenta e opressora; ou por se aproximar do discurso divino:

Por toda a noite relâmpagos difusos sem origem definida estremeceram a Oeste atrás das massas tempestuosas de nuvens da meia-noite, provocando um dia azulado no deserto distante, as montanhas no horizonte súbito abruptas e negras e lívidas como

uma terra longínqua de alguma outra ordem cuja genuína geologia fosse não pedra mas medo. Os trovões aproximavam-se a sudoeste e raios iluminavam todo o deserto em torno deles, azul e estéril, grandes extensões estrondeantes expelidas da noite absoluta como algum reino demoníaco sendo invocado ou uma terra mutante que com a chegada do dia não deixaria mais vestígio ou fumaça ou destruição do que qualquer sonho perturbador. (BM 64)

As tempestades são intermitentes, mas quase não se vê água; essa descrição que gera estranheza e contradições certamente possui valor existencial. De onde vêm os relâmpagos sem trovões? Talvez o rei Lear, da peça homônima de Shakespeare, perguntasse *What is the sound of thunder*⁶⁴? Que céu seria aquele que se torna azulado com premissas de tempestade? Há aí uma linda imagem de uma geologia não da pedra, mas do pavor do desconhecido, que pode esmagar a todos a qualquer momento; medo do que não se controla e daquilo que pode definir quem vive e quem morre. O deserto, que se alastra até onde a vista alcança, é estéril, mas quer-se enxergar nele algo que signifique sobrevivência, para que a casa de Deus, que se perde na sombra, não seja demoniacamente tomada por párias nômades; para que não seja um lar que encara seus moradores como estranhos, e eles vivam numa atmosfera que, apesar da descrição perceptivelmente composta por referências físicas, sugere sentimento onírico perturbador: o lugar só poderia ser constituído de matéria idêntica à de pesadelos.

Se há uma herança cultural secular que se pressupõe, no trabalho dos historiadores e escritores, relacionada ao mito do paraíso perdido, que seria não reconquistado mas reconstruído na América, ela é totalmente revista pela fina ironia de McCarthy. Esse conceito de um continente adequado para a concretização de sonhos e para o estabelecimento de ideais de perfeição são tão grandes que, nos Estados Unidos, como se sabe, houve o desenvolvimento ou a disseminação plural (quando não a criação) de denominações religiosas mais antigas e mais recentes, em grande profusão: presbiterianismo, mormo-

⁶⁴ “O que é o som do trovão?”, em tradução livre.

nismo, judaísmo, menonismo, e assim por diante⁶⁵. Howe, já utilizado aqui em outras citações, autor de *What Hath God Wrought: The Transformation of America, 1815–1848*, da coleção *Oxford History of United States*, explica, por exemplo, que alguns dos fundadores e reformistas de destaque dos USA, como John Adams, abraçavam o discurso religioso e promoviam um amálgama de fatores nacionais e políticos que deixariam marcas profundas no entendimento da nação sobre si mesma. De maneira geral, essa leitura era acompanhada, em bases quase exclusivamente positivas e idealizadas, da ideia de que o destino americano era edênico:

Muitas pessoas compartilhavam do olhar de John Quincy Adams sobre a América como um país onde Deus poderia concretizar os Seus planos para a humanidade em sua completude. Mas o esquema para realizar este providencial destino poderia ser bem mais arriscado e presunçoso que o Sistema Americano, de Henry Clay. Alguns americanos realmente esperavam cooperar para encurtar a Segunda Vinda de Cristo, que poderia conduzir ao fim da história. Quase todos os americanos viam seu país como um exemplo e um precursor de governo popular para o resto do mundo, e até mesmo não membros da igreja acharam as expectativas milenares uma metáfora apropriada para o seu destino. (HOWE, 2007, p.779)⁶⁶

O próprio título de Howe faz referência a como a nação foi composta, com base no que Deus haveria destinado aos homens: “Será dito sobre Jacó e sobre Israel, O que Deus operou!” [“It shall be said of Jacob and of Israel, What hath God wrought!”] (*Números*:

⁶⁵ As religiões cristãs trazidas da Europa pelos ingleses, em primeiro lugar, e depois por toda a sorte de imigrantes são inúmeras, inclusive as não cristãs. As religiões ou denominações religiosas nascidas especificamente nos Estados Unidos são muitas, entre elas, o Pentecostalismo, o Adventismo, o Mormonismo, as Testemunhas de Jeová, as Igrejas ou Discípulos de Cristo, o Unitarismo, a Igreja Universalista da América e a Igreja Metropolitana Comunitária. As denominações cristãs predominantes são: Igreja Católica, Convenção Batista do Sul, Igreja Metodista Unida, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (nome oficial e englobante dos Mórmons) e a Igreja de Deus em Cristo. As várias denominações protestantes perfazem pouco menos de cinquenta por cento da população. Dentre as religiões não cristãs, com predominância do Judaísmo e do Islamismo, ainda podem ser mencionadas: Rastafarianismo, o Budismo, o Hinduísmo, o Jainismo, o Skhismo e o Taoísmo.

⁶⁶ Many people shared John Quincy Adams’s view of America as the country where God would bring His plans for humanity to fulfillment. But the blueprints for realizing this providential destiny could be far bolder and more presumptuous than Henry Clay’s American System. Some Americans actually hoped to cooperate in hastening the Second Coming of Christ, which would usher in the end of history. Almost all Americans regarded their country as an example and a harbinger of popular government to the rest of the world, and even non-church-members found millennial expectations an appropriate metaphor for this destiny (HOWE, 2007, p.779).

23, 23)]. Mas, é claro, os efeitos causados pela paisagem nos personagens de *BM* não são aqueles que se esperam de um Éden cristão, ou da ressurreição de uma nova Terra Prometida, uma nova Israel. Os viajantes de McCarthy são testados até o seu limite: a maioria morre, os demais sobrevivem a duras penas, nenhum deles passa pela terra sem ter a impressão de que dialogam com seu Criador rumo à morte. A selvageria alucinada do ambiente subverte qualquer entendimento de paz e qualquer um saberia que manás não cairiam do céu ali, naquele deserto. Essas referências bíblicas não são utilizadas aqui para mero efeito de sentido, a narrativa de *BM* comumente usa de símbolos bíblico-religiosos para expressar essa ironia sobre o paraíso terrível. Por exemplo, quando personagens passam por uma pequena vila chamada Janos, tem-se a seguinte descrição:

[...] a cidade de Janos.

Um antigo presídio murado composto inteiramente de barro, uma igreja alta de barro e torres de observação de barro e tudo isso banhado pela chuva e cheio de calombos e se desfazendo em flácida decadência. (*BM* 126)

O narrador emprega aqui a simbologia bíblica do barro, que remete à origem, à criação, e também impele a um entendimento da terra vital banhada na e pela água, que moldaria algo próprio do homem, o que o aproximaria de Deus, ao dar vida e forma ao homem, como reprodução de sua semelhança para reinar sobre a Terra e sobre os demais seres. Janos não deixa de ser um rápida menção a uma realidade não condizente com a paisagem seca e destruída, por isso a ironia de McCarthy desemboca numa conclusão aparentemente contraditória. A cidade de barro está decadente, uma sombra de algo que existiu ou que devia ter existido. Janos transforma-se naquilo que sobra do Éden, quando visto através do prisma do Oeste de meridianos sangrentos.

2.3 A horda furiosa

Não se pode deixar de correlacionar, na construção da ironia sobre a paisagem do Éden americano, a atuação dos seres que lhes seriam “naturais”. Os indígenas são descritos em mais de uma passagem como seres medonhos, perpetradores da morte e da destruição. Não que McCarthy endosse qualquer tipo de preconceito com relação a esta etnia. O aparente entendimento que os personagens têm, no entanto, perpassa toda narrativa, deixando transparecer um temor quase mítico do poder de violência avassaladora dos índios. A descrição em *BM* da horda mongólica de índios tem sua principal passagem logo no princípio do romance:

Uma *legião medonha*, às centenas em número, seminus ou vestidos em trajes áticos ou bíblicos ou ataviados como num *sonho febril* com as peles de animais e ornatos de seda e peças de uniforme ainda marcadas pelo sangue de seus donos originais, capotes de dragoons trucidados, casacos de cavalaria com galões e alamares, um de cartola e outro com um guarda-chuva e mais outro com longas meias brancas de mulher e um véu de noiva manchado de sangue e alguns com cocares de penas de grou ou capacetes de couro cru ostentando chifres de touro ou búfalo e um metido em um fraque ao contrário e de resto nu e outro com a armadura de um conquistador espanhol, o peitoral e as espaldeiras com fundas mossas de antigos golpes de maça ou sabre feitos em outro país por homens cujos ossos eram agora pó e muitos ainda com suas tranças entrelaçadas ao pelo de *outras feras* a ponto de arrastar no chão e as orelhas e rabos de seus cavalos ornamentados com retalhos de tecidos coloridos brilhantes e um cujo animal tinha a cabeça inteira pintada de escarlate e os rostos de todos os cavaleiros lambuzados de tinta de um jeito espalhafatoso e grotesco como uma companhia de palhaços a cavalo, hilários mortais, todos ululando em uma língua bárbara e caindo sobre eles como uma *horda de um inferno ainda mais horrível que o mundo sulfuroso do juízo cristão, guinchando* e gritando e amortalhados em fumaça como esses seres vaporosos de regiões além da justa apreensão onde o olho erra e os lábios balbuciam e babam. (*BM* 71; grifos meus)

A atmosfera é como a descrição de uma espécie de praga proveniente de algum panorama infernal. Todo o cenário parece expor um palco apocalíptico, cujos agentes são os aborígenes. Os referenciais são de nativos naturais com seus hábitos pagãos e não socializados, muitos estão despidos e muitos adornados com peles e partes de animais, e tantos outros ornados com restos de vestimentas militares ou sociais recuperados após

alguma luta ou batalha. Tanto remete-se a um paganismo de idolatria a seres selvagens, como caracterizam os indígenas como selvagens indóceis, que vivem longe dos parâmetros adequados de pessoas civilizadas. Além das peles ainda marcadas de sangue, este mesmo sangue também poderia ser o de outras pessoas, pois vestimentas de soldados inimigos igualmente são usados por sobre alguns dos corpos nus dos índios em seu ataque. Apetrechos como cartolas e guarda-chuvas estão dispostos de modo caótico, para tornar ainda mais confusa a descrição do pesadelo “febril”: seu uso não é apenas um símbolo de “não civilizados”, mas, principalmente, de uma diabólica perversão dos costumes “civilizados” e cristãos de homens e mulheres bancos.

Um deles vem ornamentado como uma noiva ensandecida, com partes de vestido e de chifres. Em paralelo a essa profusão de imagens pouco discerníveis e coerentes soma-se um série de gritos aparentemente não humanos e cantos indistintos, que asseveram nossa leitura da alucinação medonha que compõe o ataque desta espécie de circo de assassinos bárbaros, que avançam de modo imparável para cima de todos os que encontram pelo caminho. O destino de tudo por cima do que passavam era a morte e a aniquilação, um grupo pior do que o próprio inferno (“mundo sulfuroso do juízo cristão”). Esse apocalipse indígena, sem dúvidas, representa uma crítica dupla ao composto Edênico de ocupação da terra: em primeiro lugar, o povo nativo era um empecilho fundamental, e, em segundo lugar, é como se a própria natureza representasse uma tentativa de expulsão dos colonos americanos. A força mortal dos guerreiros torna-se a representação da força da terra, que não admitia a presença das tropas e dos aventureiros que tomavam o Oeste.

Um valor fundamental da narrativa de *BM* está na representação da incomensurável violência, não obstante seja necessária a ressalva de que a crueldade sanguinária encontrada na campanha do Oeste impressiona até os especialistas na área. A associação simplista, embasada no senso comum, de que os Estados Unidos são a terra violenta de um

povo ontologicamente violento, não será tópico desse trabalho, mas tais condenações superficiais se esquecem do fato de a violência ser inerente ao homem. Esse tipo de estereótipo pobre pode perder de vista que qualquer manifestação violenta extremada tem de ser posta em xeque, assim como – segundo especialistas históricos – mesmo dentro do contexto do expansionismo americano e todos os outros tipos de conflitos sangrentos, os linchamentos, o uso indiscriminado de armas, os caçadores de recompensas, as terras sem lei, os assaltos em estradas e tudo o mais encontrado no Oeste, não permanecia dentro de padrões aceitáveis de comportamento sequer para uma região reconhecidamente selvagem. Como diz Howe:

O velho Sudoeste era uma sociedade violenta, até mesmo para os padrões americanos. Instituições do governo local não puderam ser estabelecidas rapidamente o bastante para manter a ordem como se necessitava. Nos primeiros poucos anos de estabelecimento, lei e ordem pareciam constituir mais uma aspiração que uma realidade. Homens travavam duelos e nem sempre os conduziam como mandavam as convenções de honra cavaleiresca; registros contemporâneos enfatizam brigas, esmurramentos, tiroteios e lutas de facas. Natchez e a rodovia Natchez Trace ligada a Nashville teve particular reputação de desordem pela sua violência acompanhada de crime, jogatina, bebedeira, e prostituição. A crueldade rotineira associada com a disciplina escravocrata e a determinação dos brancos para manter sua supremacia racial sobre os índios e negros livres legitimaram outras formas de violência, inclusive linchamentos. (2007, p.370)⁶⁷

O *Old Southwest*, entretanto, só foi atingido pelo ímpeto de ocupação territorial para a concretização do projeto de erigir o Éden nas novas terras americanas. A campanha do México atendia a padrões de salvação das terras tomadas, obedecendo a uma leitura de aperfeiçoamento da terra. É o começo de um tópico que nos será muito importante: a

⁶⁷ The Old Southwest was a violent society, even by American standards. Institutions of local government could not be set up fast enough to keep pace with needs. In the first few years of settlement, law and order might constitute more an aspiration than a reality. Men fought duels and did not always conduct them according to the conventions of gentlemanly honor; contemporary accounts emphasize brawls, fistfights, shootouts, and knife fights. Natchez and the Natchez Trace road linking it with Nashville had particularly rough reputations for the violence accompanying crime, gambling, drunkenness, and prostitution. The routine cruelty associated with slave discipline and the determination of the whites to maintain their racial supremacy over Indians and free Negroes legitimated other forms of violence, including lynchings (HOWE, 2007, p.370).

inserção do *Manifest Destiny* – Destino Manifesto. De acordo com esse mito, o destino dos americanos era o de promover o avanço sobre outras terras por meio de uma legítima implementação de conceitos e princípios civilizatórios, que serviriam de solução a tudo o que fosse degenerado.

A retórica predominante, que perpassou a maior parte do século XIX, na Política e História Americana, apesar de poder contar com a leitura literal e aparentemente bem intencionada do homem comum, que representava a maioria da população, dedutivelmente escondia, por outro lado, interesses de homens cobiçosos ou tendenciosos, que almejavam a simples posse sobre territórios assaltados:

Para alguns americanos, sem dúvida, a retórica expressava sentimentos idealistas. A aquisição de novas terras e a admissão de novas pessoas na União estenderam as bênçãos da liberdade. A expansão territorial providenciava um céu para aqueles que sofriam opressão em outras terras. Alguns americanos até mesmo acreditavam que a sua nação tinha a obrigação de reerguer ou regenerar povos “atrasados” como os mexicanos.// Frequentemente, o Destino Manifesto abrangia e tentava legitimar motivos egoístas. (HERRING, 2008, p.181)⁶⁸

Ao se falar da percepção do homem comum, é bom que se tenha em vista que essa ilusão de mentes simples, a exemplo, em *BM*, do protagonista Kid, concretiza a ironia representada no romance. Kid, antes de atravessar o deserto para lutar e sem saber contra qual “inimigo” e por quais razões, estava extremamente relutante e não admitia hipótese razoável de assumir a empreitada megalomaniaca sugerida pelo capitão. Kid teme, desconfia do erro, percebe os riscos da ida para uma luta em meio ao nada, não entende claramente as razões do ataque. Certamente Kid está longe de ser o mais genial dos seres,

⁶⁸ For some Americans, no doubt, the rhetoric expressed idealistic sentiments. The acquisition of new lands and the admission of new peoples to the Union extended the blessings of liberty. Territorial expansion provided a haven for those fleeing oppression in other lands. Some Americans even believed that their nation had an obligation to uplift and regenerate “backward” peoples like Mexicans.// More often than not, Manifest Destiny covered and attempted to legitimize selfish motives (HERRING, 2008, p.181).

mas ele não aceita a completa irracionalidade de uma ação, que facilmente lhe custaria a vida.

Mas há o discurso, no romance, iluminado de algumas mentes pretensiosas ou cegas em suas ideologias. O capitão, por exemplo, explica ao rapaz a importância de se unirem as duas pontas da nação e de impedir que os californianos fossem ameaçados por índios. A salvaguarda da terra de um povo sem méritos e sem valor é, ou seria, um ato heroico. Ser um soldado voluntário no Oeste representaria um ato de nobreza, uma doação em nome da pátria. O patriotismo americano pode ser criticado, dependendo da perspectiva que se queira assumir, todavia, ele é enorme, contínuo, e surge desde o princípio da ideia dos Estados Unidos já com os primeiros pais da nação. O destino manifesto encontra aqui o mínimo de sucesso, pois foi uma ideia comprada, aceita e difundida pelo povo, em sua maioria simples. Por que não lutar por uma causa nobre numa terra sem lei? Por que não derrubar selvagens maus que matam seus primos? Que tal ter um propósito numa vida desprovida de qualquer sentido e ainda ser pago por isso e agir em nome dos compatriotas inocentes? Como mostra McCarthy:

Bem agora estão formando em Washington uma comissão para vir para cá e fixar as linhas de fronteira entre nosso país e o México. Creio não restar a menor dúvida de que Sonora vai acabar se tornando território dos Estados Unidos. Guaymas um porto americano. Os americanos vão poder chegar na Califórnia sem precisar passar por nossa inculta república irmã e nossos cidadãos enfim vão ficar protegidos das notórias súcias de cortadores de garganta que no atual momento infestam os caminhos que são obrigados a percorrer.

O capitão observava o Kid. O Kid parecia desconfortável. Filho, disse o capitão. Cabe a nós sermos os instrumentos de libertação em uma terra sombria e turbulenta. Isso mesmo. Somos a vanguarda do ataque. (BM 46)

Esta nova constatação reforça nossa tese da desconstrução da paisagem do Éden em *Blood Meridian*. O autor americano mais uma vez constrói uma ironia muito bem detalhada, para subverter o típico cenário simbólico do Paraíso terrestre no Oeste americano. A reavaliação do percurso histórico do avanço sobre o *Wild West*, durante o período da

primeira metade do século XIX, mais precisamente entre as décadas de 30 e 50, está alinhada com a anterior referência aos massacres das hordas indígenas. Apesar de a desconstrução na narrativa ser promovida por meio de diferentes artifícios, um dos mais destacáveis é a reinterpretação das características nativas do solo americano, até mesmo no nível geológico. As características épicas reúnem-se de modo a afirmar a grandiosidade da terra em relação ao homem, porém não como um instrumento de redenção típico do continente americano paradisíaco, mas como um incentivo que serviu de matéria para o imaginário edênico motivador tanto do movimento puritano, que iniciou a ocupação da terra, quanto da expansão das Treze Colônias em busca de novos territórios no Oeste, motivada pelo espírito de sucesso infinito e desbravamento necessário durante a *Jacksonian Era*, que será abordada a seguir.

Mesmo cidadãos americanos duvidavam se essa prática do destino manifesto poderia angariar algum sucesso. A interpretação do pensador Ralph Waldo Emerson era exatamente o oposto. Para ele, ao invés de os Estados Unidos purificarem e melhorarem as novas terras, o México iria envenenar e piorar o que de bom havia na América. A conquista da parte mexicana do Sul e do Oeste traria mazelas inevitáveis para os homens comuns como Kid, que se exporiam a toda sorte de violência, de intempéries e de humilhações em nome de uma causa que, de maneira geral, pouco conheciam, e uma promessa de riqueza que raramente seria alcançada. O Éden jamais seria alcançado por meio de uma guerra contra povos que não desejavam mudanças numa geografia estranha e inimiga, e muitos menos através da tentativa de alastramento da escravização de indígenas ou de uso de mão de obra escrava:

“Os Estados Unidos conquistarão o México”, o filósofo Ralph Waldo Emerson previu com o rebentar da Guerra em maio de 1846, “mas será como se os homens engolissem arsênico, que os derrubará por completo. O México irá nos envenenar.” Emerson corretamente previu que a primeira Guerra da América contra forças estrangeiras teria consequências desastrosas, mas ele estava errado sobre quais elas seriam. [...] De fato,

seria o câncer da escravidão na sociedade americana que, quando ligada àquela disposição do território tomado do México, envenenaria o corpo político, provocando a crise irrepreensível que eventualmente assolaria a União. (HERRING, 2008, p.176)⁶⁹

A luta pela conquista do México nos Oitocentos, portanto, era um erro em si mesmo desde o princípio, pois os propósitos que motivavam as escolhas dos colonizadores eram escusos e até obscuros para os próprios soldados e homens do campo, que se alistavam nas companhias militares ou que se aventuravam a conquistar terras no Oeste. O que mais nos importa aqui é centralizar no contexto da época, como faz McCarthy, para que possamos ao menos imaginar como os fatos da época eram encarados por personagens – neste capítulo reiteradamente afirmados como ignaros pela narrativa – como o Kid. Homens embrutecidos pela vida, sem perspectivas, em busca da subsistência, que morriam tal como insetos e que acreditavam em todo tipo de discurso (político ou religioso) minimamente elaborado. Esses mesmos homens estariam fadados a ser usados como bucha de canhão para a promoção da campanha do Oeste, o estabelecimento do Texas (primeiramente, sua independência; depois, sua anexação) e a promoção de campos que futuramente serviriam para propagação da escravidão no Sul – o que culminaria na Guerra Civil Americana ou Guerra da Secessão (1861-1865) – e que enriqueceria apenas a famílias abastadas e tradicionais. Mas toda a força humana desprendida fora de personagens como Kid, que estava em busca de um Paraíso particular, em que reinasse o Cristianismo no qual, de fato, acreditava, em que pudesse, enfim, repousar sem viver a cada dia em busca do mínimo de água e comida à custa de muitos tiros, socos, facadas e sangue. Mas tudo não passava de um engodo, pois a sua participação na campanha para o Oeste era apenas o início de um longo comprometimento da sociedade americana local, composta por homens comuns como Kid, que seria trucidada em uma série de conflitos e que, em contrapartida, cometeria o crime de trucidar os índios

⁶⁹ “The United States will conquer Mexico,” philosopher Ralph Waldo Emerson predicted at the outbreak of war in May 1846, “but it will be as the man swallows the arsenic, which brings him down in turn. Mexico will poison us.” Emerson correctly predicted that America’s first major foreign war would have disastrous consequences, but he was wrong about what they would be. [...] In fact, it was the cancer of slavery within U.S. society that, when linked with disposition of the territory taken from Mexico, poisoned the body politic, provoking the irrepressible crisis that eventually sundered the Union (HERRING, 2008, p.176).

da região, sem mesmo estar ciente das razões que o forçam a isso. Interpreto aqui, portanto, a leitura de Herring citada acima, como uma perspectiva elucidada apenas *a posteiori*⁷⁰, à luz da História contemporânea munida de todos os fatos, de que, neste período em que vive Kid, nasce todo o veneno da violência – simbolicamente falando – que contaminaria o continente pôs décadas. Kid estava em busca do paraíso, mas encontraria somente o inferno.

Portanto, o Éden sonhado pelos americanos, se existia, não estaria nas terras vermelhas ao Sul. Os índios agiam quase como anticorpos produzidos pelo Oeste para combater os elementos estranhos que representavam os americanos. Soma-se a isso a ironização evidente sobre o destino manifesto, suas motivações e seus supostos benefícios, e a ironia está tão perfeita, que inverte inclusive o olhar de americanos comuns, como Kid, que serviram de soldados dispensáveis para alguns líderes tentarem pôr em prática seus sonhos ou delírios de sobreposição civilizatória. Esta união da dupla ironia está unida pela argamassa de uma violência que se propaga de modo extensivo sobre o Oeste. O resultado é sempre previsível, quando culturas diametralmente opostas e que não se aceitam, entram em choque em busca de uma supremacia, e se apenas uma pode sobreviver, o produto final só poderia ser concebido após um longo percurso de luta empapado de sangue. Aqui se instaura a maior das ironias: qual a razão de todo esse esforço? Quem eram aqueles índios? Por que matavam tão ferozmente? O que faziam ali Kid e os outros pobres coitados que vestiram fardas sem objetivos claros? Eram os filhos que construiriam o Éden, que nunca em verdade veio a surgir. O crítico Rick Wallach, em entrevista a Peter Josyph, resume assim o limiar da América em *BM*:

JOSYPH: O que é o Meridiano de Sangue?

WALLACH: Eu penso que o Meridiano de Sangue é uma referência oblíqua ao 96° paralelo, que Frederick Jackson Turner definiu como o limite do horizonte do Oeste. Além dele, as leis e regulamentações da América civilizada não se aplicavam. Quando os mais duros e preparados entre nós saíram e esculpíram a maleável proto-matéria da

⁷⁰ De maneira semelhante à que fiz no primeiro capítulo com o viés histórico, metaficcionalizado, em *Mason & Dixon*.

nova civilização da selvageria, o 96° meridiano seguiu-os para o Oeste, por assim dizer. No tempo em que o livro é ambientado, aquele meridiano se desenvolveria de modo bem próximo a Nacogdoches, que foi é onde Kid encontra o Juiz [Holden] pela primeira vez. Esta é também, penso eu, o limite físico da civilização, o ponto a partir do qual o devotamento humana aos mecanismos repressivos da psique civilizada começa a se desintegrar e dar lugar à gratificação ilimitada da libido. (JOSYPH, 2010, p.102)⁷¹

2.4 Os filhos de Jackson

Por fim, outra leitura sobre a desconstrução do mito Edênico da terra encontra-se nas ironias elaboradas sobre o que se convencionou na cultura americana, há algum tempo, em chamar de *Jacksonian America*:

Lutamos por aquilo. Perdemos amigos e irmãos ali. E então por Deus se não entregamos tudo de volta. De volta para um bando de bárbaros que até o mais parcial a favor deles vai admitir que não têm ideia neste mundo de Deus do que seja honra ou justiça ou do significado de um governo republicano. Um povo que de forma tão covarde vem pagando tributo por cem anos a tribos de selvagens nus. Abrindo mão de suas colheitas e cabeças de gado. Minas fechadas. Cidades inteiras abandonadas. Enquanto uma horda de pagãos varre a terra saqueando e matando em total impunidade. (*BM* 46)

McCarthy, perceptivelmente, refere-se a um princípio de união entre “irmãos” em busca de um bem maior. Esse bem maior embasado na luta ou na guerra por ideais. O trecho faz menção à impensável possibilidade de se entregar algo “de volta”, o que é evidente referência às terras do Oeste ocupadas após a guerra com os índios locais, aqui tomados por “bárbaros”. Porém, munidos de um ímpeto guerreiro e com o apoio de

⁷¹ JOSYPH: What is the *Blood Meridian*?

WALLACH: I think *Blood Meridian* is an oblique reference to the 96th parallel, which Frederick Jackson Turner defined as the boundary of the horizon of the West. Beyond that, the laws and regulations of civilized America didn't apply. When the rougher and readier among us went out and carved the malleable proto-matter of the new civilization from the wilderness, the 96th meridian followed them westward, so to speak. About the time the book is set, that meridian would run mighty close by Nagadoches, which is where the Kid meets the Judge for the first time. It is also, I think, the psychic limit of civilization, the point past which human fealty to the repressive mechanisms of the civilized psyche begins to disintegrate and give way to the unbounded gratification of the libido (JOSYPH, 2010, p.102).

“Deus”, há uma missão a ser cumprida: a manutenção da ordem e do território honrado, dentro dos padrões civilizados republicanos e não pagãos. A descrição dos hábitos do indígenas é sintomático de uma caricatura selvagem sem precedentes. Seres nus, covardes, sem cultura para cuidar de gado e de colheitas. Homens que simplesmente vivem para assolar a humanidade (ao menos a parte dela que se estabeleceu nos Estados Unidos) com o único impulso de saquear e matar. Seria dever de qualquer homem sensato resistir a esta investida maléfica e predatória dos índios em nome da ordem que negue a selvageria sem Deus.

Esse espírito de expansão republicano desenfreado, de tomada de poder e da terra, muitas vezes em nome de Deus, é típico da *Jacksonian Era*, período em que houve forte mudança dos padrões de vida e, sobretudo, dos padrões políticos nos Estados Unidos. Nas décadas de 20 e 30 do século XIX, Andrew Jackson sobe ao poder pelo partido democrata, instala-se na Casa Branca e instaura um sistema de governo de forte viés reformista. Instigado pelas ideias de Thomas Jefferson, Jackson enxergava o governo americano como uma democracia instituída de maneira incompleta. Faltava revisar a igualdade de condições no funcionamento e no controle das instituições. O homem comum, de certa forma era ainda alijado de participação com voto livre universal para os homens brancos, embora o colegiado de notáveis ainda determinasse, como até hoje acontece, as eleições no país.

Movido pelo desejo de uma sociedade não embasada em monopólio de uma elite, que comandara a independência, Andrew Jackson ascendeu ao poder com forte apoio popular, propondo um presidencialismo marcante, mas com poderes limitados. Lembrando-se de que foi importante e bem sucedido general durante a Guerra Civil – comandante da campanha de New Orleans – Andrew Jackson assumiu na época *status* quase mítico, como homem de ação em nome do povo. Aproveitando-se de certo populismo de

que gozava, o presidente Jackson pôs em prática uma série de projetos ambiciosos. Dentre eles, o fortalecimento do princípio do *Manifest Destiny*, por meio da promoção e ampliação da campanha para o Oeste, removendo os índios em larga escala:

A ideia de se remover os índios para o oeste tinha uma longa história e o governo federal tinha feito inúmeros tratados para a remoção dos índios. Mas a declaração de Jackson representou uma mudança de ênfase de suficiente magnitude para marcar uma nova era nas relações entre índios e brancos. Ele propôs que esforços para civilizar as tribos agora ocorressem apenas no território dos índios, onde as tribos estariam livres de contato corruptor com a maré crescente de homens de fronteira. Determinado a perseguir a remoção com vigor e retidão sem precedentes, Jackson ameaçou que os índios que ficassem para trás perderiam seu *status* tribal e seriam considerados indivíduos sujeitos à autoridade estatal. (LATNER, 2002, p.109)⁷²

Andrew Jackson reavivou o interesse americano em habitar e colonizar suas terras ao extremo – inclusive por meio da expansão territorial, pois ele, de simples comerciante a um grande militar, presidente e milionário, encarnava o zênite americano em sua máxima potência. Homens eram inspirados por ele a acreditar em seus próprios esforços e a buscar incessantemente a construção de um Éden na Terra, pois o empenho iria, em algum momento, recompensar a labuta do forte que não se curvasse às dificuldades. Segundo este ponto de vista, homens verdadeiros não esperam que algo aconteça, conquistam aquilo que querem. Uma vez tendo conquistado o que queriam por merecimento, não seria a investida de outros que lhes tomariam os louros da vitória. A recompensa para o empenho são as riquezas das novas terras que nenhum aborígene, europeu estrangeiro ou da elite de notáveis em Washington poderia abocanhar ou conquistar e manter:

⁷² The idea of removing Indians westward had a long history and the federal government had made numerous treaties for the removal of Indians. But Jackson's statement represented a shift in emphasis of sufficient magnitude to mark a new era in Indian-white relations. He proposed that efforts at civilizing the tribes now take place only in Indian territory, where the tribes would be free from corrupting contact with the advancing tide of frontiersmen. Determined to pursue removal with unprecedented vigor and directness, Jackson threatened that those Indians who remained behind would lose their tribal status and be considered individuals subject to state authority (LATNER, 2002, p.109).

E somos nós que vamos dividir o butim. Vai haver um trato de terra pra cada homem da minha companhia. Boas pastagens. As melhores do mundo. Uma terra rica em minérios, em ouro e prata além de toda imaginação, diria eu. Você é jovem. Mas não subestimo sua pessoa. Dificilmente me equivooco com um homem. Creio que pretende deixar sua marca neste mundo. Estou errado?

Não senhor.

Não. E acho que não é o tipo de sujeito que abandona pra uma potência estrangeira uma terra em que americanos lutaram e morreram. E guarde minhas palavras. A menos que os americanos tomem uma atitude, pessoas como você e eu que levam o país a sério enquanto aqueles filhinhos de mamãe lá em Washington não tiram a bunda da cadeira, a menos que tomemos uma atitude, o México – e quero dizer o país inteiro – um dia se curvará a uma bandeira europeia. Com ou sem Doutrina Monroe. (BM 49)

Essa leitura feita por McCarthy é inegavelmente irônica sobre os espólios da *Jacksonian Democracy*. Por mais contraditório que pareça, a selvageria resultante das lutas entre indígenas e brancos no Oeste não fora fruto de pura loucura, mas da proposta de se habitar o Éden e reconstituí-lo a partir das bases de uma civilização cristã e organizada, seguindo os preceitos de democracia e liberdade. Se observarmos bem, por mais que haja conflitos incessantes entre peles vermelhas e os colonos, e os trechos em que os primeiros são tratados como seres selvagens, o preconceito não é em si a tônica do livro, e isso porque o próprio Andrew Jackson não era propriamente um homem que mirava o massacre de povos por pura motivação de pureza étnica. Jackson era um obstinado que levava até às últimas consequências aquilo em que acreditava.

Os nativos não estavam sendo necessariamente expropriados, mas salvos de si mesmos, segundo seu pensamento, pois assim, tomadas por americanos, suas terras não seriam tomadas por potências estrangeiras. Nenhum britânico, espanhol ou francês voltaria para colonizar o que agora era a América. O “butim”, se houvesse, pertenceria apenas aos americanos. O país seria governado com a seriedade devida, mantendo-se a liberdade de seus cidadãos e a democracia da política. É claro que negros e indígenas não se desenvolvem como personagens, em *BM*, com o mesmo destaque que as personagens brancas. Todavia, não se levanta muito no romance o viés escravocrata, assim como o assassinio de mexicanos e nativos, pois apesar de extremamente cruel e extenso, esse ideário parece

cumprir um pretense propósito maior: a formação de um Éden para todos os humanos, sejam eles degenerados ou americanos. Tanto que esse pai da geração americana ao tempo em que se passa *BM*, foca no voto do descendente de europeu, mas luta pelo fim da escravidão e libertação dos negros.

Os personagens jacksonianos de McCarthy, é claro, são irônicos em suas representações. Deixando-se fora o óbvio referencial de em meio à trama épica surgirem os personagens Jackson negro e branco – evidentes referências sobre as mentalidades extremadas e opostas do período – Judge Holden é uma das facetas do presidente americano. A obstinação do juiz chega a ser alucinada, mas não propriamente se pode limitá-la a uma perpetração de uma maldade individual. Holden apresenta-se muito mais como espécie de força da natureza, o braço divino que atua sobre a terra. Ele compara-se a Deus de modo recorrente. Andrew Jackson também seguia essas premissas no formato de um Ahab obsessivo, que não desgrudava o olhar da meta da terra “perfeita” para todos:

Por mais sinceras que fossem, as preocupações humanitárias de Jackson estavam ligadas a um etnocentrismo e paternalismo que desvalorizavam a cultura indígena e seus avanços. Não importava que alguns índios tivessem adotado muitas das armadilhas da sociedade branca, Jackson considerava as tribos como obstáculos à progressiva expansão de uma civilização superior sobre o continente. “Que homem bom preferiria um país coberto de florestas e cercado por alguns milhares de selvagens para nossa extensa República, repleta de cidades, vilas e fazendas prósperas [...] e cheia de todas as bênçãos de liberdade, civilização e religião?” [...] “Sem dúvida seria doloroso deixar os túmulos de seus antepassados”, ele reconheceu, “mas o que eles fazem mais do que nossos antepassados fizeram ou do que nossos filhos estão fazendo agora”[?] [...] Jackson não era alguém que odiasse os índios, mas sua proposta filantropia era virtualmente tão prejudicial quanto a hostilidade pura e simples. (LATNER, 2002, p.109)⁷³

⁷³ However sincerely intended, Jackson’s humanitarian concerns were laced with an ethnocentrism and paternalism that devalued Indian culture and advances. No matter that some Indians had adopted many of the trappings of white society, Jackson considered the tribes as obstacles to the progressive spread of a superior civilization over the continent. “What good man would prefer a country covered with forests and ranged by a few thousand savages to our extensive Republic, studded with cities, towns, and prosperous farms [...] and filled with all the blessings of liberty, civilization, and religion?” [...] “Doubtless it will be painful to leave the graves of their fathers,” he acknowledged, “but what do they more than our ancestors did or than our children are now doing.” [...] Jackson was no Indian-hater, but his proposed philanthropy was virtually as damaging as outright hostility (LATNER, 2002, p.109).

Alegando não o preconceito contra etnias, mas como se essa expulsão fosse um benefício civilizatório aos índios, Jackson valorizava o *laissez-faire* dentro de moldes próximos aos da teoria de Adam Smith. Por isso Jackson e sua famosa política de expropriação de cargos de notáveis também pode ser relacionada a Holden, porque ele criou uma filosofia presidencial na qual a figura forte do governante que se impõe representaria a potencialização humana dos valores americanos em sua plenitude. Para tanto, defende-se a eliminação de forças contrárias, inimigas ou beligerantes, bem como a promoção à interação, à democracia obrigatória pela constituição e ao fortalecimento do estado-nação-continente. Tudo isso, no período jacksoniano, ganhou enorme adesão popular, em razão da prosperidade econômica de mercado e do rompimento com um sistema de privilégios, gerando a ideia de que todos eram Andrews Jackson em potencial. Não seria esse, na visão do homem comum e ignaro, o paraíso da democracia para os indivíduos autônomos e livres?

Estamos lidando aqui é com uma raça de degenerados, disse. Uma raça de mestiços, não muito melhor que negros. E talvez nem isso. Não existe governo no México. Diabo, não existe Deus no México. Nunca vai existir. A gente está lidando com um povo absolutamente incapaz de se governar sozinho. E sabe o que acontece com povos que não conseguem se governar sozinhos? Isso mesmo. Outros vêm e governam por eles. (BM 46)

A fala de Holden faz com que ele, à sua maneira, também se aproxime desta categorização, pois ele também imagina promover a ordem⁷⁴. Mas qual a premissa do juiz

⁷⁴ Cabe a observação de que não estamos negando a existência do preconceito da época, ao qual inclusive já nos referimos, nem tampouco estamos legitimando as injustiças da época, pelo contrário, todo este capítulo é um esforço de exposição da brutalidade deste período histórico. O que procuramos fazer é tentar expressar como, provavelmente, os personagens locais, ironizados em sua representação através do protagonista Kid, enxergavam com ignorância a imaginada legitimidade de seus próprios atos; e como esse comprometimento ignaro com o massacre se origina de um discurso de convencimento vinculado ao messianismo do *Manifest Destiny* de Jackson, materializado de maneira também irônica na personagem de Judge Holden. Desta maneira, os massacres do Oeste continham, evidentemente, traços de segregação, todavia a explicação da campanha para o Oeste era mais embasada num ato de fé degenerado, assim nos parece estar representado em *Blood Meridian*, e remete-nos a Adãos desvirtuados em busca de um Paraíso inexistente.

para promover a liberdade e instaurar a democracia? Ele seria o Deus líder que falta no México, posto que sua vontade seria feita não importariam as consequências. O desejo do juiz Holden não era o caos e o desgoverno, pois ele almejava organizar o mundo ao seu redor e tornar a situação nele mais igualitária. Isso se reconhece mais pelo princípio da morte. O fim da vida – como nos diz James Joyce no fim do conto “Os mortos”, o último de *Dublinenses* – é como a neve que cai e iguala todos os homens e todos os mortos⁷⁵. Para Holden, todos teriam o direito de morrer por suas mãos; sua violência era a linguagem e as almas desgarradas que vagam como sombras pelas paragens dos conflitos do *Southwest* não merecem maior atenção. O trabalho dos escalpeladores não era o de simples vaqueiros assassinos, pois eram missionários da civilização e da religião. Os resultados podem ser questionáveis, mas auxiliaram a moldar a terra tal como ela é. E a nação de fato prosperou economicamente, assim como os pregadores no Sul e no Oeste.

Porém, a verdade é que ninguém viu o Éden; a desolação testemunhada por Kid continua indefinidamente; os emissários de Deus, que desejavam estabelecer ordem e paz, trouxeram tochas, rifles e pistolas *Colts* apenas. A paisagem se desfigurava e se tornaria cada vez mais vermelha, tal qual a selva do e no Congo, descrita/recriada por Joseph Conrad, e que se tornou cada vez mais sombria. No final de ambos os livros, *Heart of Darkness* e *BM*, pelos caminhos por onde passam (ou navegam) as personagens, as cores absolutas significavam o horror do avanço de seres humanos sobre outros seres humanos. Nada da paz do paraíso singular permanece; a imagem idílica do rio Orinoco, descrita por Colombo, é modificada por terras bem além do Mississipi. E somente resta uma memória de organicidade que talvez só mesmo um Deus seja capaz de recordar e reconstruir. Os filhos de Jackson, se eram representantes divinos do Éden, esqueceram-se de uma

⁷⁵ “Sua alma desmaiava lentamente ouvindo a neve caindo suave através do universo, caindo brandamente, como a queda final, sobre todos os vivos, sobre todos os mortos.” Ver: JOYCE, James. *Dublinenses*. Trad. Hamilton Trevisan. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964, p.182.

linguagem que a tornasse inteligível, pois a violência mundana era a única coisa que restava:

Nossa conclusão final, em relação a todos os resultados sociais – bons, maus e questionáveis – é a de que, de certo modo, eles são só efeitos colaterais dos esforços que eram inefáveis e além da mensuração mundana, pois os missionários e fundadores de igreja vieram, acima de tudo, para ministrar as consolações da religião – para trazer a palavra da graça divina para almas miseráveis. Em que medida eles foram bem sucedidos naqueles esforços primários, somente Deus sabe. (HOWE, 2007, p.564)⁷⁶

Em suma, essa irônica subversão do Éden em McCarthy, que deixa mais mazelas que soluções aos homens civilizadores, fica bem sintetizada na bela passagem de Andrew Estes: “Quando os discursos edênicos ou da Idade de Ouro sobre o Novo Mundo foram justapostos ao muito real sofrimento humano que frequentemente ocorria ali (por exemplo, a fome dos colonos ingleses, a matança de povos indígenas), isso muitas vezes levou a uma simples inversão dos propósitos originais” (2003, p.63)⁷⁷. Se o mundo nasceu repleto de promessas na época de Cherrycoke, todos os propósitos originais perderam-se com a deidade psicótica de Holden.

2.5 Nasce a criança sem nome

O princípio do romance de McCarthy apresenta uma bela passagem sobre o aparecimento de um menino (Kid): “Vejam a criança. O menino é pálido e magro, usa uma camisa de linho puída e esfarrapada. Atiça o fogo na copa. Lá fora estão os escuros cam-

⁷⁶ Our final conclusion regarding all of these social results – good, bad, and questionable – is that in one sense they are only side effects of efforts that were ineffable and beyond mundane measuring, for the missionaries and church founders came above all to minister the consolations of religion – to bring word of amazing grace to wretched souls. In what measure they succeeded in that primary task God only knows (HOWE, 2007, p.564).

“When Edenic or Golden Age discourses about the New World were juxtaposed against the very real human suffering that often took place there (e.g. starvation of English colonists, slaughter of indigenous peoples), this often led to a simple inversion of the original tropes” (ESTES, 2003, p.63)⁷⁷.

pos arados entremeados de fiapos de neve e além deles as florestas ainda mais escuras que abrigam uns poucos lobos remanescentes” (*BM 3*) Um menino sem nome nasce em local ermo, jamais conhece a mãe, o pai é logo perdido, jamais tem família, provém de uma origem abandonada e desafiadora desde o primeiro suspiro. Sua origem é miserável, o frio marca a estação de neve em que veio ao mundo, a marca que acompanhará sua jornada e a de um lobo. O homem é o lobo do menino, o mundo é o lobo do menino, compete a ele ser também um lobo. Mesmo lobos duram pouco no Oeste.

Kid é símbolo da inocência juvenil perdida em meio aos desmandos da vida assassina do Oeste. Ele sobrevivera com base em dureza de ímpeto, respondendo com violência a cada menor ameaça, não aceitando ser subjugado por quem quer que seja e contando eventualmente com um pouco de sorte. Ele é a representação ideal do individualismo americano, um *self made man* mitológico. Sua coragem, força, voluntarismo e juventude garantem-lhe sobrevivência numa terra devastada. Mesmo à sua maneira precária, Kid torna-se a confirmação de que tudo é possível, desde que se mereça. Pode-se viver, desde que se conquiste o direito à vida. Os fracos morrem, e assim deve ser em *BM*.

Se havia um destino manifesto entranhado na mentalidade americana, ele só seria possível com a ação de rapazes como Kid. Era necessária uma força que levasse a todos para além de desertos, montanhas, indígenas e guerras. Não apenas por ser este o destino da nação ser grandiosa e repleta de riquezas, até porque se houve essa nação, muitos jovens como Kid jamais a encontraram, mas eles seriam, como explicamos no capítulo anterior, os responsáveis por espalhar o bem da democracia e da liberdade sobre todos. O destino de todos os *Kids* era o de eles encontrarem a matéria singular de que eram feitos para se afirmarem soberanos sobre a terra que lhes era, por direito, a terra dos livres e o lar dos bravos.

Ralph Waldo Emerson (1803-1882), conforme Richard Ruland e Malcolm Bradbury nos mostram, em seu estudo sobre o romance americano, já prenunciava a constituição cultural americana como a era em que nasciam os seres genuinamente singulares:

“A era da primeira pessoa singular” foi a denominação de Emerson para o período chave na cultura americana que ele regozijadamente anunciou e tão orgulhosamente celebrou. Essas décadas Pré-Guerra Civil foram uma era do profeta e uma era do poeta, e frequentemente os dois pareceram indistinguíveis. Ressoando sermões transcendentalistas como os axiomas de Emerson sobre a nova fé [...]. (RULAND & BRADBURY, 1991, p.139)⁷⁸

A era da guerra era a mesma da era poesia, pois era o prenúncio da purificação do espírito, da expiação dos pecados, da criação de algo novo. A ingenuidade do Adão americano não é, como o preconceito ideológico e antiamericanista pode supor, uma mera farsa deliberada de mentes, que são somente capazes de engendrar atos tendenciosos como raposas que nada enxergam além do lucro desmedido. O indivíduo comum, como em quase toda parte do mundo, é ignorante, desconhece o próprio contexto e segue os trâmites de uma vida pacata, que só se mobiliza quando se juntam às massas em nome de algo supostamente maior, uma ideia, uma guerra, uma luta, uma meta, a luta por uma nação.

McCarthy nos alerta para a possibilidade de uma marca maligna, que acompanha o homem desde seu primórdio, como se ele fosse um condenado antes mesmo de conhecer a luz. Em *BM* os americanos – leia-se a humanidade, neste caso – engana-se ao achar que é única e exclusivamente filho de Deus. As trevas acompanham a todos – como as da floresta na noite do nascimento de Kid –, posto que todos somos fruto do engendramento de duas entidades superiores: a divindade e o demônio. Justamente por expor a maldade

⁷⁸ “The age of the first person singular” was Emerson’s name for – the key period in American culture he so gladly announced and so proudly celebrated. These pre-Civil War decades were an age of the prophet and an age of the poet, and often the two seemed indistinguishable. Ringing transcendentalist sermons like Emerson’s statement of new faith [...] (RULAND & BRADBURY, 1991, p139).

como algo inerente a todos os seres, McCarthy inicia a ironia sobre a composição adâmica do americano típico. Ele não está destinado unidirecionalmente à felicidade, posto que fadado a ser sempre também um rebento da baixeza. Sua composição é sacro-profana, a sua história só pode ser trágica e cômica ao mesmo tempo. Para onde quer que fossem, os homens do Oeste não poderiam ter como morada apenas o paraíso, pois o inferno também lhes seria algo natural. Deus pode estar sempre a seu lado, mas o diabo também é seu eterno companheiro:

Um mistério. Um homem sofre pra entender sua mente porque sua mente é tudo que ele tem pra entender a mente. Pode entender o coração, mas isso não quer fazer. E é o certo. Melhor nem olhar ali dentro. Não é o coração de uma criatura que pende pro caminho que Deus traçou pra ela. A baixeza é encontrada na menor das criaturas, mas quando Deus criou o homem o diabo estava bem ali do lado. Uma criatura capaz de fazer qualquer coisa. Fazer uma máquina. E uma máquina pra fazer uma máquina. E mal que pode se perpetuar sozinho por mil anos, sem ninguém pra cuidar dele. Acredita nisso? (*BM 28*)

Jamais fora a meta da existência que a providência divina reinasse com exclusividade sobre a cabeça dos homens e houvesse uma monarquia milenar de benesses. Adão está sozinho e perambula em meio à terra em busca de aceitação e a todo momento será testado. Em todo o romance de McCarthy são bem mais comuns as cenas escatológicas e de horror do que as de beleza e paz, pois o cenário é apocalíptico de modo ostensivo: “Com a escuridão uma alma ergueu-se milagrosamente do meio do morticínio recente e fugiu sob o luar. O terreno onde ficara caído estava empapado de sangue e da urina das bexigas esvaziadas dos animais e ele seguiu em frente sujo e malcheiroso como algum fétido filhote da fêmea encarnada da própria guerra.” (*BM 75*)

Se Adão está destinado a coisas perfeitas, se ele é este ser predestinado à grandiosidade, onde estão os prêmios ou recompensas? Qual a motivação existiria para um ser caído, que jamais encontrara redenção nesta na vida ou na outra? A obra de McCarthy desconstrói o mito adâmico também nessa promessa de remissão. A marca do divino é

antes uma cicatriz e homens mutilados, como o personagem Toadvine, são os maiores representantes do que é a vida no Oeste. A experiência não permite que qualquer ser passe incólume às agruras do meio violento no contexto primitivo. A individualidade acaba servindo muito mais como forma de sobrevivência do que de concretizadora de um destino manifesto. A proposta poderia ser a de espalhar a liberdade e a democracia, mas isto não se confirmava na dureza do cotidiano. O romancista não idealiza uma missão de religiosidade. Usando de imagens que possuem evidente paralelo com o discurso bíblico, a todo momento o narrador de *BM* subverte a ordem do sagrado, contrapondo a vida às promessas do “outro mundo”. Como aparece, para exemplificação, na passagem em que Kid está alquebrado e busca desesperadamente beber água e banhar-se: “Então vadeou o rio como o mais lamentável dos candidatos a um batismo.” (*BM* 46)

2.6 Os profetas de basalto

Outro aspecto que serve de parâmetro para que identifiquemos a ironização do mito adâmico está na exposição de figuras de messias, que nunca resultam na anunciação de boas novas:

Seguiram em frente. Por duas vezes na noite ouviram as pequenas cascavéis da pradaria sacudindo o chocalho entre os arbustos e sentiram medo. Ao alvorecer estavam escalando entre xisto e dolerito e sílex sob uma escura parede monoclinal onde se projetavam torres como profetas de basalto e passaram ao lado da estrada em que se viam pequenas cruces de madeira fincadas em montículos de pedras onde viajantes haviam ido ao encontro da morte. (*BM* 81)

Nesse primeiro trecho, têm-se figuras de profetas analogamente relacionadas aos elementos que compõem a paisagem, no entanto, esse ambiente prenuncia más notícias,

os trechos em que sempre estão expostos os problemas que caíam sobre os viajantes, incluindo o herói Kid, são constantes, com antecipações trágicas recorrentes. Muitos homens e mulheres, ao longo do romance, assumem certo tom pastoral. Anunciam-se como guias e nada têm, na verdade, a oferecer como guias espirituais, mas mostram, contudo, experiências sobre as adversidades do Oeste. O romance, logo em seu princípio, narra a cena em que um pastor local é acusado pelo juiz de ser um estuprador de cabras e sodomita. O resultado: os moradores que estavam na taberna no momento decidem enforcar o criminoso escondido de homem de Deus. Em seguida, Holden admite que nunca havia visto o homem antes.

Nesse início, a ironia de McCarthy constrói dois profetas falsos: o pastor, que a todos condenava moralmente e foi assassinado, e o juiz, que de forma quase encantatória se pronuncia e instantaneamente convence desconhecidos a cometerem um assassinato. Mais adiante, aparecem cartomantes no meio da estrada, que dizem poder ler o destino dos viajantes. Até mesmo Holden, em diferentes momentos, assume uma postura que poderia ser considerada a de um visionário ou vidente. Os falsos messias de McCarthy servem, em nossa leitura, como referência histórica aos vários líderes políticos e religiosos de destaque, que perpassaram todo aquele período histórico – poderíamos dizer toda a História americana –, com forte poder de convencimento e mobilização, todavia recorrentemente ligados a causas perdidas, tragédias ou propósitos falsos. As vozes e os grandes oradores são parcela de destaque nos livros de História. O senso comum sobre os Estados Unidos mostra-nos como alguns discursos presidenciais com frases emblemáticas são levados em conta pela população.

Em livros de história, oradores como Jonathan Edwards (1703-1758), Richard Furman (1755-1825), Richard Allen (1760-1831), Charles Finney (1792-1875), Henry Ward Beecher (1813-1887), D.L. Moody (1837-1899), William Seymour (1870-1922) e prega-

dores como George Washington (1732-1799), Thomas Jefferson (1743-1826), Robert Owen (1771-1858), John Quincy Adams (1767-1848), Lyman Beecher (1775-1863), Abraham Lincoln (1809-1865), Ralph Waldo Emerson, o referido Andrew Jackson e tantos outros, fazem parte, em alguma medida, do imaginário americano. Todas essas vozes, desde o Gênesis da América, tinham um único propósito, reforçar a grandiosidade da nação e sua missão na Terra. Essa missão era cumprida adaptando-se todos os discursos ao povo para convencê-lo da validade do projeto de nação:

Por sua própria iniciativa, comerciantes e missionários, em número crescente, foram adiante para espalhar o evangelho do americanismo. Cada grupo olhava além de seus objetivos imediatos para o objetivo maior de elevar outros povos. “Não se deve esquecer”, escreveu o correspondente do *New York Tribune* em Londres, Karl Marx, “que a América é o expoente mais jovem e vigoroso da civilização ocidental”. (HERRING, 2008, p.179)⁷⁹

Na visão de todos os leitores importantes, os Estados Unidos estavam destinados a ser a maior potência do ocidente. Na verdade, como veremos no capítulo desta tese concernente a Philip Roth, esse momento de poder total foi alcançado apenas no século XX, a partir do fim da Primeira Grande Guerra de 1914-1918, mas principalmente no período que começa com o pós-guerra de 1945, no qual uma era de otimismo e sucesso sem precedências atingiram a América. Lembrando que desde o primeiro momento da construção na nação continente havia o desejo de que tudo culminasse na grandiosidade do território. Ocorre que a ironia sobre o Adão torna-se a desconstrução da figura do *cowboy*. Dentro do arquétipo típico das histórias de faroeste americano, o herói é sempre um ser de ideais quase cavaleirescos: ele ajuda donzelas em perigo, luta contra selvagens

⁷⁹ On their own initiative, merchants and missionaries in growing numbers went forth to spread the gospel of Americanism. Each group looked beyond its immediate objectives to the larger goal of uplifting other peoples. “One should not forget,” New York Tribune London correspondent Karl Marx wrote, “that America is the youngest and most vigorous exponent of Western Civilization” (HERRING, 2008, p.179).

inimigos e enfrenta bandidos saqueadores, animais indomados, homens bravos, sempre alcançando a vitória no final.

Na realidade, como McCarthy nos mostra – em *BM* e outras obras, como nos três romances de sua *The Border Trilogy* (*All the Pretty Horses*, *The Crossing*, *Cities of the Plain*) –, o *cowboy* americano estava longe de ser a figura idealizada a que se tinha acesso através de lendas, literatura de *cowboy* e, posteriormente, em filmes. Na verdade, os habitantes do Oeste lidavam com morte, pestes, traições, massacres, ataques a inocentes, pilhagens, estupros, climas extremos e muita violência. Isso propiciou fama tanto para bandidos explícitos, como William Bonney (Billy, The Kid, 1859-1881) ou Jesse James (1847-1882), quanto para delegados tidos como heróis: Patrick Floyd J. Garrett (mais conhecido como Pat Garrett, famoso por ter matado Billy, The Kid), Wyatt Earp (1848-1929), por exemplo, ou Doc Holliday (1851-1887), bem conhecido por suas habilidades (provavelmente mais um trapaceiro) em jogo de pôquer. Esses delegados representantes da lei eram, na verdade, tão bandidos quanto os “fora da lei” que tanto se empenharam em eliminar, primordialmente, ou prender, se possível ou se conveniente, dependendo de recompensas no mais das vezes prometidas.

É por isso que o Adão do Oeste é um homem mais que ingênuo, é um desconhecido desintelectualizado. A todo momento, em *BM*, Kid quer apenas salvar-se e viver por mais um dia, um de cada vez. A ignorância desses homens adâmicos é tamanha, que eles não conseguem defender-se do poder encantatório que todos os exploradores lançam sobre eles. Os profetas de basalto são os maiores líderes locais, sobretudo porque conseguem essa posição de coordenação social de modo incontestado. Não deixa de ser uma paródia do homem original, desprovido de sua árvore da sabedoria, sem uma Eva para ajudá-lo – as personagens femininas são quase inexistentes em *BM* – e com pouquíssima linguagem. Convertem-se facilmente em brinquedos nas mãos de aproveitadores que, sem

sombra de dúvidas, foram planejados para serem encarados como metáfora de líderes como Andrew Jackson. Entretanto, o excepcionalismo era brilhante, tal qual a risada de um demente asmático, o símbolo do desconhecimento total, a ausência de discernimento nada excepcional:

O juiz sorriu. Não é necessário, disse, que os implicados aqui se encontrem em posse dos fatos concernentes a seu caso, pois seus atos irão no fim das contas se adaptar à história com ou sem a sua compreensão. Mas é uma questão de coerência com as noções de princípio justo que esses fatos – na medida em que possam prontamente prestar-se a tanto – encontrem um repositório no testemunho de terceiros. O sargento Aguilar é justamente essa terceira parte e qualquer menosprezo a sua posição não é senão uma consideração secundária quando comparada a divergências nesse protocolo mais amplo exigido pela agenda formal de um destino absoluto. Palavras são coisas. As palavras de cuja posse ele ora usufrui não lhe podem ser espoliadas. A autoridade delas transcende a ignorância desse homem quanto ao significado que possuem. O negro suava. Uma veia escura em sua têmpora pulsava como um rastilho. O grupo escutara o juiz em silêncio. Alguns sorriam. Um assassino meio retardado do Missouri gargalhou inaudivelmente como um asmático. (BM 113)

Como tornar útil um ser sem discernimento, poder-se-ia perguntar, um ser que está sempre disposto a matar sem questionar, sem pensar, convertendo o instinto em matéria bruta. Ainda que sejam fatos pessoais e determinantes do destino dos envolvidos, segundo o discurso de Holden, ninguém jamais deveria discutir nada, apenas obedecer e seguir aos desígnios incontornáveis da brutalidade primitiva local. Adão torna-se, deste modo, um brinquedo do invariável destino violento do Oeste.

2.7 There Will Be Blood

O princípio adâmico de maneira alguma pode ser desvincilhado do conceito de *self made man*, este ser autossuficiente e em quem a tenacidade é acompanhada da obsessão quase ensandecida de obter a vitória individual a qualquer custo – não deixa de ser também mais um dos mitos norte-americanos, herança puritana, sem dúvida, a de se acreditar

que é tão valoroso o homem que trabalha, mas mais ainda aquele que não precisa esperar por ajuda, que não espera por ela, alcançando seus objetivos e seu triunfo sozinho, o triunfo absoluto e positivo do herói que luta sozinho. Assim, a construção de personagens fortes, que sobrevivem e se sobressaem em seus respectivos contextos e sem discussão, são recorrentes na literatura norte-americana e muito presentes nas obras de McCarthy. Lembremo-nos que o grande referencial invencível e vendido à sociedade era sempre o de espíritos considerados destemidos, projetos ambulantes de *Buffallo Bill*. Apenas para se ter um exemplo, tome-se um trecho de *All the Pretty Horses*: “O seu avô era o mais velho de oito meninos e o único a passar dos vinte e dois anos. Eles morreram afogados, alvejados, coiceados por cavalos. Eles pereceram em chamas. Eles pareciam temer apenas morrer na cama. O último dos dois foram mortos em Porto Rico, em 1998” (MC-CARTHY, 1992, p.9)⁸⁰. Toda a linhagem do *cowboys* era de homens duros, que venciam adversidades, era postos à prova por todo o tipo de desafio e violência. Eram seres que, se estavam vivos, é porque haviam conquistado e merecido o direito de viver, não contavam muito com ajuda de outrem e o destino não lhes era leve.

Essa linhagem de homens forjados por metais pesados e amassados como os cascos dos animais com os quais tinham de lidar nos auxiliam enormemente a compreender o princípio adâmico que perpassa a obra de McCarthy. O começo e o fim de qualquer história no Oeste era estigmatizada pelo símbolo do sangue: sangue de irmãos mortos, de inimigos enfrentados, de animais abatidos, de partos ferozes, de crianças moribundas, de mulheres abusadas, de índios escalpeladores e de soldados ou colonizadores escalpelados e de soldados também esquecidos. Toda a vida no *Wild West* baseia-se na capacidade de o Adão soberano adaptar-se a uma terra ignota e conseguir ser superior a todo tipo de

⁸⁰ His grandfather was the oldest of eight boys and the only one to live past the age of twenty-five. They were drowned, shot, kicked by horses. They perished in fires. They seemed to fear only dying in bed. The last two were killed in Puerto Rico in eighteen ninety-eight (MCCARTHY, 1992, p.9).

controvérsias e, sobretudo, de perigos. Por definição, o sangue é matéria prima primordial e não o barro santo. O sopro de vida vem da golfada de ar do homem que se afoga no mar de sangue do meridiano do Oeste, e não da brisa divina nas narinas do Adão bíblico. Em *BM* lemos:

O aspecto deles era péssimo. Estavam esgotados e ensanguentados e com círculos escuros em torno dos olhos e haviam atado os ferimentos com trapos de linho imundos e manchados de sangue e tinham as roupas encrostadas de sangue seco e pó preto de pólvora. Os olhos de Glanton em suas órbitas negras eram centroides chamejantes de morticínio e ele e seus cavaleiros exauridos fitavam malevolamente o Kid como se este não fizesse parte de seu grupo ainda que tão irmanados estivessem na miséria de suas circunstâncias. (*BM* 282)

Notoriamente, o trabalho desenvolvido no romance com e através dos personagens, sobretudo Kid, insiste no sofrimento deles, numa linguagem que mescla a composição do personagem e elementos de guerra, o sangue ressecado em suas peles e vestes, a pólvora dos armamentos, ferimentos provenientes de batalhas. Os olhos tornam-se meros reflexos do conflito presente, repetindo indefinidamente o estado deplorável em que se encontravam, mas todos eles resistiam e não desistiam. Esse é um traço interessante do romance de McCarthy: a insistência em quaisquer que fossem as empreitadas. Há todas as razões racionais possíveis e imagináveis para que Kid, Toadvine, Glanton, os Jacksons e os demais personagens desistissem de travessias ensandecidas pelo desértico Oeste, para encontrar um massacre em cada cidade devastada, um tiroteio em cada vila, um assassinato em cada esquina. Contudo, seja por razões pessoais, por necessidade, ou por dever de alistamento, nenhum personagem desiste jamais de seu percurso, e não por uma mera irracionalidade genuína. Os personagens de *BM* simplesmente desconhecem o significado da palavra retroceder. Existe uma espécie de *modus operandi* que lhes indica exclusivamente uma via de mão única e em que se mira o sucesso – ainda que este não seja

alcançado. Esta característica, de uma insistência irascível e que beira a loucura, não é algo gratuita, é uma projeção da necessidade do *self made man* de se completar.

A base do funcionamento coerente do Adão americano reside na necessidade de autoafirmação de um lado e na indispensabilidade de sucesso na outra. O início e o fim de todas as coisas são as ações mundanas. Em grande medida, isso é uma herança protestante, sobretudo calvinista, de realização de ações que levam ao aprimoramento do espírito e do corpo, da vida mortal e da alma imortal. Porém, a obstinação do Adão americano vai além. Retomando aqui os dois princípios basilares do Éden, analisados no primeiro capítulo e, conseqüentemente, interligados à primeira e segunda parte deste estudo, a conquista da liberdade e a conquista da democracia somente podem ser genuínas quando se constata que são fruto das ações individuais do homem. A liberdade é elemento inato à sociedade desde a interpretação dos pais fundadores da nação americana. Todavia, a liberdade pura e simples existente pouco soma à vida de um cidadão. É preciso que o cidadão faça uso da liberdade, pois a liberdade é sim uma condição, mas que precisa ser legitimada pela prática. Se não se vive a liberdade, como se honra o dom divino do livre arbítrio? No período em que se passa o romance, podemos fazer inclusive uma alusão ao conceito de “pós-milenarismo”, explicado por Daniel Walker Howe, autor já citado. Acompanhados da euforia dos avanços significativos, em termos de mercado, no período de Andrew Jackson, os Adões americanos enxergavam o fim de século abastado como o prenúncio da própria ressurreição de Cristo. Tamanha era a confiança nos resultados das ações terrenas, que a mentalidade da época a mesclava a uma divina providência de reificação do ser, no qual se encontrava projetada a imagem do divino: “Um olhar sobre o milênio parece o clímax e o objetivo final do progresso humano, como o esforço humano contribuindo para a concretização da Providência de Deus. Esse é o tão proclamado pós-milenarismo, porque a segunda vinda de Cristo ocorre no fim do milênio.” (HOWE, 2007,

p.780)⁸¹. Como não questionar que esta soberba não foi a confirmação da postura endeusada do juiz Holden, que constantemente se coloca na posição superior sobre as coisas mundanas, senhor da vida e da morte, a gigantesca estatua de sal calva, que se arroga dono de toda a realidade? É dele uma das frases mais emblemáticas em *BM*: “Tudo que na criação existe sem meu conhecimento existe sem meu consentimento” (*BM* 256)

Por outro lado, a democracia, de certa maneira, faz parte do direito natural, contudo deve-se assegurá-la com uma observação que conclua que sua existência seja socialmente comprovável. Isto é, se os indivíduos não estiverem atentos, pode ser que ocorra a usurpação do seu valor primal de equidade. Portanto, todos são, em teoria, Adões em terras americanas, e a corrupção da democracia só está garantida com um constante policiamento das práticas daqueles que têm autoridade maior que a sua própria. Relembremos da figura adâmica de Andrew Jackson ironizada na obra, para o qual, em sua ferrenha defesa da democracia, “o preço da liberdade é a eterna vigilância”.

Kid passa todo o romance em sua viagem caótica em busca de um lugar de paz no meridiano de sangue do Oeste. Ele inicia sua jornada épica, como tantas outras que foram referenciadas no Capítulo 1, sobre o romance *Mason & Dixon*, de Thomas Pynchon, já na adolescência. O filho da família em algum lugar esquecido abandona seu lar para viver fugindo ou caminhando sem rumo certo, como cria que acabara de ser desmamada e expulsa pela mãe. Com severos agravantes. Kid sequer teve uma mãe e foi por ela amamentado. Seu pai, como já referido, nunca lhe mostrou afeto; sua irmã ele não conheceu, sua única companhia era a paisagem vazia e inimiga das planícies sem amigos, longe de Deus, com pouca água para se manter vivo, debaixo do sol infernal e cercado de morte e escuridão:

⁸¹ One view of the millennium sees it as the climax and goal of human progress, with human effort contributing to the realization of God’s providential design. This is called postmillennialism, because the Second Coming of Christ occurs at the end of the millennium (HOWE, 2007, p.780).

Aos catorze anos foge. Não voltará a ver a cozinha gelada na escuridão que precede a aurora. A lenha, as tinas. Perambula para Oeste até Memphis, migrante solitário na paisagem plana e pastoral. Pretos nos campos, magros e curvados, dedos como aranhas em meio aos casulos de algodão. Uma ensombrecida agonia no horto. Contra o declínio do sol silhuetas se movem ao crepúsculo letárgico através de um horizonte de papel. Um lavrador escuro e solitário atrás de mula e grade pelo aluvião encharcado de chuva rumo à noite. (BM 8)

É preciso reforçar a ideia de que esse aspecto da vida vencida pela brutalidade e pelo sangue não é uma exclusividade da épica da violência de McCarthy. Suas caracterizações do sul e do Oeste, como locais em que o sangue parece ser a explicação para todas as coisas, podem ser resgatadas também no já referido *All the Pretty Horses*:

Na hora de que sempre gostava, quando as sombras se alongavam e a antiga trilha se alongava à sua frente na luz rósea e enviesada como um sonho do passado em que os potros pintados e os cavaleiros daquela nação perdida desciam do norte com as caras caiadas e os compridos cabelos em tranças e todos armados para a guerra que era a vida deles e as mulheres e crianças e as mulheres com crianças de peito todas juradas de sangue e só em sangue redimíveis. (MCCARTHY, 1992, p.7)⁸²

Um Adão americano sempre deve sair vencedor, pois o segundo lugar não é bem-vindo e não existem espaços para perdedores. Sem uma meta, um Adão americano não pode ser nada; sem conquista ele será esquecido; sem sucesso sequer é digno de respeito. Lembremo-nos de um excepcional exemplo do conceito adâmico do *self made man*: o filme *There will be blood*, de Paul Thomas Anderson, traduzido para “Sangue Negro” no Brasil. Logo no início do filme, as primeiras ações do personagem denotam o ímpeto de toda a sua tragédia, a loucura extremada de um homem solitário, que não consegue enxergar ou ouvir nada ao redor de si além do som das máquinas em formato de cruz, que fa-

⁸² At the hour he'd always choose when the shadows were long and the ancient road was shaped before him in the rose and canted light like a dream of the past where the painted ponies and the riders of that lost nation came down out of the north with their faces chalked and their long hair plaited and each armed for war which was their life and the women and children and women with children at their breasts all of them pledged in blood and redeemable in blood only (MCCARTHY, 1992, p.7).

zem jorrar petróleo bruto em terras insalubres. Nem mesmo a surdez acidental do filho adotivo – única pessoa próxima dele – fora capaz de despertá-lo para tragicidade de seu obstinado isolamento.

Pois, que isto fique bem claro: Kid e outros personagens de McCarthy são sim projeções do Adão americano, porém, assim como foi subvertida a idealização do Éden, ocorre igualmente a ironização da projeção de perfeição e ingenuidade adâmicas. O que *BM* faz é justamente questionar e criticar as condições subumanas a que se submetem os seres semi-humanos do Oeste. Quais as vitórias reais obtidas em toda a investida cega para ocupar as terras daquele lado da América? Não que se possa afirmar, com toda certeza e com base no romance, que exatamente NADA de positivo foi feito, mas há o irreversível e definitivo questionamento: a que custo humano? Valeu todo sangue derramado de americanos comuns e de indígenas locais?

O Adão de McCarthy passa pelo crivo crítico do preço que se paga por se ser um Ahab ingênuo. Essa distinção é fundamental. Como se citou no primeiro capítulo, Ahab é o personagem definitivo e referência irreversível para se compreender o Adão americano, o que não significa sua total identificação com os demais Adões. Os interesses de Kid, por exemplo, não são motivadas por uma consciência pessoal de sua própria tragédia. Ele continua sim um ser mutilado no espírito e, de sua forma animalesca, de certa maneira percebe isto; no entanto, não cruza o deserto com a companhia ou segue o grupo de Glanton para se vingar de seus algozes e conquistar a sua remissão. Ele simplesmente vive. Sua tenacidade reside no fato de que não se rende a nenhum tipo de adversidade. A sobrevivência é seu instinto natural superior – assim como de todos os animais, por essa justa razão ele não pode ser somente um filho literário especular de Ahab, ele significa a subversão da ingenuidade da ação, através da simplicidade do significado da existência em estado natural de busca por sobrevivência. Ahab podia ser ignaro em sua luta contra

o Leviatã; quem leu *Moby Dick*, a obra de Herman Melville, sabe bem o quão ambíguo é se o próprio Ahab e mesmo Ishmael não sabiam que não lograriam êxito em sua empreitada. Não obstante, o personagem de Melville bem sabia que sua meta era tentar destruir a baleia Moby Dick. Kid, por sua vez, encontra-se limitado a uma meta bem mais simples: evitar a morte a todo custo, como uma presa que acorda com os únicos propósitos ontológicos de não sucumbir a algum predador e buscar alimentos. Suas razões existências são muito mais diluídas. Um estudo de Edwin T. Arnold e Dianne Luce faz uma observação numa linha parecida – apesar de a considerarmos relativamente incompleta, pois toma a situação de abandono dos personagens Holden e Kid somente como uma espécie de exílio, e compara a relação entre eles como uma busca compensatória de Kid por uma figura paterna:

a figura monstruosamente carismática do Juiz Holden, um irônico Ahab para o Ismael inconsciente do garoto. A orfandade é dada como garantida em *Meridiano sangrento*; o garoto, ao contrário de Ismael, nunca sente nenhuma emoção nesta condição. O juiz observa, a certa altura, que “é à morte do pai que o filho tem direito e da qual é herdeiro”, de modo que o “pai morto [antes de o filho ter nascido] desterrou o filho do seu patrimônio” (145). Tal exilado deslocamento duplo é tão extremo que estamos exilados mesmo da possibilidade, a esperança e o desespero, do exílio que caracteriza a vida desses andarilhos no deserto. (ARNOLD & LUCE, 1999, p.147)⁸³

Tanto isso parece ser verdade, conforme foi explicado, que se pode considerar a questão analógica com Ahab mais ampla e existencial, quanto se enxerga, e isto será abordado no último capítulo desta tese, a figura persuasiva de Holden bem mais ampla em sua influência, pois ele controla Kid assim como a todos os demais personagens do livro. Holden não se limita a uma identificação com a imagem do pai guia, mas de um porta-

⁸³ The monstrously charismatic figure of Judge Holden, ironic Ahab to the kid’s unselfconscious Ishmael. Orphanhood is taken for granted in *Blood Meridian*; the kid, unlike Ishmael, never feels any pathos in this condition. The judge notes at one point that “it is the death of the father to which the son is entitled and to which he is heir,” so that the “father dead [before the son was born] has euchred the son out of his patrimony” (145). Such a double displacement exile so extreme that we are exiled even from the possibility, the hope and despair, of exile characterizes the life of these wanderers in the desert. (ARNOLD & LUCE, 1999, p.147)

voz endeusado, quase hipnótico, apregoando que há uma razão nacional maior que justificava as coisas serem como eram, enquanto o protagonista dormia amontoado entre tantos outros que também poderiam receber a minimalista alcunha genérica e monossilábica de “Kid”, como animais num curral. Imagem recorrente a todos os cowboys de McCarthy, sofredores natos: “nação e fantasma de nação passando em um suave coral, através do lixo mineral, para a escuridão quase perdendo toda a história e toda a lembrança como um graal, a síntese de suas vidas seculares, transitórias e violentas.” (MCCARTHY, 1992, p.7).⁸⁴

Pouco importava a quantidade de sofrimento. Eles eram o povo escolhido por Deus e não poderiam fugir dessa responsabilidade. Apesar de aparentemente contraditória, a vinda do futuro grandioso mexe com o imaginário dos personagens. O Adão do Oeste precisa caminhar para cima dos índios e dizimá-los em nome de serem associados a uma espécie de segundo Isaías. A divina providência lavaria as almas de todos eles e todo o sofrimento não podia ser evitado. A dor era somente um caminho para a retidão. Os Adões de McCarthy falham numa de suas premissas essenciais: a consciência, a definição de identidade, a individualidade, a capacidade de agir por contra própria. O excepcionalismo americano em *BM* está suspenso, relegado à ordem de um discurso incompreensível:

John Quincy Adams invocou aspirações pós-milenaristas em apoio ao seu programa político. “Progressivo aprimoramento na condição do homem e, aparentemente, o propósito de uma Providência supervisionante”, declarou ele. Adams viu a si mesmo como um trabalhador para o estabelecimento da era messiânica profetizada pelo segundo Isaías. (HOWE, 2007, p.785)⁸⁵

⁸⁴ “nation and ghost of nation passing in a soft chorale across that mineral waste to darkness bearing lost to all history and all remembrance like a grail the sum of their secular and transitory and violent lives” (MCCARTHY, 1992, p.7)

⁸⁵ John Quincy Adams invoked postmillennial aspirations in support of his political program. “Progressive improvement in the condition of man is apparently the purpose of a superintending Providence,” he declared. Adams saw himself as working for the establishment of the messianic age foretold by the second Isaiah (HOWE, 2007, p.785).

2.8 O juiz final

Se se pensar no porta voz principal do apocalipse que recai sobre o Oeste em *BM*, obviamente o destaque ficará para figura divina em meio a uma paisagem alucinatória ou onírica, Judge Holden, tal como descrito no romance: “O juiz sentava contra o vento junto à fogueira, de torso nu, ele próprio uma grande divindade pálida, e quando os olhos do negro cruzaram com os seus ele sorriu. A mulher parou. O vento soprava línguas de fogo.” (*BM* 122). O juiz torna-se o grande revelador de mistérios por escancarar em palavras e uma aceitação com indiferença macabra. Não obstante, mesmo Holden parece estar alheio a qualquer tipo de percepção que refute ou despreze o Oeste americano. Ele é a personificação viva da brutalidade, por conseguinte, abraçá-la com impressionante naturalidade, à sua maneira, parece inclusive amar a terra tal como ela é. O que explicaria essa estranha relação?

Não existe propriamente uma condenação, pois o mundo compor-se-ia de eternos retornos. Se a natureza está repleta de violência, assim imita-a a vida do homem desde que o primeiro humanoide arrebentou, com a primeira clava rudimentar, o crânio de outro primata⁸⁶. Daí a citação inicial de que uma escavação arqueológica de milhares de anos revela que um homem foi escalpelado. Precisa-se entender que a violência em *BM* representa um elemento ontologicamente humano. Segundo *BM*, uma das maiores verdades históricas pode ser constatada na propagação da brutalidade *ad aeternum*; se o fim das animosidades, agressões e guerras é algo possível, essas são especulações, e não mais que exercício de conjecturas, que cabem ao campo da filosofia; ou no máximo são projeções do âmbito do desejo de alguma espécie de pacifismo humanista dentro de um discurso

⁸⁶ Como não lembrar das cenas iniciais de *2001 – Uma odisséia no espaço*, de Stanley Kubrick?

que seria anacrônico para o Velho Oeste, pois origina-se em moldes contemporâneos – o Oeste é uma criação de sua época, não dos tempos atuais.

Dentro do hiper-realismo de McCarthy, por outro lado, a constatação que resta, posto que é a única racionalmente dedutível e comprovável, seria a tragédia humana de reproduzir continuamente o seus próprios instintos correlacionáveis à agressão e à auto-preservação a qualquer custo. Portanto, de uma maneira irônica e grotesca, certo mote darwiniano de prevalência da força, do controle, do domínio, do poder e da sobreposição sobre outrem são o objetivo trágico da humanidade. Toda a antiguidade pode ser resumida, em grande medida, a esta fórmula brutal. Isso não significa legitimar a violência desmedida, pois essa constatação não é o apreço sádico pelo panorama sanguinário do Oeste. Apenas significa que assim é o homem e cabe ao autor procurar compreendê-lo e interpretá-lo em sua realidade. Se o falsear romanticamente, por amá-lo, ou deliberadamente rejeitar a realidade humana, que se escancara, por rejeitar covardemente a matéria caótica de que é feito, ou, menos ainda, ser hipócrita ou arrogante e criar uma obra moralizante, que imponha um reformismo existencial ao homem histórico, o escritor estaria sendo intelectualmente desonesto. O mundo é o lugar onde se reverencia a memória, a tradição, porque ela nos explica:

O que é verdadeiro para um homem, disse o juiz, é verdadeiro para muitos. O povo que outrora aqui viveu chamava-se anasazi. Os antigos. Eles abandonaram essas paragens, acoçados pela seca ou doença ou por bandos errantes de saqueadores, abandonaram essas paragens eras atrás e deles não ficou memória. São rumores e espectros nesta terra e são muito reverenciados. (*BM* 187)

O autor vê e traduz em palavras de forma crua aquilo que viu. A violência é rememorada a todo instante, ainda que sem a consciência dos detalhes. Os indivíduos reproduzem a selvageria antepassada por instinto. Os rituais que nos restam, que sempre

recorrem a símbolos como o osso, a carne e o sangue, tornam-se instrumentais do louvor a uma impressionante sobrevivência milenar, mesmo em toda a sua fragilidade física. O homem pode não ter méritos morais, mas dentro da interpretação darwinista do que lhe é inerente, merece o reconhecimento de que, dentre todas as espécies, seja o maior dos sobreviventes. Ele domina a terra, tenta dobrar as intempéries, enfrenta os golpes, reconstrói-se depois de guerras. Há uma leitura da humanidade mais complexa do que o simples impulso de atribuir-lhe o adjetivo “caótica”.

Existe, primeiramente, o reconhecimento humilde de que não somos tão melhores ou diferentes do vampiro hematófago, que sorrateiramente morde jugulares de outros animais, inclusive humanos, à noite, porque precisa sobreviver, sem se “importar” se alguma hidrofobia ou anemia compromete suas presas. Uma imposição rudimentar supera qualquer tipo de ética artificialmente engendrada pelo intelecto: ou se consome sangue ou se morre. Entre o “eu” e o “outro”, o eu sempre prevalece. O individualismo, por esta vertente, não desmerece aquilo que seria humano. Ao contrário, remonta àquilo que lhe é primal.

Em segundo lugar, existe também a ironia interpretativa da selvageria do Oeste na projeção narrativa que iguala os seres e reconstitui a História. O tiro de uma *Colt* ecoa o disparo da primeira das armas de fogo, que remonta ao lançamento da flecha medieval que, por sua vez, relembra o arremessar de pedras em tempos imemoriais. Ainda que essa narrativa possa ser considerada uma infelicidade, a percepção bastante hobbesiana de McCarthy aponta-nos uma organicidade, não um caos, superior, que pode não agradar mas faz sentido em sua lógica realista. Todo ato de violência mimetiza um ato de memória de quem somos e do que nos faz humanos. Negar isso é não querer enxergar a grande tragédia humana de ser uma das espécies filha da ira mundana, tão natural que emana de todas as coisas e está reconhecida em toda matéria:

As ferramentas, a arte, a construção – essas coisas permanecem como um julgamento sobre as raças posteriores. E contudo nada resta a elas com que contender. Os antigos se foram como fantasmas e os selvagens percorrem esses cânions ao som de uma antiga risada. Em suas rudes choupanas acocoram-se nas trevas e escutam o medo vazando da pedra. Toda progressão de uma ordem superior para uma inferior é marcada por ruínas e mistério e o resíduo de uma cólera anônima. (*BM 187*)

O Judge Holden parece dominar o universo porque compreende e não se importa com a realidade que horroriza, esmaga ou confunde os demais. O juiz enxerga numa simples pedra a sombra histórica da humanidade. Está atento como um grande demiurgo à completude do universo brutal:

Seja. Eis os pais mortos. Seus espíritos estão sepultados na rocha. Jazem sobre a terra com o mesmo peso e a mesma ubiuidade. Pois todo aquele que ergue um abrigo de caniços e peles uniu seu espírito ao destino comum das criaturas e afundará de volta na lama primordial quase sem um gemido sequer. Mas aquele que constrói na pedra busca alterar a estrutura do universo e tal se deu com esses pedreiros por mais primitiva que sua obra possa nos parecer. Ninguém disse palavra. O juiz sentava seminu e suando embora a noite estivesse fresca. (*BM 187*)

Essa constatação sobre a leitura da terra mostra um entendimento das mazelas americanas, de forma que estão definidas por princípios históricos humanos. A ironia feita sobre o “Meridiano de Sangue” não se resume a uma simples rejeição dos Estados Unidos, antes explicita um espelho de elementos basilares da essência humana em sua plenitude. O exercício desenvolvido na obra não é um superficial antiamericanismo, e sim uma projeção do ápice a que pode chegar o horror conradiano do homem comum. Paralelamente, ainda que de forma tênue, subentende uma maneira através da qual se pode resistir a isto: através da ficção e da linguagem. A ficção, que reconta a história longe dos padrões oficiais e revela, pela mimese da experiência, em quão terrível o homem se converte em seu histórico de lutas e conquistas incessantes. E o uso da palavra, se possivelmente a linguagem não origina soluções ou paz, mas dá conta de esclarecer

questões e conferir estéticas, mesmo ao ponto do grotesco. Um dos maiores estudiosos de McCarthy esclarece:

A bela prosa de McCarthy contrasta com o grotesco da guerra de uma maneira que força o leitor a questionar sua relação sentimental com o modo como a literatura trabalha realidades brutais como abstrações literárias. Além disto, McCarthy despe de todo romantismo a prática da guerra para fazer os leitores compreenderem que a guerra é sempre sobre matanças. (GREENWOOD, 2009, p.51)⁸⁷

O grotesco dos personagens abarca inclusive a inconsciência da miséria. As palavras são complexas demais para que os vaqueiros saibam com elas lidar para manifestar sua tragédia, porém, de modo imanente, eles a sentem. Cabe a McCarthy e a poucos afortunados, como o juiz Holden, fazer a leitura que não pode ser verbalizada pela maioria dos personagens.

2.9 A dança pagã

Suas palavras têm mais verdade do que imagina. Mas vou dizer uma coisa. Somente aquele homem que se consagrou inteiramente ao sangue da guerra, que conheceu o fundo do poço e viu o horror de todos os ângulos e aprendeu enfim o apelo que ele exerce no mais fundo de seu íntimo, só esse homem sabe dançar. (*BM* 426)

Este trecho próximo do final do romance serve de introdução a uma última consideração sobre *BM*, que merece ser destacado aqui, a ironia da dança da vida e da morte. Holden é o ser ideal para o Oeste Selvagem porque o conhece como ninguém. Isso está

⁸⁷ McCarthy's beautiful prose contrasts the grotesqueries of war in a way that forces readers to question their sentimental relationship with the way that literature renders brutal realities as literary abstractions. Furthermore, McCarthy strips away all romanticism from the practice of war to make readers realize that war is always about killing (GREENWOOD, 2009, p.51).

evidente no romance, mas sua relação com as palavras e a maneira como a narrativa se compõe através do hiper-realismo, merecem uma atenção a mais.

Ao fazer menção sobre um ritual estranhíssimo, o juiz, na verdade, anunciava a dança que realizaria nos últimos momentos do desenvolvimento do enredo, numa cena que destoa um pouco do restante da narrativa. Nesta cena não se sabe ao certo o que ocorre. A gigantesca massa corpórea e quase albina do juiz se joga esmagadoramente sobre Kid, e depois parece como se o jovem houvesse desaparecido. É como se Holden o tivesse consumido:

E estão dançando, o soalho de tábuas estrondeando sob as botas de montaria e os sorrisos hediondos dos violinistas pousados em seus instrumentos enviesados. Acima de todos assoma o juiz e ele está nu e dançando, seus pequenos pés animados e rápidos e agora aceleram o passo e ele faz medidas para as damas, imenso e pálido e sem pelos como um enorme bebê. Ele nunca dorme, diz. Ele diz que nunca vai morrer. Ele faz medidas para os violinistas e recua na contradança e atira a cabeça para trás e ri guturalmente e é um grande favorito, o juiz. Meneia o chapéu e o domo lunar de seu crânio passeia pálido sob as lamparinas e ele baila pelo salão e se apossa de um dos violinos e dá piruetas e executa um passo, dois passos, dançando e tocando ao mesmo tempo. Seus pés são leves e ágeis. Ele nunca dorme. Ele diz que nunca vai morrer. Ele dança sob a luz e sob a sombra e é um grande favorito. Ele nunca dorme, o juiz. Ele está dançando, dançando. Ele diz que nunca vai morrer. (BM 431)

Esta é uma cena a seu tanto surreal, mas projeta a busca essencial no Oeste pela sobrevivência. O juiz parece ser capaz de viver para sempre pois absorveria a juventude vital de todos. Neste caso, o hiper-realismo utilizado na construção da narrativa atingiria um certo surrealismo? O que há, aparentemente, é um elemento estranho, como uma realidade abstraída do mal ideal. O crítico Kenneth Lincoln chega a referir-se a uma linhagem inteira de autores que, como McCarthy, mesclam realismo, supernaturalismo e outras construções narrativas com elementos mágicos. O recurso do mistério insolúvel como fonte de estranhamento pode deixar ainda mais evidente o valor do tipo de realismo que é trabalhado no romance:

A inclinação de McCarthy em direção à oracular “canção profunda”, como Lorca falou sobre a suavidade do flamenco debaixo das línguas ciganas, leva o romancista a uma meditação lírica e uma estranha reflexão. É um lugar obscuro em que, argumenta André Breton, a arte surreal é o “real” real imerso dentro das coisas. O que pode ser chamado de hiper-realismo de McCarthy empurra a credibilidade natural das coisas para profundidades lúgubres, alturas vertiginosas e abruptos irônicos. Tal surpreendente realismo filosófico é fortemente ligado a um “supernaturalismo natural” enfeixado por Thomas Carlyle através de estranho compêndio de musa, ficção e ciência humanista em *Sartor Resartus*⁸⁸. Através de água migrante, Emily Dickinson viu sua Nova Inglaterra supernatural no natural “revelado”, um hiper-realismo visionário retro-iluminando o “Zero no osso –⁸⁹.” Hologramas fantasmagóricos deixam trilhas através de milênios. Diz-se que as musas gregas clássicas visitavam mortais como demônios do gênio inspirador, espíritos intermediários posteriormente demonizados por pontífices cristãos. Esse vocabulário sobrecarregado é compartilhado por sonhadores, visionários, poetas, homens loucos e santos, geralmente não associados ao Gótico Sulista ou a romancistas sobre o velho oeste. (LINCOLN, s/d, p.19)⁹⁰

A linguagem de McCarthy pode ser um ponto destoante de todo o aspecto macabro do romance violento, mas não compõe uma remissão total. Dos três romances estudados neste trabalho, de longe *BM* é o mais negativo na exposição do humano e do espírito americano e ocidental. A interpretação que parece mais plausível até agora é a de que *Kid*, de fato, como em toda épica, aprende com seu conjunto de experiências, mas o que ele aprendeu aproximou-o mais de uma condição que o torna um novo Holden, ou parte dele. Ninguém passa incólume pelo meridiano de sangue. Se não enlouqueceu ou morreu na metade da travessia, todo *kid* que sobrevive perde a sua inocência primal e, inevitavelmente, torna-se um novo Holden, um profeta da morte.

⁸⁸ Referência ao romance de Thomas Carlyle (1795-1881) *Sartor Resartus* (o título, traduzido, seria “o alfaiate realfaiatado” ou “o costureiro recosturado”), de 1836, primeiramente serializado, entre 1833 e 1834, na revista *Fraser's Magazine*.

⁸⁹ Referência ao último verso, “And Zero to the Bone –” do poema “A narrow Fellow in the Grass”, da poeta norte-americana Emily Dickinson (1830-1886).

⁹⁰ McCarthy’s slope toward oracular “deep song,” as Lorca spoke of the flamenco duenda from beneath gypsy tongues, draws the novelist into lyric meditation and strange reflection. It is a dark place where André Breton argues surreal art to be the “real” real down inside things. What may be called McCarthy’s hyper-realism pushes the natural credence of things to lurid depths, giddy heights, and ironic abruptions. Such startling philosophical realism is stony kin to a “natural supernaturalism” torqued by Thomas Carlyle through the weird compendium of muse, fiction, and humanist science in *Sartor Resartus*. Across the migrant water Emily Dickinson saw her New England supernatural in the natural “disclosed,” a visionary hyperrealism backlighting “Zero at the Bone –” Ghostly holograms trace across millennia. Classic Greek muses were said to visit mortals as daemons of inspirational “genius,” intermediary spirits later demonized by Christian pontiffs. This surcharged vocabulary is shared by dreamers, visionaries, poets, mad and holy men, not generally associated with Southern Gothic or country-western novelists (LINCOLN, s/d, p.19).

2.10 Estranho lar, único lar

Existem ensinamentos proferidos por Holden, que servem de sermão para Kid, sobre o livre arbítrio e a bondade. Certamente são questionáveis, mas escancaram o fato de que, para o juiz, o entendimento dos fatos da vida e da morte destoam bastante do que se espera de uma mente sã. Não que ele fosse insano ou inculto, mas a barbaridade com que interpreta todos os elementos da realidade jamais podem passar despercebidos. Num dos trechos de seu romance, McCarthy brilhantemente ironiza que todos, em verdade, são juízes. Se as escolhas nós sempre as fazemos individualmente, por certo podemos considerar que agentes influenciadores podem interferir em nossas decisões, mas a mente humana, sobretudo a adulta, sempre é ou seria mera tabula rasa? As suposições e julgamentos do dia-a-dia não cabem a cada indivíduo, no final das contas? E o que seriam os resultados históricos e sociais dessas escolhas, senão a unidade originada do acúmulo de decisões que são tomadas ao longo dos séculos?

O que envenena a alma de Adão desde o paraíso foram as palavras de Eva? A ação da serpente? O cheiro do fruto proibido? A imagem da árvore do convencimento? Todos são culpados, menos o ser que – munido do direito inato da capacidade de escolha – optou em ele mesmo morder a maçã? Quem escolhe, responde por suas opções e, ao final, é o único senhor das ações. Todos podem fazer escolhas diferentes, mas quando deliberadamente seguem por um caminho e não outro, assumem riscos e definem seu destino:

O juiz sorriu. Falou baixinho na direção do cubículo escuro de barro. Você se ofereceu, disse, para tomar parte numa obra. Mas serviu de testemunha contra si mesmo. Levou a julgamento seus próprios atos. Pôs as próprias suposições na frente dos julgamentos da história e rompeu com o corpo com o qual se comprometera a tomar parte e envenenou esse corpo em toda sua empresa. Escuta aqui, homem. Lá no deserto foi a você que falei, a você e a mais ninguém, e você me fez ouvidos moucos. Se a guerra não é sagrada o homem nada é além de barro burlesco. Até mesmo o cretino do padre agiu de boa-fé segundo seu papel. Pois de nenhum homem se exigiu dar mais do que possuía nem tampouco era o quinhão de nenhum homem comparável

ao do outro. Apenas se esperava de cada um que entregasse seu espírito ao espírito coletivo e teve um que se recusou. Sabe me dizer quem foi? Foi você, sussurrou o Kid. Quem recusou foi você. O juiz o observou através das barras, abanou a cabeça. O que une os homens, disse, não é a partilha do pão mas a partilha dos inimigos. Mas se eu fosse seu inimigo com quem você teria me partilhado? Com quem? O padre? Onde ele está agora? Olha aqui. Nossas animosidades estavam formadas e à nossa espera até mesmo antes da gente se conhecer. Contudo, mesmo assim você podia ter mudado tudo. (BM 393)

Por serem senhores de seu destino, a simbologia do inimigo representa melhor o significado das vivências. O mundo é muito mais definido por aquilo que se disputa do que pelas partilhas amigáveis. Conhece-se muito mais um indivíduo contra o qual se luta do que o humano que aperta a mão de outro num gesto mecânico e arbitrário de cortesia. Não se pode definir se o aperto é sincero, na disputa por território e na luta pela vida o sentido primal é o que resta, pois não há espaço para mentiras ou invenções. Joseph Conrad, uma das grandes influências de McCarthy, recorrentemente usava da técnica narrativa de expor o homem a situações limites em que ele se confrontava com a natureza. Como reage um homem em situação de provação e desespero? Lord Jim, do romance homônimo de Joseph Conrad, precisou tomar uma decisão, no princípio do enredo do romance, se pulava ou não no mar. Viu bravos marinheiros experientes tomarem para si uma responsabilidade que era dele. Isso atormentou-o até o final da vida, pois também fora injustiçado num julgamento. Essa é a tônica da obra de Conrad: em *Typhoon*, um homem, longe da esposa, olha no olho do tufão e o tufão lhe devolve o olhar; em *Youth*, o jovem Marlow é provado ao extremo em sua primeira experiência no mar até o final da narrativa, em que o motor a vapor explode; os exemplos seriam variados. Em que momento da vida de cada um os homens precisam decidir se atravessam ou não a *shadow line*, o limite que escolhem para si próprios ou são levados a enfrentar, mesmo se tudo fazem para evitar esse confronto?

Em *BM*, os homens deparam-se a cada segundo com o desafio de sobreviverem à linha vermelha do Oeste. O juiz desafia Kid a culpá-lo por tudo o que acontece, o jovem

ainda ensaia eximir-se de responsabilidade, até mesmo se em voz baixa, mas não consegue. Mesmo historicamente, este discurso de inocência não se sustenta. Era um período em que o exemplo era Buffalo Bill⁹¹. Bill choramingava desculpas?

Olhando para Buffalo Bill em seu casaco de couro rústico, com sua arma engatilhada e admirando sua incomparável cavalgada, espectadores podiam sentir como se tivessem visto o Oeste estivesse em ação. Ele sustentava não apenas a sua própria carreira, mas toda a romantização de vencer um continente. Ele havia visto e feito o que os homens do Leste poderiam apenas sonhar em fazer, e quando eles o aplaudiam eles estavam reconhecendo não só sua personalidade e atuação, mas algo mais amplo e impalpável: algo que seria parte do significado da América para sempre. (BROGAN, 2001, p.711)⁹²

Kid era a outra face do desejo americano de prevalecer sobre todas as adversidades. O que lhe faltava, no entanto, era o intelecto que explicaria que ele sempre teria de ser o mais forte. Os golpes violentos resumem os diálogos humanos no Oeste, rituais religiosos não salvam as almas e armas salvam vidas. O papel do ser vivo era ser sempre o mais forte e também o mais rápido no gatilho. Só existem, então, duas cores: o vermelho da vida e o negro da morte. Todos os dias o sol sobe no crepúsculo em tom escarlate com num reflexo do que é a própria nação de desertos vermelhos e das poças de sangue derramadas. A visão desértica em tom rubro serve para nos lembrar que a matéria que constrói de fato a humanidade é o sangue. Os que sangram, morrem. A morte é o elemento que promove o disparo sobre os limites dos homens. Ela educa pelo sofrimento – veremos

⁹¹ William Frederick Cody (1846-1917), mais conhecido como “Buffalo Bill” (por ter sido caçador e matador de inúmeros búfalos), foi um aventureiro norte-americano, batedor de cavalaria, mensageiro do Pony Express, gerente de hotel, ferroviário e condutor de diligências, mas sobretudo, um “showman”. Muito famoso nos Estados Unidos, também levou seu *Buffalo Bill's Wild West Show* para a Europa. Este suposto show do Wilde West (Oeste Selvagem) incluía parada de cavalos e cavaleiros em roupas típicas, exímios atiradores, índios e até gente lendária do faroeste: Calamty Jones e o chefe Touro Sentado, além de árabes, cossacos e mongóis, que nunca tiveram nada a ver com o faroeste norte-americano.

⁹² Looking at Buffalo Bill in his buckskin coat with his ready gun and admiring his matchless horsemanship, customers could feel that they had seen the West in action. He stood not only for his own career but for the whole romance of winning a continent. He had seen and done what Easterners could only dream of, and when they cheered him they were acknowledging not only his personality and performance, but something larger and more impalpable: something that would be a part of the meaning of America for ever (BROGAN, 2001, p.711).

mais à frente no Capítulo 3, sobre *American Pastoral*, de Philip Roth, a importância pedagógica do sofrimento.

Toda vez que o homem age é em função do respeito aos próprios limites. A morte, para o Judge Holden é “*an agent*” (*um agente*), já que ela possui uma intenção. A melhor de todas é lembrar ao homem que somos todos mortais, mas que, em nossa mortalidade, podemos sobreviver. Nosso reconhecimento de nossa própria mortalidade pode ser uma bênção: previne ossos quebrados, desvia-nos de balas de pistolas, evita perfurações por facas. A verdade do Oeste, assim e então, está dada, não há mistérios a respeito: escapele seus inimigos e você será respeitado. A força vital da violência primitiva iguala as condições, fazendo com que todos tenham o direito de matar e de tentar não morrer. A religião existe, mas está num grau menos elevado que o da natureza, pois esta última possui o poder da verdadeira realidade:

Uma cerimônia então. Alguém poderia perfeitamente argumentar que não existem categorias de cerimônia nenhuma mas apenas cerimônias de grau mais elevado ou inferior e em deferência a esse argumento diremos que isso é uma cerimônia de certa magnitude talvez mais comumente chamada de um ritual. Um ritual inclui o derramamento de sangue. Rituais que deixam de cumprir esse requisito nada são além de rituais fajutos. Aqui todo homem identifica o falso logo de cara. Não tenha dúvida. Aquele sentimento no peito que evoca a lembrança de solidão de uma criança como quando as demais foram embora e tudo que restou foi o jogo com sua participante solitária. Um jogo solitário, sem oponente. Onde apenas as regras estão sob risco. Não vire a cara. Não estamos falando de mistérios. Logo você, dentre todos os homens, não pode desconhecer esse sentimento, o vazio e o desespero. É contra isso que pegamos em armas, não é? Acaso não é sangue o agente aglutinador na argamassa que dá a liga entre nós? O juiz se curvou para mais perto. O que acha que é a morte, homem? De quem estamos falando quando falamos de um homem que existiu e não existe mais? Serão esses enigmas incompreensíveis ou não farão parte da jurisdição de todo homem? O que é a morte senão um agente? E quem ela tem em mente? (*BM 423*)

Se o mundo deve ser submetido à lei dos mais forte, ninguém pode ser mais forte que o genuíno americano, representado na dupla face de Kid e Holden. De um lado, a força vital jovem, impossível de ser parada, pois é dona de uma virilidade invejável e de uma ingenuidade que permite que Kid aja sem pensar. Recordando uma passagem magis-

tral do filme *Apocalypse Now*, dirigido por Francis Ford Coppola, a personagem Kurtz, interpretada por Marlon Brando, faz uma descrição brutal, digna de *BM*, de uma ação que se passa numa aldeia vietnamita. Soldados americanos inoculavam crianças contra poliomielite. A reação instintiva, e ingenuamente ignara, dos homens adultos foi imediata. Sem pensar, temendo o que seria aquela substância injetada em seus filhos, eles deceparam com fações os membros dos meninos, e os amontoaram em pilhas seus bracinhos. Kurtz regozija-se com a pureza cristalina daquele ato, admira a determinação e a força de tomar sem pensar aquela decisão. Por fim, ele conclui que se tivesse nas mãos dez divisões feitas da mesma matéria que a daqueles aldeões, venceria a guerra em semanas.

Essa natureza selvagem, animalesca, viciada em sobrevivência, revelava o horror da vida, mas era a única verdade, pois era a simples realidade. Kurtz, que enxerga essa realidade crua como ela é, torna-se o mestre local com o mesmo ímpeto enigmático e grotescamente cativante de Holden. A diferença é que Kurtz começa a almejar sua própria morte, prepara Marlow (seu kid) para ser seu assassino, pois ele não quer mais viver na realidade cruel. Holden assume essa selvageria como um ser demoníaco e indiferente. Então atinge-se, de modo controverso, uma conclusão que pode não agradar a muitos, contudo, é de veras lógica: no fim, mesmo com toda ironia literária que elabora, Cormac McCarthy, bem como seus personagens, não odeiam sua terra natal, já que ela é seu lar, apenas nela se reconhecem, e não se adaptam mais a nenhum outro local, pois consideram ainda que aquele é o único lugar para eles, senão, com certeza, o melhor lugar do mundo

No final de um filme, cujo título no Brasil foi *Dívida de honra*, produzido, dirigido e também interpretado por Tommy Lee Jones, há uma composição cênica de grande utilidade para se entender aqui a leitura de McCarthy e de outros autores americanos sobre a paisagem do sul ou do Oeste dos Estados Unidos. Na cena final, o personagem de Lee Jones sobe numa pequena barca, que atravessará o rio Mississippi, de volta ao *Deep South*.

Ele pede que os músicos da barca comecem a tocar uma canção regional típica. Quase ensandecido, ele chuta a lápide de um caixão, que se encontrava na mesma barca e começa a disparar em direção ao lado Leste do rio, onde tentou, mas não conseguiu, se encaixar. Enquanto isso, bradava: “Isso mesmo, desgraçados, estamos voltando para o Oeste, não importa o que nos espera.” Sua dança de retorno ao lar ajuda a compor a simbologia da balsa da morte de Caronte, que cruza o rio Mississippi como se fosse o rio Letes, rumo à escuridão do esquecimento do fracasso, para um lugar imprevisível e violento, carregando mortos sem nome, mas que era, afinal, o seu lugar.

Nesse sentido, o título original do filme é ainda mais significativo *The Homesman*, o “homem caseiro” ou “homem da terra, das origens”, aquele que nunca fora um cidadão de integridade perfeita ou mesmo santo seguidor de todas as leis. Todavia, não abandona sua causa ou suas raízes, obstinado em suas metas, honrador de sua palavra, tenaz em suas empreitadas, um típico *self made man* interiorano, *simply a survivor*. Os personagens de *BM* têm essa mesma índole. Destemidos, encaram seus desafios e sobrevivem pois pertencem à terra e talvez a amem, não importa o que digam.

Quando estudei Joseph Conrad, durante meu mestrado, o aspecto alvo do estudo foi a significação do espaço para a construção dos personagens e do enredo no autor polonês-inglês. A coragem em *Lord Jim* é posta à prova durante uma tormenta, o amor do capitão aparece entre os fachos de luz do tufão, que destruiria seu barco, enquanto ele escreve suas cartas-memória para a esposa; no romance *Typhoon*, Marlow possui seu primeiro grande teste ao ter de encarar a explosão de motor e a destruição parcial de seu navio, durante uma tempestade, no conto “Youth”. Um elemento interessante era o de que, em algumas narrativas, o elemento do espaço ou ambiente narrativos eram só determinantes que perpassavam todos os personagens em todas as cenas. As trevas da selva do Congo, em *Heart of Darkness*, do mesmo Conrad, não são aprofundadas ao longo da subida ou

descida do rio apenas para um efeito de figuração. Desde o princípio Marlow, antes de aceitar a empreitada oferecida pela Companhia das Índias Ocidentais, percebe algo de errado com os prenúncios daquele novo trabalho, os tijolos das casas de Londres pareciam mais negros de musgo do que de costume, havia uma anciã fiandeira quase à porta do escritório da companhia. Ao passarem perto dela, a voz de um dos narradores – Marlow mais velho e sabedor dos acontecimentos no Congo – ironiza-a e a todos eles, exclamando “morituri te salutant” (os que vão morrer te saúdam), como se a velha fosse uma Cassandra visionária do caos e da morte de todos os que ingenuamente ingressavam na Companhia.

O aspecto negro da selva de trevas se intensifica até a obscuridade do horror total, em que os homens já estavam igualados pela ausência de humanidade (os “hollow men”, homens ocos do célebre poema de T. S. Eliot). Essa totalidade possui vários paralelos na História da literatura, e minha dissertação retomou alguns em língua inglesa, como: o mar que lança todos no afastamento da civilização, até que os homens já não se lembram mais quem são, e nada lhes resta senão a desintegração em suas próprias obsessões (como em *Moby Dick*, de Herman Melville); a neve que se anuncia ao longo do conto de “The Dead”, de James Joyce, até que, por fim, ela cai pesada nas linhas derradeiras da narrativa, igualando na paisagem branca todos os vivos e todos os mortos; ou a casa toda fechada por cortinas negras, em que transitam como fantasmas as personagens de “The Turn of the Screw”, para que a estranheza dos fantasmas assombrados por vivos fosse lógica, no conto de Henry James.

Tal como nessas obras, em *BM*, de Cormac McCarthy, o horizonte de cor sangrenta é totalizante, e as cenas sobre o espaço opressor se multiplicam, a terra vermelha sufoca, os raios ameaçadores ameaçam num horizonte sem chuvas, as construções mínimas ou apenas suficientes ficam repletas de corpos, as cidades tornam-se fantasmas com assas-

sinos escondidos, árvores repletas de corpos, casas incendiadas, tabernas perturbadas por lutas por questões fúteis, vilarejos de homens assassinando-se uns aos outros sem motivo algum – é assim o extremo do Oeste, em que pilhas de soldados se amontoam em meio à seca e ao nada... A vida sempre seria brutal ao extremo, mesmo a de um bebê recém-nascido. O mundo não é um lugar hostil, a hostilidade é a realidade, e o mundo humano, tal como o conhecemos, é, portanto, mera consequência lógica. Pertencentes a quaisquer que fossem as etnias que o habitassem, o sol sempre nascia vermelho no Oeste para todos seus habitantes. A selvageria não era uma opção, nem para os vivos, nem para os mortos. Seria esse o legado do Paraíso sonhado pelo Adão americano a ser espalhado pelo mundo afora?

Capítulo 3: O Éden *Post Bellum* de Philip Roth

Na sequência histórica que se estabeleceu neste trabalho, o século XX aparece representado por *American Pastoral*⁹³, romance de Philip Roth que universaliza certos costumes urbanos da contemporaneidade, a partir de uma perspectiva intimista da vida da família de judeus Levov, conhecida pela complexa figura de Nathan Zuckerman⁹⁴. O seio familiar dos Levov, com todas as suas imperfeições e falhas, culmina na derrocada trágica do patriarca Seymour Irving Levov, um atleta apelidado “Swede”, em seus tempos de ensino médio (*High School*) e de seus rebentos, em especial a filha rebelde, Meredith ou Merry, que representam uma crise generalizada de padrões culturais, princípios políticos e hierárquicos, tradição e perda de valores a partir de um conflito ao mesmo tempo político de nível nacional e também em seu nível familiar, pois a história se passa na década de sessenta, no período em que Lyndon B. Johnson era presidente dos Estados Unidos e protestos contra a guerra do Vietnã pipocavam, com alguns atentados por todos os estados americanos.

Se a ação do romance começa com a morte de Seymour, seu velório e enterro, o enredo se desenvolve desde quase cinquenta anos atrás, quando o irmão de Swede, Jerry, conta a seu amigo e ex-colega de escola, Nathan Zuckerman, os acontecimentos trágicos da vida de seu irmão morto e da filha dele, sua sobrinha, desde a adolescência engajada

⁹³ ROTH, Philip. “American Pastoral.” In: *The American Trilogy*. New York: Library of America, 2011, p.1-395 e *Pastoral americana*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Todas as citações são da edição brasileira e serão referenciadas parenteticamente: a abreviação AP seguida pelo número de página.

⁹⁴ Nathan Zuckerman é um personagem criado por Philip Roth em seu romance *My Life as a Man*, de 1974, em que é produto da criação ficcional de outro romancista, Peter Tarnopol. Zuckerman é uma espécie de alter ego, assim toda a crítica considera, de Philip Roth, e já apareceu em ao menos quatro romances diretamente relacionados a ele (a série *Zuckerman Bound*, composta por: *The Ghost Writer*, de 1979, *Zuckerman Unbound*, de 1981, *The Anatomy Lesson*, de 1983, e *The Prague Orgy*, de 1985. Outros romances em que ele aparece, seja como protagonista, seja como narrador, são: *The Counterlife*, de 1986, os romances de “A Trilogia Americana”: *American Pastoral* (1997), *I Married a Communist* (1998) e *The Human Stain* (2000). O último romance de Roth, até agora, em que Zuckerman apareceu foi *Exist Ghost*, de 2007.

na luta política contra o *establishment*, principalmente a guerra do Vietnã, tornando-se uma terrorista assassina, que se alienou da família, quase levou a mãe à loucura e praticamente destruiu a vida de seu pai. Mesmo que se possa estabelecer entre Meredith e seu pai Seymour um paralelo semelhante ao estabelecido entre a atitude desafiadora de Antígona em relação à lei humana e da *polis* decretada por Creonte, tal como na tragédia de Sófocles, em *AP* a geração do caos político, religioso e social não só escapa ao controle de Seymour, mas centra-se nele, principalmente, que quer manter respeitados os princípios da tradição e a manutenção do equilíbrio social. Desta vez, diferentemente da peça de Sófocles, a jovem é a irascível e rebelde personagem que não aceita discordâncias em relação ao seu pensamento político ou seu engajamento terrorista, querendo impor sua vontade pela violência. Isso configura uma descontinuidade do presente, simbolizada pelo afã revolucionário sem sentido (na opinião e pensamento político de Seymour) das novas gerações, que na década de sessenta protestavam contra o governo americano e seu envolvimento na guerra do Vietnã. Esse período, conturbado e transformador, não se pode esquecer, também foi palco de outros acontecimentos fundamentais para a reconfiguração do *establishment* norte-americano: os movimentos feministas (que vinham desde a década de 50), as lutas pelos direitos civis dos negros, o movimento Black Power, os hippies, a descoberta LSD, toda a tendência que resultou no lema “faça amor, não faça a guerra” e as transformações que tudo isso trouxe para os costumes americanos, desde a chegada do *rock n’ roll*, a tendência revolucionária da então chamada “juventude transviada” ou “rebeldes sem causa”, a chegada do homem à lua, o aparecimento de Elvis Presley e de vários grupos musicais e tantas outras coisas que fizeram dos Estados Unidos um país total e completamente diferente do que ele havia sido até o fim da década de cinquenta.

A analogia Meredith-Seymour/Antígona-Creonte não retira dos personagens do romance o elemento humano determinante do elemento trágico de qualquer personagens

de ficção desde os gregos, passando por Shakespeare, até os dias atuais. É apenas uma constatação importante de que o acometimento das tragédias pessoais pode fugir ao entendimento dos personagens, impondo o predomínio da ignorância como fator de concretização de peripécias trágicas. Ocorre que, neste caso, a tragédia não advém de um incestuoso e irascível Édipo, que desconhecia a força dos deuses e da impossibilidade de ele escapar de seu próprio destino, tal como revelado pelo oráculo de Delfos; nem de uma filha e irmã amorosa, que desafia o elemento político social em nome da lei maior dos deuses, mas da ignorância genuína, que permanece inerente à atitude dos personagens, mas uma ignorância histórica típica da época em que o enredo do romance de Roth se desenvolve. Uma época em que se assassina a História através do esquecimento das próprias origens, do negligenciamento da intelectualidade, da banalização dos estudos (sobretudo acadêmicos), do abandono da cultura e, principalmente, do extremismo em prol de causas ideológicas politicamente corretas, que substituíram o extremismo religioso no mundo Ocidental urbano. Esse contexto, que une paixões ignaras com o desconhecimento intelectual e histórico, gera a potencialização de jovens estupidificados que não enxergam nada além das próprias causas esvaziadas de sentido e de inteligência.

Se Seymour fosse sagaz, ela perceberia que a obediência cega às normas embasadas em paradigmas falhos não pode culminar em resultados que não sejam trágicos. Simplesmente repetir o rito adâmico em busca do Éden americano sem perceber que a descaracterização do questionamento individual nunca resultou em nada que não fosse a violência, foi seu grande erro. Ele não conhecia as origens da terra imersas nas conspirações e nas disputas por posses que Pynchon expõe, nem demonstra o leve indício de que já ouviu falar sobre o Oeste selvagem e seu holocausto regional. Levov, títere social ridículo, somente repete o mantra do pós-guerra de que se todo um *script*, há muito engendrado, de típico bom moço fosse seguido à risca, a felicidade e o sucesso viriam natu-

ralmente. Sua filha Merry Levov cresce transtornada pela exclusão social – judia, obesa, gaga e ativista – e ele sequer a conhecia de verdade. Essa desagregação familiar tem tons similares ao *tour de force* de Thomas Mann em *Os Buddenbrook*, porque quer expor a tragédia de uma era histórica através da desagregação de uma família tradicional⁹⁵.

Complementarmente, todo o ódio insensato de Meredith Levov representa a ignorância de uma juventude que já nasce desconhecidora de suas próprias origens, que se desliga da família, que pouco conhece e não é educada ao menos para conhecer os limites de seu desconhecimento, ao contrário tem pretensamente toda razão do mundo ao seu lado, é a personificação egóica de uma adolescente contemporânea:

3.1 “Be Something”

Vamos lembrar a energia. Os americanos governavam não só a si mesmos mas cerca de duzentos milhões de pessoas na Itália, Áustria, Alemanha e Japão. Os julgamentos dos crimes de guerra estavam, de uma vez por todas, extirpando a terra de seus demônios. O poder atômico era só nosso. O racionamento estava terminando, o tabelamento de preços estava sendo suspenso; em uma explosão de autoafirmação, trabalhadores das fábricas de carros, trabalhadores das minas, trabalhadores dos transportes, trabalhadores marítimos, trabalhadores do aço – trabalhadores aos milhões exigiam mais e entravam em greve por isso. (AP 39)

Nos primeiros capítulos de *AP*, Philip Roth descreve de modo singular o clima sensacional que era sentido nos Estados Unidos imediatamente após a Segunda Grande Guerra. Os nazistas, os maiores inimigos já enfrentados numa guerra, foram por fim derrotados – é claro que depois vieram a Guerra Fria e o comunismo da URSS, que provocaria a morte de centenas de milhões, o que resultaria, dentre outras coisas, na própria

⁹⁵ Por isso mesmo o título original completo do livro é *Buddenbrooks: Verfall einer Familie*; na edição brasileira, *Os Buddenbrook: decadência de uma família*, na tradução famosa de Herbert Caro (Porto Alegre: Globo, 1942). Foi o primeiro romance de Mann, publicado em 1901, quando ele tinha 25 anos. A crítica literária eventualmente refere-se ao romance como uma “épica do declínio/epic of decline” ou “épica da decadência”.

entrada em batalhas contra os vietcongues, mas no início do romance o espírito geral da população comum era de paz e esperança. O período subsequente à 1945 foi de uma euforia inigualável. O país atingiu o *status* de potência única, sua produção industrial chegou à metade dos manufaturados e das riquezas globais. O acesso às oportunidades de fato mostraram-se de proporções magníficas e parecia que, enfim, o Paraíso americano havia se confirmado. Todo o imaginário engendrado desde a fundação, com a conquista e colonização da terra e depois com a paulatina formação dos Estados Unidos da América, nunca a crença de que o país podia efetivamente ser encarado como o Éden terreno fora tão profundamente “confirmada” pelos fatos históricos.

O homem comum, podia-se esperar isso, rendeu-se a esta propaganda enormemente difundida pelo governo e imprensa (assim como pelo cinema hollywoodiano) e logo foi assimilada pela sociedade influenciada, de um lado, pela herança cultural, que sempre prometera essa terra de leite e mel, por outro, pela ingênua mobilização em massa de uma população cansada e magoada pela guerra. Era chegada a hora de colher os frutos, “dividir o butim”, como disse a personagem de McCarthy. O Éden se concretizara, depois de décadas de empenho impulsionado pelo mercado e pelo consumo em níveis estratosféricos, recompensando o comprometimento do povo com a palavra de Deus e com os ideais de liberdade e democracia, estabelecendo a crença generalizada de que o povo americano merecia tal recompensa. Assim dizia o mito, e assim sentiam-se todos os americanos:

E jogar um beisebolzinho improvisado nas manhãs de domingo no campo da avenida Chancelor e jogar basquetebol de brincadeira nas quadras de asfalto atrás do colégio era o que faziam os rapazes que tinham voltado vivos da guerra, vizinhos, primos, irmãos mais velhos, os bolsos cheios com a remuneração do desligamento do serviço militar, e a lei que fornecia vantagens aos ex-pracinhas os convidava a fazer coisas que nunca teriam sonhado ser possíveis antes da guerra. Nossa turma começou a escola secundária seis meses após a rendição incondicional dos japoneses, durante o maior momento de embriaguez coletiva da história americana. E o surto de energia foi contagiante. (AP 39)

Parecia – e assim eles acreditavam – que a vida era doce e cadenciada como um jogo de beisebol com os colegas. A imagem dos sobrados de fachadas limpas e telhados enfeitados em época de natal, crianças pedalando tranquilas em ruas cobertas por folhas outonais, asfaltos lisos, o sentimento de paz, coleguismo e proteção em um cotidiano pacato em cidade de porte médio e pequeno. Não somente esses elementos. Nos aglomerados urbanos, com o surto de crescimento, cidades grandes tornam-se metrópoles, metrópoles ascendem ao *status* de megalópoles, arranha-céus são erigidos em proporções nunca imaginadas na História: Empire State, World Trade Center, Sears Tower eram apenas uma pequena representação do avanço industrial que pedia passagem. A Broadway e Hollywood tornam-se referências a serem copiadas de lazer, cultura e entretenimento. O cinema impulsiona-se para a condição de maior indústria do planeta. Havia ouro nas montanhas rochosas, petróleo no Texas, o dólar era a moeda global, o exército potencializava-se ao nível nuclear, assemelhava-se a um mundo de infinitas benesses.

Nada poderia dar errado e não era uma euforia desmedida, pois assim confirmava-se o que todos sabiam desde os pais fundadores da nação: a terra era um Éden abençoado e apenas cumpriam seu destino de alcançar os que nasceram e trabalharam para que a América pudesse ser a maior nação da História. O país levou tempo para chegar até onde chegou no fim da década de 50, contudo, tomava o que era seu por direito natural, o controle do mundo com um *American Way of Life* repleto de prazeres. A terra era vasta, feita de homens livres e constituída com base na justiça, na democracia e em Deus. O destino escolhera os Estados Unidos para ser o paraíso terrestre, e se a perfeição, se existisse, seria ali erigida. O trabalho árduo, a fé e consciência política de direitos igualitários daria certo, com certeza, e todos eles poderiam, enfim, assumir seu papel de exemplo para a humanidade, como se dissessem: “Sejam americanos ou sejam infelizes” Estes comenta:

nós temos uma imensidão de terras cortejando a indústria dos cultivadores. É melhor que todos os nossos cidadãos estivessem empregados nesse aprimoramento, ou que metade devesse ser retirada de lá para exercitar manufaturas ou artes manuais para outrem? Aqueles que trabalham na terra são pessoas escolhidas por Deus, se ele de fato teve um povo escolhido, em cujos seios ele fizera o seu peculiar depósito para virtude substancial e genuína. É o foco no qual ele mantém vivo aquele fogo sagrado, que pode de outra forma desaparecer da face da Terra. Corrupção da moral na massa de cultivadores é um fenômeno [sic] o qual nenhuma era nem nenhuma nação teve um exemplo. (2012: 290) (ESTES, 2003, p74)⁹⁶

Uma única cobrança que poderia ser feita a essa terra, então, seria a de que jamais se esquecessem dos sacrifícios pregressos, das gerações que sangraram, adoeceram, mataram e morreram em nome da causa maior de construir a mais perfeita das nações. A História precisaria ser rememorada através da atitude de seus filhos, de todos os seus moradores cidadãos, pois, assim haviam aprendido desde as chagada dos puritanos, nenhum prêmio divino é obtido por meio da preguiça, da ingratidão, da negligência ou da indiferença. A população cabia a continuidade do passos dos seus ascendentes. O preço da manutenção dos direitos sempre seria a “eterna vigilância”, e mais, se a sociedade não justificasse com moral e com trabalho o solo sagrado que lhes fora dado como herança, que honra haveria nos herdeiros do espólio? Seus cidadãos deveriam tomar partido, continuar o trabalho, farto em oferta, e ser “alguma coisa”, tal como aponta Zuckerman, o narrador do romance de Roth:

Em torno de nós, nada era desprovido de vida. O sacrifício e a restrição tinham acabado. A Depressão havia desaparecido. Tudo estava em movimento. A tampa fora aberta. Os americanos deveriam recomeçar outra vez, em massa, todos juntos no mesmo barco.

Se isso não fosse suficientemente inspirador – a conclusão miraculosa desse acontecimento supremo, o relógio da história reajustado e os objetivos de todo um povo já não mais delimitados pelo passado –, havia o bairro, a determinação comunitária de que nós, as crianças, tínhamos de escapar da pobreza, da ignorância, da doença, da

⁹⁶ [W]e have an immensity of land courting the industry of the husbandman. Is it best then that all our citizens should be employed in its improvement, or that one-half should be called off from that to exercise manufactures and handicraft arts for the other? Those who labour in the earth are the chosen people of God, if ever he had a chosen people, whose breasts he has made his peculiar deposit for substantial and genuine virtue. It is the focus in which he keeps alive that sacred fire, which otherwise might escape from the face of the earth. Corruption of morals in the mass of cultivators is a phaenomenon [sic] of which no age nor nation has furnished an example. (2012: 290) (ESTES, 2003, p74)

ofensa e da intimidação social – escapar, sobretudo, da insignificância. Vocês não podem acabar dando em nada! Façam alguma coisa importante na vida! (AP 39)

No entanto, o que significaria isto: fazer alguma coisa importante, limitar-se a ser pai, esposo, trabalhador e pagador de impostos? Todos queriam ser alguma coisa, assim, o que daria significado à existência e a preencheria de sentido? Essa é a pergunta fundamental que Roth continua indagando, talvez, em todos os seus livros: o que você é ou como você se torna o que é? Muitos dos seus personagens representam uma busca incessante pela definição de uma identidade, que parece ter sido sempre perdida.

Como será analisado, Nathan Zuckerman constantemente estuda tipos humanos preocupado com a definição do valor existencial. Ele mesmo não possui relação totalmente resolvida consigo mesmo, pois até certo ponto é um escritor fantasma. Os protagonistas da sua *American Trilogy* não conseguem, por mais que busquem, paz com suas próprias vidas. O Sueco é um homem que sempre viveu o que lhe disseram que deveria viver; Ira Levin, em *I Married a Communist*, segundo romance da trilogia, nunca conseguiu concretizar o que queria, pois as perseguições sofridas pelo macarthismo impedia determinados tipos de ideologia; Coleman Silk, de *Human Stain*, esconde toda a vida sua origem negra e termina perseguido pelo absurdo de ser um racista, em relação aos negros. A todos esses três personagens haviam dito que deveriam ser heróis, liberais e brancos, e foi isso o que eles tentaram ser, pagando o preço de se tornaram o avesso de si mesmos. Esse seria o paraíso ou uma negação de uma identidade em busca de simpatia?

Neste ponto, é imprescindível retomar o trabalho de Roth com elementos culturais judaicos. Todo judeu encontra-se esmagado pela incompletude, pois não são seres perfeitos, como seu Deus Iahweh, já que, para isso, eles devem ser corretos, seguir desígnios de uma divindade que lhes deu vida e livre arbítrio. O entendimento do judeu é deveras semelhante ao de Levov, um homem bondoso, preocupado apenas em praticar esportes,

terminar os estudos, casar, trabalhar, procriar e morrer como um cidadão de bem. Para além desse discurso pronto e imposto de cima para baixo, o que resta do caráter do Sueco? Havia nele, por causa de sua altura, cabelos loiros, olhos azulados e pele pálida, um sueco? Ou ele era a imagem e semelhança de princípios e crenças secularmente repetidos?

O tormento que acomete a muitos personagens, senão todos os protagonistas de Roth, é a dúvida permanente se a identidade não se submete ao mundo social exterior, se não é apenas aquilo que os outros dizem que alguém deve ser. As leis imemoriais, como as tábuas de Moisés, podem ser éticas e úteis, mas não definem um caráter individual ou conferem unidade ao ser. Aliás, é apenas Deus quem se pode dizer único, já que, por ser a totalidade, sequer precisa se autodefinir. O entendimento da deidade judaica passa pela correlação entre a certeza da existência divina como um princípio afirmativo, nunca o alvo de um questionamento. Diferentemente dos humanos, Deus é aquele que é: “And God said unto Moses, I AM THAT I AM: and he said, Thus shalt thou say unto the children of Israel, I AM hath sent me unto you” (*King James Bible*, Exodus: 3, 14 [“Então afirmou Deus a Moisés: ‘Eu Sou o que Sou’. E deveis dizer aos filhos de Israel: Eu Sou me enviou a vós outros]). O que deve ser ressaltado aqui é o significado e, sobretudo, o alcance da afirmação “I am that I am”, não só a possibilidade ‘Eu sou **aquilo** que sou’, mas, principalmente, ‘Eu sou **aquele** que é’], o que faz desta resposta a extrema e suficiente definição da existência do criador da Vida. Ninguém mais, nenhum humano, nenhum outro ser pode dar essa mesma resposta. Daí a pergunta que, possivelmente, reverbera na mente dos judeus: Quão esmagador é o fardo de se ser criado sem esse mesmo direito, o de existir sem poder dizer aquilo que se é?

O trabalho com o princípio do Éden aparentemente conseguiria diminuir essa angústia existencial, já que ser um cidadão da nação das oportunidades dá sentido à vida, de alguma forma. Todos seriam o que estavam destinados a ser, todos correspondiam a trabalhadores, filhos de árdios trabalhadores, que reconstruiriam o Éden na Terra. Os

titãs do paraíso, segundo a crença judaico-cristã, não precisavam mais se desesperar, seu propósito fora alcançado. Agora sorveriam todo pão e mel do Éden sem mais se preocupar com o fardo de não saber se caminhavam na direção certa. Na brilhante biografia sobre a cidade de Jerusalém, Simon Sebag Montefiore conduz seus leitores a uma definição perfeita da Terra Santa, que pode ser posta em analogia ao sentimento americano do Pós-Guerra em toda sua paz, harmonia, liberdade e democracia:

Agora falta uma hora para o amanhecer de um dia em Jerusalém. O Domo da Rocha está aberto: os muçulmanos estão orando. O Muro está sempre aberto: os judeus estão orando. A igreja do Santo Sepulcro está aberta: os cristãos estão orando em diversos idiomas. O sol está nascendo sobre Jerusalém, seus raios deixando as pedras herodianas do Muro quase nêveas – tal como as descreveu Josefo há 2 mil anos – e captando o glorioso dourado do Domo da Rocha, que cintila em retribuição ao sol. A esplanada divina onde céu e terra se encontram, onde Deus encontra o homem, ainda está num reino além da cartografia humana. Só os raios do sol podem fazer isso; finalmente a luz recai sobre a construção mais singular e misteriosa de Jerusalém. Banhada e reluzente ao sol, ela faz jus ao seu nome. Mas o portão Dourado permanece trancado, até a chegada dos Últimos Dias. (MONTEFIORE, 2013, p.821)

Mas os que pensavam que a nova Israel santa havia ressurgido na Terra falharam em sua análise ou, como Zuckerman nos diz, estavam errados, muito errados.

3.2 O fim da História X a História repentina

Um dos fundamentos da ironia de *AP* está no tom de ingênua ilusão em que se encontram os americanos, quase uma denegação dos aspectos perversos que corroíam a sociedade por dentro e escondiam um aglomerado de males históricos mal resolvidos:

por intermédio do Sueco, nosso bairro penetrou em uma fantasia acerca de si mesmo e do mundo, a fantasia dos fãs do esporte em toda parte: quase como os gentios (como imaginavam ser os gentios), nossas famílias conseguiam esquecer o modo como as coisas funcionavam na realidade e transformar uma exibição atlética no repositório de todas as suas esperanças. Principalmente, conseguiam esquecer a guerra. (*AP* 8)

Ao longo de todo o início do romance Roth coloca essa leitura da perfeição americana como concepção tola, que mascara os problemas inerentes a uma sociedade que se esqueceu deliberadamente do morticínio em diversas batalhas, ao mesmo tempo em que se esquecia de construir princípios morais e éticos que impedissem a corrupção dos elementos que foram engendrados para dar equilíbrio e proteção à sociedade. Faltava estofamento para uma sociedade preenchida apenas por elementos externos. Uma espécie de contrato social deturpado, no entanto, fora tacitamente estabelecido de maneira implícita e até inconsciente, para que o sucesso dos empreendimentos do Pós-Guerra prosperassem. Na leitura de *AP*, os americanos iludiam-se com a felicidade de seus filhos. Apesar de a Era de Ouro de fato compor aquele momento da História da humanidade, este constructo econômico passava ao lado de muitos interesses pessoais, sobretudo dos jovens.

Mais de uma vez, o histórico de ações dos Estados Unidos embasou-se na certeza sobre o Fim da História. Essa é uma teoria social americana, que ficou muito conhecida e difundida pelo teórico americano Francis Fukuyama. Com base nessa leitura histórico-social, a democracia liberal teria se provado historicamente a mais adequada, na prática, para o sucesso e equilíbrio da humanidade. Desta maneira, se o Éden pode ser firmado no mundo, outros modos de vida política e de governo seriam agora dispensáveis, e isso decretaria a morte política da História dentro dos parâmetros hegelianos do protótipo do homem, pois as organizações sociais não mais queriam outras formas de organização que não garantissem seus direitos civis de liberdade e democracia:

eu argumentava que, nos últimos anos, surgiu no mundo todo um notável consenso sobre a legitimidade da democracia liberal como sistema de governo, à medida que lá conquistava ideologias rivais como a monarquia hereditária, o fascismo e, mais recentemente, o comunismo. Entretanto, mais do que isso, eu afirmava que a democracia liberal pode constituir “o ponto final da evolução ideológica da humanidade” e “a forma final de governo humano”, e como tal, constitui o “fim da história”. (FUKUYAMA, 1992, p.11)

Portanto, existiria um consenso das sociedades, que solaparia a vontade de existir em conjunto sem um governo que seguisse os mesmos moldes do padrão moderno de democracia liberal, posto que todas as demais opções mostraram-se por demais falhas e injustas. É importante dizer que poucas teorias recentes foram tão discutidas, negadas e criticadas. A principal delas é a de que Fukuyama legitimaria o senso comum do *América Way of Life* de modo irrestrito (o que não ocorre), assim como ao consumismo e outras características teoricamente típicas dos americanos, todavia, como autor ele é capaz de ver e de criticar sobre os males e imperfeições que ainda e imperfeições que ainda contaminam esses estados de democracia liberal contemporânea:

enquanto as formas mais antigas de governo caracterizavam-se por grandes defeitos e irracionalidade, que as levaram ao colapso final, a democracia liberal estava aparentemente livre dessas contradições internas fundamentais. Não significa que as democracias estáveis atuais, como os Estados Unidos, a França ou a Suíça, estejam isentas de injustiças e sérios problemas sociais. Porém são problemas de implementação incompleta dos princípios de liberdade e igualdade, nos quais essas democracias se baseiam, e não oriundos de falhas dos próprios princípios. (FUKUYAMA, 1992, p.11)

Portanto, é evidente que muitos pontos desconcertantes ainda precisam ser resolvidos, todavia munidos das ideias de liberdade e igualdade, separação de poderes e outros fatores iluministas, em países que, como os Estados Unidos, França ou Suíça conseguiriam, paulatinamente também eles conseguiriam atingir uma condição mais estável de organização social de respeito de leis, pois haveria mecanismos internos que proporcionariam a sua melhora ao longo do tempo e evitariam a castração dos direitos dos cidadãos em suas necessidades básicas. Fukuyama não sonha com devaneios de perfeição da democracia liberal, apenas teoriza sobre os fatos da possibilidade de se atingir sociedades melhores com base em ideais como a democracia, a liberdade os direitos individuais, que não eram respeitadas nos moldes concorrentes durante a longa Guerra Fria. Assim como

no trecho acima citado, várias críticas como o belicismo e o imperialismo ocidental são apontados, mas isso não se compararia aos projetos de nações sem liberdade de imprensa, sem eleições, ou condenados à fome em larga escala, execuções sumárias, e assim por diante.

Ocorre que a interpretação do fim da História por Fukuyama sustenta-se em certos pressupostos, que por vezes podemos considerar exagerados (por isso mesmo a leitura mais intimista e menos generalizante de Roth tende a se opor a esse olhar). Um deles é o de que haveria uma aceitação tácita, por parte dos membros das comunidades dentro deste conceito de sociedade democrática, de organização liberal civil nos moldes ocidentais. Outro é o de que os indivíduos de fato teriam os seus direitos característicos respeitados independentemente de sua origem étnica ou cultural, posto que os contextos políticos do pós-guerra seriam indelevelmente mais receptivos às diferenças. Por fim, que haveria um controle por parte das próprias pessoas de suas ideologias e de seus anseios, respeitando os semelhantes dentro de um esquema minimamente civilizado. São muitos os pressupostos idealizadores para um sistema que visa ser aplicado a seres humanos. A ironia de Philip Roth sobre esse engenhoso Éden do pós-guerra é justamente a contestação do funcionamento equilibrado desse palco político monumental.

Para o autor de *AP*, o cenário é significativamente destoante, a aceitação dos indivíduos permanece muito inconstante, e o trabalho com os anseios humanos tende muito mais ao choque e à desagregação do que a uma comunhão feliz, o desequilíbrio das relações inter-humanas, que depende de fatores mezinhos incrivelmente variados e incontroláveis, em oposição a um contrato mútuo e etéreo sobre o equilíbrio social democrático liberal. A tragédia política ou pessoal depende de elementos que vão desde uma ideologia vazia em preceitos políticos, que não se encaixam no esquema do mundo, o sentimento de necessidade de aceitação ou autoafirmação que muitos têm. O grande

sistema asseverado pela cultura americana e ocidental, que estava reservado aos descendentes da era de ouro dos americanos – que se espalhou por boa parte do mundo Ocidental sobretudo pela Europa Central – esqueceu-se de perguntar-lhes se estavam preparados para lidar com todo o processo prefixado de engendramento da História. A tragédia com a filha do Sueco, que se transforma na derrocada do pai, é o melhor exemplo disso:

me pus a meditar sobre aquilo que devia ter deixado o Sueco perplexo até o momento de sua morte: como viera a se tornar um brinquedo da história? A história, a história americana, esse troço que a gente lê nos livros e estuda na escola, havia aberto caminho até a tranquila e desengarrada Old Rimrock, New Jersey, para o interior onde ela não se havia manifestado de nenhuma forma digna de nota desde quando o exército de Washington passou dois invernos nas montanhas adjacentes a Morristown. A história, que não fizera qualquer incursão abrupta na vida diária do povo local desde a Guerra Revolucionária, trilhou seu caminho de volta para aquelas montanhas enclausuradas e, de forma improvável, com toda a sua previsível imprevisibilidade, irrompeu aos trancos e barrancos na pacata vida doméstica dos Seymour Levov e a deixou em bagaços. As pessoas pensam na história a longo prazo, mas a história, na realidade, é uma coisa muito repentina. (AP 107)

Seymour Levov sempre fez tudo certo. Na gíria americana ele seria chamado de um homem “by the book”, o que segue as regras, pois jamais cometera falhas graves. Se obedeceu a todos os desígnios familiares e sociais, por que foi merecedor de seu tão terrível destino? Para Zuckerman, a História não se faz através de projetos de longo prazo, pois ela é um estalo num indeterminado-determinado momento. O planejamento pode existir, mas as garantias de seu sucesso são mínimas. Aquele composto americano, que mirava o Éden através de determinados princípios religiosos, morais, políticos e econômicos bem intencionados, não conta da presteza histórica que nos surpreende e nos pega de supetão. O que não casa com o que o “eu” quer, não será simplesmente obedecido. A História não tem um fim, pois não pode ser contida ou prevista, ela é “repentina”.

O homem comum em *AP* alcança uma perspectiva pouco contundente no que se refere ao conhecimento de suas limitações e mazelas. A teoria do fim da História, após a Guerra Fria, filha da Segunda Grande Guerra, parece sedutora no aspecto macro-político

social, mas quando trazida para próximo do homem comum em seu dia-a-dia, em sua vivência familiar, em suas condutas individuais, parece ser pouco precisa, ou mesmo pouco útil. Essa sociedade até poderia ter encontrado um padrão sócio-organizativo, que munisse a comunidade geral de seguranças institucionais, mas não resolvia as grandes questões da História, que sempre são humanas, particulares, situadas em microuniversos complexos. A democracia liberal ocidental não explica como, em *AP*, Seymour Levov, em seu palácio de Old Rimrock, viveu tamanha falácia pessoal e familiar: sua mulher traindo-o com William Orcutt III (provável ironia de Roth ao Orkut, site de relacionamentos líder na época), ele traindo a esposa com sua terapeuta Salzman, a filha Merry enlouquecendo por questões políticas, e ele assumindo sem nenhum prazer o império da indústria de luvas de couro do pai. A História é imposta pelas vivência pessoais no sopro de momentos, não nas teorias de historiadores. A consciência geral, que assume a Era de Ouro que sucedeu à vitória americana sobre os nazistas, entrega-se de modo quase infantil à leitura superficial da perfeição Edênica, que já vem prevista no romance desde a epígrafe que cita o trecho da música de Johnny Mercer, quando indicia o sonho vão, contínuo e ininterrupto, que devaneia sobre a vida de eternos prazeres, em que nada de fato é ruim e todos desejos iriam se realizar:

Sonhe quando o dia acabou,
 Sonhe e elas podem se tornar verdadeiras,
 As coisas nunca são tão ruins quanto parecem,
 Então sonhe, sonhe, sonhe.

Johnny Mercer, (ROTH, 1997, p5)⁹⁷

3.3 A lição sobre o couro

⁹⁷ Dream when the day is thru,/ Dream and they might come true,/ Things never are as bad as they seem,/ So dream, dream, dream. (*AP* 5)

Algumas passagens de romances, sobretudo os romances longos, chamam-nos a atenção pela insistência em determinados pontos, que parecem, num primeiro momento, algo exagerado: as cenas descritivas de jogos de tênis, em *Infinít Jest*, de David Foster Wallace, por exemplo; as clássicas descrições biológicas das baleias em *Moby Dick*, de Herman Melville, mesmo até se voltarmos no tempo e nos lembrarmos dos tempos iniciais do nascimento da narrativa, podemos nos deparar com a longa descrição do “catálogo das naus” na *Ilíada*. Mas todas essas narrativas possuem propósitos bem determinados. Nelas (ou através delas) será preciso enxergar o todo da história e reler tudo com cautela, para se encontrar o que há ali que exigisse o esforço da longa exposição. Há uma passagem desse tipo em *AP*: a lição que Levov explicita sobre como se cuida do couro:

– Uma pele precisa ser tratada de maneira adequada. Adequada! E adequada não é debaixo do sol, uma pele deve ser posta para secar à sombra. Caramba, você não vai querer que a pele fique toda torrada de sol, não é? Escute, posso lhe ensinar de uma vez por todas, Jerome, como se trata uma pele?
E assim fez, muito agitado no início, incapaz de conter sua frustração com a inépcia do próprio filho para trabalhar com couro, explicando a nós dois o que eles haviam ensinado aos comerciantes a fazer com as peles de carneiro na Etiópia, antes de embarcá-las para a Artigos de Couro para Senhoras Newark, a fim de serem tratadas no curtume. (*AP* 47)

O narrador marca longamente essa descrição. Tudo isso, porque fazia gestos da Terra para Deus ver. Para ele, assim como para Seymour, a felicidade eterna deveria ser garantida conquistando-se o sorriso dos céus que manteria o Éden mundano. A política da simplicidade absurda e superficial do homem comum não é uma ridícula limitação das potencialidades do homem, elas são um valor máximo da capacidade de autocontrole e de voto de subserviência a uma divindade que olharia para baixo, comprazendo-se do temor humano:

Estava, de fato, levando a vida que pediu a Deus, a sua versão do paraíso. É assim que vivem os bem-sucedidos. São bons cidadãos. Sentem-se afortunados. Sentem-se gratos. Deus está sorrindo lá de cima para eles. Existem problemas, eles dão um jeito. E de repente tudo muda e fica impossível. Nada está sorrindo lá de cima para ninguém. E quem é que pode dar um jeito nisso? Ali estava alguém despreparado para o caso de a vida ser infeliz, muito menos para o impossível. (AP 106)

Essa ironia somente é possível porque há nela um referencial comprovável na cultura judaica, na qual o cotidiano presentifica a deidade. Por exemplo, na obra *O livro dos valores judaicos* – um guia diário para uma vida ética –, do rabino Joseph Telushkin, constrói-se uma espécie de passo a passo do calendário hebreu, para que as práticas cotidianas sejam, nas atitudes mais prosaicas, a representação terrestre de uma ética divina. À altura da semana 17, no dia 117⁹⁸, por exemplo, tem-se a lição sobre a “prática da bondade caridosa” ao “ser hospitaleiro com seus convidados”, ou “visitar um doente” que se encontra solitário num hospital, ou “tentar trazer paz entre semelhantes”, “reconciliando amigos brigados” (2015, p.202). Todas essas ações, correlacionadas a pontos específicos da Torá. Pode parecer banal ou previsível se tomadas por base como meras ações sugeridas, mas o princípio estrutural é o que conta mais. Não se separa, na religião judaica tradicional, a existência da fé e sua prática na vida de todos os dias, pois a crença não é valor absoluto em si, ela depende de uma execução social, que nada tem a ver com situações especiais ou contextos excepcionais. A crença tem de ser tão comum quanto o ato de se ir ao mercado, e repetida com paciência de Jó, até que seja algo tão natural para o homem quanto o respirar é. Se é ‘incondizente’ com a realidade religiosa, limita-se a um dizer que se tem fé. O indivíduo deve ter e, sobretudo, ‘ser’ sua fé, mas ela inexistente se for arbitrariamente lembrada como algo forçado e somente recordada artificialmente, quando de Deus se necessita. A verdadeira crença é puro movimento reflexo, e esse refle-

⁹⁸ No livro, o autor segue a lógica do calendário judaico e uma sequência cardinal de todas as semanas e dias do ano.

xo possui amparo numa teoria mítica da religião, que a estudiosa Karen Armstrong nos elucidada em seu livro sobre Jerusalém:

Um desses mitos é o que Mircea Eliade, falecido estudioso romeno radicado nos Estados Unidos, encontrou em quase todas as culturas, e chamou de mito do eterno retorno. Nessa linha de pensamento, todos os objetos que vemos aqui na terra têm sua contrapartida na esfera divina. Podemos entender esse mito como uma tentativa de expressar a sensação de que nossa vida aqui embaixo é incompleta e dissociada de uma existência mais plena e mais satisfatória alhures. (2009, p.15)

O trecho sobre o trabalho com o couro, em *AP*, sem sombra de dúvidas é um processo de ensino religioso, no sentido estrito da palavra. O trabalho cuidadoso e detalhista com algo tão específico e simples seria uma tentativa de projetar no cotidiano a perfeição divina. A repetição não deixa de ser um ato de fé, que mira a projeção do eterno retorno. Como se tem tentado explicar aqui, a crença judaica tem como base um exercício quase *kitsch* de atividades banais, pois nessa aparente banalidade, cuidadosamente pensada, espelha-se a mimetização do Éden no mundo:

Todas as atividades e aptidões humanas também possuem um protótipo divino: mime-tizando as ações dos deuses, os homens podem participar de sua vida divina. Ainda hoje se observa essa *imitatio dei*. Os fiéis continuam repousando no Sabá ou comendo pão e tomando vinho na igreja – atos que por si mesmos são insignificantes —, pois acreditam que um dia Deus praticou essas ações. Os rituais num lugar sagrado constituem outra maneira simbólica de imitar a divindade e participar de sua existência mais plena. (ARMSTRONG, 2009, p.15)

É claro que isso não passa longe de uma ironia em *AP*. Como Roth revela, de nada adianta todo o empenho dos homens bons da família Levov, a sua labuta não foi recompensada. O paraíso Levov é destruído expondo toda a fragilidade das bases em que se construiu tal Éden. O Sueco torna-se o joguete ridicularizado do destino, pois não foi racional ou consciente. Como um mímico, apenas repetia o que achava que era correto e não viu a dispensabilidade de muitas de suas ações, nem percebeu muitas coisas que

seriam essenciais: “À luz da modernidade racional tais mitos parecem ridículos. (ARMSTRONG, 2009, p15)

3.4 Adão em meio aos gentis

O mito adâmico desconstruído, a ser abordado de modo mais sistemático neste capítulo, encontra-se presente nas obras americanas desde o princípio de sua literatura. O principal estudo, que não chega ao século XX contemporâneo em sua análise, é o de Andrew Lewis, *American Adam*. Este livro serviu de base para a constatação de que uma gama de personagens em enredos romanescos dos Estados Unidos constroem uma projeção do homem criado, marcado pela religião, que se reconhece como um ser primal, de destaque, e destinado a grandes feitos. Paralelamente, não consegue se fixar com propriedade em nenhum local, um eterno ser expulso do paraíso, e que vive as agruras existenciais sem saber ao certo que erro cometeu. Analisou-se aqui, de diferentes formas, Charles Mason, Jeremiah Dixon e Kid, nos capítulos anteriores, mas agora é preciso reconhecer que Seymour Levov representa bem um Adão perdido, característico dos noventa, na contemporaneidade ainda em estudo.

Lembrando-se do que foi abordado no início deste capítulo, pode-se afirmar que o judaísmo possui, de maneira bastante marcada, o exercício com o fazer físico que se quer mímese do divino. Isso gera alguma das passagens mais cômicas, no sentido literário, da obra de Philip Roth, como, por exemplo a descrição costumeira do enorme esforço feito pelo pai de família judeu para manter o seu percurso inabalável de retidão moral torna-o uma personagem caricata. Tudo na figura de Levov faz dele um ser comum ao extremo, livre de quaisquer méritos extra e sem atrativos que mereçam destaque, pois ele é um ser

que parece ter nascido apenas para passar despercebido, que poderia muito bem morrer, mas que insiste em permanecer vivendo:

O pai não tinha mais do que um metro e sessenta e oito ou setenta – um homem buliçoso, ainda mais agitado do que o meu, cujas inquietações estavam modelando as minhas próprias ansiedades. O senhor Levov era um daqueles pais judeus oriundos dos bairros miseráveis e guetos cuja perspectiva iletrada e rude tocara para a frente toda uma geração de filhos judeus esforçados e instruídos em faculdades: um pai para quem tudo representa um dever inexorável, para quem existe um jeito certo e um jeito errado, e nada no intervalo entre um e outro, um pai cujo conglomerado de ambições, preconceitos e crenças se conserva tão imune aos arranhões de uma reflexão mais cuidadosa que ele se torna alguém mais difícil de a gente se livrar do que parece. (AP 17)

A simplicidade absurda da figura do pai era tão grande, que, num determinado trecho de AP, afirma-se que os filhos aturavam os familiares apenas por uma obrigação moral, pois nunca representaram qualquer tipo de valor que merecesse ser imitado, sendo ascendentes que jamais serviriam de inspiração para seus rebentos: “Homens limitados dotados de uma energia sem limites; homens rápidos para mostrarem-se amigos e rápidos para ficar de saco cheio; homens para quem a coisa mais séria na vida é seguir em frente apesar de tudo. E nós éramos seus filhos. Era nossa missão amá-los.” (AP 17). Ao final do trecho, o amor direcionado aos genitores era um ato de penitência e expiação: eles iriam para o céu por aguentá-los. Poder-se-ia perguntar agora: como figuras tão ridículas poderiam ser associadas a Adão? Pois era assim que se imaginavam, os verdadeiros representantes e descendentes de Deus, logo, a primeira ironia de Roth encontra-se justamente nessa oposição entre realidade desprezível e uma imagem ilusória de grandiosidade.

Um preceito básico de qualquer Adão que se preze certamente é ser reconhecido como tal em seu Éden, além de conseguir viver em harmonia com o seu meio. O Adão desconstruído de Roth possui dois problemas essenciais logo de início: primeiramente, o seu *status* não corresponde ao de um verdadeiro dono do paraíso, mas ao de uma pessoa quase digna de pena. E cabe aqui uma ressalva: a temática judaica em Roth é constante

e, nada obstante, ela não se esgota em si mesma. As observações feitas pelos personagens ligam-se à cultura da qual provêm, como sequer poderia deixar de ser, pois não é um vínculo direto arbitrário. Essa caracterização diminuída de Levov, por exemplo, não existe por ele ser judeu, e sim por representar o protótipo de um pai de família americano – leia-se ocidental – comum. Ele não é ridículo por ser judeu, ele é ridículo e ponto final, coincide de ser judeu apenas. Um dos méritos de Philip Roth, aliás, é o de conseguir sempre dar caráter universal a seu material firmado na cultura judaica. Como diz Alfred Kazin:

É de se notar que judeus, ao escreverem sobre outros judeus, nem sempre atacam; o apelo à natureza humana crua, ao indivíduo em sua complexidade e solidão humanas como uma mera criatura humana, é menos comum que os grandes temas coletivos da vida judaica, da solidariedade judaica em face à opressão. Até mesmo os mais dotados e profundos entre os escritores judeus tendem a descrever amor e ódio, miséria e selvageria, como se fossem meros símbolos da profundidade e da medida da experiência judaica. A coisa incomum, a conquista do Sr. Roth, é localizar o eu ferido, raivoso e não assimilado – o judeu como indivíduo, não o indivíduo como judeu – sob o dossel do judaísmo. (KAZIN, 1962, p356)⁹⁹

O segundo problema, que compromete o *status* adâmico dos personagens e auxilia na releitura desconstrutiva feita em *AP*, está na rejeição que sofriram os judeus nos primórdios de sua colonização americana: seu conflito com o meio. A assimilação, sem sombra de dúvidas, ocorreu, mas não fora perfeita, tanto que, ao longo da narrativa, percebe-se esse fator de ironização de maneira menos marcada, pois o trabalho de Roth é reconhecidamente pouco engajado, quando se trata de judaísmo, e por tocar na questão dos judeus de modo mais analítico cultural que de um ponto de vista determinante religioso,

⁹⁹ This is a note that Jews, in writing about other Jews, do not often strike; the appeal to raw human nature, to the individual in his human complexity and loneliness as a mere human creature, is less common than the grand collective themes of Jewish life, of Jewish solidarity in the face of oppression. Even the most gifted and profound writers among Jews tend to describe love and hate, misery and savagery, as if they were merely symbols of the depth and range of Jewish experience. The unusual thing, Mr. Roth's achievement, is to locate the bruised and angry and unassimilated self – the Jew as individual, not the individual as Jew – beneath the canopy of Jewishness (KAZIN, 1962, p356).

sem deixar de a ele e referir. A inadequação, porém, não chega a ser por puro preconceito, porque mostra-se mais uma incompatibilidade de adaptação por completo a paisagem americana. A relação com Newark, por exemplo, é bastante contraditória, pois Seymour sente que é um lar que nunca fora inteiramente seu. Inexiste aqui tempo para discutirmos a ideia de Israel como elemento mítico, étnico, diaspórico, e a possível analogia com o Éden americano. Contudo o entendimento do ser desacoplado de seu meio representa uma crítica ao Adão que deveria, ao contrário, ser perfeitamente ligado a seu meio. O famoso crítico já citado, também de origem judaica, Alfred Kazin, reproduz essa leitura em sua obra *A Walker in the City*, ao descrever como era a vida de ir à sinagoga em Brownsville. Até os negros, em sua rixa secular contra brancos, eram mais aceitos que eles:

Nós éramos o fim da linha. Nós éramos as crianças dos imigrantes quem acamparam na porta dos fundos da cidade, no gueto mais duro, mais remoto e mais barato de Nova York, enclausurado de um lado pelos flats de Carnasie e por outro pelos distritos de classe média, que mostravam o caminho para Nova York. “Nova York” era o que colocávamos por último em nossos endereços, mas em primeiro lugar, se pensando nos outros ao redor de nós. Eles eram a Nova York, os Gentis, América.; nós éramos Brownsville-Bunzill, como os antigos falavam – o pó da terra para todos os judeus com dinheiro, e notoriamente um lugar que media que todo o sucesso seria nossa capacidade de sair dali. Então, quando judeus pobres se iam, até Negros, como dizíamos, achavam fácil se estabelecer nas margens de Brownsville [...] (KAZIN, s/d, p12)¹⁰⁰

3.5 Por que me abandonastes se sabias que eu era Deus, se sabias que eu era forte?

Mas quem é que está preparado para o impossível que vai acontecer? Quem é que está preparado para a tragédia e para o absurdo do sofrimento? Ninguém. A tragédia do homem despreparado para a tragédia – esta é a tragédia do homem comum.

¹⁰⁰ We were the end of the line. We were the children of the immigrants who had camped the city’s back door, in New York’s rawest, remotest, cheapest ghetto, enclosed on one side by the Carnasie flats and on the other by the hallowed middle-class districts that showed the way to New York. “New York” was what we put last on our address, but first in thinking of the others around us. They were the New York, the Gentiles, America.; we were Brownsville-Bunzvil, as the old folks said – the dust of the earth to all Jews with money, and notoriously a place that measured all the success be our skill in getting away from it. So that, when pour Jews left, even Negroes, as we said, found it easy to settle on the margins of Brownsville [...] (KAZIN, s/d, p12).

Ele continuou observando de fora a própria vida. A grande luta da sua existência foi enterrar essa coisa. Mas como poderia?

Nunca na vida teve ocasião de perguntar a si mesmo: “Por que as coisas são do jeito que são?”. Por que deveria se dar a esse trabalho quando as coisas corriam sempre de um modo perfeito? Por que as coisas são do jeito que são? A pergunta para a qual não existe resposta e, até aquele momento, ele fora um homem tão afortunado que nem sequer sabia que essa pergunta existia. (AP 106)

Outro elemento que promove a crítica ao elemento adâmico em *AP* é a soberba que acomete os heróis, na certeza de que estão em sua trajetória correta, rumo ao sucesso absoluto, seres cuja sorte e fortuna fosse grande demais, a ponto de corrompê-los, tornando-os hipócritas, acometidos pelo excesso da *megalothymia*¹⁰¹ e que assumem a postura de centros do universo. O Adão de Roth enxerga-se como um deus de carne, apesar da figura ridícula que pareceria para muitos. Essa condição acarreta inevitavelmente numa cegueira acerca de sua condição real. As imperfeições passam longe de sua percepção. É uma marca da ingenuidade adâmica que leva a tragédia, segundo R. W. B. Lewis: “o herói está preparado, com equipamento maravilhosamente inadequado, para tomar quanto mundo estiver disponível para ele, sem submeter-se a quaisquer outras categorias determinantes do mundo” (LEWIS, s/d, p.199)¹⁰².

Seymour Levov era homem sem maiores ambições, inseria-se, por outro lado, na mesma certeza nacional de que o mundo reserva-lhe coisas grandiosas e tudo seria parte do seu gigantesco jardim. Essa postura, segundo Lewis, repete-se ao longo de toda a tradição literária americana, precedendo até mesmo a Hawthorne. A mitologia da viagem, dos grandes feitos, das personagens desafiadores, que querem dar conta da totalidade do mundo, são uma tônica constante no romance norte-americano: *Moby Dick*, *The Adventures of Huck Finn*, *Invisible Man*, *The Catcher in the Rye*, *The Adventures of Augie*

¹⁰¹ Termo cunhado por Fukuyama, já citado, a partir do conceito platônico da parte espiritual da alma, que direciona a ambição tirânica e a compulsão em ser superior aos outros.

¹⁰² “the hero is willing, with marvelously inadequate equipment, to take on as much of the world as is available to him, without ever fully submitting to any of the world’s determining categories” (LEWIS, s/d, p.199).

March, são obras dentre várias que nos impõem a figura do Adão assoberbado. A imagem da casa de pedra, que impressiona o Sueco, por sua solidez e imponente indestrutível, é símbolo dessa ingenuidade:

Aos seus olhos, a casa de pedra não seduzia apenas pelo seu aspecto engenhoso – toda aquela irregularidade regularizada, um quebra-cabeça montado com muita paciência naquela forma quadrada, sólida, a fim de compor um abrigo maravilhoso – como também pelo seu ar indestrutível, uma casa inexpugnável que jamais poderia ser queimada até as fundações e que na certa devia estar ali de pé desde o início do país. Pedras primitivas, pedras rudimentares do tipo que a gente via espalhadas entre as árvores quando andava pelas trilhas do Weequahic Park, e ali elas formavam uma casa. O Sueco não conseguia parar de admirar aquilo. (*AP* 225)

Todavia, em *AP*, com base no fundamento judaico de individualidade, seria impossível que Zuckerman não questionasse a adequação de todos esses elementos culturais. No sentido hebreu, o Adão faz parte da linguagem existencial terrena, com base na projeção da deidade. A imagem do ser criado, que é semelhante ao de seu criador, jamais se desprende de um individualismo extremo que não permite a fragmentação total da consciência. Como chamam a atenção Amos Oz e Alice Oz-Salzberger:

Já dissemos, de passagem, que o poderoso individualismo exibido na Bíblia e nos textos judaicos posteriores não é o individualismo básico da teoria ocidental moderna. Um traço antigo e profundo da cultura hebraica é a centralidade do homem ou mulher singular, criado à imagem de Deus, porém ao mesmo tempo pertencente a diversas pluralidades humanas. Veja como o Gênesis 1,27, no próprio berço, oscila entre os gêneros e entre os pronomes: Deus criou o homem à imagem Dele, à imagem de Deus ele o criou; homem e mulher ele os criou”. A gramática em si flutua neste compacto versículo entre os polos mutuamente complementares que são homem e mulher, singular e plural. Este, anterior ao Jardim do Éden, é o individualismo judaico numa casca de noz. (2012, p.161)

Interessante é que essa casca de noz, em *AP*, surge de um modo um tanto diferente. Por serem, além de judeus, americanos, os personagens na narrativa construída por Nathan Zuckerman são mais ingênuos do que deveriam costumeiramente ser. A origem da alienação provém não da herança cultural, mas do contexto histórico que cria – como

já foi aludido aqui – a ilusão do Éden. Adão imagina-se no paraíso, mas ele, como indivíduo, nem mesmo existe. É por isso que existe sempre o questionamento primordial de todas as narrativas de Roth sobre o que se é, o que o homem é, o que diferencia o ser individual de sua determinação social, e ainda, como o indivíduo consegue se sobrepor ao meio? No mito bíblico, Adão dá nome às coisas. No romance *AP*, aparentemente, o mundo confere o nome, o sobrenome e o apelido, Sueco, a Seymour Levov, que rima imperfeitamente com “love”/amor. Levov invejava uma composição individual, quando a reconhecia, queria sempre ter sido como Johnny Appleseed, e nunca fora:

Johnny Semente de Maçã, este é o homem certo. Não era judeu, não era um católico irlandês, não era um cristão protestante – nada disso, Johnny Semente de Maçã era só um americano feliz. Grande. Corado. Feliz. Na certa, pouco inteligente, mas não tinha necessidade de inteligência – um grande andarilho, é isso que Johnny Semente de Maçã precisava ser. Todo ele era prazer físico. Tinha uma passada larga, um saco de sementes de macieira e uma afeição enorme, espontânea, pelas paisagens e, em toda parte que ia, espalhava sementes. Que história incrível. Ir para toda parte, andar por toda parte. (*AP* 373)

Para Seymour Levov interessava o *status* de ser livre e simples, que perambulava como queria por toda a parte, ser um homem comum, munido de sua liberdade, numa plenitude de fazer chorar qualquer um com maiores obrigações cotidianas. A América era aquilo, o Éden era aquilo: viver num país livre para se fazer o que se quisesse, mesmo que fosse a mais ridícula das tarefas. Como alguém seria um Adão preso a alguma tarefa doméstica ou como o senhor da terra poderia se encarar sem poder singrar para onde bem desejasse? O Adão de *AP* é sempre um ser de asa quebrada, arrastando os membros, como o albatroz de Baudelaire. O cotidiano da classe média comum corrompe a integridade do indivíduo e permanece agravada na alma por ter sido acatada com tanta ênfase pelo patriarca Levov, que quis elevá-la a um *status* de lei familiar indiscutível e necessária. O Sueco quase erige um auto de fé pelo seu modo de vida, porém as chamadas o atingiram.

3.6 Escolha outro povo

Início esta parte deste capítulo com a recordação do momento em que um campo de beisebol, em *AP*, foi utilizado para, através das regras do jogo que nele se jogava, se questionar a liberdade do indivíduo. O desejo de liberdade não seria inerente à existência? Não cabe ao Adão ser livre para colher os frutos do paraíso, domar os animais e viver sem preocupações em exercer o puro livre arbítrio? Ser americano não significa ser livre quando todo o resto do mundo. De certa maneira, de certa maneira, encontra-se a ferros?

O campo de beisebol era o lugar onde eu queria ficar, desde o tempo em que entrei no jardim-de-infância. Que aquele era o lugar onde eu queria ficar, isso eu já sabia desde o momento em que pus os olhos ali. E por que não deveria estar onde eu queria? Por que não deveria estar com quem eu queria? Não é esse o espírito deste país? Quero ficar onde quero ficar e não quero ficar onde não quero ficar. É isso o que significa ser americano... não é? (*AP* 370)

A questão chave continua sendo a da pergunta final, “o que significa ser americano”, pois para Seymour, antes de ele ser judeu (e judeu que não vive necessariamente sua fé tal como deveria), ele é americano, não outra coisa, o que quer dizer que ele se vê e se sente como fruto de seu tempo e de seu meio, sendo seu campo de beisebol apenas um simbólico representante da organização sócio-econômica-religiosa norte-americana, um pequeno universo de leis e ordem previamente estabelecida.

Aqui podemos estabelecer um paralelo, através de uma recordação talvez interessante. Num filme relativamente simples, intitulado *Defiance*¹⁰³, no Brasil traduzido para *Ato de liberdade*, no qual três irmãos judeus na Bielorrússia, para não serem capturados pelos nazistas, embrenham-se com algumas armas na selva e acabam por ajudar vários outros fugitivos judeus. Mas as selvas da Europa gélida podem não ser o lugar mais

¹⁰³ *Defiance* (2008), direção de Edward Zwick, com Daniel Graig, Liev Schriber e Jamie Bell, produzido por David Zwick e Pieter Jan Brugge, distribuído pela Paramount

hospitaleiro, ou nem muito melhor que um campo de concentração. Vivendo de improvisos e sem comida garantida, aqueles judeus definham em longo sofrimento com congelamentos, gangrenas, medo e doenças. Em determinado momento, após uma parca refeição, um personagem, que faz as vezes de rabino, profere uma prece em que evoca Deus, não cobrando uma ajuda ao povo escolhido, mas abrindo mão de ser esse povo. Diz o personagem a Deus, em sua oração: “Estamos cansados. Escolha outro povo.” De fato, semelhantemente, a situação de Seymour é a de estar cansado: da hipocrisia social, das relações comerciais longe de excelentes, da situação de terrorismo e de assassina da filha Meredith, de suas próprias traições à esposa Dawn e das dela em relação a ele. Tal como sua filha Merry, ele se sente deslocado, sem saber o que fazer de sua vida e, ao mesmo tempo, não querendo, nem podendo, reconhecer seu fracasso como marido, pai e cidadão americano legítimo. Parece, para ele, que outro homem poderia ter sido o escolhido

O princípio adâmico, ainda que confirmado, pode ser mais um fardo que uma bênção, e o homem comum americano, aqui projetados em personagens judaicos, encontra paralelo similar na obra de Philip Roth, nesse embate entre o fardo de ser membro de uma comunidade da qual se não pediu para fazer parte e o desejo de ter o *status* de indivíduo pleno. Num momento mais para o final de *AP*, há a seguinte passagem:

Quando eu era garoto e tinha de ir para a escola judaica, o tempo todo que eu ficava naquela sala mal podia esperar a hora de sair para o campo de futebol americano. Eu ficava ali pensando: “Se eu ficar mais tempo sentado aqui nesta sala, vou acabar passando mal”. Tinha uma coisa insalubre naqueles lugares. Em qualquer ponto perto de qualquer um desses lugares, eu já sabia que não estava onde gostaria de estar. A fábrica era o lugar onde eu queria ficar, desde menino. (*AP* 370)

O garoto queria ficar na fábrica de seu pai, queria estar próximo à produção de luvas de couro, mas os ditames da cultura impunham-lhe o dever de frequentar a escola judaica. Incessantemente, a luta entre o eu e os outros é retomada, pois esse dever do judeu para

com o seu povo cresceu enormemente com a descobertas dos campos de concentração nazistas, ao final da Segunda Grande Guerra. A comunidade judaica americana tornou-se uma das maiores no mundo, invadindo a cidade de New York, também tornando-se, com o tempo, abastada. Com o sucesso veio uma responsabilidade, um fardo pesado como aquele de se ser o povo escolhido, fazendo com que os judeus americanos se tornassem os escolhidos entre os escolhidos. É assim que se sente Seymour Levov, em sua posição privilegiada, que, sentia ele, precisa converter-se em um farol de esperança e reconhecimento para o restante dos seus semelhantes em todo o planeta, tornando seu fardo ainda maior. A resposta para o sofrimento histórico do povo judeu talvez estivesse em cada colégio dos Estados Unidos:

Quando a Segunda Guerra Mundial findou, a comunidade judaica americana tornou-se ciente de que tinha responsabilidades sem precedentes como a maior e mais importante comunidade judaica do mundo. O Holocausto ainda não havia se tornado uma preocupação pública, mas ele sem sombra de dúvidas já exercia grande efeito sobre a comunidade judaica americana, que desempenhou importante papel em assistir os sobreviventes do Holocausto da Europa. Durante esse tempo, judeus americanos providenciaram suporte econômico, bem como político para o estabelecimento do Estado Judeu. No entanto, muitos judeus americanos entenderam que eles deveriam manter uma identidade tanto religiosa quanto étnica. Apesar de que houve uma consciência renovada de suas obrigações, somente a minoria dos judeus americanos tinha uma concepção clara das crenças religiosas às quais adeririam ou tinham uma proximidade consistente das práticas rituais. Arthur A. Goren argumenta, “Judeus americanos intuitivamente sentiram que o consenso funcional baseado no suporte a Israel e na defesa da América liberal não eram suficientes. O que era necessário era um centro doutrinário e ideológico que, enquanto identificado com o grupo, poderia também justificar os elementos operacionais do consenso.” Esse núcleo doutrinário poderia ser suprido pela preservação e pela evolução da religião judaica na América. (KAPLAN, 2005, p.61)¹⁰⁴

¹⁰⁴ “When the Second World War ended, the American Jewish community became aware that it had unprecedented responsibilities as the largest and most important Jewish community in the world. The Holocaust had not yet become a public concern, but it nevertheless had a sobering effect on American Jewry, who played an important role in assisting Holocaust survivors in Europe. During this time, American Jews provided economic as well as political support for the establishment of a Jewish state. Nevertheless, many American Jews understood that they needed to retain a religious as well as an ethnic identity. Although there was a renewed consciousness of their obligations, only a minority of American Jews had a clear conception of what religious beliefs they adhered to or had a consistent approach to ritual practice. Arthur A. Goren contends, “American Jews intuitively sensed that the functional consensus based on supporting Israel and defending a liberal America was not sufficient. What was needed was a doctrinal and ideological core that, while identifying the group, would also justify the operative elements of the consensus.” That doctrinal core would be supplied by the preservation and evolution of the Jewish religion in America.” (KAPLAN, 2005, p.61)

Mas os efeitos desse conflito secular entre sociedade judaica X indivíduo judeu teria um peso enorme, tendo em vista que a contestação de jovens como Meredith projeta a leitura de um desregramento que seria filho inevitável da ilusão americana de perfeição. Os refugos de uma sociedade precariamente elaborada não deixam de continuar sendo um lixo. A falta de princípios morais para muitos padrões de conduta, somada a uma imaturidade que não aguenta o peso da responsabilidade de séculos de judaísmo, geraria ira e incompreensão. Faltam a Merry dois princípios humanos fundamentais. Primeiramente, o entendimento de uma consciência democrática plena, que prevê o respeito do diferente, por mais que existam elementos ideologicamente contrários a ele. A família Levov não foi eficaz em educar familiar e socialmente a filha. Ela, por sua vez, por causa da educação falha recebida, torna-se uma cidadã cega quanto aos seus direitos e deveres numa democracia e, por isso, uma extremista política. Sua visão provavelmente egoísta do mundo, torna-a uma deslocada quando ao judaísmo a que deveria seguir e uma cidadã americana conformada, tal como social e politicamente se esperava de qualquer jovem, naquela época.

Em segundo lugar, pode-se destacar a intolerância que gera autoritarismo, pois Meredith, em mais de um momento no romance, se diz inconformada com o fato de que há contradições no discurso dos pais e no discurso da sociedade, fazendo vir à tona um discurso familiar e outro social, em que a aparência conta mais do que a realidade¹⁰⁵. Assim, como conceber a democracia se existem tantas desigualdades sociais, como aceitar

¹⁰⁵ Por exemplo, a aparência da mãe de Merry, Dawn Levov, esposa de Seymour, é por demais importante. Tendo sido Miss New Jersey, depois Miss Union County, e também uma das concorrentes, em 1949, a Miss America, ela teria de se conformar apenas em ser esposa e mãe? Essa é uma perspectiva de vida que não lhe agrada, mas que deve levar adiante. Consequentemente, a importância que dá à sua aparência física, a ponto de fazer uma cirurgia plástica na Suíça. Tal preocupação ajuda a explicar a razão pela qual a aparência de sua filha gorda, gaga e, em sua opinião, feia, desleixada e desajeitada lhe é tão desagrável, levando-a, de certa forma a rejeitar a filha, ter vergonha dela.

a ideia de uma nação grandiosa, mas que entra em guerras por ela consideradas infundadas? Onde estava o paraíso que era defendido por seu pai? O derradeiro elemento que tira o Adão Seymour Levov de seu pedestal é ver sua própria filha rejeitar todos os princípios paternos, contestar toda a verdade estabelecida, o que provoca uma força destrutiva, movida pelo desconhecimento sobre tudo. Meredith é, ao mesmo tempo e então, uma vítima uma criminosa? As respostas podem ser conflitantes, e em nenhum momento do romance, Philip Roth censura ou deplora a personagem, limitando-se a apresentá-la. Tal como Gustave Flaubert, em seu famoso romance, jamais critica sua personagem Emma Bovary. Ele quer que o leitor tire suas conclusões e, de acordo com o que se passava nos Estados Unidos da época, seria quase impossível que os leitores do romance de Roth condenassem Meredith Levov pura e simplesmente, desconsiderando todos os aspectos sócio-políticos que envolviam seu nascimento, processo educativo, amadurecimento e sua passagem pelo terrorismo. Afinal, quando o romance chega ao fim, ela já se reconciliou com a família, principalmente com o pai, e tornou-se uma pacifista convicta. Se isso não chega a ser uma regeneração completa, nem cria condições absolutas para seu perdão pela morte de ao menos três, talvez quatro pessoas, significa mais do que meio caminho andado em direção a uma reconciliação consigo mesma. Provavelmente coisa que nem seu pai Seymour conseguiria.

É interessante como a democracia, por si mesma, possui mecanismos de auto-negação e mesmo autoaniquilação. Em teoria, um referendo poderia, por exemplo, permitir o fim do voto universal num país democrático. O populismo de alguns líderes e a vontade sem respeito ao diferente nascem também em todas as camadas sociais, da mais alta (por interesses quase sempre escusos de manutenção do poder de que desfrutam, seja em classes socialmente inferiores, sobretudo por desinformação, ausência de educação, e pela marginalização a que são submetidas pelas classes dominantes. Quando a maioria dos

pertencentes às classes inferiores se revoltam, podem estar confundindo revolução com terrorismo, libertação com violência, luta por direitos civis com destruição de liberdades civis, embora, no Brasil da atualidade, quando das campanhas e passeatas, sobretudo na cidade de São Paulo, aconteceram manifestações contrárias à então presidenta Dilma Rousseff, foram das classe média-alta e alta a maioria dos participantes, às vezes até com babás uniformizadas para cuidarem dos filhos que lá também estavam, às vezes com serviço de champanhe, para beberem em comemoração. Conceitos totalitários florescem e crescem, sim, em terreno livre, e nenhum terreno social é mais livre do que aquele a que pertencem as classes sociais privilegiadas. Para voltarmos ao exemplo das passeatas de São Paulo, foram representantes daquelas classes abastadas que pediam a volta da Ditadura Militar, acreditando que assim poderiam os brasileiros voltar à “ordem e ao progresso” que jamais, em tempo algum, os militares propiciaram ao Brasil, nos mais de vinte anos que durou a ditadura pós 1964. A tragédia de Meredith nada mais é que a ponta final da onda de inconformismo nascida com os “rebentos da ralé” de que fala Hannah Arendt:

Os pessimistas históricos compreenderam a irresponsabilidade fundamental dessa nova camada social, e previram corretamente também a possibilidade de converter-se a democracia num despotismo, cujos tiranos surgiriam da ralé e dependeriam do seu apoio. O que eles não compreenderam é que a ralé não é apenas o refugio mas também o subproduto da sociedade burguesa, gerado por ela diretamente e, portanto, nunca separável dela completamente. E por isso deixaram de notar a admiração cada vez maior da alta sociedade pelo submundo (que tão bem se percebe no século XIX), seu recuo gradual e contínuo em todas as questões de moral e seu crescente gosto pelo cinismo anárquico, característico dos rebentos da ralé gerados pela sociedade. (2009, p.212)

Para Arendt, evidentemente, “rebentos da ralé” não são elementos das classes sociais inferiores, já que ela mesma os considera “subproduto da sociedade burguesa”. Tais rebentos têm no fastio das classes privilegiadas uma razão muito mais plausível para aparecerem, e sua melhor representante em *AP* é Meredith Levov: judia, gorda, desajeitada, gaga desde que viu pela televisão monges budistas vietnamitas ateando fogo em si

próprios em protesto, menosprezada pela mãe, com um pai que lhe era indiferente, com ideias católicas inculcadas em sua mente por uma avó materna, em conflito com os ideias de uma fé inculcada nas pessoas desde cedo em suas vidas por um avô paterno, que desejava que ela fosse educada na fé judaica, sofrendo abuso na escola, que saída ela poderia ter? Mesmo que o leitor queira condená-la, esquecendo-se de que o próprio Philip Roth jamais faz isso, pela boca de Nathan Zuckerman, acabará por questionar seus próprios valores ao tentar fazer isso.

Por tais razões, levando-se em conta esses aspectos dúbios e duplos da personagem, pode-se dizer que os inúmeros erros apontados por Zuckerman e denunciados pelo romance não foram apenas da Meredith. Onde estava o pai que a ignorou enquanto ela crescia, achando-se no direito de se sentir traído por aquilo que sua filha se tornara? Seus ensinamentos não deram conta de perceber que o lado humano da própria filha pouco se desenvolvera? A causa em nome de seu modo de vida era maior que o amor pela descendente? O Adão Levov descuidou-se de seus filhos e, pensa ele, ajudara a criar Caim. Que paraíso seria esse em que estabeleceria sua família?

3.7 A profetisa gagueja e explode

Judaísmo e Cristianismo Tradicionais ambos têm muito a dizer sobre o fim da história. Capítulos 20 e 21 do Novo Testamento do Livro de Revelações falam sobre um Reino de Cristo de mil anos na Terra, depois do qual todos os mortos iriam ressuscitar, Satã ser derrotado, um julgamento final passado, e o mundo substituído por uma nova criação. (HOWE, 2007, p780)¹⁰⁶

¹⁰⁶ Traditional Judaism and Christianity both have much to say about the end of history. Chapters 20 and 21 of the New Testament book of Revelation speak of a thousand-year Kingdom of Christ on earth, after which all the dead will be resurrected, Satan defeated, a final judgment passed, and the world replaced by a new creation. (HOWE, 2007, p780)

Este subcapítulo visa avaliar como todas as obras deste estudo, apesar de desconstruírem o trabalho com os mitos fundadores dos Estados Unidos, inclusive em nível histórico, retomam um mito fundamental da grande nação. Apesar de todo o panorama caótico em Pynchon, violento em McCarthy, trágico ao extremo em Roth, todos parecem crer que a América ainda possui um sonho, uma missão e é a terra de oportunidades. Apesar de todos os males, ao final dos épicos há um tom de aprendizagem e mesmo de remissão. O trabalho com a literatura e sua reinvenção, inclusive, e um aspecto fulcral para servir de referência para que os tolos se norteiem para o rumo correto a se conduzir as ações e se evitem os erros rumo a uma “*new creation*”, nas palavras de Howe.

O capítulo sobre a tentativa de recuperação do paraíso se aplica a *AP* de modo bastante intrincado. As críticas sociais em *AP* são bem mais diretas, objetivas e contundentes que em *MD* e *BM*. Entretanto, isso não significa que o elemento de remissão da terra exista ou que a tentativa de recuperação do Éden esteja completamente deixada de lado. Ao contrário, de modo sutil, essa interpretação de redimir o paraíso em Philip Roth mostra-se até uma espécie de proposta de utopia. A condenação da humanidade não é total. Parece haver a possibilidade de se construir uma sociedade diferente se os erros forem encontrados e admitidos – de certa forma, esta mensagem pode ser inferida de diferente maneira em todos os três romances, aqui, todavia, o contexto político expõe mais essa percepção de uma possibilidade de aprimoramento social.

Primeiramente, tomemos o trecho em que se discute o ato de pura violência deliberada – o atentado envolvendo Meredith, ao qual já nos referimos em parte –, que afeta a família de Levov:

Rita Cohen apenas saiu da casa de alguma outra pessoa. Eles eram criados em casas iguais à dele. Eram criados por pais iguais a ele. E tantos desses jovens eram moças, moças cuja identidade política era total, moças que não eram nem um pouco menos agressivas e militantes, nem um pouco menos propensas à “ação armada” do que os rapazes. Existe algo aterradoramente “puro” na violência delas e na sua sede de auto-

transformação. Elas renunciam às suas raízes para tomar como modelos os revolucionários cuja convicção é levada a efeito da forma mais implacável. Como máquinas que não podem ser desligadas, elas fabricam a abominação que impele o seu idealismo duro como aço. A raiva delas é combustível. Estão dispostas a fazer qualquer coisa que possam imaginar para mudar o rumo da história. Não são nem de longe obrigadas a fazer isso; se candidatam livremente e com destemor a cometer atos terroristas contra a guerra, assaltos à mão armada, muito bem equipadas para mutilar e matar por meio de explosivos, imunes ao medo, às dúvidas e às contradições internas – moças na clandestinidade, moças perigosas, violentas, extremistas implacáveis, totalmente insociáveis. (AP 302)

Esta dúvida crucial para o entendimento da tragédia que recai sobre a família Levov está imposta até a nós leitores. De fato, retomando o romance, não conseguimos entender o porquê de a filha ter se tornado uma terrorista. Por certo, houve a ingenuidade de que tratamos, na qual os cidadãos ludibriados pela perfeição da sociedade esqueciam-se ou ignoravam a complexidade dos ditames da vivência literal, bem como eram conflituosas as discussões entre a filha jovem e o pai tradicional, tornando ridículas as longas discussões, em que a menina gaguejava continuamente e, com ódio, tentava mostrar ao pai que nada estava certo para ela. Contudo, por que nada estava certo? Onde ele falhara? Por mais que a ilusão onírica de perfeição de Seymour estivesse falha, isso justificaria todo o ocorrido, a bomba, o resultado caótico?

O princípio da resposta para esses pontos de inflexão talvez resida na composição do ideário americano de paraíso terreno. Como foi dito, *AP* carrega em si uma leitura que tece ácidas críticas a todos os erros que a sociedade americana tem sistematicamente cometido desde a vitória sobre Hitler. Por outro lado, a noção do chamado *American Dream* não foi abandonada por completo. Sobretudo se observarmos a ingenuidade positiva, poder-se-ia dizer, mesmo repleta de uma noção genuína de bondade por parte do cidadão comum sobre a manutenção de um equilíbrio social embasado na equidade. Lembremo-nos de que a concepção de uma sociedade liberal por si só não implica em preceitos quase sempre, quem sabe quase totalmente, maléficos. Apenas para se ser ter um exemplo, o primeiro dos grandes interpretes dos Estados Unidos, o francês Alexis de

Tocqueville (1805-1959), ao avaliar a construção desta nação, aponta que ela possui como valor de destaque, sem sombra de dúvidas, a “igualdade de condições”. Ademais, a sua estrutura social estava fundamentalmente sustentada no que ele conceituou como “*l'intérêt bien-entendu*”¹⁰⁷.

O “amor esclarecido”, diferentemente dos formatos europeus, Tocqueville notou que era praticado na América sem a simples distribuição de benesses sociais por parte de governantes ou sem semelhança com o que poderíamos chamar de políticas sociais. Justamente por ser a sociedade Americana uma sociedade originada, desde seu mais remoto início, dentro dos padrões laborais liberais e ainda com um forte senso comunitário, fruto de um projeto genuíno de reinvenção aos padrões de vida europeus, seu sistema possuía um distanciamento do intervencionismo governamental. Assim sendo, o trabalho individual era desprendido, pois era executado enquanto consciente de que se cada um fizesse corretamente sua parte – seus deveres sociais e de trabalho – como consequência todos contribuiriam para o bom andamento da sociedade e do sucesso do projeto sócio-econômico americano. A terra nova vingaria desde que os direitos civis fossem respeitados e as responsabilidades individuais não fossem abandonadas. É claro que esta fórmula pode ser contestada e as interpretações de Tocqueville não são as únicas existentes. Porém, o que nos importa é perceber que as intenções dos indivíduos comuns poderiam ser encaradas desta maneira. Por certo isto não se aplicaria a todos os grandes líderes e empresários que posteriormente apareceram.

Essa fórmula pode ser contrariada se observarmos figuras como a de Andrew Jackson – ironizado nas personagens dos Jacksons branco, Jackson negro e, em parte, em Holden em *BM* –; ou a do presidente Nixon e os acontecimentos do vazamento de Watergate, muito criticados em *AP*. O que interessa aqui é a leitura que a sociedade de seres

¹⁰⁷ Ideia encontrada no Livro I, Tomo I, capítulo VIII de *Democracia na América*, indicado nas Referências.

ingênuos e honestos como Levov faz desses acontecimentos, através da qual a ideia de um amor esclarecido parece possível e merece ser buscado. O sonho americano do cidadão comum nessa linha de raciocínio foi mais um conceito conspurcado que uma ideia inerentemente maléfica. O paraíso pacífico, se definido pelos homens, mulheres e crianças comuns poderia ser uma realidade, desde que trabalhada dentro de uma equidade equilibrada e que não fosse corrompida por interesses exacerbados de figuras de destaque, como Jackson ou Nixon. Um detalhe interessante, que em parte serve de sugestão corroborativa a esta nossa hipótese, são algumas ilustrações de capas que comumente figuram em edições norte-americanas de *American Pastoral*. Numa das mais comuns, por exemplo, há o retrato de uma feliz família dos Estados Unidos nos padrões estéticos dos anos 60 sendo queimado, o que pode ser entendido como um símbolo do paraíso terreno destruído pela corrupção de seres mesquinhos e pela ignorância de indivíduos desprovidos do mínimo de princípio de alteridade. Esse conteúdo é fortemente político. O maior erro do Sueco foi o de acreditar que uma sociedade ética seria possível ou ter sido ignorante em não perceber quando esse ideário já não se aplicava mais ao seu contexto? Mesmo na bela edição brasileira do romance, as imagens não são meramente condenadoras, há uma exposição de crianças saudáveis despreocupadamente brincando em ruas pouco movimentadas. O grande questionamento seria onde foi parar esse ideal? Em que momento esses meninos e meninas decidiram abandonar suas bolas, bonecas, bicicletas e brincadeiras de rua e começaram a amarrar bombas ao corpo? E por que o fizeram?

Um dos elementos primordiais, ao qual já nos referimos, é a perda da inocência do Adão americano. Interessante é que, segundo a leitura que fundamenta essa perda da inocência, a ela soma-se um outro fator mais específico do pensamento de Philip Roth. A explicação que encontramos passa pela relação que se estabelece entre o conflito interno que liga os judeus ao restante da sociedade em seus valores universais:

Cada Homem tem um nome
 Dado a ele por Deus
 E dado a ele por seu pai e sua mãe.
 Cada homem tem um nome
 Dado a ele por sua altura e pelo jeito de andar
 E dado a ele pela roupa [...]
 Cada homem tem um nome
 Dado a ele por seus pecados
 E dado a ele pelos seus anseios [...]
 Cada homem tem um nome
 Dado a ele pelo mar
 E dado a ele por sua morte.

Mas os israelenses estão entendendo errado. O poema de Zelda não é apenas, nem principalmente, sobre a morte. É sobre a vida. Ele toca naquela velha individualidade-no-pertencer judaica que estampa cada pessoa com o selo de Adão, sem nenhuma se parecer com outra, e sem ninguém estar totalmente só. Esta verdade é mais profunda do que judaica. É universal. Todos recebemos nossas identidades de outras pessoas e outras coisas. Recebemos nosso nome por tudo que soubemos e por tudo que fizemos. (OZ & OZ-SALZBERGER, 2012, p.171)

A batalha que perpassa a mentalidade judaica por uma definição identitária precisa ser reconhecida como um anseio humano, na verdade. O questionamento central de *AP*, que expusemos logo no princípio deste capítulo sobre Roth, coloca os personagens num embate para definirem sua personalidade sem dependerem de elementos externos. O dilema de todos os personagens, mesmo o do narrador Zuckerman, parece ser o de eles conseguirem se enxergar sem que para isso precisem passar por um crivo social prévio. O elemento externo incomoda e parece comprometer uma real definição do “eu” individual, pois somos apenas o que nos disseram para ser, nossa vida e o que outros fizeram de nós. Contudo, na leitura cultural de Amos Oz e Alice Oz-Salzberger, é o oposto. O que fazemos apenas faz sentido se tomarmos a perspectiva de uma continuidade, pois não vivemos apenas para nós, assim como outros por nós vivem. O valor da identidade histórica é um valor que se basta, pois legitima-se numa percepção não egoísta do que significa ser um ser humano.

No romance, em grande medida, Philip Roth é severo crítico não exatamente de toda a cultura americana, mas das gerações que se seguiram após a Segunda Grande Guer-

ra, aquela primeira leva de homens e mulheres que se alienaram em suas vitórias, quando deveriam se recordar de que a lembrança das derrotas é no mínimo tão importante quanto o que se angariou como troféu, como a ilusão de desenvolvimento e bem estar por causa de totens ridículos, no formato de utensílios domésticos sem valor real. Assim, a revolta que o autor demonstra através de Zuckerman parece mais que apropriada. A remissão para tamanha ignorância deveria passar pela pira da destruição de tudo o que não tivesse valor, num gigantesco carnaval incendiário:

Nas ruas em chamas do grande carnaval de Newark foi liberada uma força que se supõe redentora, algo purificador está acontecendo, algo espiritual e revolucionário, perceptível para todos. A visão surreal de utensílios domésticos no meio da rua, sob a luz das estrelas e radiantes sob o clarão das labaredas que incineravam o centro da cidade, prometia a libertação de toda a humanidade. Sim, está na mão, apanha, sim, a oportunidade gloriosa, um dos raros momentos metamorfoseadores da história humana: as maneiras antigas de sofrer estão felizmente ardendo em chamas, para nunca mais renascer, para, em vez disso, serem substituídas, em um intervalo de poucas horas, por um sofrimento que há de ser tão monstruoso, tão inexorável e abundante, que sua dissolução levará os próximos quinhentos anos. Agora, o incêndio... e depois? Depois do incêndio? Nada. (AP 318)

Todavia, se somente essa fosse a leitura possível, teríamos um grave problema: a torpe legitimação de crimes e massacres contra uma ideia que se estabelece. Seria um entendimento pouco completo, porque depois do incêndio não sobra nada, apenas a destruição pela destruição, pois a revolta pura e simples nada oferece e pode ainda ter sido originada do puro extremismo e da genuína ignorância. Os pecados dos filhos não se limitam a uma resposta aos pecados dos pais, e mesmo que assim fosse, não eliminariam o crime da violência assassina. Philip Roth é um extremo ironizador, mas está longe de ser um simples niilista político.

O cerne do problema seria apenas o fato de que uma bomba fora utilizada porque uma jovem passou por um conflito existencial? Todos os adolescentes passam por conflitos existenciais, e muitos deles podem até parecer mesmo suicidas explosivos em poten-

cial, mas esse não é um padrão universal. Se Meredith cometeu terrorismo político, isso deve-se a anseios pessoais injustificáveis ou absolutamente complexos. Ainda que ela não soubesse, seu ato contra o “sistema” em pouco se distanciava do que fizeram os nazistas que queriam destruir tudo o que detestavam, como se as cinzas de bombas ou de crematórios fossem a panaceia para todo desejo. A destruição cega apenas abandona qualquer valor humanista, não propõe nem constrói nada, não significa rigorosamente nada, é apenas o tolo inverso do Éden por sequer estarem as pessoas cientes disso:

No “planeta de cinzas”, os habitantes não tinham nomes, nem cônjuges, nem pais, nem filhos. Não há lembrança, nem kedem, nem estudo, nem discussão, nem mesa. A identidade se foi. A judaicidade se foi. Ka-Tzetnik, também, foi desmembrado de seu nome, e o manteve desmembrado. Seu Auschwitz é o inverso do Éden: Adão deu nome a todas as criaturas. Os nazistas tiraram os nomes e as descriaram. (OZ & OZ-SALZBERGER, 2012, p.134)

Num primeiro plano mais amplo, é importante ressaltar que a identidade judaica depois da Segunda Grande Guerra é alvo de discussões quase infundáveis. Primo Levi, Imrè Kertezs. Amos Oz e muitos outros debruçam-se sobre o que restou do judaísmo após o holocausto. Infelizmente, os judeus modernos são filhos também do massacre do nazismo, pois este tornou-se paradigma incontornável para todos eles. A marca humana que lhes é característica reside no embate entre a atormentada existência inserida nos ideais democráticos liberais do Ocidente e o atavismo sanguinário das guerras totais que quase lhes extirparam da Terra, como muito bem afirmam Oz & Oz-Salzberger:

Judeus modernos, oscilando nas bordas entre a fé e a apostasia, fizeram perguntas mais sombrias: “Identidade” é um conceito moderno; suas crises são crises modernas. Tão logo você deixa as certezas infantis da tradição judaica, o abraço paterno e o aprisionamento da educação rabínica, a conjunção maternal de nutrição e ritual – ao passo que ainda se lembra deles – você se descobre às margens solitárias da atormentada modernidade, com todas as suas simulações dinâmicas e perdas irrecuperáveis. Uma geração portanto espremida entre a velha sinagoga e o novo mundo amplo, entre autoridade e incerteza, entre Iluminismo e Holocausto. (2012, p.37)

AP, entretanto, vai além de uma representação do horror. O romance de Philip Roth tenta resgatar memórias de tempos positivos. A imagem da América como Éden não se restringe a uma mentira histórica bem propagandeada. O sonho americano existe mas, de fato, perdeu-se em algum momento. O maior indício a respeito da precisão desse momento se encontra na História americana, segundo o romance, quando o presente não dialoga mais com o passado. Assim, os meninos cabeça de vento da juventude da época buscaram uma causa à qual abraçar, pois as utopias haveriam morrido. Se a História morreu e estava resolvida – tal qual defendiam e defendem teóricos como Francis Fukuyama – o que mobilizaria os adolescentes mimados originados da era de ouro da economia norte-americana?

Num dos trechos mais contundentes e de teor autocrítico, no que se refere a sua origem cultural pessoal, Seymour revela como teve de crescer e viver em ambientes marcados por histórico intelectual e cultural em conflito. Para ele, os jovens judeus inteligentes de outrora são criticados pela perda de sagacidade e interesse:

– Me lembro de quando os garotos judeus ficavam em casa estudando. O que foi que aconteceu? Que diabo aconteceu com os nossos garotos judeus inteligentes? Se, Deus me perdoe, seus pais conseguem ficar um tempinho sem ser oprimidos, eles logo saem correndo para onde acham que podem encontrar opressão. Não conseguem viver sem isso. Antigamente, os judeus fugiam da opressão; agora eles fogem da falta de opressão. Antigamente, eles fugiam da pobreza; agora fogem da riqueza. É uma loucura. Eles têm pais a quem não podem mais odiar porque são muito bons com os filhos, aí então eles odeiam a América. (*AP* 302)

Essa ignorância destoa da ingenuidade relatada ao longo da obra, desde a canção que lhe serve de epígrafe. Seria uma ignorância marcada por um mal inerente. Por que jovens sem razão para o ódio têm tanto rancor? Destaque-se que esta situação também foi, de modo irônico, prevista pelos mesmos teóricos do fim da História. Fukuyama temia que os benefícios em excesso acabassem afogando os americanos no próprio sucesso. Relendo o conceito platônico da *megalothymia*, o teórico afirma que a crença numa des-

medida potencialidade iria conferir a toda uma geração de jovens um conceito deturpado de sucesso certo, o que geraria inevitavelmente uma arrogância e um senso de superioridades inerentes ao substrato social predominante e acabaria por comprometer o futuro que poderia ser brilhante. Como afirma Fukuyama:

Observando os Estados Unidos contemporâneos, não me parece que enfrentamos o problema de um excesso de *megalothymia*. Esses jovens entusiasmados que abarrotam as faculdades de direito e administração, que preenchem ansiosamente os seus currículos na esperança de manter o seu estilo de vida ao qual acham que têm direito, parece que correm muito mais o perigo de se transformarem em últimos homens do que de reviverem as paixões do primeiro homem. Para eles, o projeto liberal de preencher a vida mais aquisições materiais e ambições seguras e sancionadas parece ter funcionado muito bem. (1992, p.403)

Imagine-se isto visto pelo prisma de um homem que crê na história repentina. Uma das justificativas possíveis casa, no entanto, com explicações políticas. No romance de Roth, evidencia-se que o pensamento político oficial, em grande medida, encontra amparo fora do substrato social, pois os anseios individuais podem não dialogar com o que o meio tem a oferecer. De acordo com um ponto de vista lógico (se isso é realmente possível), faz pouco ou nenhum sentido jovens judeus procurarem a repressão. Mas se se trata de um contexto caótico, a lógica e as regras se deturpam, o diálogo entre o que é interno e externo ao elemento humano é, em grande medida, imprevisível:

A razão pela qual a democracia liberal não se tornou universal, nem permaneceu estável, uma vez no poder, está, em última instância, na falta de uma completa correspondência entre povos e Estados. [...] Quando Tocqueville fala do sistema constitucional americano de restrições e equilíbrio ou da divisão de responsabilidade entre o governo federal e o estadual, está falando de Estados; mas quando descreve o espiritualismo às vezes fanático dos americanos, a paixão deles pela igualdade, ou o fato de se apegarem mais à ciência prática do que à teórica, ele os está descrevendo como um povo. (FUKUYAMA, 1992, p.261)

A estabilidade seria proveniente, pois, de um tácito acordo de valores universais, como o respeito à vida, a tolerância ao diferente por razões democráticas, o entendimento

da igualdade como algo que transcende os interesses meramente individuais; enfim, poder-se-ia resumir que depende de certos conjuntos de princípios mantenedores de direitos inalienáveis a todo ser humano. Por que, então, esses valores universais foram abandonados por jovens judeus como Meredith? A principal das hipóteses parece ser mesmo a perda da memória que lhes faz esquecer quem são. Sem História, inexistente educação humanista.

3.7 Memória

Às vezes eu me via olhando para todo o mundo como se ainda estivesse em 1950, como se “1995” fosse apenas o enredo futurista de um baile de formatura ao qual todos comparecemos portando cômicas máscaras de papelão de nós mesmos, tal como pareceríamos ao se encerrar o século XX. O tempo daquela tarde não fora inventado para ludibriar ninguém senão nós mesmos. (AP 58)

Esta afirmação, em *AP*, evidencia que se perdeu algo nos anos 50 – isso é o que conclui o narrador Nathan Zuckerman, quando retorna a um baile de formatura logo nas primeiras páginas do romance, indicando ao leitor que sua narrativa representa um processo de desconstrução do ideário americano. Havia percepção bastante definida e positiva de Zuckerman com relação a sua infância, os amigos, as ruas, a genuína euforia, o sentimento de positividade. Porém, no encontro anual de ex-alunos e antigos colegas, tudo se desfez, quando as faces envelhecidas e tristes estavam inconformadas com tudo, principalmente consigo mesmas. 1995 era o enredo de uma ficção porque a História real não podia ser revelada pelo papelão mascarado em que as faces de outrora se converteram. É preciso lembrar que a vida do Sueco é a História de todos os Estados Unidos urbano da época. Essas máscaras estavam tão decadentes e destoantes do incrível período de felicidade, porque muitos daqueles pais esqueceram-se de quem eram, não tinham me-

mória, o presente era uma pantomima de lembranças sem lastro. Amos Oz e Alice Oz-Salzberger, no seu excelente livro *Os judeus e as palavras*, constroem um interessante apontamento sobre o valor da memória para a cultura judaica:

Yehuda Amichai conhecia os meandros das primeiras pessoas singular e plural. Eis outra preciosidade de seu poema “Os judeus”:

Os judeus são como fotografias expostas numa vitrine
 Todos eles juntos em diferentes alturas, vivos e mortos,
 Noivos e noivas e meninos Bar Mitsvá com bebês
 E há retratos restaurados de velhas fotografias amareladas
 E às vezes vem gente quebrar a vitrine
 E queimar os retratos. E aí eles começam
 A fotografar de novo e revelar de novo
 E expô-las novamente sofrendo e sorrindo

Amichai tem todos eles congelados em sua moldura: o coletivo de indivíduos que os judeus sempre foram, em suas gerações de vulnerabilidade, “todos eles juntos em diferentes alturas”, forçados a ficar juntos por laços de família e instantâneos festivos, amontoados uns contra os outros sob os golpes brutais dos quebradores de vitrines e queimadores de fotos. O poema agora passa para uma imagem nova:

Os judeus são uma reserva florestal primeva
 Na qual as árvores ficam apertadas entre si, e mesmo as mortas
 Não conseguem se deitar. Elas repousam, eretas, em meio às vivas.
 Estilhaçados e carbonizados, nossas calamidades sempre nos forçaram de volta para
 o Começo, a sempre mais “revelar de novo”. (2012, p.136)

Não se encontraram informações que pudessem afirmar que Philip Roth, ou muito menos se os *designers*, que planejaram as capas já referidas dos livros de Roth, algum dia leram esse poema de Yehuda Amichai, mas é de admirar como estão próximas essa poesia, as simbólicas capas planejadas e a prosa de Roth aqui estudada. O conceito de fotografia de vitrine, uma fotografia de diferentes figuras, multiétnicas e de diferentes gerações como os judeus do mundo; a cena da queima dos retratos ou os retratos destruídos para que mais uma vez se consiga revelá-los convergem para a compreensão da ideia de que uma foto é para preservar a memória. A memória pode ser queimada sem culpa se o objetivo for repaginá-la ou originá-la novamente e a desconstrução pode ser um processo de criação, se tiver método e objetivos claros, e qual método seria melhor do que o da

releitura ou o da reescrita de lembranças? A imagem poética exposta compõe uma espécie de metáfora do palimpsesto cultural: queima-se a foto para se voltar a tirá-la, para recontar-se a História sob um novo olhar. Os judeus seriam, por isso, concomitantemente, um repositório de heranças culturais longínquas (“floresta primeva”) e um processo de contínua renovação.

Somente assim um povo realmente é possível, pois de nenhuma outra maneira, a não ser através da sobrevivência da memória uma cultura humana específica (por isso, também qualquer outra e todas) sobrevive. Os judeus e sua cultura, tal como estudada por Roth, em *AP*, não conseguem mais se reinventar, recontar as suas lembranças. O prazer do passado sequer é recuperado, nem em momento fugidio, estimulado pelas *madeleines* proustianas deturpando o método natural do despertar da memória, quando se busca um proposital momento de nostalgia. Isso fica claro quando o narrador Zuckerman afirma:

Cinco minutos após deixar a reunião, desfiz o duplo embrulho e devorei todos os seis rugelach, cada um igual a uma lesminha de massa de confeitaria com açúcar polvilhado por cima, as pequenas cavidades revestidas de canela microscopicamente enfeitadas com passas miúdas e nozes picadas. Ao devorar rapidamente, um bocado depois do outro, aquelas casquinhas cuja maravilha farinhenta – misturando manteiga, creme de leite, baunilha, requeijão, gema de ovo e açúcar – eu adorava desde a infância, talvez eu tenha descoberto se desmanchando em Nathan aquilo que, segundo Proust, se desmanchou em Marcel no instante em que ele reconheceu “o sabor da pequena madeleine”: a apreensão com relação à morte. “Um mero sabor”, escreve Proust, e “a palavra ‘morte’ [não tem] [...] nenhum sentido para ele”. Assim, comi esfomeado, como um glutão, me recusando a refrear por um só momento aquela deglutição lupina de gordura saturada mas, no final, sem ter nem um pouco da sorte de Marcel. (*AP* 58)

O desespero de Zuckerman revela a sua instintiva percepção de que algo se perdera. Quando ele olha para o seu passado presentificado na reunião dos colegas de escola, ele compreende que todo o arcabouço que fundamentava sua existência perdera-se irreversivelmente, em algum momento, e com um agravante: o passado perdera-se não no esquecimento, ele se aviltara, seus colegas tão belos e talentosos converteram-se em uma série de pessoas superficiais, sem estofo ou ambições. Pior ainda: a memória perdera-se de

modo generalizado, pois toda a realidade circundante parecia afetada pelo malefício da superficialidade. A recordação microscopicamente detalhada da *rugelach* representa uma ironia bastante contundente do sonho americano: um doce lindo na foto, mas sem sabor; sebetudo, sem que nenhum de seus sabores levasse Zuckerrman a um tipo revelador de saber.

Este perigo da ausência de memória, que assassina presente e o futuro, já foi estudada na cultura ocidental a partir da experiência do Holocausto por mais de um intelectual. Para ficarmos no referencial mais emblemático, podemos nos lembrar do julgamento, em Israel, de Adolf Eichmann (1906-1962), um dos organizadores do Holocausto. Hannah Arendt, em seu polêmico livro *Eichmann em Jerusalém*, conseguiu identificar um conjunto de elementos que tornam o caso de Eichmann exemplar. Para a filósofa, ao testemunhar *in loco* do julgamento do antigo oficial nazista, o maior problema não era a a narração dele dos macabras dos acontecimentos de que participara como funcionário público alemão: “Sua memória era como um armazém, cheio de histórias humanas do pior tipo.” (ARENDR, 2013, p.112). É claro que esse repositório de atos desumanos era degradante, mas estava longe de ser o maior dos problemas.

Arendt consegue enxergar que, na figura do homem comum do réu, há um horror escondido, o que ela veio a chamar de a “banalização do mal”. Eichmann era um indivíduo que de fato não mentira no tribunal, ele apenas (e isso é muito pior) desconhecia que fora, era e continuava a ser um criminoso, pois apenas cumprira ordens, já que viviam sob as ordens de Hitler e na pátria alemã nazista todos possuíam suas tarefas. A dele era dirigir trens para campos de concentração que ele nunca sequer vira antes, sequer visitara. Mandava cumprir ordens de enviar grupos humanos inocentes para a tortura e a matança coletiva. Daí, defendia-se Eichmann, era apenas sua obrigação, e ele a cumpria, nada mais.

A verdade é que esse papel do burocrata sem consciência era sinal dos tempos, um resultado da sociedade ocidental fracassada. Quando o humanismo falha, a rala vence e não restam nem mesmo sombras daquilo que nos define como pessoas, seres humanos, indivíduos num sociedade livre. Eichmann jamais observara a história, era um passageiro “ingênuo” – embora sagaz e extremamente cruel – numa viagem de horror, seu espírito tornara-se indiferente, imune à perpetração exacerbada do mal. Ele podia se lembrar de dados, porém nunca mostrava reflexão alguma sobre o que fazia, tudo que dizia era uma coleção de estereótipos sem valor, como se o senso comum de fato fosse tudo o que preenchia sua vidinha medíocre de funcionário público. Totalmente desprovido de intelecto, Eichmann deixara de ser humano, pois ficara desprovido de verdadeira mente ou memória:

Para Eichmann, essas coisas eram questão de estados de espírito, e se conseguia encontrar, fosse na memória, fosse de momento, uma frase feita que provocasse ânimo, ele se dava por satisfeito, sem jamais tomar consciência de uma “incoerência”. Conforme veremos adiante, esse horrível dom de se consolar com clichês não o abandonou nem na hora da morte. (ARENDETT, 2013, p.78)

Esse tipo de estigma, esse fantasma de Eichmann preconizava como uma profecia de horror a decadência ocidental do século XX. A ignorância sincera do nazista começinho era fruto de uma falta de princípios, de um conjunto de superficialidades emburrecedoras e desumanizadoras, que sub-repticiamente se autoreproduziam e se alastravam por toda sociedade como um câncer maligno dos elementos basilares sobre os quais o homem constituiu-se ao longo de milênios de desenvolvimento cultural a duras penas. As noções de morte e desejo é que passaram a educar quaisquer valores humanos; o respeito à vida tornara-se muito caro à sociedade ocidental, porque todos recordavam-se de diversas experiências de guerra. Tudo isso caía por terra em razão da degeneração social que gerava executores de ordens como Eichmann. Como compreender o respeito à vida e a neces-

cidade de se limitar os próprios desejos individuais em razão de uma coerência da sociedade civil, se não se dispõe de memória para recordar dos ensinamentos temporais: “Vamos falar um pouco mais da morte e do desejo – como é bastante compreensível para um velho, um desejo sem a menor esperança – de evitar a morte, de resistir a ela, de recorrer a todos os meios necessários para ver a morte de nenhuma outra forma, nenhuma outra, senão com clareza” (AP 59).

O indivíduo desmemoriado, tomado pela *megalothymia*, banalizou-se ao ponto de ignorar o mal que aflige o outro. A negligência para com os semelhantes, mesmo entre familiares próximos, como Seymour e Meredith, explica-se pela falta de diálogo entre duas pontas da História. Merry não reconhecia a origem de sua cultura. A vida física e a necessidade de sua preservação explicam-se também pelo entendimento do valor da vida. O Juízo final, no imaginário judaico, sempre fora, desde as leituras sagradas, um fato determinado pelo homem. O que determinará o fim dos tempos serão os pecados humanos, seus erros e não a pura e simples intervenção arbitrária de uma divindade vingadora. Como muito bem dizem Oz e Oz-Salzberger:

Bem, o Éden do livro de Gênesis é indiscutivelmente comparável a outros mitos sobre o começo do tempo humano. Mas a estação final judaica é mais questionável. O que Isaías teve em mente, ao falar do “fim dos dias”, não é um Elísio grego, muito menos um Segundo Advento cristão, nem o Armagedon, ou o Juízo Final. A visão de Isaías tem lugar na terra, a política ainda tem sentido e a vida ainda é física. (2012, p.104)

O surgimento da homem no Éden e no Gênesis, seguindo a cultura dos judeus, existe justamente para nos manter alertas sobre como a existência é preciosa. O mito de Adão significa, antes de tudo, um mito do milagre da vida. Acredita-se, através dele, que toda vez que se recordasse do primeiro homem e da linha vital que liga a todos humanos numa espécie de *continuum* cultural e físico, intuitivamente saber-se-ia que toda vida tem idêntico valor e deve ser respeitada. É através da lembrança de quem somos que rememo-

ramos o que o outro significa e o porquê de se respeitar toda alma, salvar cada ser que respira. Somos o que somos, pois outros foram o que são antes de nós e fizeram um esforço para preservar o que chamamos humanidade. A juventude imersa numa era de ouro livre do valor do sofrimento e que se educa no presente, desprende-se de tudo o que é humano, pois também tornou-se desmemoriada. Sem alguma penúria social para educá-los na prática e desligados de uma cultura que os lembrasse do que são feitos, pouco restava àqueles jovens além da ignorância de tudo o que diz respeito ao homem. Nenhum deles, vivendo naquela época de outro de desenvolvimento e riquezas soube ou se importou com quantos Adões mortos se montou a nação-Éden, que habitam despreocupadamente. Haviam se convertido em homens originais e Evas derivadas, tornando-se asoberbados e ignoros, uns ingratos que não sabiam o preço da paz e da abundância. O significado da morte lhes permanecia indiferente. Sem Gênesis, sem memória, muito terrorismo pode surgir:

A Mishná comenta o Gênesis de forma direta e lúcida: “Portanto o homem foi criado único no mundo, para lhe ensinar que quem quer que destrua uma única alma [nefesh] conta como se tivesse destruído um mundo inteiro; e quem quer que salve uma alma conta como se tivesse salvado um mundo inteiro.

O Talmude babilônico repete esta frase com uma pequena e vital modificação: “uma única alma de Israel. (OZ & OZ-SALZBERGER, 2012, p.136)

Uma analogia possível é com o belo filme animado do israelense Ari Folman, *Valsa com Bashir*. O cineasta parte de pesadelos pessoais, que se repetem todas as noites, com cães selvagens e zumbis que o caçam. Ele mesmo fora soldado durante a campanha no Líbano. Depois de longa peregrinação, o personagem, projeção de Folman, descobre que ele passará por um gigantesco trauma ao ver o massacre de libaneses pelo governo Sírio, que contou com a condescendência passiva do israelense que nada fizera para auxiliar os inocentes. O que sugere, de modo tênue e através de fina ironia, uma analogia com os

massacres alemães. O que impedia o protagonista de resolver seu problema? A juventude, a memória e o conhecimento histórico. A cena final é a de um homem mais velho e estudado, recordando as cenas reais, que o jovem afoito e soldado vira dos massacres de crianças e famílias inteiras sob escombros, em meio a um lamento coletivo em formato de coro formado pelas mulheres sobreviventes. No último trecho que citaremos, Seymour inveja fortemente as recordações que Orcutt – depois de lhe dar uma aula de História americana sobre John Quincy Adams, Andrew Jackson, Abraham Lincoln, Woodrow Wilson e outros –, nas quais lembra e reconta sua árvore genealógica:

Assim que a memória recuava ao tempo anterior a Newark, de volta à velha terra natal, ninguém sabia mais de nada. Antes de Newark, eles não sabiam seus nomes nem coisa alguma a respeito da família, como ganhavam a vida, muito menos em quem votaram. Mas Orcutt podia ficar discorrendo sobre seus ancestrais a vida inteira. Para cada degrau que os Levov galgassem na América, haveria ainda outro degrau para subir; esse cara já tinha saído bem na frente. (AP 361)

American Pastoral é um grande elogio à importância da memória. Jerry Levov passa todo o tempo tentando resgatar seu passado, contrata um escritor fantasma para registrar o seu legado, pois quer recordar o passado feliz que perdeu sem saber e sem compreender por qual razão. O Sueco almejava poder ensiná-lo a seus filhos e netos. Em sua simplicidade de homem comum ignaro, incapaz de compreender o que deu errado intrinsecamente, quase de modo intuitivo desconfia que o paraíso se perdeu no momento em que o sofrimento foi banalizado pelos que o desconheciam. Os indivíduos não conheciam mais a pedagogia do sofrimento, o esquecimento matou o sonho americano. É improvável que conseguissem “revelá-lo de novo”, se em momento algum estudaram, sequer procuraram saber, sobre os vagões lotados deixando as estações de toda a Europa invadida pela Alemanha, levando judeus para campos de concentração e de extermínio – sem sentirem a pele marcada como gado com números de série, sem nunca ouvirem tiros

de metralhadoras nazistas, sem jamais temerem as câmaras de gás, sem sequer imaginarem o que era sentir o odor de fornos crematórios em Auschwitz. Sem gênese, nada tem significado. Negligenciando a memória, todos são jovens Eichmanns inconfessos.

Considerações Finais

O esforço despendido neste trabalho previa a comparação temática envolvendo três romancistas americanos contemporâneos e de estilos literários extremamente distintos: Thomas Pynchon, Cormac McCarthy e Philip Roth. Tomou-se, para tanto, uma abordagem sobre os mitos sociais que compõem a identidade geral dos Estados Unidos, que explicam a origem, formação e desenvolvimento da Terra (Paraíso), do Homem (Adão) e da Ideologia Política (Destino Manifesto) da nação norte-americana. Esta análise, a título de orientação macroestrutural, seguiu uma lógica histórica secular, em que os Setecentos, os Oitocentos e os Novecentos da História Americana encontram-se representados, respectivamente, e de acordo com seus autores acima nomeados por: *Mason & Dixon*, *Blood Meridian* e *American Pastoral*; como nas traduções em português para os dois últimos, já que o primeiro manteve o título do original: *Meridiano sangrento* e *Pastoral americana*.

O desenvolvimento desta tese demonstrou em detalhes como as obras interrelacionam-se dentro deste esquema proposto, em que os três mitos basilares da nação americana são ironizados em contextos históricos distintos. Ao longo da pesquisa, os três capítulos anteriormente desenvolvidos procuraram exemplificar de que forma os mitos americanos conseguem ser encontrados nos três romances estudados. Tais mitos aparecem e estão bem evidentes nas três obras abordadas – apesar do tom mais ácido de *BM* –, de tal forma que pareceria de fato haver uma crença social, simbolizada nas personagens, de que esses mitos seriam benéficos, de que uma sociedade organizada para a produção de bens comuns era possível e por ela não apenas valeria a pena lutar, mas, mais ainda, seria um dever de todo bom cidadão dedicado aos propósitos do *American Dream* – o Sonho

Americano: fazer com que esse grande plano histórico e social de construção do paraíso na Terra se confirmasse e, acima de tudo, prosperasse.

Assim, foi abordado o projeto dos Setecentos na análise do romance de Thomas Pynchon, com o início da nação norte-americana, que aparece descrita pelo Rev^{do} Cherycoke, o narrador responsável pela narrativa de *MD*, cujo esforço é catequizante, através do uso de múltiplos conhecimentos, aliados a uma voz cativante e poderosa, produtora de sermões direcionados aos infantes, que representam os primeiros habitantes da nova nação. Posteriormente, aparece o narrador distante e indiferente, frio, embora atento aos detalhes tão mínimos quanto significativos de *BM*, de McCarthy, que mostra as desventuras de Kid e suas desavenças com o meio circundante, seu inimigo e seu pior algoz, o Juiz Holden. Por fim, as observações de um narrador, Nathan Zuckerman, romancista reconhecido, mais próximo dos acontecimentos, embora ele também distanciado no tempo, testemunha ocular e auditiva de apenas alguns pormenores da história que narra, portanto, mais ficcionalizando os supostos acontecimentos reais que, ele mesmo diz, cria e supõe sobre a família de um amigo de infância, ex-herói, que procura entender, a partir de quando e de como, tudo deu errado com a Geração Dourada dos anos 40 e 50, Pós Segunda Grande Guerra.

Cabe, nesta reflexão final, a explicação mais sistematizada sobre uma possível razão, que explicaria o porquê de a realidade norte-americana sempre flertar com a falha e com a tragédia e, às vezes, mergulhar nelas, quando todos os fatores sociais de prosperidade já estavam à mão ou à disposição e as possibilidades de sucesso eram matéria abundante e amplamente disseminadas. Qual seria o fator preponderante que explicaria como um projeto extremamente virtuoso, tão bem engendrado em seus princípios, nos Setecentos; repaginado em discursos sobre o avanço sobre o Oeste e sua conquista, nos Oitocentos; reavivado com vitórias, após sacrifícios e pujança econômica, nos Nove-

centos, desse tão errado? Em uma palavra: a violência, cujo gérmen data de antes mesmo de as 13 colônias inglesas decretarem sua independência e tentarem formar, livres do jugo britânico e distanciados dos modos e cultura da Inglaterra, uma nova, mais pura e mais democrática nação.

Logo no começo de seu romance *MD*, Thomas Pynchon elabora uma cena de ironia exemplar, na qual crianças procuram Cherrycoke, o divertido e lendário tio Reverendo, conhecido participante do começo dos acontecimentos que possibilitariam o início da transformação em nação independente daquelas terras onde todos moravam. O velho tio era um reconhecido contador de histórias divertidas e repletas de aventuras grandiosas sobre a grandeza britânica e suas aventuras no Oriente, sobre os hotentotes, um rubi maldito de Mogok e naufrágios nas Índias Ocidentais e Orientais. Quando um dos meninos lhe pergunta por que ele não lhes conta “nenhuma História da América”, Cherrycoke, como se entrasse na cena de um drama ou em ação numa aventura épica, se prepara para construir a sua narrativa sobre o surgimento da Grande Nação, quando, naquele ano de 1786, a guerra de independência da América acabara. É aí que começa a contar sobre quando conhecera os dois grandes amigos – que viriam a ser seus grandes amigos também – Mason e Dixon, não sem ser antes interpelado por um dos ouvintes, sobre a impossibilidade de ele ter sido amigo dos dois demarcadores de terras, tão recuados no tempo, por ele, Cherrycoke, ser ou aparentar ser bem mais novo. Sua resposta não confirma nem definitivamente acaba com a desconfiança, mas ele é sábio o bastante para prometer começar sua história com um ato de violência, o que agrada aos que o ouvem, aguçando neles a curiosidade e o interesse.

Se a etimologia da palavra introdução significa literalmente conduzir para dentro do texto e, como qualquer manual de redação reza, uma das funções de um inicial de texto é chamar a atenção do leitor, essa introdução da história de Cherrycoke é, sim, de uma

ironia exemplar. No primeiro momento de criação da narrativa, de qual artifício o astuto tio se mune para iniciar a narrativa e despertar o interesse dos seus ouvintes? Diz que a irá começar por um enforcamento. Imediatamente, qual a reação de sua plateia, lembremo-nos, toda ela composta por crianças? Ela se excita e os sobrinhos gêmeos do narrador ficam animadíssimos e gritam em comemoração. Esta é a primeira de uma série de ironias que serão compostas por Pynchon para denotar a violência que perpassava o período de formação dos Estados Unidos, uma terra onde as crianças já nascem com a propensão para a admiração de atos violentos. Posteriormente, pudemos discutir se essa seria uma reação exclusiva de crianças daquele país, mas também se este seria um debate extra-ficcional. O que importa aqui é entender como, para a composição da narrativa, as ironias sobre como a violência tornou-se algo corriqueiro para os americanos, ao ponto de se tornar uma espécie de patrimônio cultural, que faz parte da conduta cotidiana dos habitantes da nação, não só é importante, é essencial.

Logo na sequência da narrativa, os sobrinhos gêmeos questionam a legitimidade de sua narrativa, e o tio-reverendo, ao lhes responder quando perguntado, faz menção ao fato de que seu passado famigerado possui uma explicação muito simples: ele, quando jovem, havia flertado com o desregramento e cometido “certos crimes”, tornando-se o que os meninos dizem que a mãe deles dissera, um *family outcast*, um excluído e exilado da família, alguém posto de lado do seio familiar e social. Sua explicação sobre tais crimes é aceita pelas crianças e, novamente, a reação delas, principalmente dos irmãos gêmeos, é de admiração pelo desregramento, por uma elevação da conduta que foge aos padrões e que se afirma como algo fora da Lei. O tio é um Reverendo e procura manter um tom de catecismo e de referências às leis religiosas, mas não esconde que seu passado provavelmente não foi o mais ilibado de todos, e que sua conduta, embora humanista, estaria repleta de atos que poderiam ser considerados repreensíveis. Aqui, porém, o que chama

a atenção é a ‘leitura’ feita pelos menores que, em seu entendimento, aparentemente, sempre tendem a valorizar essa dinâmica da violência e se projetam mais nas ações desagradadas e inusitadas do que nos ensinamentos do tio em tom de ponderação religiosa. Essa cultura (talvez se pudesse dizer também preferência por) de atitudes extremas e de desregramento fica evidente logo a seguir, quando há uma outra cena, ainda também no começo da narrativa de Cherrycoke, em que ele expressa sua ideia de quanto o espírito de vivência americana parece pautar-se sempre em busca do que é extremo. Ele revela aos meninos, então, um conselho que há tempos recebera, o de que, para conservar-se jovem e com boa memória, deveria evitar substâncias nocivas como o café,

Percebe-se que, e de novo é preciso dizer aparentemente, a tendência dos americanos é a de tomar muito café, de buscar o tabaco, de abusar de substâncias estimulantes e proibidas, de se lançar em contendas, em abraçar sem mesurar com cautela os perigos de viagens desafiadores. É uma mescla de espírito aventureiro e audácia, que se confunde com uma propensão ao extremismo. Faz lembrar quão corajoso, e ao mesmo tempo quão ensandecidamente obcecado, era o personagem Ahab, de *Moby Dick*, tão recorrentemente vinculado pela crítica àquilo que resume o ímpeto do americano comum, o de um ser que lança mão de todos os dispositivos para atingir os seus objetivos individuais, marcado irreversivelmente pela obsessão, o que recorrentemente o lança em conflitos de interesses que, como os demais, invariavelmente o conduz à violência. As crianças que formam a plateia de Cherrycoke ironicamente expõem essa conduta inerentemente cultural de admiração pelo proibido, pelo aventureiro, pelo extremo e mesmo pelo que é criminoso e também pecaminoso, ainda que se aproxime da violência – “Ser devoto é difícil para nós”, afirma a Cherrycoke um dos meninos, Pliny. Não se pode, evidentemente, afirmar que são todas aquelas crianças criminosas, mas a crueldade lhes chama a atenção como um

resposta aparentemente normal a questões vitais. A ideia de presenciar um enforcamento ou de ouvir relatos de crimes lhes é algo prazeroso e instigante.

Todavia, provavelmente, o trecho mais irônico da obra sobre a violência seja a conclusão do primeiro capítulo do romance, em que Cherrycoke conta que, dirigindo-se ao Ocidente, em direção ao continente americano numa nau inglesa, ele e seus companheiros de viagem se defrontam com uma nau francesa. O que pode ter havido de violência no confronto que se segue, o narrador resume numa frase significativa, chamando-a de “desastre de 34 canhões numa só lição”. Os caminhos que levariam à América seriam marcados, desde o seu percurso de saída, até à chegada, pelo extremismo da violência; somente com uma alma muito aventureira, e que seria perseguida pela violência, poder-se-ia chegar a uma compreensão completa do contexto dos Estados Unidos. Os protagonistas da narrativa, em diferentes momentos da obra, debatem sobre essa condição de violência desregrada, que toma conta dos acontecimentos e os acomete, quase sempre em cenas que parecem prenunciar um desastre de seu projeto civilizatório. Os prazeres da bebida, das mulheres e dos estimulantes nas aventuras contrastam com perigos, desafios, ferimentos e agressões. O aparentemente belo, racional e intelectual pensamento iluminista contrasta com a realidade repleta de lutas locais por diferentes posses e que motivaram, em grande medida, a demarcação da Linha Mason-Dixon. O que nasce como um desafio intelectual, embora necessariamente legal, de mensuração de terras, parece tender a terminar em morte e tragédia, e o sonhado paraíso adâmico, desde o princípio, aparenta ser destinado a não ser mais que um embuste. Isso pode ser exemplificado quando Mason indaga se ele e Dixon, para a demarcação da linha para a qual haviam sido contratados e para ali enviados, corriam perigo. A resposta que obtém de Daniel é que eles haveriam de encontrar violência, terror e armas, e Daniel acrescenta que sim, que eles estariam em perigo, já que o perigo estava em toda parte.

Já no segundo capítulo, em que abordamos o romance de McCarthy, a violência precisa ser definida como ontológica, pois é uma violência que aparece de modo muito mais vivaz e de forma muito mais natural que em *MD*. Isso foi amplamente abordado, exemplificado e explicado em nosso Capítulo 2. Sua cena inicial já expõe como a criança sem nome, ou de alcunha genérica Kid (o garoto), veio à Terra, como um animal que fora condenado a perecer numa espécie de inferno ancestral, em que só poderia sofrer, sem qualquer chance de encontrar qualquer tipo de paraíso terreno – Kid é uma espécie de Adão amaldiçoado, já expulso do Paraíso antes mesmo de nascer. Se a violência na obra de Pynchon é algo que vai sendo desenvolvido e aos poucos demonstrada, ao longo de seu desdobramento pelo território americano, em sua incipiente direção à conquista do Oeste, como se fosse mesmo uma herança cultural do Império Britânico e, posteriormente, uma inevitabilidade do contexto da guerra de Independência Americana, no romance de Cormac McCarthy o discurso, como um todo, é uma grande representação da violência e como ela permeia todos os cantos, suspiros e situações expressas no enredo. Em *BM*, o homem é um ser que já nasce – de modo dantesco – abortado de quaisquer esperanças e destinado a ser inimigo de tudo o que compõe o mundo exterior. Como diz o narrador do romance, Kid, ao nascer, já levava a mãe deste mundo; nunca tivera um nome por seu pai nunca havê-lo pronunciado; ainda, tivera uma irmã a quem jamais veria de novo; era pálido e sujo, não sabia ler nem escrever e em seu íntimo já incubara o gosto pela violência impensada. Para o narrador do romance, toda a História estaria presente em seu semblante, “a criança o pai do homem”.

De maneira brilhante, essa obra, que tem como principal enfoque a representação da violência, apenas utiliza nominalmente a palavra violência uma única vez, justamente neste trecho inicial parafraseado acima. Em todo o restante do romance, a violência se manifesta das formas mais cruéis e absurdas, mas nunca se escreve ou se profere o lexe-

ma. É como se a naturalidade da existência fosse mais do que suficiente para representar, firmar e expor, de modo constante, o significado da violência. Na verdade, essa matéria é tão fartamente expressa em *BM*, que Kid e todos os demais personagens, mesmo quando se deparam com os maiores atos de crueldade, jamais estranham o que veem, bem como agem com indiferença quase total à morte, como se essa fosse a matéria-prima mais abundante e comum de todas. Num dos momentos mais significativos de *BM*, há uma cena de enforcamento de dois condenados. Nela, aquilo para o que o narrador chama a atenção dos leitores é que, mesmo se o enforcamento começasse antes do raiar do dia, já havia por lá uma multidão para assistir à execução. Quando os dois condenados são empurrados do alto do portão de entrada a prisão, o narrador diz que garrafas foram passadas de mãos em mãos e que a multidão, que assistira a tudo e que ficara em silêncio, voltara a conversar de novo.

Desta forma, o narrador refere-se ao testemunho matutino de um enforcamento como se nada de mais fosse. Todos levantam-se num determinado dia para presenciar a morte de alguém, depois retornam aos seus lugares como se apenas houvessem parado para tomar um ar ou olhar o horizonte; em seguida, tudo permanece como se o enforcamento sequer houvesse ocorrido. Essa naturalidade com que a morte está ironicamente expressa em *BM* justifica o uso do termo violência uma única vez ao longo de toda a narrativa. Os elementos mais comuns em todas as situações eram a brutalidade e a morte, com os homens e as mulheres totalmente aclimatados àquela realidade e completamente imersos nessa dialética da agressão, incapazes e despreparados, já que não foram educados para tal, de discutir ou de pensar a respeito desta condição violenta. Por isso, apenas a praticam e a vivenciavam, como algo natural, como quem respira ou come ou bebe água.

Se o projeto da nação – tão divulgado na época de Andrew Jackson, como foi abordado no Capítulo 2, e repetido pela corporação militar expansionista, como narrado

ao longo do romance, nas suas companhias de cavalaria e de alistamento, em que Kid entra –, era um projeto de uma nação igualitária, onde todos encontrariam a sua felicidade e riqueza, ao menos todas as possibilidades para se conseguir isso, pode-se indagar de que forma tal ideal ou propósito seria alcançado, com essa perpetuação da agressividade, das mortes e da delinquência que se encontra exposta em grau abissal em *BM*. Tal a constatação que se encontra do poema “The Gift Outright”, em que se diz que o “título (escritura ou garantia) do presente (dos americanos à sua pátria ou nação) foram muitos títulos (vitórias conquistadas) de guerra”. O discurso de benefícios infindáveis, que se encontrariam após o fim do projeto expansionista do Oeste americano, chega a ser uma falácia extremamente contraditória, pois condiciona a paz futura possível a uma guerra sem prazo de duração; liga a igualdade a um conflito generalizado com diversas etnias; condiciona a prosperidade civilizatória a um ambiente de selvageria; engendra um discurso humanista e mesmo religioso – lembremo-nos do discurso teleológico de Holden sobre a existência –, embasando-o no convencimento de que um mundo melhor nasce de uma contribuição para o bem da humanidade, auxiliando-a a livrar-se da dita selvageria dos indígenas locais, ou seja, a humanidade livre de parte da humanidade.

Tamanhas contradições são resultado de uma selvageria perpetuada pela sociedade dita ‘civilizada’, que desprende todos os esforços sobre um projeto megalômano e sem qualquer planejamento prévio, de conquistas desmedidas. Obviamente, segundo ditames da época, que são mais reconhecíveis através de uma revisão histórica que consegue identificar, com detalhes, todas as falhas do projeto de avanço ao Oeste, contudo, sem diminuir a incidência da violência, que cria uma espécie de cultura do escalpo e de masculinização, que afirma a condição social através do poder de possuir terras e influência ou através do poder contabilizado pelo número de mortes e agressões que se consegue perpetrar. Isso fica extremamente claro em outro momento do romance, em que a descrição da

terra imiscui-se a um relato sobre escalpos, que são queimados para se evitar que evidência deles seja encontrada, e a condição natural com que o ambiente recebe as cinzas. Kid testemunha o acontecimento, e tudo se adequa à toda brutalidade que o compõe o momento e suas circunstâncias.

Como uma sociedade, que se queria humanizada e humanista, poderia prosperar em meio a uma realidade que é antes de tudo inóspita? A narrativa de McCarthy escancara a falência do projeto expansionista, bem como expõe quão impossível e contraditório seria encontrar o Éden no Sul, numa dialética social apenas, embora totalmente marcada pelo assassinato e pela cobiça em se pilhar tudo o que houvesse diante das pessoas, dos cidadãos. Os escalpos são a representação dessa terra onde se domina e subjuga tudo, inclusive a morte do inimigo, que deve servir de troféu ostentatório para a projeção de demonstrações do domínio e do poder de quem o escalpelou.

Após a irônica violência da obsessão expressa em *MD* e a ontológica violência realista e brutal de *BM*, uma última forma de violência haveria de se perpetuar/ser perpetuada: a violência contemporânea do esquecimento, que é exposta e duramente criticada em *AP*, de Philip Roth. Apesar de, como expusemos em nosso Capítulo 3, o enredo de *AP* iniciar-se de maneira despretensiosa, como se fosse uma mera recordação, por um grupo de adultos, de como eram ou foram como turma de amigos de infância e adolescência e, depois, com o narrador Zuckerman a compor uma biografia ficcionalizada para si mesmo, de modo a estabelecer um enredo minimamente compreensível sobre o que se passara com toda a família Levov, aos poucos, num ritmo extremamente cadenciado e planejado, Philip Roth nos brinda paulatinamente com um acirramento das atitudes de cidadãos comuns, que se tornam extremadas e degradantes ao longo do romance. Um dos acontecimentos que surpreende o leitor, logo de início, é a passagem em que Jerry Levov

e Nathan Zuckerman conversam sobre os hábitos atuais do irmão do primeiro, Seymour “Swede” [Sueco] Levov, e como ele se modificou ao longo do tempo.

Jerry descreve um homem totalmente absorvido pelo cotidiano em sua faceta mais superficial, as obrigações de um pai de família exacerbadamente padrão, que se tornara, ao longo do tempo, amuado, ensimesmado e desgostoso. Essa imagem, presenciada pelo próprio Zuckerman no começo do romance, contrasta, de modo radical, com as expectativas de se encontrar um homem que houvesse cumprido um papel de destaque muito maior em seu contexto social. Afinal, o Sueco era a perfeição encarnada, o jovem de potencial ilimitado, que poderia ter sido o que quisesse, jogador de basquete, beisebol, estadista, ator... Como ele termina os seus dias como um homem de hábitos *kitsch*, herdeiro e mantenedor de uma fábrica ultrapassada, repetidor de um discurso tradicional tanchinho, que lhe é estranho, e chefe de uma família esfacelada? Neste diálogo, Jerry revela a Zuckerman que uma bomba destruíra sua vida, literalmente uma bomba, o ataque que a filha de Seymour, Merry, havia perpetrado em Rimrock, fato até então desconhecido para o narrador de Roth. Impressionado com o fato, ele começa a conceber e abandonar a ingenuidade de que a figura de homem comum depressivo significaria, de fato, que Seymour Levov fosse apenas mais um homem ordinário.

A revelação das tragédias individual e familiar de Seymour nasce de um ato brutal de violência, que esmagaria o espírito do Sueco de modo irreversível. O ação terrorista de sua filha Meredith Levov iria persegui-lo pelo resto da vida e não porque fosse uma simples criminosa – o que de fato ela era –, mas por causa do assassinato de quatro inocentes cometido por ela, através de bombas que explodira, fazendo Seymour Levov obsessivamente entrar num estado depressivo de incompreensão e autoquestionamento. Obviamente, a discussão engendrada por Roth não se resume à família Levov, nem mesmo a uma família americana qualquer, mas a toda uma formação social contemporânea em que,

como procuramos analisar e demonstrar no Capítulo 3 deste trabalho, uma sequência de desencontros, desumanização e falta de diálogos entre indivíduos se estabelece, sobretudo entre familiares, o que gera um novo tecido social em que as tradições e a História se perdem, dando origem a uma sequência de seres estranhos entre si e a si mesmos, sem laços afetivos significativos. Esse processo culmina numa espécie de morte da História sentimentalmente vivenciada, intelectualmente compreendida e culturalmente difundida.

O reconhecimento da razão dessa tragédia histórico-social generalizada, que foge completamente à cegueira existencial de Levov, só se torna possível a Zuckerman quando ele ouve, aos poucos, o desenlace dos conflitos envolvendo a família e, sobretudo, a história de Merry. Ou seja, o reconhecimento da desagregação humana contemporânea torna-se evidente a partir de um raciocínio avaliativo desencadeado por um ato de violência que, por sua vez, desencadeia em Zuckerman o mesmo obsessivo questionamento que acomete Levov: por que Merry Levov fez o que fez? Ela era membro de uma família aparente e tradicionalmente equilibrada, nascida numa condição econômica estável, numa nação civilizada, que se acreditava culta e desenvolvida. Tomando esse contexto por base ou, de certa forma, como garantido, essa pergunta pode ser metaforicamente traduzida para um outro paradigma da civilização contemporânea: onde nasce então a violência?

A violência atual nasce de uma série de atos de esquecimento, poderíamos responder e parece ser essa a resposta procurada no romance. O problema da memória e do esquecimento está expressa em todas as partes de *AP*. No Capítulo 3 desta tese retomamos e citamos a cena das *madeleines*, na qual, comendo vorazmente uma série de *rugelags*¹⁰⁸, Zuckerman procura induzir a recordação vivenciada do passado dourado de sua geração. Foi o primeiro momento em que o narrador percebe que as pessoas abando-

¹⁰⁸ *Rugelag* (de acordo com as variações existentes de escrita, também *rugelakh*, *rugulach*, *rugalach*, *rugalach*, *rogelach* (formas no plural), *rugalah*, *rugulah*, *rugala*, *roogala* (formas no singular), é um enroladinho recheado, típico da pastelaria judaica, de origem asquenaze, semelhante ao francês *croissant*.

naram as suas essências e se tornaram figuras artificiais, reflexos de projeções de conceitos sociais pré-fabricados, sem qualquer significado próprio. Posteriormente, numa discussão com seu irmão Seymour, Jerry lhe afirma que ele era um homem duro, que seguira os desígnios do pai deles, mas que não era um homem que seguira a tradição como um conservador, mas sim como um liberal tradicional. Ainda, continua argumentando Jerry, esse liberalismo ideológico era uma resposta politicamente correta da parte de Seymour, apenas para tentar artificialmente criar a imagem de um ser bondoso e livre de preconceitos, uma conduta falsa por estar esvaziada de reais convicções, que ele queria, através dela, manter a todos unidos, mas sem conceitos humanistas de união realmente significativos e palpáveis. O Sueco desesperadamente responde que não era responsável por todos os males do mundo, que ele não promovera a Guerra do Vietnã, que não criara propagandas de guerra, que não engendrara Lyndon Johnson. Contudo, ele precisa reconhecer, criara uma criança desprovida de valores que, caso ele tivesse ensinado a ela, poderiam ou deveriam ter evitado a tragédia do atentado. O coração de Merry talvez não fosse ontologicamente ruim, mas era desprovido de humanismo, que só poderia ser incutido por meio de um contato humano honesto e confiável, exatamente o que Seymour e sua esposa não haviam dado a ela. Meredith crescera esquecida, sem raízes, sem referenciais paternos e repleta de dúvidas, confundindo boas intenções com ações ilimitadas, com uma mentalidade irresponsável que se origina do abandono sofrido e da sua alienação sobre o significado do respeito à vida humana cultural e socialmente fomentada.

A violência de Meredith Levov desperta no pai, inclusive, uma reação inicial de denegação. Seymour esconde o crime da filha de todos por muito tempo; posteriormente, encontra-a às escondidas e não consegue admitir que ela fora a mentora e responsável pela explosão. Num primeiro momento, Seymour culpa, pelas ações da filha, a influência nociva que ela sofrera de Rita Cohen, que se faz amiga e mentora de Merry. O romance,

porém, em mais de um momento preocupa-se com a influência dessa juventude “sem passado” e a sua exposição constante a drogas, pornografia e violência. Essa preocupação aparece na voz de Lou Levov, pai de Seymour e de Jerry, avô de Meredith, que não era exatamente o exemplo de conduta e intelectualidade no romance, mas que denuncia, de toda forma, o esfacelamento das bases sociais que vinham sendo desconstituídas desde o início da construção das sociedades e das juventudes contemporâneas. Aliás, lembremos que o nome do local atacado “Old Rimrock” (a rocha antiga) pode muito bem ser uma ironia de Roth, mais uma, entre tantas, sobre os problemas inerentes a esse contexto em que os alicerces sociais eram frágeis: o projeto intelectual iniciado nas Treze Colônias, conforme estudamos no Capítulo 1, foi idealizado para uma comunidade que disporia de todos os mecanismos garantidores de uma ordem democrática, munida de isonomia, condições mínimas garantidas, sobretudo a paz, e potencializada por uma nação ampla e rica em recursos, bem como as técnicas econômicas, jurídicas e utilitaristas do iluminismo britânico herdado, tudo isso possibilitando para o país uma organização social mais técnica e economicamente mais eficiente.

Já naquele momento, as dúvidas pairavam, pois a violência das guerras em que a coroa britânica envolvia-se, as disputas coloniais por terras e interesses financeiros, a batalha pela independência, e a exposição a ataques de diferentes povos, por mar e por terra, comprometiam o equilíbrio do tecido social e propagavam-se por meio de uma terra nova, que inibia certas limitações, como o abuso de substâncias, e possibilitava a exposição de sentimentos extremos de religiosidade, sexualidade, e assim por diante. Essas manifestações localizadas de violências iniciais foram intensificando-se ao ponto de, nos Novecentos, o projeto do paraíso americano ser completamente degradado. Em princípio, num ambiente longe dos meios urbanos em que se assinou um acordo social tácito, para que a violência pudesse ser praticada de modo irrestrito durante a campanha expansionista para

o Oeste, tal como expusemos no Capítulo 2. Depois, as paragens inóspitas, sem donos e sem governos oficiais plenamente estabelecidos, eram um palco ideal para que as obsessões e as tendências violentas constituíssem um ambiente em que a agressão deixasse de ser um evento para ser a norma, posto que, em teoria, aquelas terras eram inexploradas, selvagens e sem leis, onde a civilização deveria chegar como uma bênção divina.

Contudo, um alto grau de violência em *AP* – apesar de não rivalizar com a brutalidade irrestrita de *BM* – surge com novas roupagens, pois a sociedade mais uma vez se encontra deturpada e desfigurada, ainda que em ambiente oficialmente moderno e culturalmente mais desenvolvido, ou seja, não existem mais explicações que se limitem a conceitos alheios às escolhas que a comunidade organizada, dita “civilizada” e urbana em geral fez ao longo do tempo. As consequências da memória destruída, mesmo numa cidade típica do século XX, florescem através da violência desmedida de uma jovem que se revolta contra projetos de governo que, na opinião dela, não condizem com os seus ou quaisquer princípios humanitários. A violência, primeiramente anunciada como ameaça em *MD*, posteriormente denunciada em *BM* como uma possibilidade radical, desde que houvesse terreno propício para que aflorassem os sentimentos – apropriando-me do termo de Dostoiévski, “subterrâneos” –, agora aparenta ser um estigma impossível de ser evitado e com o potencial de florescer em qualquer lar americano típico, pois a realidade da violência não seria uma exceção com que lidam os degradados, mas o resultado de uma geração que já nasce historicamente morta, desinformada e sem quaisquer semelhantes que lhes transmitam o mínimo de memória e cultura, para que membros de uma sociedade estabelecida possam reconhecer a si mesmos e a seus semelhantes como humanos.

Mais ao fim do romance, há uma última reflexão por parte do Sueco, e ela é bastante sintomática dessa constatação final. Ele imagina o julgamento que Shelly faria de Meredith – e que seria aceitável, posto que, como o próprio narrador repete ostensivamente, o

ato de Merry foi um crime indesculpável e de crueldade indescritível –: sua filha era uma terrorista insana e sem qualquer tipo de consciência, influenciada por uma ideologia vazia de sentido. A definição não seria de todo equivocada, pois Seymour também não conseguia enxergar propósitos no extremismo ideológico de sua filha. A alienação que acometia a jovem fazia com que ela projetasse sobre si mesma uma espécie de aura de mártir que não cometia crimes, mas, em verdade, lutava por causas nobres para proteger pessoas incapazes. Porém, esta interpretação tornara-se, para Seymour, incompleta, e mesmo ele não conseguia aceitá-la como uma resposta definitiva para o entendimento de onde nascera a violência de sua filha. Parecia uma condenação apropriada, porém simplista, porque não explanatória e munida de uma reflexão que permitisse o entendimento das razões dos crimes cometidos, como o que outrora fora feito com Eichmann – conforme explicamos no terceiro capítulo.

Meredith, além de uma jovem sem ligação com quaisquer raízes memoriais, como uma vez foram “os jovens judeus inteligentes” de outros tempos, e a que o romance faz menção, era também o subproduto de uma sociedade igualmente desmemoriada e sem preocupação com o resgate humanista do passado. Como toda jovem, Merry era uma adolescente repleta de dúvidas e influenciável, portanto, ao se encontrar com os ditos seres políticos libertários, na verdade extremistas liberais radicais, que tendenciosamente dizem ter uma causa justa pela qual lutar, ela se rende a um discurso de ação que resulta em crime e morticínio. Porém, a filha de Seymour nunca antes tivera um norte, ainda que falso, ao qual se dedicar ou em que acreditar; não lhe foram apresentados valores históricos humanistas, que lhe permitissem tal redenção ou, no mínimo, equilíbrio emocional. A menina gaga, desfigurada, confusa e sem pais presentes, abraça com grande paixão a causa política que lhe é apresentada com toda a violência. Meredith poderia não conhecer muitas coisas ou possuir suficientes referenciais; todavia, ela sempre sentira que era fruto

de uma sociedade doente. Por ser incapaz de um diagnóstico completo e equilibrado da origem da doença psicossocial que enfrenta, ela se rende à resposta mais simples, que culmina em sua tragédia: tudo estava doente, portanto, toda ação seria legítima. Como o próprio Zuckerman, imaginando o que pensava Seymour, conclui que não se trata de fornecer desculpa política para o crime imperdoável de Meredith, mas de enxergar, pelos olhos dela, que uma sociedade sem vínculos, sequer entre si e muito menos com uma tradição minimamente humanista, era uma sociedade sem sentido, portanto, talvez devesse ser destruída. A ausência de um olhar intelectualizado sobre todos os fatos – como faz Zuckerman – que tenta reconstituir ficcionalmente a origem dos problemas, torna a todos potenciais Eichmans, que ignoram o mal, seja administrando fábricas de luvas ou explodindo bombas em locais públicos. A alienação da memória banaliza a maldade sem causar remorsos, pois anula a consciência lúcida sobre os fatos.

O trajeto histórico deste trabalho em grande medida almejou expressar justamente o esforço desses três autores que, de diferentes formas, resgatam o passado de seu povo de modo extremamente respeitoso e apaixonado, apesar de crítico e irônico. São esforços contínuos de mentes agudas, que tentam denunciar o que nós, homens comuns como Seymour, insistentemente não conseguimos enxergar. O primeiro, voltando às origens e lembrando das bases do que poderia ter sido uma nação perfeita, mostra que a História não é mais conhecida em suas bases intelectuais originais; o segundo, denunciando o potencial de todo povo, mesmo o mais bem intencionado de todos, equivocar-se e promover massacres ou holocaustos quando negam a equidade a outros povos; o terceiro, expondo como os caminhos da modernidade levaram ao esquecimento dos paradigmas que os dois primeiros levantam – para lembrar-nos dos que sofreram para que chegássemos até aqui, e as lições sobre o dever de revermos nossos erros do passado, sobretudo no que tange ao campo da alteridade. O trabalho com as reconstituições históricas de eras

passadas são um alertas para a violência insensata que mata os princípios humanistas básicos a cada dia. Eles é que podem ajudar a impedir a prevalência e sobrevivência de sociedades que não se desconstituem ou se desconstroem como projeto não humano, resultando disso uma nova era, presente e atual, de indivíduos cegamente insensatos. Resta a dúvida sobre se, apesar dos esforços desses três grandes escritores e autores, que escancararam o ‘espírito de nossa era’, está havendo não só nos Estados Unidos, mas em todo o mundo, de fato, alguma aprendizagem. Pois eles nos ensinaram não só algumas, mas muitas coisas.

Referências Bibliográficas

Obras principais:

MCCARTHY, Cormac. *Blood Meridian – Or the Evening Redness in the West*. New York: Vintage International, 2009.

----- . *Meridiano Sangreto ou O anoitecer vermelho no oeste*. Trad. Julieta Leite. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

----- . *Meridiano de sangue*. Trad. Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

PYNCHON, Thomas. *Mason & Dixon*. New York: Picador/Henry Holt and Company, 2004.

----- . *Mason & Dixon*. Trad. Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ROTH, Philip. “American Pastoral.” In: *The American Trilogy*. New York: Library of America, 2011, p.1-395.

----- . *Pastoral Americana*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Obras sobre Thomas Pynchon:

BLOOM, Harold. *Modern Critical Views of Thomas Pynchon*. New York: Chelsea House, 2003.

CLERC, Charles. *Mason & Dixon & Pynchon*. Lanham, MD: University Press of America, 2000.

DAVENPORT, John. *The Mason-Dixon Line*. Philadelphia: Chelsea House, 2004.

HINDS, Elizabeth Jane Wall, Ed. *The Multiple Worlds of Pynchon’s ‘Mason & Dixon’: Eighteenth-Century Contexts, Postmodern Observations*. Rochester, NY: Camden House, 2005.

HORVARTH, Brooke and MALIN, Irving, Eds. *Pynchon and Mason & Dixon*. Newark: University of Delaware Press, 2000.

HUBBARD, Bill, Jr. *American Boundaries: the Nation, the States, the Rectangular Survey*. Chicago: University of Chicago Press, 2009.

LEVINE, George Lewis. *Mindful pleasures: essays on Thomas Pynchon*. Boston: Little, Brown, 1976.

SIGVARDSON, Joakim. *Immanence and Transcendence in Thomas Pynchon's 'Mason & Dixon': A Phenomenological Study*. Stockholm, Sweden: Almqvist & Wiksell International, 2002.

SWINDLER, William F. "Mason & Dixon: Their Line and Its Legend." In: *American Heritage*, 15, 1964. < <http://www.americanheritage.com/content/mason-dixon-their-line-and-its-legend? page=show>>. Acesso em 24 out. 2016.

WALKER, Sally M. *Boundaries – How Mason-Dixon Line Settled a Family Feud & Divided a Nation*. Massachusetts: Candlewick Press, 2014.

Obras sobre Philip Roth:

BLOOM, Harold, ed. *Modern Critical Views of Philip Roth*. New York: Chelsea House, 2003.

GOOBLAR, David. *The Major phases of Philip Roth*. New York: Continuum, 2011.

MILOWITZ, Steven. *Philip Roth Considered: The Concentratory Universe of the American Writer*. New York: Routledge, 2000.

MORLEY, Catherine. *The Quest for Epic in Contemporary American Literature*. New York: Routledge, 2008.

PARRISH, Timothy, Ed. *The Cambridge Companion to Philip Roth*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

POSNOCK, Ross. *Philip Roth's Rude Truth: The Art of Immaturity*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2006.

ROYAL, Derek Parker. *Philip Roth: New Perspectives on an American Author*. Santa Barbara: Praeger Publishers, 2005.

SAFER, Elaine B. *Mocking the Age: The Later Novels of Philip Roth* (SUNY Series in Modern Jewish Literature and Culture). Albany: SUNY Press, 2006.

SEARLES, George J., Ed. *Conversations with Philip Roth*. Mississippi: University of Mississippi Press, Jackson, 1992.

Obras sobre Cormac McCarthy:

ANDERSEN, Elisabeth. *The Mythos of Cormac McCarthy – A String in the Maze*. Saarbrücken, Germany: VDM Verlag Dr. Müller, 2008.

ARNOLD, Edwin T. & LUCE, Dianne. *A Cormac McCarthy Companion – The Border Trilogy*. Jackson: University Press of Mississippi, 2001.

BLOOM, Harold. *Modern Critical Views of Cormac McCarthy*. New York: Chelsea House, 2001.

CANT, John. *Cormac McCarthy and the myth of American exceptionalism*. New York: Routledge, 2008.

FRYE, Steven. *Understanding Cormac McCarthy*. Columbia: University of South Carolina Press, 2009.

GREENWOOD, Willard P. *Reading Cormac McCarthy*. Santa Barbara, CA: Greenwood Press, 2009.

GUILLEMIN, Georg. *The Pastoral Vision of Cormac McCarthy*. College Station: Texas A&M University Press, 2004.

HAGE, Erik. *Cormac McCarthy: A Literary Companion*. Jefferson, NC: McFarland & Company, 2010.

LINCOLN, Kenneth. *Cormac McCarthy*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009.

OWENS, Barclay. *Cormac McCarthy's Western novels*. The University of Arizona Press, 2000.

SCHIMPF, Shane, Ed. *et al. A reader's guide to Blood Meridian*. Princeton, NJ: Bonmot, 2008.

História e cultura dos EUA:

ADAMS, Henry. *Democracy*. New York: Library of America, 1983.

ADAMS, Henry. *The Education of Henry Adams: A Centennial Version*. Boston: Massachusetts Historical Society, 2008.

ARMITAGE, David. *Declaração de independência – uma história global*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BRADBURY, Malcolm & TEMPERLEY, Howard. *Introdução aos estudos americanos*. Rio de Janeiro: Forense, s/d.

BRANDS, H. W. *American Colossus – The Triumph of Capitalism 1865-1900*. New York: Doubleday, s/d.

BROGAN, Hugh. *The Penguin History of the USA*. New York: Penguin, s/d.

BROOKS, Van Wyck. *America's Coming of Age*. New York: Anchor, 1958.

CRURCHILL, Winston. *Uma história dos povos de língua inglesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira / Univercidade, 2009.

DAVIDSON, James West. *Uma breve história dos Estados Unidos*. Porto Alegre: L&PM, 2016.

ELLIS, Joseph J. *The Birth of American Independence*. New York: Alfred A. Knopf, 2013.

EMERSON, Ralph Waldo. *Emerson: Essays and Lectures: Nature: Addresses and Lectures / Essays: First and Second Series / Representative Men / English Traits / The Conduct of Life*. New York: Library of America, 1983.

EMERSON, Ralph Waldo. *A conduta para a vida*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

EMERSON, Ralph Waldo. *Ensaaios*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

EMERSON, Ralph Waldo. *Homens representativos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FERLING, John. *Independence – The Struggle to Set America Free*. New York: Bloomsbury, Press, 2011.

FERLING, John. *Almost a Miracle – The American Victory in the War of Independence*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

FRANKLIN, Benjamin. *Autobiografia*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

HOLLINSHEAD, Byron *et al.* *I Wish I'd Been There*. New York: Anchor, 2006.

HAMILTON, Alexander; MADISON, James; JAY, John. *The Federalist Papers*. New York: Dover, 2014.

HERRING, George C. *From Colony to Superpower*. New York: Oxford, 2008.

HOWE, Daniel Walker. “*What Hath God Wrought: The Transformation of America, 1815-1848*.” New York: Oxford University Press, 2007.

ISAACSSON, Walter. *Benjamin Franklin – Uma vida americana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

JOHNSON, Samuel. *Escritos políticos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

KAZIN, Alfred. *A Walker in the City*. New York: Harcourt, s/d.

PAINE, Thomas. *Direitos do homem*. Bauru: Edipro, 2005.

PAINE, Thomas. *Senso comum*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

RAPHAEL, Marc Lee. *Judaism in America* (Columbia Contemporary American Religion Series). New York: Columbia University, 2005.

SCHAMA, Simon. *Travessias difíceis – Grã Bretanha, os escravos e a revolução americana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

THOUREAU, Henry David. *A desobediência civil seguido de Walden*. Porto Alegre: L&PM, 2016.

THOUREAU, Henry David. *Caminhada*. São Paulo: Dracena, 2015.

THOUREAU, Henry David. *Vida sem princípio*. São Paulo: Dracena, 2011.

TOCQUEVILLE, Alexis. *Democracy in America*. New York: Library of America, 2004.

TOCQUEVILLE, Alexis. *Viagem aos Estados Unidos*. São Paulo: Hedra, 2010.

WOOD, Gordon S. *A revolução americana*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

WOOD, Gordon. *The Idea of America: Reflections on the Birth of the United States*. New York: Penguin, 2012.

Filosofia, política e ética:

ARON, Raymond. *Paz e guerra entre as nações*. Brasília: IBRI e UnB, 2001.

ARENDT. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ARENDT, Hannah. *Escritos judaicos*. São Paulo: Amarylis, 2016.

ARENDT. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARMSTRONG, Karen. *Jerusalém – uma cidade três religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ATTALI, Jacques. *Os judeus, o dinheiro e o mundo*. São Paulo: Saraiva, 2011.

BACON, Francis. *The New Atlantis*. New York: The Floating Press, 2009.

FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro, Rocco, 1992.

HIMMELFARB, Gertrude. *Os caminhos para a modernidade – os iluminismos britânico, francês e americano*. São Paulo: É Realizações, 2011.

HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos humanos – uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

KISSINGER, Henry. *Diplomacia*. São Paulo: Saraiva, 2014.

KERTÉSZ, Imre. *A língua exilada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

KESSLER, Edward. *Em que acreditam os judeus?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

LOCKE, John. *A Letter Concerning Toleration*. Boston: Martinus Nijhoff, 1963.

LOCKE, John. *An Essay Concerning Human Understanding. Parts 1 and 2 (and Other Writings)*. Liberty Fund. London: Rivington, 1824.

LOCKE, John. *Dois tratados sobre o governo*. Lisboa: Almedina/Edições 70, 2015.

LUTERO, Martinho e CALVINO, João. *Sobre a autoridade secular / Sobre o governo civil*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MONTEFIORE, Simon Sebag. *Jerusalém – a biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013..

MORE, Thomas. *Utopia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

OZ, Amos & OZ-SALBERGER, Alice. *Os judeus e as palavras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

REVEL, Jean-François. *A revolução imediata*. Lisboa: Bertrand, 1970.

SCHAMA, Simon. *A história dos judeus – à procura das palavras 1000 a.C – 1492 d.C.* São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SMITH, Adam. *A riqueza das nações*. Vols I e II. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

SMITH, Adam. *Teoria dos sentimentos morais*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

TELUSHKIN, Rabino Joseph. *O livro dos valores judaicos – um guia diário para uma vida ética*. São Paulo: Virgiliae, 2015.

VOEGELIN, Eric. *Israel e a revelação*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

Teoria e crítica sobre a literatura norte-americana:

BRADBURY, Malcolm & RULAND, Richard. *From Puritanism to Postmodernism*. New York: Penguin, 2001.

BRADBURY, Malcolm. *O romance americano moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

FIEDLER, Leslie. *Fiedler on the Roof*. Boston: David R. Godine, 1992.

KAZIN, Alfred. *God and the American writer*. New York: Vintage, s/d.

LEWIS, R W B. *The American Adam*. Chicago: The University of Chicago, s/d.

Obras teóricas sobre romance e narratologia¹⁰⁹:

ADORNO, Theodor W. “A posição do narrador no romance contemporâneo”. In: -----, *Notas de literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34/Duas Cidades, 2003.

ALTMAN, Rick. *A Theory of Narrative*. New York: Columbia University Press, 2008.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BAL, Mieke. *Narratology: Introduction to the Theory of Narrative*. Toronto: University of Toronto Press, 1997.

-----, *On Story-Telling – Essays in Narratology*. Sonoma, Calif.: Polebridge Press, 1991.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética – A teoria do romance*. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1988.

-----, *The dialogic imagination*. Trans. Caryl Emerson e Michael Holquist. Austin: Texas University Press, 1982.

BENJAMIN, Walter. “O narrador”: In: *Os pensadores*, vol. XLVIII. São Paulo: Abril Cultural, 1975, pp. 63- 81.

CURRIE, Mark. *Postmodern Narrative Theory*. New York: St. Martin’s Press, 1998.

FLUDERNIK, Monika. *An Introduction to Narratology*. London: Routledge, 2009.

GENETTE, Gérard. *Fiction and Diction*. Cornell University Press, 1993.

-----, *Narrative Discourse: An Essay in Method*. Cornell University Press; Reprint edition, 1983.

HALE, Dorothy J., Ed. *The Novel: An Anthology of Criticism and Theory 1900-2000*. Malden, MA: Blackweel Publishing, 2006.

HUTCHEON, Linda. *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction*. London: Routledge, 1988

-----, *The Politics of Postmodernism*. London: Routledge, 2002.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. vols 1 e 2. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

KEARNEY, Richard. *On Stories*. Oxford: Routledge, 2002.

¹⁰⁹ As obras desta subdivisão não são citadas neste trabalho, reconheço, mas foram essenciais, no meu processo de aprendizado, pois foram elas que me possibilitaram melhor entender e analisar os três romances estudados.

KEEN, Suzanne. *Narrative Form*. Macmillian: Palgrave, 2003.

KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. Trad. Teresa B. C. da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LUKÁCS, G. *Teoria do romance*. S. Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.

MCKEON, Michael, Ed. *Theory of the Novel – A Historical Approach*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2000.

MCQUILLAN, Martin, Ed. *The Narrative Reader*. London: Routledge, 2004.

MORETTI, Franco, Org. *A cultura do romance*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: CosacNai-fy, 2009.

RIMMON-KENAN, Shlomith. *Narrative Fiction*. London: Routledge, 2002

TODOROV, Tzvetan. *Poética da prosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Obras referidas de outros romancistas e autores:

BELLOW, Saul. *Adventures of Augie March*. New York: Penguin, 1998.

DICK, Philip K. *Do Androids Dream of Electric Sheep?* New York: Del Rey Books, 1975.

HAWTHORNE, Nathaniel. *The Scarlet Letter*. New York: Penguin, 2000.

HUXLEY, Aldous. *Brave New World*. New York: Harperperennial, 2001.

KJV. “*Holy Bible – The Illustrated King James Bible (KJV): The Old Testament, the New Testament, and Deuterocanonical Literature.*” Mobile Reference, 2010.

MELVILLE, Herman. *Moby Dick*. New York: Norton Critical Editions, 2001.

ORWELL, George, *1984*. New York: Penguin Modern Classics, 2004.

TWAIN, Mark. *Adventures of Huckleberry Finn*. New York: Norton Critical Editions, 1998.

WHITMAN, Walt. *Leaves of Grass. Comprehensive Reader’s Edition*. Ed. By Harold W. Blodgett and Scully Bradley. New York: Norton, 1968.

----- . *Folhas de relva*. Edição do leito de morte. Org. e trad. Bruno Gambarotto. São Paulo: Hedra, 2011.

Obras filmicas:

ANDERSON, Paul Thomas, dir. *Sangue negro / There Will Be Blood*. Com Daniel Day-Lewis, Paul Dano e Russell Harvard. Disney/Buena Vista, 2008.

COPPOLA, Francis Ford, dir. *Apocalypse Now*. Com Marlon Brando, Robert Duvall, Martin Sheen e Frederic Foster. Omni Zoetrope, 1979.

FOLMAN, Ari, dir. *Valsa com Bashir / Vals im Bashir*. Sony, 2008.

JONES, Tommy Lee, dir. *Dívida de honra/The Homesman*. Com Tommy Lee Jones e Hillary Swank. Saban Films/ Roadside Attractions, 2014.

ZWICK, Edward, dir. *Um ato de liberdade/Defiance*. Com Daniel Graig e Liev Schreiber. Paramount Vantage, 2008.